COLEÇÃO APLAUSO ESPECIAL

Ziembinski Mestre do Palco

ANTONIO GILBERTO

imprensaoficial

Ziembinski Mestre do Palco

Ziembinski Mestre do Palco

ANTONIO GILBERTO

imprensaoficial

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No passado está a história do futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

ALBERTO GOLDMAN
Governador do Estado de São Paulo

COLEÇÃO APLAUSO ESPECIAL

O que lembro, tenho.

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso,* concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas - analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

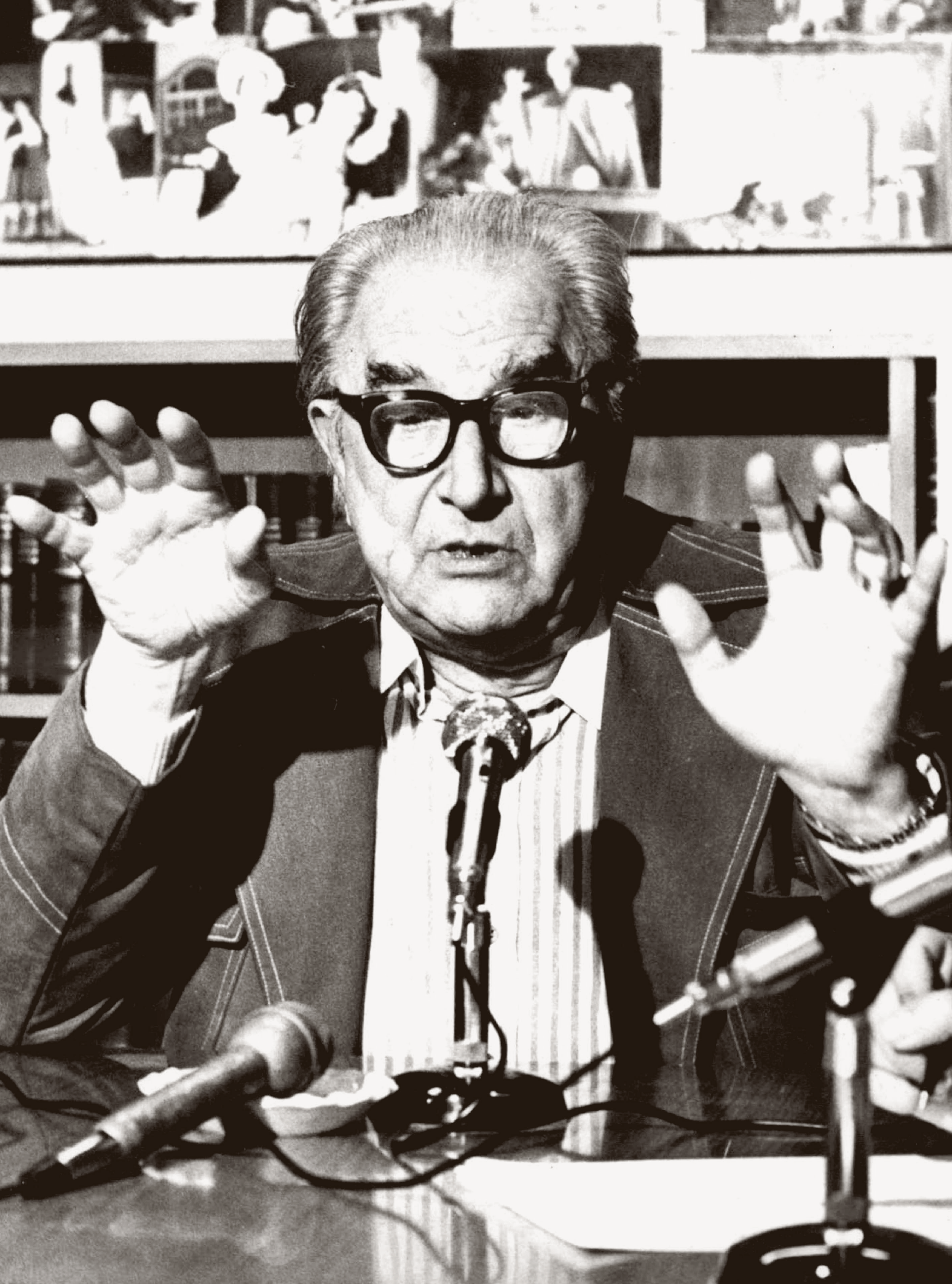
São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

HUBERT ALQUÉRES
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



“Quem somos nós? Quem sou eu? É uma pergunta difícil de responder.
O que é mais fácil é dizer o que existe dentro de mim e o que me faz viver”

“Ser ator para mim é um sacerdócio, uma vocação,
uma possibilidade de influir na existência dos outros”

Dedico este trabalho aos meus pais Mafalda e Henrique, em memória,
e aos tios e amigos, Edison Rosa Porto e Acy Genéves Porto.

A vocês o meu agradecimento e carinho.

ANTONIO GILBERTO
Rio de Janeiro, setembro de 2010

Sumário

Apresentação Antonio Gilberto 14 O espetáculo teatral do mestre "Zimba" Yan Michalski 15 O fulgor teatral de Ziembinski Sábato Magaldi 19
Um Leão Na Montanha Domingos Oliveira 21 Introdução 25 Vestido de noiva 35 Ziembinski naquela noite 50
Teatro 70 Cinema 306 Televisão - novelas e especiais 318 Anexos 339

Apresentação

Não conheci Ziembinski, esse diretor e ator polonês, que aprendi a admirar pela sua trajetória humana e profissional, muito antes de fazer o vestibular para o Curso de Direção.

Consegui saborear os inesquecíveis "Casos Especiais" que Ziembinski realizou como diretor e/ou ator e tive o privilégio de acompanhar as suas interpretações nas novelas da TV Globo nos anos 70.

Infelizmente não assisti nenhuma interpretação sua no palco, tão pouco um espetáculo dirigido por ele, mas isso não impediu que nossa geração tivesse a clareza da sua determinante importância para o Teatro Brasileiro Moderno.

Sua direção para **Vestido de Noiva**, de Nelson Rodrigues, faz parte do nosso imaginário. Mesmo quem não esteve na plateia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em dezembro de 1943, consegue visualizar a revolução daquela montagem.

E partir das imagens desse espetáculo (e das outras montagens que Ziembinski realizou para esse texto de Nelson Rodrigues) iniciei minha pesquisa, com o objetivo de localizar os registros fotográficos do trabalho desse homem que dedicou a sua vida ao teatro, cinema e televisão do nosso país, para resgatar a sua carreira no Brasil de 1941 a 1978.

O projeto inicial era realizar uma exposição, mas o convite da Imprensa Oficial de São Paulo, viabilizou essa homenagem, através da "fotobiografia", que entrego ao público, ainda que incompleta, pois não seria possível colocar em um único volume, todas as imagens levantadas e catalogadas, que retratam a trajetória profissional de "Zimba", como era carinhosamente chamado pelos seus colegas e amigos no Brasil.

O nosso obrigado, Mestre do Palco!

ANTONIO GILBERTO

Rio de Janeiro, setembro de 2010

O espetáculo teatral do Mestre "Zimba"

"Quando me perguntam qual foi a minha contribuição para o teatro brasileiro, não hesito em afirmar, de cabeça erguida e doendo a quem doer, que eu trouxe a consciência do espetáculo teatral. Até então, o que se fazia aqui era um teatro amador, improvisado; as pessoas achavam que bastava saber falar para subir num palco. Eu mostrei a muitos o que é ser realmente profissional".

Diretor e ator de teatro, ator de TV, responsável pelo Departamento de Casos Especiais, da Rede Globo, Zbigniew Marian Ziembinski nascido em Wieliczka, na Polônia, falava franco, quando depôs no Serviço Nacional de Teatro, em abril de 1975, sobre os seus 49 anos de vida dedicados ao palco.

"Sempre brigam comigo, me acusam e atacam quando digo essa frase, mas não posso deixar de dizer: o teatro, para o brasileiro, não é a mesma coisa que o canto para o italiano, ou a música popular para o próprio brasileiro. O teatro não é o forte do brasileiro e não me queiram apedrejar por causa disso. Forte do brasileiro é música, poesia, futebol".

O velho Mestre Zimba tinha o direito de comprar certas brigas. Muito emocionado, mas tentando ser o mais cauteloso possível, diante da platéia que lotava o Teatro Ipanema e o aplaudia de pé, Ziembinski não pôde comemorar, como sonhava, seus 50 anos de teatro. Em outubro de 1976, quatro horas e meia antes da estréia marcada de Quarteto, de Antônio Bivar, a Censura proibira a peça, alegando que ofendia à moral e aos bons costumes.

"A notícia me pegou de surpresa, pois os censores já haviam garantido que estava tudo certo e não mencionaran qualquer corte no texto lido", dissera Ziembinski. Poucos dias depois, a peça foi liberada, mas os 50 anos de palco foram comemorados com amarga decepção. Foi esse o tratamento dispensado ao profissional que, chegando ao Brasil em 1941, tornou-se um dos criadores do teatro brasileiro moderno. Foi decisiva sua influência, particularmente com a encenação de Vestido de Noiva, de Nélson Rodrigues, em 1943,

marco da divisão entre o velho e o novo teatro nacional. Mas quando partiu da França, em 4 de janeiro de 1941, não vinha propriamente com a intenção de trabalhar em teatro no Brasil. Na verdade, fora convidado para dirigir um grupo polonês amador nos Estados Unidos, um bom motivo para ele deixar a Europa: "Naquele caos em que tudo era contra nós uma multidão desorientada, alucinada e perseguida a única maneira de nos acalmarmos era deixar o território invadido e possuído pela guerra".

Com um visto diplomático concedido pelo então Embaixador Souza Dantas em Paris, chegou ao Rio, com 33 anos, sem dinheiro e sem falar nada de português. Comunicou-se com a Embaixada americana e teve a resposta de que só poderia viajar aos Estados Unidos dois anos depois. Não demorou muito, já estava no meio teatral, em contato com o cenógrafo Santa Rosa, Graça Melo e outros artistas. Seu primeiro trabalho foi a direção de A Beira da Estrada. "Quando fui convidado para dirigir a peça de Jean Jacques Bernard, tentei fugir do teatro digestivo, sem estilo e sem mensagem que encontrei aqui. Acho que consegui introduzir a consciência do espetáculo teatral, consciência do texto, como se chega a ele através da colocação de voz, consciência do terreno cênico, a mensagem plástica que há em cada espetáculo".

Com Ziembinski, o teatro nacional abandonou a gambiarra e a ribalta. "Tem dois aspectos do nosso teatro que, infelizmente, se mantêm desde aquela época", dizia ele em 1975. "Trata-se de não encenar autor nacional e acreditar que, para fazer teatro, não se precisa de escola".

Entrando em contato com o grupo *Os Comediantes*, através de Augusto Olavo Rodrigues, o ator polonês iluminou *Assim é se lhe parece*, de Pirandello, e dirigiu Vestido de Noiva: "Comecei a falar gíria. Meus contatos eram com homens comuns, que levavam vidas comuns, por isso pude me aproximar logo do problema brasileiro, e deste modo o texto de Nélson Rodrigues não representou nenhum mistério para mim, tanto que o dirigi à maneira do papo carioca". A encenação da peça, além da novidade do texto, da cenografia, da iluminação, provocou reações heterogêneas no público: "A platéia era constituída por dois grupos de espectadores. Um, acostumado a ver comédias leves de Verneuil e Casanova, outro que já sentia a necessidade de um teatro diferente. As duas em choque, uma sem compreender nada do que estava acontecendo, a outra sem compreender, também, mas sentindo algo novo, diferente, uns batendo palmas, outros brigando, dizendo que tudo aquilo era uma loucura. Aos trancos e barrancos, a peça caminhava para o seu terceiro ato, explodindo finalmente numa espécie de ovação, que perturbou muitos críticos que, revoltados contra *Os Comediantes*, os acusaram de loucos que desejavam acabar com o teatro".

Em janeiro de 1976, Vestido de Noiva foi mais uma vez encenado, sem que provocasse no público o mesmo impacto, tal como admitiu o próprio Ziembinski. A ausência de reação foi explicada por ele como um conflito em que se debate nosso teatro: "Me parece que nosso teatro recolhe-se no momento em duas tentativas opostas: a da sobrevivência e a de proposta livre, procurando uma forma de representar brasileira. Mas, na maior parte das vezes, não somos sinceros, fazemos a loucura pela loucura. Inventamos coisas chocantes tentando fazer o antiteatro".

"Meu primeiro trabalho como ator no Brasil foi Fim de Jornada, de Sheriff. Em 1945, fiz Desejo, de Eugene O'Neill, outro grande sucesso. Em 1949,

Franco Zampari me chamou para apresentações no TBC, de São Paulo, depois de ter trabalhado nas companhias de Maria Della Costa, Dulcina-Odilon e Maria Sampaio". Foi a época de apresentações de Homem de Flor na Boca, Paiol Velho, Adolescência, Assim Falou Fred, Pega Fogo. Em 1958, no Teatro Cacilda Becker dirigiu O Santo e a Porca, de Suassuna. Em 1960, na Companhia de Dália Palma, Boca de Ouro, de Nélson Rodrigues. No final de 1963, início de 1964, viajou à Polônia, onde montou Boca de Ouro e Vereda da Salvação, de Jorge Andrade tradução sua e *première mundial* em Cracóvia e Varsóvia.

"No TBC, conheci a maior figura do nosso teatro, que foi a atriz Cacilda Becker. Não posso esquecer sua garra em cena. Em Esperando Godot, por exemplo, ela dava um banho de interpretação, e hoje, me aborreço quando algum jovem aspirante à carreira pergunta 'mas quem foi essa mulher'?"

Ziembinski assistiu à agonia lenta do TBC: "Era a irmã pobre que toda noite ficava costurando a roupa bonita que a irmã rica iria usar. Essa irmã rica era a companhia cinematográfica Vera Cruz que, aos poucos, depois, também foi morrendo. É quase impossível acreditar que um teatrinho de 360 lugares pudesse amparar financeiramente a Vera Cruz. Mas isso aconteceu, de fato". Versátil, aos 69 anos, o velho Zimba resolveu lançar-se como pintor. Em julho do ano passado, expôs aquarelas, óleos, desenhos e pastéis na Galeria Cézanne. Ele veio de família de artistas plásticos, passou a toda a infância em contato com a pintura. Mas guardou durante 51 anos seus pincéis. "Pintei bastante, até que a minha vocação teatral se apoderou totalmente de mim e fez com que ingressasse na escola e, depois, no teatro". A mostra individual constou de 43 quadros, sem se enquadrar em escolas. Pintou com harmonia paisagens, desenhou o corpo humano e usou com graça as cores.

Quiseram intrigá-lo com a televisão, não deu certo: "Assumi a TV com a mesma importância e carinho com que tratava o teatro. As divergências de forma para as pessoas de talento, embora existam, não são assustadoras. Existe a possibilidade de se realizar coisas num programa de TV como se fazia no espaço cênico do teatro. Só não faz bons papéis, bons espetáculos na TV quem não se importaria também em fazê-los no teatro".

Mas, não se cansava de dizer: "O teatro brasileiro ainda não tem essa característica, ainda procura encontrar o caminho para ser brasileiro, como está sendo a música popular, e como às vezes consegue ser a literatura. Nem o cinema, nem o teatro, nem a TV conseguiram ainda essa existência brasileira".

O HOMEM E O MITO

Desde que me entendo por gente em teatro, ouço dizer que ele era o pai do moderno teatro brasileiro. Tipo de rótulo que em geral representa um lugar-comum sem maior significado. Agora que ele morreu, sei que todos nós nos sentiremos um pouco órfãos. Não só por causa da inestimável influência que nos trouxe, e que pesou, decisiva, sobre pelo menos duas décadas da arte cênica no Brasil. Mas também porque a sua figura patriarcal era uma imagem de cuja autoridade, no bom sentido, todos os que com ele um dia trabalharam nunca se conseguiam libertar. E quem é que um dia não trabalhou com Ziembinski?

Não acompanhei pessoalmente a primeira revolução ziembinskiana, no tempo dos comediantes; mas algumas das suas direções e alguns dos seus desempenhos no TBC, no início dos anos 50, foram decisivos para criar em mim o fascínio pelo teatro. Mas a lembrança mais forte que me ficou foi a de Ziembinski professor, de quem fui aluno na Fundação Brasileira de Teatro, de Dulcina de Moraes. Lembrança de aulas que eram longas e fantásticas elucubrações sobre a vida pregressa dos personagens de cada peça que discutíamos, enquanto a mão do mestre, ao mesmo tempo em que ele divagava, rabiscava num pedaço de papel projetos de cenários ideais dentro dos quais ele um dia faria o cenário ideal para a peça em questão. Lembrança de conselhos que ele nos dava para que, uma vez formados, não fizéssemos concessões e vivêssemos o teatro quase como uma religião que era como ele o vivia. Lembrança da inibição que tive, mais tarde, ao ter de discutir criticamente o trabalho daquele que ainda conservava, como conservaria até o fim, a imagem do mestre. Lembrança do orgulho e do afeto com que ele acompanhava o progresso profissional dos seus antigos alunos.

Com 20 anos de atraso, Ziembinski trouxe ao Brasil a experiência do teatro expressionista. Mas agora ele leva consigo, quase 100 anos depois que ela desapareceu dos palcos do mundo, a magia do grande ator selvagem do teatro romântico, que ele ainda encarnava como ninguém. A magia daquele personagem moribundo de *Check-up*, de Paulo Pontes, que se levantava do seu leito de hospital e gritava a um iluminador imaginário que lhe acendesse, um por um, todos os refletores, que lhe inundasse o palco de luz.

Há nada menos de 27 anos atrás, Décio de Almeida Prado já escrevia: "Seríamos injustos se víssemos em Ziembinski apenas o homem, e não o mito que já se vai formando." Com a morte do homem, fica apenas o mito um dos mitos mais verdadeiros que o teatro brasileiro terá para cultivar de hoje em diante.

YAN MICHALSKI

(Jornal do Brasil, 19 /10/1978)

O fulgor teatral de Ziembinski

"Responsável pela atualização estética do teatro brasileiro, introdutor do conceito de encenação entre nós, mestre da geração de intérpretes que se iniciaram nos anos 40, mago da iluminação, o maior ator que já tivemos (juízo de Antunes Filho) e criador da "consciência do que é e como se faz teatro" (em sua própria avaliação) (...).

Para a renovação artística do nosso palco, Ziembinski teve a vantagem da primazia, foragido que era da Polônia, quando da Segunda Guerra Mundial, aportando ao Rio, depois de incontáveis peripécias, em 1941. Alguns precursores não foram suficientes para alterar a rotina do nosso profissionalismo, em que prevalecia a presença de um simples ensaiador, destinado a ressaltar a figura do astro, dominando os coadjuvantes, longe da preocupação de decorar o texto e atribuir ao espetáculo uma unidade estilística. Por isso Ziembinski se aplicou no grupo amador Os Comediantes, que não aceitava as premissas então em voga. Quando o empresário italiano Franco Zampari fundou, em 1948, o Teatro Brasileiro de Comédia, depois de destiná-lo aos amadores locais, pautou-se no exemplo do conjunto carioca e trouxe para São Paulo compatriotas seus, como Adolfo Celi, Ruggero Jacobbi, Luciano Salce e Flaminio Bollini Cerri, acrescentando aos seus nomes, na primeira fase, o de Ziembinski. É ponto pacífico para crítica ter sido benéfica para todos a interação dos encenadores estrangeiros, aos quais se somaram, em datas diversas Maurice Veneau, Gianni Ratto (vindo inicialmente para o Teatro Maria Della Costa) e Alberto D'Aversa.

O mais experiente de todos, em seus países de origem, foi sem dúvida Ziembinski (Ratto era cenógrafo estável do Piccolo Teatro de Milão e Vaneau dirigiu no Teatro Nacional da Bélgica), e o crítico Stanislaw Grzelecki saudou-o, em 1939, na peça "As Colegas", de Krzywoszewski, como "talvez o mais talentoso dos jovens diretores poloneses".

A notoriedade fulminante de Ziembinski, entre nós, ocorreu com a estréia de "Vestido de Noiva", em 1943 - divisor de águas tanto para a modernização

do espetáculo como da dramaturgia (de Nelson Rodrigues) e dos cenários (de Santa Rosa). Nos 37 anos de permanência no Brasil, Ziembinski dirigiu e/ou interpretou 94 peças, das quais ao menos dois terços, por algum motivo, tornaram-se produções de mérito.

Pontos culminantes na carreira do diretor Ziembinski foram, depois de "Vestido de Noiva", "Desejo", de O'Neill, "Anjo Negro", também de Nelson Rodrigues, "Medéia", de Eurípedes (adaptação de Robinson Jeffers), "Uma Rua Chamada Pecado", de Tennessee Williams, "Nossa Cidade" de Thornton Wilder, "Dorotéia", de Nelson Rodrigues, "Pega Fogo", de Jules Renard, "Paiol Velho", de Abílio Pereira de Almeida, "Volpone", de Ben Jonson, "Maria Stuart" de Frederich Schiller, "Leonor de Mendonça", de Gonçalves Dias, "O Santo e a Porca", de Ariano Suassuna, "Longa Jornada Noite Adentro", de O'Neill, e "Toda Nudez Será Castigada", de Nelson Rodrigues.

Ninguém fugia à força carismática do ator Ziembinski (seus colegas estrangeiros não fizeram carreira nesse domínio). Pessoalmente, lembro-me da criação inesquecível de Efraim Cabot em "Desejo", gravando-se na memória a patética cena da dança; de Jester Lester, em "Tabacco Road", de Erskine Caldwell e Jack Kirland; do Sr. Lepic, em "Pega Fogo"; do papel título de "Volpone"; do Papaizão de "Gata em Teto de Zinco Quente", de Tenneesse Williams; do Eurico Arabe, em "O Santo e a Porca"; de James Tyrone, em "Longa Jornada Noite Adentro", de Max, em "A Volta ao Lar"; de Gotrone, em os "Gigantes da Montanha", de Pirandello; e de Zambor, em "Check-up", de Paulo Pontes. Presença poderosa e magnética, enchendo a cena também com a força da voz, não obstante o sotaque nunca perdido (...)nunca perdido (...)

SÁBATO MAGALDI

(Folha de São Paulo em 24/3/96)

Um leão na montanha

Difícil pra mim falar de Ziembinski. Posso dizer que o conheci bem e que gostava muito dele. O Teatro nunca mais será o mesmo sem Ziembinski. Quando ele morreu, vieram me entrevistar uma hora depois, eu em meio a um trabalho qualquer. Não sabia ainda. Chorei emocionado e somente soube dizer que o Zimba era um leão no alto da montanha. Foi a única imagem que me veio à cabeça.

Vi Ziembinski pela primeira vez no TBC, com Cacilda. Eles dois e Walmor formavam um triângulo artístico/amoroso e, segundo a lenda, o que não faltou entre eles foi amor.

Nesta deliciosa comédia de costumes, chamada *Adorável Julia*, Ziembinski e Cacilda faziam par romântico, o diretor e a atriz de teatro. De S. Maugham. Casados e famosos. Me apaixonei tanto pela relação dos dois que tive de remontar essa peça anos mais tarde. Depois nunca perdi a possibilidade de vê-lo no palco, era um ator excepcional. Um homem alto, vigoroso, de voz grossa, enfim, leonino, com um sotaque polonês fortíssimo que ele julgava não ter. Um momento inesquecível foi a estréia de sua Companhia com Walmor e Cacilda, com aquela que talvez seja a melhor das peças, o "Longa jornada noite adentro".

Ziembinski trazia o teatro sobre os pés. Onde ele estivesse, era o palco. Chegou no Brasil e mudou tudo, como todos sabem. Os refletores ficavam no chão, era a ribalta, Ziembinski colocou-os no teto. E até hoje eles não desceram de lá. Diretor muito severo e detalhista, dizem que obrigava todos a imitá-lo. E ninguém reclamava de tão bom ator que ele era. Uma personalidade complexa.

Era um artista, homem muito sensível que às vezes podia ser bem violento sem jamais esconder olhos de criança inocente. Talvez tenha sido a pessoa mais romântica que jamais conheci. Falo daquele Romântico que se opõe ao clássico, o romântico, trágico de Werther ou Beethoven.

Cruzamos profissionalmente pela primeira vez no cinema. Tive a audácia de convidá-lo para um pequeno papel no filme *Edu coração de ouro*. Pequeno porém misterioso: um andarilho, um mendigo que andava sem parar. Resolutamente mas sem saber para onde ia, e que cruzava com o irresponsável Edu (Paulo José), naquele momento, começando sua paquera a uma jovem encantadora de trancinhas (Leila Diniz).

A seriedade com que Ziembinski enfrentou essa filmagem de um dia, foi uma lição para todos nós, uma grande lição . E a cena resultou mais interessante do que prometia.

Depois encontrei-o muitas vezes. Mas fomos conviver mesmo dentro dos labirintos da TV Globo. Ziembinski, como muita gente e eu também, tinha aceito um emprego na TV Globo por causa da dificuldade de se sustentar apenas com o teatro. Na Globo, sob a direção ambiciosa porém sensata de Daniel Filho, fizemos muitas tele-peças. A primeira delas foi assim: o Daniel me chamou na sala dele e disse "O programa não vai indo bem". Era o *Caso Especial,* em preto e branco, um dos nossos primeiros tele-teatros. "Precisamos mudar e eu sei como: de agora por diante vamos adotar a seguinte fórmula: *great actores in great plays*! Sempre deu certo em Hollywood! Não pode falhar!" Daniel é a única pessoa que conheço que consegue dizer esse tipo de coisa, sendo levado a sério. Fiquei perplexo por um instante ou dois, e sugeri "*O médico e o mostro"*, com Sérgio Cardoso. Ziembinski dirigiu o Especial de um modo surpreendente, ziembinskiano. Tudo era muito grave e solene, entre Dr. Jack e Mr. Hide. Uma verdadeira missa.

Depois vieram outros, muitos. Dos quais destaco *O capote*, de Gogol, no qual o Zimba dá um show, contracenando com Lima Duarte. São obras de arte importantes. O dia que alguém sério, resolver levantar o arquivo cultural da TV terá imensa surpresa. Muita coisa boa foi feita lá. Creio que tanto ou mais do que no cinema brasileiro.

Quantas vezes o vi recitando Goethe ou Schiller, em alemão, nos corredores entediados das tardes na Globo. Passado um tempo, veio o *Caso especial* em cores, o Ziembinski agora era produtor e supervisor. O programa nunca foi tão bom quanto naquele tempo.

Lá fiz um especial que somente Ziembinski teria coragem de bancar. "Mariana Dorotéia Íris". Um script meu, escrito para minha filha, Maria Mariana, que contava a história de um triângulo no mínimo curioso: um sábio psicanalista de repente se vê responsável por uma menina de 3 anos que é deixada em sua porta por uma paciente tresloucada. Ele se apaixona pela criança, larga a clientela, vai para uma casa de campo estudar aquele ser maravilhoso. Um neurótico rejeitado, Marco Nanini, segue os dois. Era uma comédia absurda, insólita, experimentalíssima. Muita gente gostou e muita gente caiu de pau, acusando Ziembinski de ter patrocinado, às custas da Globo, o maior *home movie* da história. Realmente a câmera ia para onde ia Mariana, ela não sabia nem que estava sendo filmada. Antes da gravação, Ziembinski tinha me chamado na sala dele e dito: "Sua filha precisa ser a protagonista do espetáculo. Eu e Nanini coadjuvamos. Se não a coisa toda não vale nada." Considero esse Especial um dos meus melhores resultados.

Uma vez discordamos sobre alguns pontos objetivos do trabalho. Eu, que nunca fui de obedecer patrão, comecei me comportar sarcasticamente na reunião com ele. Ziembinski parou a reunião e disse zangado com seu sotaque

polonês: “Domingos, você está me ofendendo. Você está falando comigo como se eu fosse um patrão. Somos dois artistas, discutindo uma obra. Não me ofenda!!!”

O câncer pegou-o inapelavelmente. E ele, que amava viver, lutou muito antes de cair. Eu o visitava sempre na fase final. Era muito triste. Ele delirava com remédios e dizia coisas como: “Domingos, eu estou um degrau abaixo”, “Domingos, me salve, eu fui raptado”. Me chamou para ser testemunha do Testamento dele.

Poderia escrever muito sobre esta figura artisticamente notável e humanamente inesquecível. Porém me resumo à recordação mais forte. Não tem nada de triste, embora seja estranha. Tenho de contá-la aqui.

Uma tarde estou em casa e vejo Ziembinski irromper pela minha sala, dizendo que precisava muito falar comigo. Eu já tinha feito meus primeiros filmes e ele me admirava como cineasta. Tinha vindo ali para me mostrar um roteiro de cinema que ele tinha criado. Eu perguntei onde estava. Ele respondeu: “Na minha cabeça, somente na minha cabeça. Mas quem sabe você não é o único que poderá filmá-lo?” Em seguida falou sem parar durante uma boa hora, me contando o roteiro em detalhes. Era ótimo! Tinha princípio, meio e fim.

A vida nunca me concedeu a disponibilidade e o prazer de filmar o filme do Zimba. Porém conto-o aqui para não ser o único depositário do segredo. Se eu não conseguir, quem sabe alguém conseguirá realizar o filme. É a história de um ator maduro muito famoso, da novela e do teatro, que começa a sentir que não tem mais lugar na vida. Os amigos entram nos bastidores depois da peça, cumprimentam a todos com entusiasmo e por ele passam dando um tapinha nas costas e dizendo “Você sempre bem”. Ele vai comprar algo na farmácia, um menino na mão da mãe, aponta e diz chorando: “Mamãe ele não morreu, ele não morreu”. Coisas de novela.

Então esse ator resolve forjar sua própria morte, para ver que importância tem no mundo, que tipo de falta ele faz.

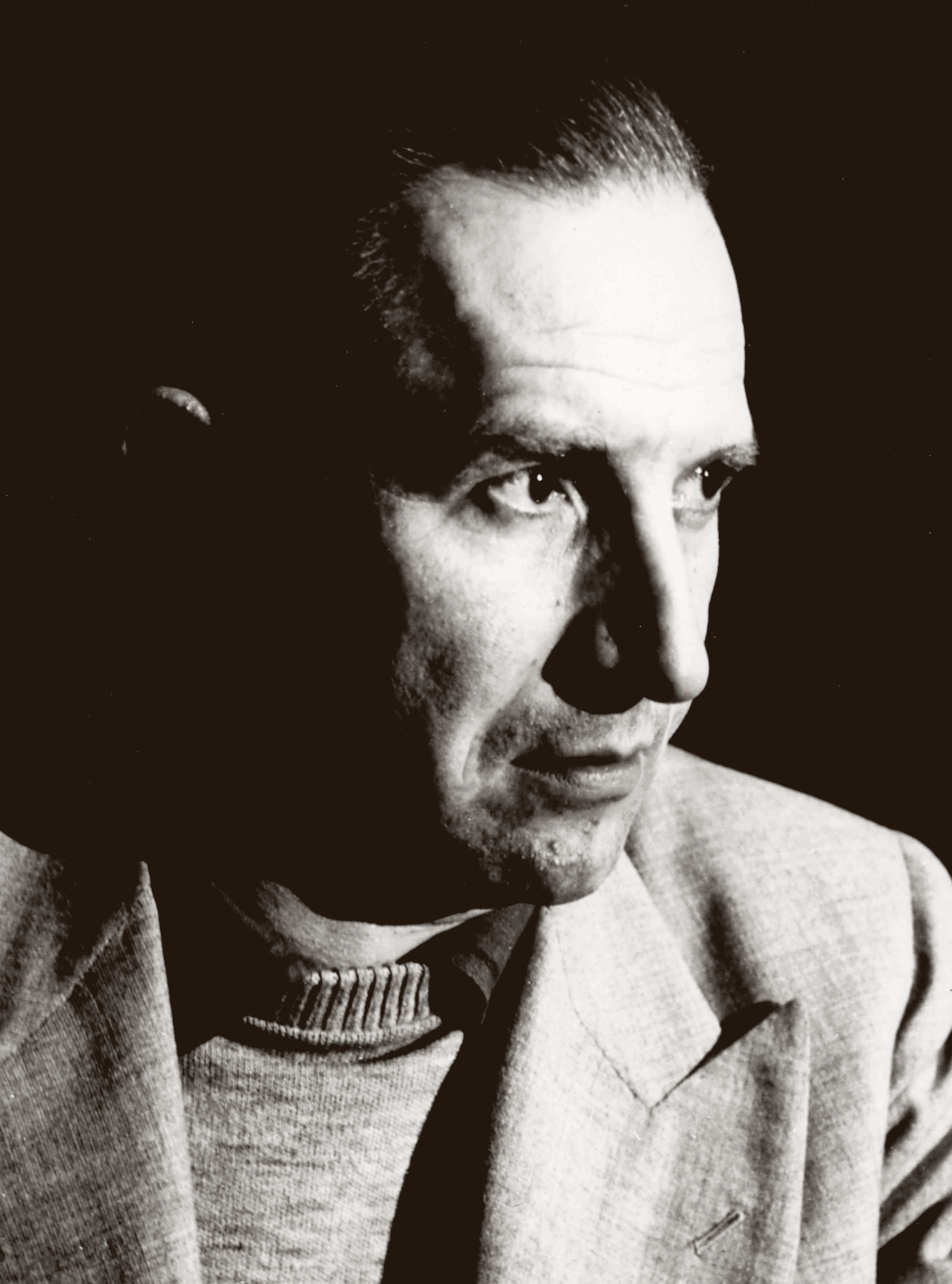
Com o auxílio de um contra-regra amigo, constrói um boneco de cera e, consegue compor a farsa. É “enterrado” com honras e discursos, num mausoléu do São João Batista, enquanto de longe e com certo prazer, observa acena.

As homenagens são muitas, mas com o tempo cessam.

E ele então vê o processo do seu próprio esquecimento. Sai da cidade, vagueia incógnito pelo interior do Brasil. Sente que a vida prossegue sem ele; e então, tem vontade de voltar. Ao mundo dos vivos, aos entes queridos. Declarar a mentira, gritar que está vivo mas logo compreende que é tarde demais, não é mais possível. Os espaços foram ocupados, um novo equilíbrio restabelecido, não há mais lugar para ele.

O filme termina num cair de tarde de um aniversário de sua suposta morte, com o personagem desesperado tentando arrombar a porta do seu próprio mausoléu e entrar lá para sempre. Um leão no alto da montanha.

DOMINGOS OLIVEIRA



Introdução

Ziembinski anos 40

Ziembinski na infância em seu país natal, a Polônia

"Meu nome todo é Zibgniev Mariev Ziembinski. (...) Eu nasci no dia 17 de março de 1908, numa pequena cidade da Polônia chamada Vielitchca. Esta cidade fica a 14 quilômetros da Cracóvia, que é um grande centro populacional. Vielitchca é uma espécie de subúrbio da Cracóvia e é muito conhecida por suas minas de sal, o que faz da cidadela um centro turístico extremamente pitoresco. O minério de sal é extraído da terra, existindo uma verdadeira cidade subterrânea em Vielitchca. Meu pai era médico. Médico naquelas minas de sal. Era um homem típico de sua época. Burguês, bem casado, dois filhos, sendo que meu irmão mais jovem morreu pequenino, vítima de crupe, e eu fiquei como filho único. Meu pai era muito querido, uma espécie de ídolo, na cidade. Era caridoso, atendendo gratuitamente muitos clientes. Morreu quando eu tinha 12 anos. Minha mãe sabia ser esposa e dona de casa, e não tínhamos nenhum recurso financeiro. (1)

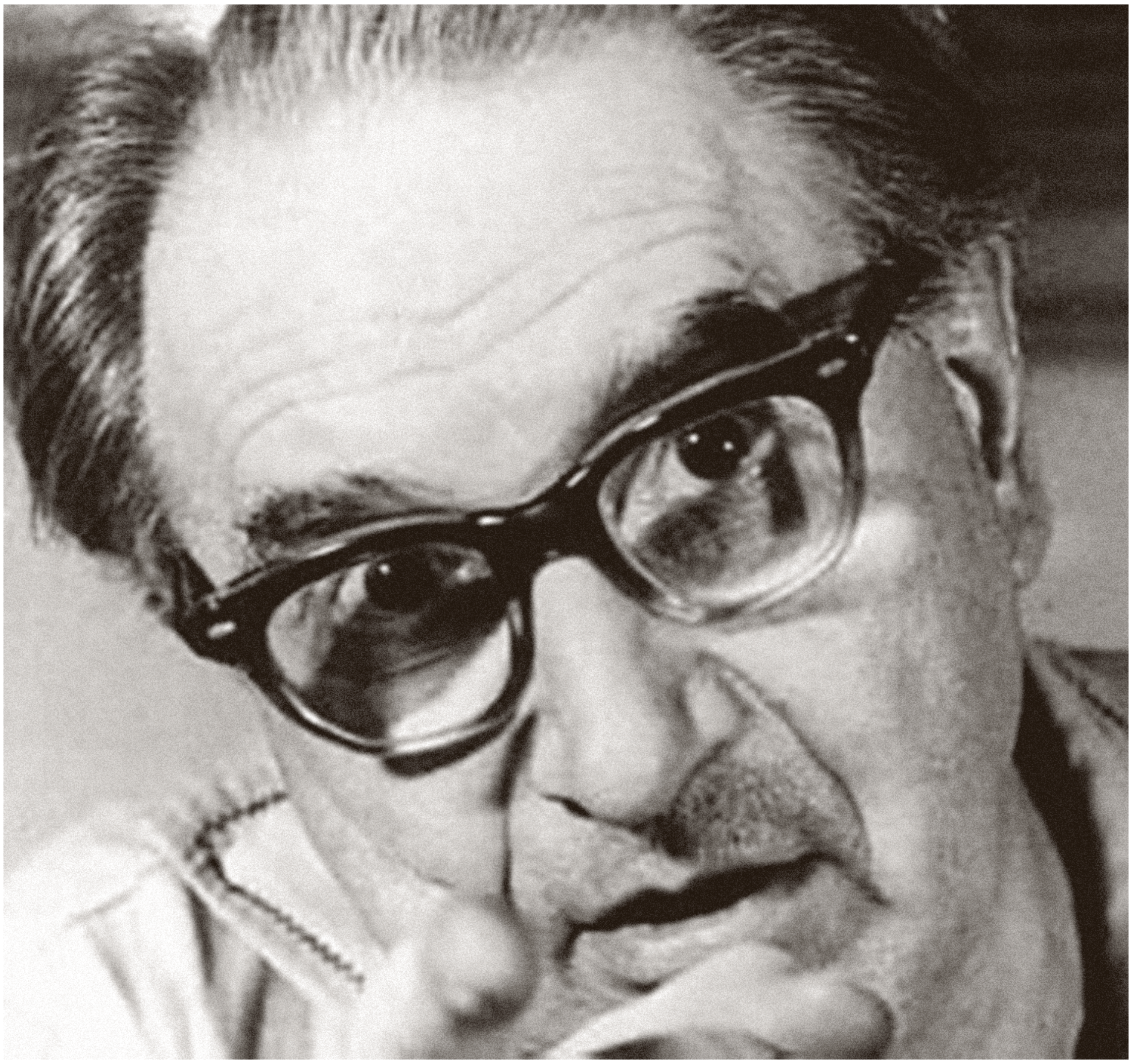
Ziembinski anos 40

“Devo ter herdado minha vocação para o teatro de meu pai. Eu soube que ele adorava teatro amador, tendo inclusive chegado a fazer teatro com amadores, tendo sido bem sucedido e muito apreciado. Ouvi mesmo falar que ele tinha dom para o teatro. Fora disso, não havia ninguém em minha família com tendência para o teatro. (...) Ele queria que eu fosse médico mas cm a morte dele, é lógico, a situação mudou. Ficamos em condições de vida muito difíceis e se não fossem as minas de sal, nosso futuro seria bastante triste. Nas minas eu me criei, dando apoio a minha mãe. Depois da morte de meu pai, comecei a estudar nas escolas públicas, pois até então, eu tivera só professores particulares. E foi na escola que se deu o fenômeno. Há aqueles espetáculos escolares de fim de ano. Só que na Europa se estuda isso minuciosamente, se escolhe textos mais sérios. (...) Numa das cenas de um ritual pagão, em que se evocava o passado às pessoas que já morreram (...) pediram para que eu fizesse um pequeno papel, menino que morrera há alguns anos e que agora, evocado por sua irmãzinha, dizer ser muito feliz no céu, mas que precisa de alguma amargura, por que quem não sofreu sequer uma amargura na terra, não pode ser feliz no céu. Eu achei isso tudo muito bom e natural. Decorei o que se dizia (...). Quando chegou a minha hora, eu falei, falei e falei e não vi nada de especial naquilo. Chorei um pouco, mas não de medo ou coisa assim. Chorei realmente por causa da situação emocional da figura. Os professores chegaram um pouco assustados , tiraram-me de cena. O que houve, errei? Não, não, foi tudo muito bem. E de repente, eu senti uma coisa muito estranha em mim. Bom, então é isso o que eu quero. É esse caminho que eu quero seguir. Eu quero ser ator. Daí por diante, tomei as rédeas de todos os espetáculos feitos no colégio. Dirigia, criava cenários, costumes, tudo. Terminei o ginásio, e fui para a Universidade. Durante a Universidade (onde cursei Literatura), fiz a Escola de Arte Dramática. Fui para Varsóvia, fiz o exame obrigatório, isso num ano, e voltei contratado para o teatro da Cracóvia. Dois anos depois já era diretor de teatro. (2)

Jean-Louis Barroult e Ziembinski

"Aos 23 anos eu era diretor do Teatro Nacional, quando dirigi "Mademoiselle" de Jean Jacques Duval. Ai veio a guerra. (...) Deixei Varsóvia. Atravessei a Polônia toda, pensando que aquilo era temporário, que duraria duas ou três semanas, no máximo. Fomos recuando, recuando, até perto da Rússia. O único ponto de saída era pela Rumânia. Fugi para lá , onde passei quatro meses , fazendo teatro para os refugiados poloneses. Da Rumânia, passamos para a Itália. Para a França, onde ficamos fazendo teatro quase dois anos. Uma epopéia que durou até 6 de julho de 1941, quando às cinco horas da tarde desci no porto, aqui no Rio de Janeiro. (3)

Ziembinski nos anos 40



Ziembinski anos 50

“Eu fiquei em primeiro lugar espantado com a beleza do Rio de Janeiro. E com a liberdade que eu dispunha. havia um ar macio, uma opulência de cores e todo um povo alegre, acolhendo muito bem a gente. Naquele tempo, eu não falava uma palavra de português e me espantou muito, vendo os cartazes dos cinemas, que em todos eles se passava o mesmo filme: HOJE. Depois é que fui saber que HOJE é hoje mesmo. Cheguei aqui completamente desnorteado, meio tonto da guerra. Fui morar, então, na praça José de Alencar, próxima ao Largo do Machado, no antigo Hotel dos Estrangeiros, que tinha defronte duas árvores centenárias, lindas que depois, infelizmente, cortaram.” (4)

Vestido de noiva

OS COMEDIANTES – MARCO NOVO

"Em 1941 cheguei ao Brasil. Meu primeiro contato com o teatro brasileiro foi por mera casualidade. Naquela época, um grande amigo meu, o pianista polonês Malcuzinski ia dar um concerto no Teatro Municipal. E antes desse concerto haveria um coquetel para a imprensa no antigo Hotel Central. No coquetel estavam presentes várias pessoas representantes do meio intelectual do Brasil. Entre elas, um rapaz muito simpático: Agostinho Olavo.

Naquele tempo eu não falava português. Comunicava-me com os brasileiros em francês. Agostinho sentou-se ao meu lado, interessado em saber o que estava fazendo, já que fora informado de que na Polônia eu era um ator muito famoso. Contou-me que fazia parte de um movimento teatral muito interessante: **Os Comediantes**. Eram amadores, pessoas de diferentes profissões – médicos, oficiais da Aeronáutica, enfim, de toda e qualquer profissão, que se uniram para dar um novo impulso ao panorama do teatro brasileiro, naquela época bastante apagado.

No meio da conversa, Agostinho disse-me: "Amanhã, no Grande Hotel, vai ser exposta uma maquete de Belá Paes Leme. E vão estar presentes vários elementos de **"Os Comediantes"**: Santa Rosa, Graça Melo. Não quer ir?"

Este foi meu primeiro contato verdadeiro com **Os Comediantes**. Logicamente, no dia seguinte fui ao Grande Hotel, vi a maquete e conheci Santa Rosa, Graça Melo, Auristela Araújo, Belá Paes Leme, Stella Perry, Carlos Perry e vários outros que não meus amigos até hoje. Vi a maquete e achei interessante. Falei sobre o que tinha feito no teatro polonês e procurei saber o que eles queriam em relação ao teatro. O que me impressionou é que eram muitos cultos, todos muito bem informados, embora com uma cerra ferocidade em relação ao que se fazia no teatro brasileiro daquela época – realmente em nível muito baixo. Com muito fervor, falavam na necessidade de fazer um outro tipo de teatro – um teatro intelectualizado, um teatro civilizado, um teatro artisticamente puro.

Cena Final da primeira montagem de **VESTIDO DE NOIVA**
(Theatro Municiaol do Rio de Janeiro, 1943)

Depois de um certo tempo de contato eles me convidaram para fazer a iluminação de **A Verdade de Cada Um**, Pirandello. Foi o meu primeiro contato de trabalho com **Os Comediantes**. Procuramos juntos os refletores, o que naquela época foi muito difícil, já que só iluminavam a ribalta e as gambiarras. Os meus novos amigos de **Os Comediantes** ficaram fascinados com a iluminação que eu utilizava. E quiseram que eu ficasse permanentemente com eles. Mas os integrantes de **Os Comediantes** tinham recursos próprios para viver. Eu não. Eu tinha que tentar começar a minha vida profissional.

Durante um certo tempo perdi meu contato com eles. Dirigi então para o Teatro Acadêmico **À Beira da Estrada**, e houve a primeira onda em torno de mim, como um novo diretor que aparecia no Brasil. **Os Comediantes** ficaram muito entusiasmados, principalmente Graça Melo, que ficou muito amigo meu. Fiz outro espetáculo em 1942: **Orfeu**, de Cocteau, e **As Preciosas Ridículas**, de Molière. Alguns elementos de Os Comediantes participaram desse espetáculo. Como o elenco não era fixo, participava de outros espetáculos. Assim, Graça Melo, Agostinho Olavo, Gustavo Doria ligaram-se a outros grupos até a grande temporada de **Os Comediantes** no Teatro Municipal do Rio de Janeiro que lhes abriu as portas por interferência do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema.

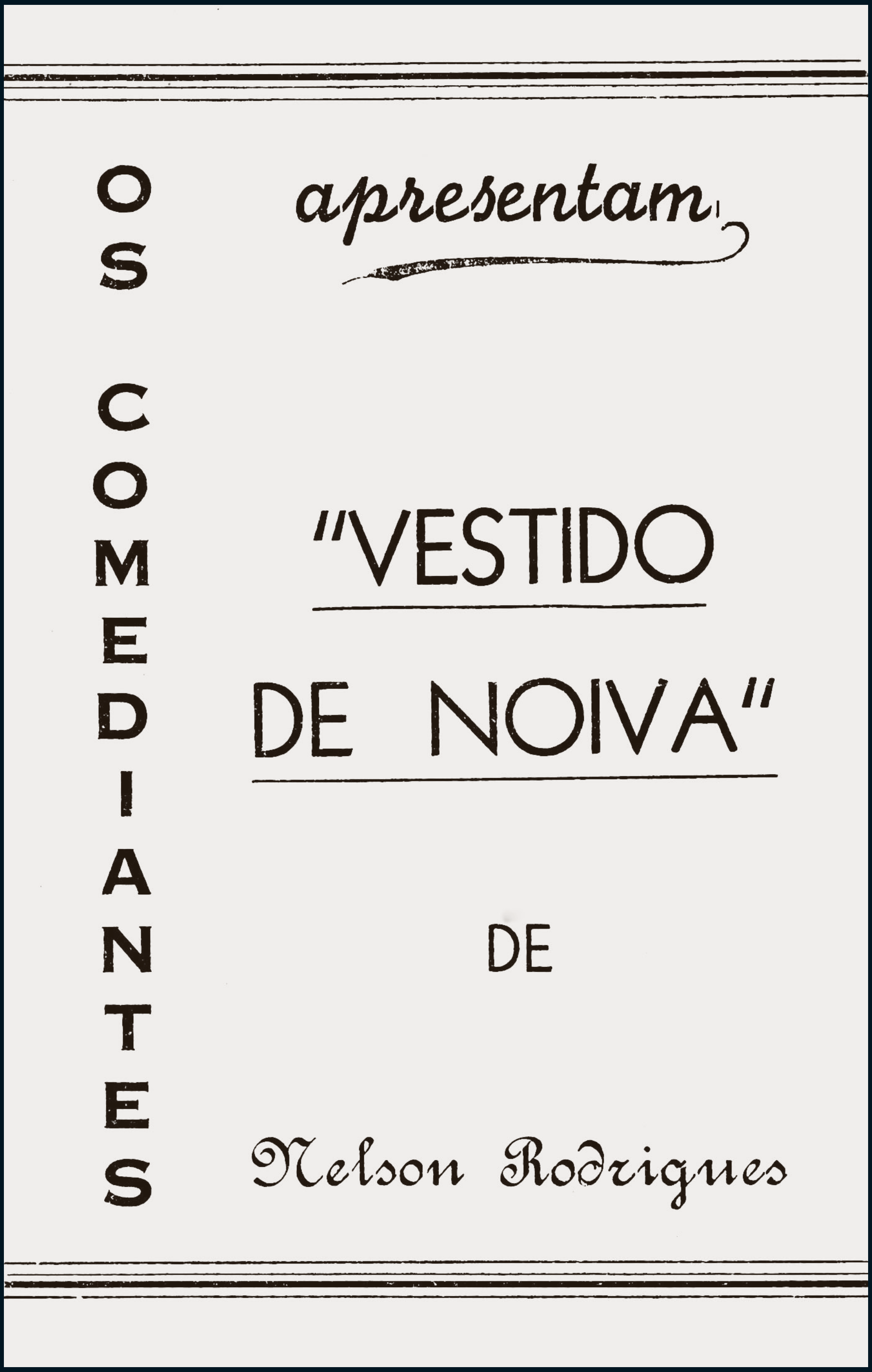
Resolvemos fazer uma temporada gratuita para mostrar ao público brasileiro pela primeira vez o conceito teatral que se trazia de fora, que se tentava implantar no teatro brasileiro. Adacto Filho se encarregaria de **O Leque**, de Goldoni, **Um Capricho**, de Musset, **Escola de Maridos**, de Molière, e **O Escravo**, de Lúcio Cardoso. Eu me encarregaria de três outros espetáculos: **Pelleas e Melisanda**, de Maeterlink, **Fim de Jornada**, de Sheriff, onde eu faria minha primeira aparição no Brasil como ator, e a terceira peça ainda estava escolhida. Qual seria? Não sabíamos. Começamos a ensaiar os outros dois espetáculos, de noite ou de tarde, de acordo com as conveniências de horário dos integrantes de **Os Comediantes**. Foi quando Brutus Pedreira chegou uma tarde e disse: "Aqui está uma peça de um jovem autor brasileiro que eu queria que você lesse." Tratava-se de **Vestido de Noiva**, de Nelson Rodrigues. Li a peça e achei extremamente interessante. Achei realmente um banho novo e forte de técnica teatral, um talento fabuloso que Nelson foi e ainda é. Li e reli a peça. Fiquei fascinado. Como **Os Comediantes** já tinham ensaiado dois espetáculos, quem se interessou pelo **Vestido de Noiva** foi o SNT (Serviço Nacional de Teatro). Falei com seu diretor e ele me propôs a montagem do texto pela Companhia Dramática Nacional. No entanto, senti que falava meio vago. Propôs-me uma montagem realista, com uns croquis de Santa Rosa também realistas. Não cheguei a um acordo e fui falar com o Santa Rosa. Tive um grande deslumbramento com esse grande artista. Falei com a maior sinceridade: "Santa Rosa, vi seu croqui. Mas eu vejo a peça diferente." Ele me respondeu: "Não tem problema. Faremos outro

cenário. Da maneira como você entende a peça." Como o diretor do SNT desistiu da montagem o Brutus quis que Os Comediantes montassem a peça do Nelson. Eu disse: "Excelente! Vamos fazer!"

Foi em novembro, de 1942. Levantamos o pano para seis peças. Fomos aplaudidos com entusiasmo. Fomos comentados com certa estranheza diante da realidade do teatro profissional que se caracterizava pela montagem de *vaudevilles* (sem queres falar mal de ninguém) representados por Aimée, Dulcina, Procópio, Mesquitinha, nomes respeitados dentro de certo tipo de espetáculos, mas que faziam um teatro totalmente diferente do que nós, d´os **Comediantes**, estávamos fazendo.

A última estréia foi **Vestido de Noiva** (dezembro de 1943). Era um espetáculo louco para o público. Com 174 mudanças de luz, com o palco dividido em três planos, o da realidade, o do delírio e o da lembrança de Alaíde, que, atropelada no Largo da Glória, sofria durante quarenta minutos, os últimos de sua vida, o seu delírio que era **Vestido de Noiva**. Esses refletores que se apagavam e acendiam estonteavam o público. No final do terceiro ato, foi a consagração. Nós não sabíamos o que fazer com esse acontecimento que tínhamos elaborado, pois sentíamos que talvez fosse o nascimento do moderno teatro brasileiro. Então a nossa idéia foi essa: já que fazíamos teatro de graça, já que distribuíamos convites para as pessoas, por que, agora, não fazermos uma nova experiência: cobrar ingressos para que as pessoas assistissem **Vestido de Noiva?** O público veio. Durante sete dias lotou o Municipal. Um novo estilo foi então implantado. Digo isto sem nenhuma modéstia, e sem vontade de jogar confete em cima de nós. Mas conosco nasceu uma nova técnica que durante anos iria lutar com aquilo que já estava composto. Nós não queríamos guerra. Queríamos chamar as pessoas para um trabalho junto. Mas a guerra foi declarada por parte daqueles que estavam acomodados a um certo tipo de espetáculo. Fomos chamados de aventureiros, de gente sem ética que queria derrubar aquilo que já existia, propondo de uma maneira quase quixotesca as coisas que nunca seriam aceitas pelo público. Graças a Deus foram aceitas. E até hoje estão presentes no moderno teatro brasileiro."

(Ziembinski, Revista Dionysos nº 22, dezembro de 1975)



OS COMEDIANTES

apresentam

"VESTIDO DE NOIVA"

DE

Nelson Rodrigues

Capa Programa **VESTIDO DE NOIVA**

Ficha Técnica da primeira montagem de **VESTIDO DE NOIVA**

TEATRO MUNICIPAL

TEMPORADA DE

"OS COMEDIANTES"

APRESENTANDO

Dias 28, 29 e 30 de Janeiro de 1944

"VESTIDO DE NOIVA"

Tragédia de Nelson Rodrigues

Mise-En-Scene e Direção: Z. ZIEMBINSKI

Arquitetura Cênica e Figurinos: SANTA ROSA

Alayde	Lina Grey
Mme. Clessy	Auristela Araujo
Pedro, o namorado, homem da capa e limpador	Carlos Perry
Lucia	Stela Perry
Pai de Alayde	Otavio Graça Melo
Mãe de Alayde	Maria B. Leite
Mãe do namorado	Luiza B. Leite Sans
D. Laura	Leontina Kneese
4 reporters	Armando Couto Alvaro Alberto Brutus Pedreira Expedito Porto
3 mulheres	Virginia de Souza Neto Maria Sarli Edelweiss
Mulher inatual e mulher do telefone .	Stela Graça Melo
Homens inatuais	Isaac Paschoal Armando Couto
Medicos	Brutus Pedreira Alvaro Alberto Darcy dos Reis Luiz Paulo
Medico de serviço	Brutus Pedreira
Speaker	Expedito Porto
Rapaz do café	Nelio Braga
Jornaleiros	Meninos da Casa do Pequeno Jornaleiro

CASACO CEDIDO GENTILMENTE PELA CASA "CAPITÚ MODAS"

Distr. interna. Tipografia Bergman & Cia. Ltda. Av. Mem de Sá, 317 T. 42-2389

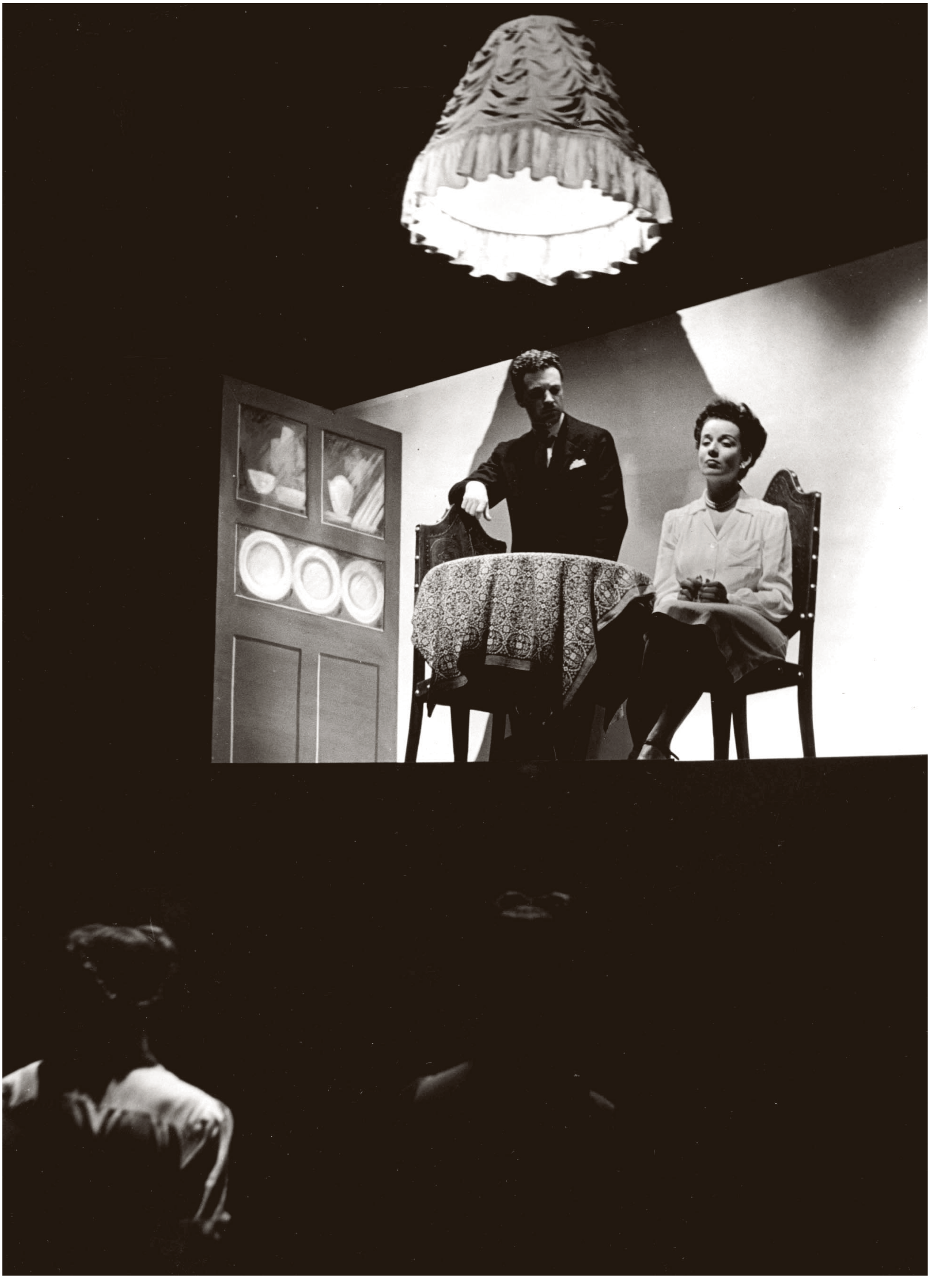
VESTIDO DE NOIVA – Santa Rosa, Ziembinski e Nelson Rodrigues
no Palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro – 1943

Cena da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** em 1943

"(...) A peça é justamente isso: o delírio de uma mulher na mesa de operação, o caos de sua memória. Nos quarenta minutos que precedem a sua morte, ela se julga sempre vestida de noiva; no seu cérebro, as imagens do amor e da morte se fundem e se dissociam, para depois fundir nova-mente. O publico ouvira, com espanto e angústia, as verdades mais pungentes da heroína, as frases, que traduzem a sua revolta contra a rotina conjugal. Que tristeza lhe da a própria virtude! Exclama no desespero de sua alma solitária: "É tão fácil matar um marido!"E, outra vez, diz, com secreta voluptuosidade: "As mulheres só deviam amar meninos de 17 anos!" É o pecado que a fascina. Inveja as mulheres que tiveram a coragem de pecar ou nasceram trazendo em si mesmas, no fundo de cada sonho, a espera do pecado. Um dia, sai de casa para isso. Será o seu primeiro encontro com a aventura. Mas no relógio da Gloria o destino aparece para que ela morra seria, irremediavelmente seria, sem conhecer aquilo que ora o mais doce e apaixonado apelo de sua carne e de sua alma. (...)"

(Accioly Netto, diretor de "O Cruzeiro")

Cena da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** em 1943



Stella Perry e Auristela Araújo em uma cena de **VESTIDO DE NOIVA** – Theatro Municipal Rio de Janeiro – 1943

Lina Grey , Carlos Perry e Stella Perry – em uma cena da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** realizada pelos "Os Comediantes" em 1943

“ (...) A direção foi, aliás, estupenda, como todas de Ziembinski. A realização de Santa Rosa engenhosíssima. O Problema das mudanças rápidas e contínuas das cenas otimamente resolvido. (...) A interpretação esteve ótima, ensaiadíssima, firmíssima nos mínimos detalhes. Cada gesto, cada atitude, cada sentimento ds atores, tudo foi estudado e executado com a máxima precisão. É sabido que nessa perfeição de detalhes, formando um conjunto harmonioso, é que está, muitas vezes, o segredo do êxito de uma representação. E nisso Ziembinski é mestre. Seus espetáculos atingem a perfeição no gênero, sobretudo se nos lembramos que lida com amadores. (...)

Conclusão: a meu ver **Vestido de Noiva** marcará, de fato, uma data no teatro nacional. Por mim, não conheço, entre nós, peça que de longe se lhe possa comparar. Talvez venha a ser o marco inicial do nosso teatro. (...).”

(Alfredo Mesquita, sobre apresentação de “Vestido de Noiva” em São Paulo, O Jornal/Domingo, 23/7/1944)

Uma das cenas finais de **VESTIDO DE NOIVA**

ALAYDE

Ziembinski naquela noite

“ (...) Esse 1943 parece outra realidade, outro Brasil, outro mundo. Eu acabava de escrever a minha tragédia carioca, **Vestido de Noiva**. Esta peça, coitada, pagou todos os seus pecados. Eu saí, de porta em porta, oferecendo a minha peça. (...) Alguém cochica: “Rapaz, mostra **Vestido de Noiva** ao Ziembinski. Virei-me: “Ziembinski, que Ziembinski?” O Outro fez um resumo biográfico. Quis saber: “Onde se encontra o Ziembinski?”. O outro explicou que o mestre polonês estava nos **Comediantes**. Ora, **Os Comediantes** eram um grupo amador que só fazia teatro sério. Por um momento sonhei: “Será que o Ziembinski vai gostar de **Vestido de Noiva**?”.

Tudo, porém aconteceu de uma progressão fulminante. Primeiro Brutus Pedreira apareceu. Leu **Vestido de Noiva** e ficou muito impressionado. Brutus marcou meu encontro com Ziembinski no Amarelinho, ali, na Cinelândia. (...) No dia seguinte, lá aparece Ziembinski (...). Tinha um sotaque bárbaro, o polonês. Mas dava para entender. Disse o que ia fazer: ler um ato num dia, outro ato no dia seguinte, outro ato no terceiro dia. Não podia brincar com um língua nova. Ziembinski achou **Vestido de Noiva** uma “Grande peça”.

Começou então a batalha de **Vestido de Noiva**. Durante sete meses, um elenco bateu no texto de **Vestido de Noiva**. Cada fala era repisada de uma maneira obsessiva e insuportável (...) Eram inesquecíveis os papos de Ziembinski nos intervalos do ensaio. O curioso é que, no trabalho, não comia. Ou por outra: dois ovos quentes. E voltava depois como um bárbaro. (...) De vez em quando eu dizia a Ziembinski: “E vamos fazer sucesso?” Dizia e repetia varado de certeza: “Sucesso formidável!” Assim era o grande artista: fazia afirmações como um fanático.

(...) Quando faltavam vinte dias para a estréia, começou o que eu chamaria de *tensão dionísica*. O ensaio já não era mais esportivo. As pessoas se irritavam. Havia uma surda competição, só a inveja explicava certas atitudes. (...) O ensaio geral de **Vestido de Noiva** foi o próprio inferno. Com seus 35, Ziembinski tinha uma resistência brutal. Os intérpretes sabiam o texto,as inflexões , sabiam tudo. Durante sete meses, à tarde e à noite, a peça fora repetida até o limite extremo da saturação. Ainda faltava , porém a luz. E Ziembinski exigia mais do elenco, cada vez mais.

Não posso falar da luz sem lhe acrescentar um ponto de exclamação. Em 1943 o nosso teatro não era iluminado artisticamente. Pendurava-se, no palco, uma lâmpada de sala, de visita ou de jantar. E a luz, fixa – imutável – e burríssima – nada tinha a ver com o texto e os sonhos da carne e da alma. Ziembinski era o primeiro, entre nós, a iluminar poética e dramaticamente uma peça.

Estou vendo Alaíde, ao aparecer , pela primeira vez, de noiva. Sua intérprete era Evangelina Guinle da Rocha Miranda. Ficamos atônitos, de beleza. Dentro da luz, era um maravilhoso e diáfano pavão branco. Ziembinski exigira uns dez ensaios gerais de luz. Era pedir demais ao nosso Municipal.

Página anterior: Cena final de **VESTIDO DE NOIVA**

Os dez ficaram reduzidos a três. Por três dias e três noites, o selvagem polonês esganiçou-se no palco. (...) na véspera da estréia, atrizes e atores tinham em cada olho, um halo negro. Alguém que, de repente, entrasse ali, havia de pensar que o elenco estava com olheiras de rolha queimada. Ziembinski tinha a obsessão da luz exata.

Meia noite e todos representando. De repente, alguém começa a chorar. Perguntaram: "Mas o que é isso? Não faça isso!" E ele, num gemido maior: "Eu não aguento mais! Não aguento mais". Delirava de cansaço. Com efeito, a exaustão enfurecia e desumanizava as pessoas. Ninguém tinha mais a noção da própria identidade. Os artistas passaram a se detestar uns aos outros.

E, por fim, às cinco da manhã, houve entre Ziembinski e Carlos Perry um bate-boca quase homicida. Não sei qual foi o motivo e ainda hoje me pergunto: "Houve tal motivo?" (...) Vejo Ziembinski saindo do teatro e jurando que não voltaria para o espetáculo. Olho a cena ainda iluminada. (...) Dentro da luz, cadeiras, sofás e pessoas pareciam boiar. As caras eram azuladas, lunares. A caminho de casa uma súbita certeza instalou-se em mim: Vestido de Noiva ia ser vaiada. O Cenário estava dividido em três planos: em cima realidade, embaixo memória e alucinação.

Ao despertar às onze da manhã, eu imaginava que o meu processo de ações simultâneas, em tempos diferentes, não tinha função no Brasil. (...) Depois do almoço corri para a cidade. (...) Entro no teatro, Ziembinski e Carlos Perry estavam juntos, mais solidários e mais irmãos do que nunca. Dez para as oito da noite. Estou andando pelos corredores vazios, mas iluminados. O teatro ia abrir os seus portões. Vi os porteiros, ainda com os uniformes azuis e dourados da *belle époque.* Por fim, um deles, de bigodões espectrais, abria o primeiro portão. Ninguém para entrar.

Minto, alguém vinha subindo, lentamente, a escadaria. Crispei-me ao reconhecê-lo e numa emoção tão doce e tão funda, vim para Manuel Bandeira transido de felicidade: "Grande figura, grande figura." No *hall*, conversando com o poeta, eu tiritava. Um subido otimismo dava-me febre como a malária. (...) O público começa a entrar, despedi-me de Manuel Bandeira. Ele ainda me perguntou: "Animado?". Rangi os dentes de pavor: "Mais ou menos". E o poeta saiu para sentar-se na segunda fila (enxergava bem, mas ouvia mal). Naquele momento, senti necessidade de ver Ziembinski.

Passei na caixa. Pânico geral. Ziembinski fazia sua última revisão. Dizia para o elenco: "Calma, calma". Ele próprio, porém, ventava por todas as narinas. Seu olhar vazava luz. Volto. Vou ficar num camarote da minha mulher e das minhas irmãs. Numa pusilanimidade total, fico no fundo do camarote, arriado. Platéia, frisas, camarotes e balcões lotados. (...) Eu não via, nem queria ver nada. Muitas vezes, tapava os ouvidos, doente de medo. E o pior foi o silêncio do público, silêncio ensurdecedor, como se não existisse um gato pingado no Municipal. Ninguém ria, ninguém tossia. E havia qualquer coisa de apavorante, naquela presença numerosa e muda.

Termina o primeiro ato. Três palmas se tanto, ou quatro, cinco no máximo. Imaginei que seriam palmas da minha mulher, das minhas irmãs, dos meus irmãos. (...) Termina o segundo ato. Pongetti tinha razão: **Vestido de Noiva** era o caos. Até que baixa o pano sobre o final do terceiro e último ato. Estou ouvindo. Silêncio. Nenhuma palma. E, então, começam aplausos. E tudo foi progressão fulminante. Era a apoteose. E, de repente, vem Ziembinski das entranhas do teatro, Vem de mangas de camisa, arrastado pelos artistas. Estava atônito diante da apoteose. Ninguém podia imaginar que estava ali um grande homem brasileiro, ou melhor dizendo, um maravilhoso homem carioca. E, enquanto ele agradecia mais uma vez, do alto, o lustre pingou diamantes.

(Texto de Nelson Rodrigues publicado na Revista Manchete de 4 de novembro de 1978 em homenagem a Ziembinski falecido em 18 de outubro de 1978.)

VESTIDO DE NOIVA Montagem 1946

"OS COMEDIANTES
APRESENTAM
"VESTIDO DE NOIVA"
3 ATOS DE NELSON RODRIGUES

Direção e Encenação: **ZIEMBINSKI** – Assistente: **JOÃO ANGELO LABANCA**
Cenários: **SANTA ROSA** — Direção de Produção: **BRUTUS PEDREIRA**

PERSONAGENS

Alayde	**MARIA SAMPAIO**
Mulheres	Edelweiss - Lina Fernandes - Maria Matos
Limpador — Homem dos sábados Homem da capa - Pedro - O namorado	**CARLOS PERRY**
Reporteres	Alvaro Alberto - Z. Orlando - David Conde - Geraldo Brasil
Mme. Clessy	**IRENA STYPINSKA**
Gastão (Pai de Alayde)	Fernando Delmar
D. Ligia (Mãe de Alayde)	**MARIA FERNANDA**
Médicos	Alvaro Alberto - Z. Orlando - David Conde - Jorge Cherques
Jornaleiros	N. N.
Leitora de jornal e Mulher inatual ..	**STELLA ALVES**
D. Laura (Sogra de Alayde)	Amalia Costa
Mulher de véu e Lúcia	**STELLA PERRY**
Homens inatuais	**GRAÇA MELLO** - Wallace Viana
Médico de Plantão	Z. Orlando
Mãe do Namorado	**ROSA TURKOW**
Publicidade	**LUÍS C. DE SOUZA**
Maquinista-Chefe	**PÍLADE ROMANO**
Contra-Regra-Chefe	**JOÃO DE OLIVEIRA**

Mesa de operação, cedida gentilmente pela CASA MORENO BORLIDO

Ficha Técnica da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** pelos "Comediantes" em 1946 com a participação especial da atriz polonesa Irena Stypinska.

VESTIDO DE NOIVA Montagem 1947

Cacilda Becker, Davi Cinde e Maria Della Costa em **VESTIDO DE NOIVA**, nova montagem de “Os Comediantes” em São Paulo 1947.

TEATRO CARLOS GOMES

"OS COMEDIANTES ASSOCIADOS"

APRESENTAM

VESTIDO DE NOIVA

Tragédia em três atos de NELSON RODRIGUES

Direção e Encenação: ZIEMBINSKI

Cenários de: SANTA ROSA

PERSONAGENS, POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA:

Alaide	Maria Della Costa
A Mulher que Dança	C. B. Iácomis
A Mulher que Fuma	Margarida Rey
A Mulher da Paciência	Nieta Junqueira
O Limpador	Daví Conde
Pimenta	Josel Guerreiro
Redator do Globo	Tito Fleury
Carioca Reporter	A. Santana
Redator da Noite	Waldir Moura
O Homem dos Sábados	Daví Conde
Mme. Clessi	Auristella de Araujo
Gastão	José de M. Graça
A mãe	Maria B. Leite
O Homem de Capa	Daví Conde
1.º Médico	Waldir Moura
2.º Médico	A. Santana
3.º Médico	Hélio Colona
4.º Médico	Ney Marcos
Pedro	Daví Conde
1.º Jornaleiro	Hélio Colona
2.º Jornaleiro	A. Santana
3.º Jornaleiro	Josef Guerreiro
4.º Jornaleiro	Ney Marcos
A Leitora	Nieta Junqueira
D. Laura	Margarida Rey
A Mulher de Véu	Cacilda Becker
O Namorado	Daví Conde
Médico de Plantão	Tito Fleury
Homem de Barbas	Z. Turkow
O Rapaz Romântico	Z. Ziensbinski
A Mulher Inatual	Nieta Junqueira
Lúcia	Cacilda Becker
A Mãe do Namorado	Margarida Rey
O Speaker	J. A. A.

Os vestidos da Sra. Maria Della Costa, no 1.º ato, são da Casa Canadá.

Assistente de Direção: Labanca — Assistente geral: Sandro

Contra-regra Chefe: Waldir Maura

Guarda-Roupa — Nieta Junqueira — Eletricista Chefe: João Fortuna

Maquinista Chefe: Pilade Romano — Publicidade: Luiz C. de Souza

Ficha Técnica da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** em 1947

VESTIDO DE NOIVA – Maria Della Costa, Cacilda Becker, Iara Izabel e José de Magalhães Graça – Theatro Municipal de Sâo Paulo 1947

VESTIDO DE NOIVA

" (...) Vestido de Noiva é desses encontros felizes de um autor e um diretor, que se compreendem e valorizam mutuamente, ambos no ápice de suas carreiras. É provável mesmo que em nenhuma outra peça tenha Ziembinski sido tão feliz na *mise-em-scène*, como nesta. Em Desejo, por exemplo, ainda poderíamos indicar – como o fizemos – alguns pontos em que o encenador se distanciou das intenções do autor, não se subordinando estritamente ao texto. Aqui nada disto acontece; Ziembinski, com intuição admirável, adivinhou e valorizou tudo o que o autor quis dizer, dando à peça uma interpretação das mais lúcidas. O próprio estilo de representação, o próprio jogo dos atores acompanharam fielmente o ziguezaguear do texto, mantendo inclusive a distinção entre os dois planos: as cenas desenroladas no plano da alucinação são jogadas num estilo francamente expressionista, que viola deliberadamente a realidade para conseguir maior efeito plástico e dramático, em contraste com as cenas da memória, já mais próximas do cotidiano, e, ainda mais, com as cenas do plano da realidade para conseguir maior efeito plástico e dramático, em contraste com as cenas da memória, já mais próxima do cotidiano, e, ainda mais, com as cenas do plano da realidade, que chegam até o naturalismo perfeito da mesa de operação. Variando constantemente de estilo, passando do expressionismo ao naturalismo e vice-versa, não deu Ziembinski apenas uma prova do seu virtuosismo como diretor e da plasticidade do elenco de Os Comediantes. Fez muito mais: manteve sempre presente diante dos olhos do público a distinção entre os três planos, tão essencial para a compreensão de Vestido de Noiva. (...)"

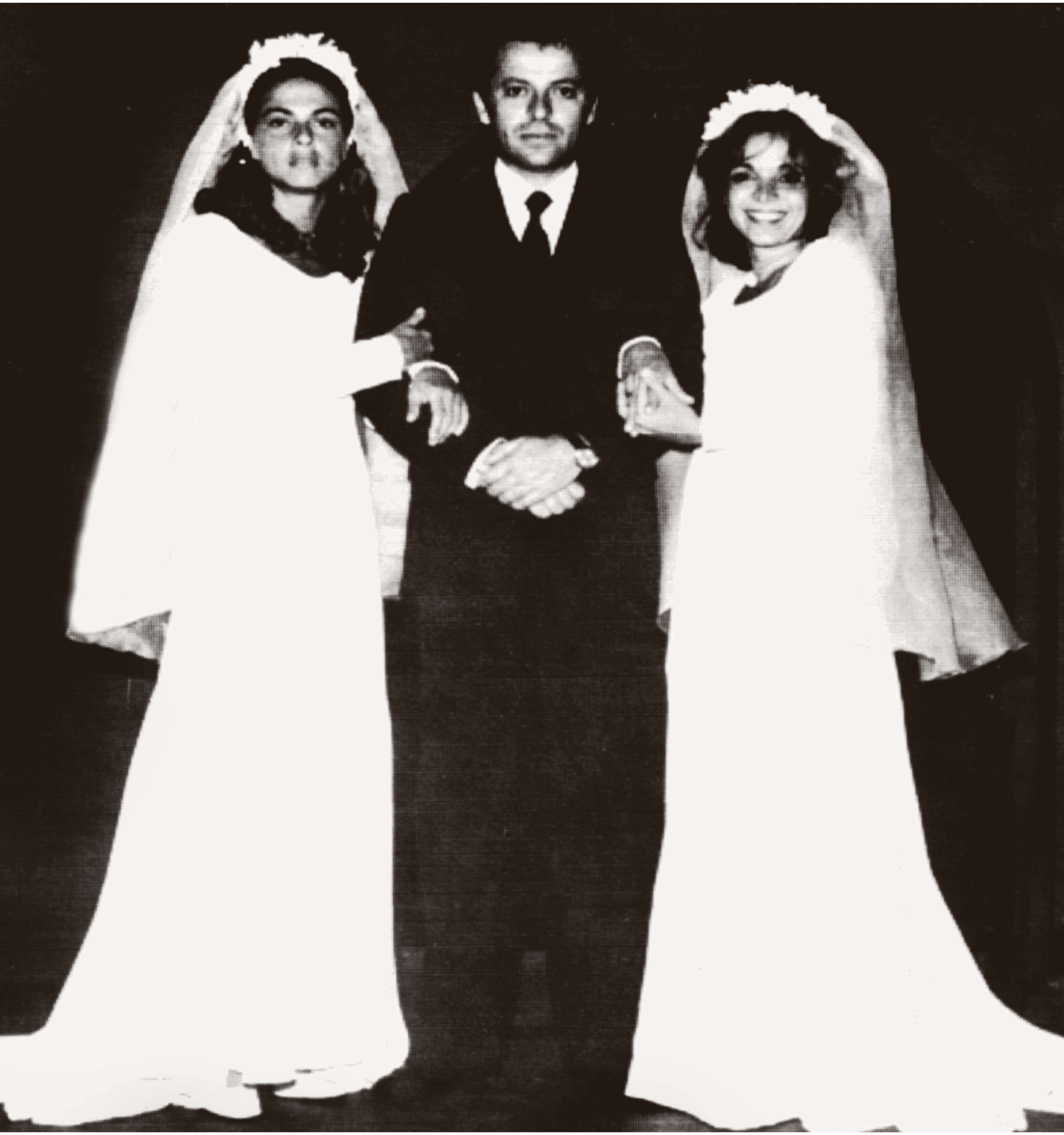
(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 1947)

"(...) É preciso saudar em Vestido de Noiva um dos instantes mais representativos do teatro brasileiro. Representativo e inaugural Nelson Rodrigues é hoje uma afirmação e se coloca entre os mais notáveis escritores teatrais que já tivemos, tão ou mais notável do que qualquer dos seus confrades. É preciso também saudar Santa Rosa como intrépido realizador, como figura ímpar das nossas artes plásticas, talvez a única que sendo ao mesmo tempo desenhista e pintor excelente, é um conhecedor dos mistérios do palco, um surpreendente malabarista de luzes de gambiarras e de magia dos cenários. E a Zbgniev Ziembinski a dedicação com que moldou no grupo d´Os Comediantes as imagens que vivem em Vestido de Noiva. (...)

(Guilherme Figueiredo, Correio da Manhã, 1948)

Capa do programa da montagem de 1976 de **VESTIDO DE NOIVA**

VESTIDO DE NOIVA Montagem 1976



GRUPO DE TEATRO BOTEQUIM APRESENTA

VESTIDO DE NOIVA

de NÉLSON RODRIGUES
direção ZIEMBINSKI
cenários originais de SANTA ROSA
reconstituídos por FERNANDO PAMPLONA
figurinos TAWFIK
assistente de direção JOÃO VIEITAS

iluminação	ZIEMBINSKI
execução da luz	MARIO GIL
assistente	MARCIO GIL
sonoplastia	LUIZ MARQUES
direção de cena	NEI MANDARINO
contra-regra	DUTRA
camareiras	ZULEICA
	MARIA DOS REIS
	MIRANDA
maquinista-chefe	DELFIM PEREIRA DA CRUZ
maquinistas	REGINALDO MOREIRA
	JOÃO DE FREITAS
	FRANCISCO LIMA
	FELIX DE LIMA
execução dos cenários	DELFIM E EQUIPE
execução dos figurinos	DONA MOÇA E EQUIPE
	ROCHA ALFAIATE E EQUIPE
execução dos chapéus	LUISA MARDSESAN
cartolas	GLORIA CHAPEUS LTDA.
adereços e flores	MARIE LOUISE NERY
sapatos das atrizes	DIAS
perucas	FIZSPAN
tocheiros	WILSON
maquiagem	HELENA RUBINSTEIN
divulgação	GRAÇA LAGO
fotos	LEONARDO CARNEIRO
fotografias do programa	SONIA NERCESSIAN
assistente de produção	LUIZ MARQUES
produção executiva e administração	ALVIM BARBOSA

Maria Cláudia (Lúcia), Carlos Vereza (Pedro) e Camila Amado (Alaíde) em **VESTIDO DE NOIVA**

Ficha Técnica da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** de 1976

Vestido de Noiva

"Na noite de dezembro, de 1943 em que estreou **Vestido de Noiva** se deram dois acontecimentos importantes: o acontecimento literário e o acontecimento teatral. A colocação do texto que o Nelson Rodrigues deu a sua peça intitulada **Vestido de Noiva** foi uma colocação, dentro de sua época, completamente nova. Uma colocação lúcida, talentosa, inspirada, humana e antes de mais nada, profundamente brasileira.

Essa tentativa, essa procura de um novo estilo da dramaturgia brasileira, manifestada dentro do **Vestido de Noiva** foi realmente um acontecimento importante, e que se responsabilizou durante várias dezenas de anos pelos rumos da dramaturgia brasileira.

O espetáculo **Vestido de Noiva**, o meu espetáculo, foi também sem dúvida um acontecimento, dentro do panorama teatral naquela época bastante melancólica. Foi um acontecimento surgido de uma crença profunda na possibilidade de se extrair um novo estilo teatral, um novo estilo de espetáculo enraizado nos temas, nas características, nos problemas e na temática do nosso povo. Este espetáculo, dentro do contexto de Nelson Rodrigues, de uma certa maneira, precedeu bastante a forma teatral brasileira especialmente usada naquela época.

Esses dois importantes acontecimentos surgiram na mesma hora e da maneira mais inesperada, num clima menos – talvez – apto para isso.

Por isso seria bom, talvez, perguntar: qual foi a razão, qual foi o motivo desse surgimento de dois acontecimentos importantes quando eles estavam menos visados e pressentidos? Como sempre, em situações semelhantes, tudo partiu de uma grande fé, de um grande amor e de uma grande vontade de fazer o melhor por aquilo que merece ser feito da melhor maneira possível. Havia uma pressão interior enorme entre a gente de boa vontade e de mente aberta, de emoção fortemente aquecida de se tentar fazer, no panorama da arte, especialmente da arte dramática basileira, algo que pudesse – não como se costuma dizer – fazê-la comparar com os outros, mas fazê-la produzir um fruto que realmente manifestasse a nossa própria força criativa dentro do panorama da arte dramática e teatral.

E o fruto nasceu!

Hoje, quando me lembro dos momentos de emoção da estréia de 1943, essas lembranças tornam-se tão patéticas que às vezes não consigo acreditar. Talvez tenham sido essas lembranças que nos levaram hoje a esse exame de consciência de reviver de novo dentro de um ambiente totalmente modificado e amadurecido – tanto no teatro quanto na literatura dramatúrgica brasileira – reviver esse documento que serviu durante vários anos – para não dizer décadas – de impulso, de manifesto, de alimento, de orientação ou de esperança para várias produções.

VESTIDO DE NOIVA – Camila Amado (Alaíde) e Norma Bengell (Madame Clessy) – Teatro BNH – Rio de Janeiro – 1976

E quando **Vestido de Noiva** de Nelson Rodrigues, com a minha direção, sobe agora ao palco, na forma igual ao espetáculo de 1943, o propósito é claro e nítido: não somente relembrar o testemunho da época, não somente recordar e fazer conhecer aos outros aquilo que aconteceu há 32 anos, mas ao mesmo tempo impor à nossa artística uma pergunta, um exame de consciência mostrando hoje esse mesmo espetáculo e tentando verificar até onde esse espetáculo da década de 40 permanece vivo, ativo, propondo sempre as coisas criadas de amor e de boa vontade. Talvez essa colocação do espetáculo **Vestido de Noiva** de 1976 é o aspecto mais importante, e eu mesmo, e acredito que o Nelson Rodrigues também, esperamos com a maior ansiedade, seriedade e aflição, o resultado para ver até onde estávamos certos ou até onde estávamos errados. Não tenho medo de levantar o pano. Tenho grandes esperanças neste texto e neste espetáculo. Acredito que há um fator poderoso de beleza e encanto fechado dentro dele. E o maior encanto e a maior beleza, consistem talvez nesse produto profundamente brasileiro, que viveu em nós durante vários anos para hoje renascer e ajudar a continuação do teatro brasileiro os seus melhores, mais certos e esperançosos caminhos."

(Ziembinski, texto publicado no Programa da montagem de 1976 de **Vestido de Noiva**)

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA:

alaíde	CAMILLA AMADO
primeira mulher	LIA FARREL
segunda mulher	SILVIA MARTINS
terceira mulher	FABIOLA FRACCAROLI
pedro	CARLOS VEREZA
pimenta	LUIZ CARLOS BURUCA
redator de o globo	ELIANO DE MEDEIROS
carioca-reporter	JOÃO VIEITAS
redator	PAULO TERRA
madame clessy	NORMA BENGUEL
gastão	FRANCISCO DANTAS
ligia	ESTELITA BELL
primeiro médico	JOLLAN PERROLI
segundo médico	D'ARTANGNAN JUNIOR
terceiro médico	FERNANDO LOPES
quarto médico	THIMOTEO DA COSTA
primeiro jornaleiro	ALTAIR JORGE
segundo jornaleiro	JALMYR MATOS
terceiro jornaleiro	MARCOS GIL
quarto jornaleiro	MARCIO SANCHES
mulher	DIRCE MIGLIACCIO
laura	BEATRIZ VEIGA
lucia	MARIA CLAUDIA
homem inatual	JORGE CHAIA
rapaz romântico	ROBERTO PIRILLO
mulher inatual	DIRCE MIGLIACCIO
médico de plantão	FERNANDO JOSÉ
mãe do namorado	ISABEL TERESA
locutor	CID MOREIRA

VESTIDO DE NOIVA inaugurou o Teatro do Banco Nacional da Habitação, dia 14 de janeiro de 1976, às 21 horas.

Patrocínio do SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL — MEC — DAC

Elenco da montagem de **VESTIDO DE NOIVA** em 1976

VESTIDO DE NOIVA – Carlos Vereza (Pedro), Camila Amado (Alaíde) e Norma Bengell (Madame Clessy) – Teatro BNH - Rio de Janeiro – 1976

VESTIDO DE NOIVA – Norma Bengell e Camila Amado – Teatro BNH – 1976

Ziembinski e o "Vestido de Noiva"

"A experiência de Vestido de Noiva em 1943 foi, até certo ponto, inesperada. A minha vinda ao Brasil, em 1941, não visava exatamente a permanência no País. Contudo, sendo profissional de teatro, senti necessidade de me ligar de alguma maneira, por menos ou mais tempo, ao teatro brasileiro. Foi assim que me uni ao grupo Os Comediantes, que na época representava um grupo de pessoas decididas a fazer teatro, mas um teatro bom, que satisfizesse suas idéias e representasse a realidade brasileira.

A peça de Nelson Rodrigues veio parar nas minhas mãos através de Brutus Pedreira. Em 1943 presenciávamos um teatro puramente digestivo. Sem querer criticar ninguém, era um teatro apoiado em um ou dois atores de excelentes qualidades histriônicas e extraordinário talento (...). Reuniam em torno de si um elenco para fazer a chamada "chanchada", um espetáculo para o público rir, relativamente simplório, com a repetição dos mesmos gabinetes, acendendo a gambiarra em baixo e em cima, luz branca de dia e luz azul de noite, e assim por diante. O aspecto técnico não seria espantoso. O que era verdadeiramente preocupante era o critério literário dos textos, que na maior parte se limitavam a pequenas comédias sem maiores significados, peças sem grande valor.

Os Comediantes, dentro desse panorama, se propunham a apresentar um repertório e uma existência do espetáculo dentro dos moldes internacionais, no caso, o espetáculo que tivesse a sua consciência artística, intelectual, formal e estética e que fosse cuidado sob todos os pontos de vista, tanto interpretativos como plásticos, sonoros, etc.

Dentro dessa proposição resolvemos montar um espetáculo maior, no qual o estilo do grupo seria apresentado pela primeira vez ao público. Reunimos seis textos clássicos, mas precisávamos de um grande texto nacional. Um dia o Brutus Pedreira apareceu com o texto de um jovem jornalista para que eu o apreciasse. Li e fiquei impressionado, não só pelo talento do autor, mas pela espontânea forma do espetáculo, inteiramente nova e avançada de dezenas de anos de concepções brasileiras e internacionais. A leitura da peça foi um choque, uma grande surpresa e uma grande emoção.

Mantive contato com Santa Rosa que já tinha os primeiros esboços do cenário, mas para um espetáculo a ser montado por profissionais. Entretanto, esse primeiro projeto não foi à frente e resolvemos incluir Vestido de Noiva no repertório dos Comediantes. Levamos nove meses para realizar a peça. Nove meses de intenso trabalho. Alguém poderia se espantar e pensar que foi um perfeccionismo, uma dessas divagações teatrais que às vezes se aplicam. Não era. Trabalhávamos em bases totalmente amadoristicas, e eu tinha um conceito do espetáculo totalmente profissional, um espetáculo acabado, projetado, realizado. Entendi que essa produção só tinha razão artística de ser se fosse levada às ultimas consequências . Então foram nove meses de trabalho árduo. E o espetáculo permaneceu na memória de muitos. (...)

Hoje vai para o palco novamente Vestido de Noiva. Para mim, é um interessantíssimo e profundo confronto. É esse o verdadeiro intuito do espetáculo ser levado hoje: o confronto das épocas, dos conceitos, dos propósitos e uma espécie de exame de consciência diante do que aconteceu, do que poderá acontecer, do que acontecerá, aonde nós fomos, aonde nós podemos ir, aonde nós não fomos, aonde não poderemos ir. O espetáculo, pela sua

marca de 1943, derrubou todos os conceitos de atualidade teatral do Rio. Naquele momento criou novas propostas, semeou autores, semeou a visão da literatura dramatúrgica brasileira, semeou o conceito brasileiro dentro do teatro, dos propósitos brasileiros, do tecido brasileiro da musicalidade da língua brasileira, do confronto da individualidade brasileira, e do tipo de vida que o homem carioca, levava. Foi um marco. Foi uma espécie de tirar as tripas para fora e mostrar o que realmente aquele época vivia, confrontando com aquilo que costumávamos aceitar como nossa realidade teatral e que, na verdade, era uma cópia do *vaudeville* mundial que nada tinha a ver com o ambiente brasileiro.

Passados 33 anos, reconstruo o espetáculo da mesma maneira como foi concebido dentro dos cenários do Santa Rosa, com a mesma concepção de direção e iluminação, para ver aonde se situa esse espetáculo feito hoje, com recursos diferentes, com atores profissionais, com uma consciência teatral e do público diferentes. Para ver o que ele representa perante nossa consciência teatral e como divisão do tempo, de 43 a 76."

(Ziembinski, Jornal O Globo, 14/01/1976)

VESTIDO DE NOIVA – Norma Bengell e Camila Amado (de noiva) em uma cena do espetáculo

VESTIDO DE NOIVA – Nelson Rodrigues, Maria Cláudia, Ziembinski, Carlos Vereza, Camila Amado, Norma Bengell na noite de estréia da montagem de 1976 no Rio de Janeiro

VESTIDO DE NOIVA – Nelson Rodrigues e Ziembinski com o elenco recebem os aplausos ao final da estréia da montagem de 1976 no Teatro BNH no Rio de Janeiro

" É realmente incrível que o texto de Nelson Rodrigues, a montagem de Ziembinski e o cenário de Santa Rosa, em Vestido de Noiva, não mostrem o menor sinal de envelhecimento , trinta e dois anos após a estréia, ocorrida em dezembro de 1943. Nenhum dos valores que marcaram o lançamento do espetáculo, considerado unanimemente a origem do teatro brasileiro moderno, parece prisioneiro de outro tempo e incapaz de falar à sensibilidade de hoje. (...)

Vestido de Noiva não pode provocar hoje o choque da primitiva montagem, porque muitas das inovações que trouxe acabaram por povoar o nosso cotidiano teatral, como em todo pioneirismo vencedor. O espetáculo adquiriu a serenidade do clássico oferecendo ao público uma sensação de plenitude, pelo consórcio feliz de todos os seus elementos. Poucas vezes dramaturgo, diretor e cenógrafo se entenderam tão bem e somaram esforços para o mesmo fim. Resulta a imagem da obra prima, que foi de ontem como é de hoje e será de amanhã. (...)"

(Sábato Magaldi, Jornal da Tarde/SP, 20/01/1976)

“ (...) Mas o que permanece mais atual na peça é um aspecto que na época da estréia (1943) não parece ter provocado maior impacto: a diabólica perfeição de sua estrutura dramatúrgica. O jogo dos três planos – realidade, memória e delírio – comandados por uma entidade abstrata – o cérebro de uma pessoa agonizante – funciona como um autêntico quebra-cabeça, de um extremo rigor lógico, que solicita do espectador uma participação ativa num nível ao mesmo tempo lúdico e intelectual; lúdico, como se estivéssemos brincando para valer com um quebra-cabeça; e intelectual, como se estivéssemos descobrindo o prazer de acompanhar, passo a passo, um raciocínio intrincado. (...)

A direção de Ziembinski continua válida em quase todos seus aspectos, a começar pela sua lendária iluminação, que mesmo se tivesse sido originalmente concebida agora, ainda seria uma iluminação excepcional: poucas vezes vi, até hoje, um espetáculo tão magistralmente esculpido com recursos exclusivamente luminosos.

(...) O acerto das interpretações pertence ainda à concepção geral da direção (...) e com inteligência os atores assimilaram e executaram a proposta estilística em que se baseia a linguagem cênica adotada.

Este é também, o caso do esplêndido dispositivo cênico de Santa Rosa reproduzido por Fernando Pamplona. É difícil imaginar que outra estrutura cenográfica permitiria, com a mesma eficiência, beleza plástica e simplicidade, os bruscos pulos de ação de um plano para outro, isolados, clareados e esclarecidos pelos focos luminosos. (...)”

(Yan Michalski, Jornal do Brasil, janeiro 1976)

“ (...) Executado com aguçada precisão por um velho mestre do tablado, o espetáculo poderia ser apenas nostálgico. Mas transformou-se sobretudo em uma lição. Entre outros ensinamentos, mostra como convém ao artista o profissionalismo, e prova que este, felizmente, pode ser conseguido sem nenhuma perda de espontaneidade. No papel central, Camila Amado consegue ser sentimental até o ponto exato que deseja, sem errar o tom por um só momento. Norma Bengell sugere uma Madame Clessi comovente, diáfana e sem esquecer jamais que se trata de uma prostituta, igualmente prática. Carlos Vereza vive com perfeição, em Pedro, as funções de marido, assassino e amante. Sob a batuta de Ziembinski, os três compõem uma requintada sinfonia interpretativa que, aparentemente, devido a tanto preciosismo, só caberia em salas eruditas. Mas que resulta, no fundo, mais moderna e comunicativa do que a maioria das vanguardas teatrais do país. (...)”

(Marinho de Azevedo, Revista Veja, 21/01/1976)

Teatro

Comecei a dirigir aqui no Brasil no dia 27 de novembro de 1941. (**À Beira da Estrada** de Jean-Jacques Bernard com tradução de Agostinho Olavo). Estreamos no dia 28 de dezembro do mesmo ano. Ficamos 1 semana em cartaz no Teatro Ginástico, o que foi um relativo sucesso, pois o teatro era absolutamente dominado por vaudeville e chanchadas e nós tentávamos fazer alguma coisa diferente, de interesse apenas dos grupos mais intelectualizados." (6)

Ziembinski em **PEGA FOGO**

AS PRECIOSAS RIDÍCULAS e ORFEU (1942)

MOLIÉRE

AS PRECIOSAS RIDICULAS

COMEDIA EM 1 ATO

COCTEAU

ORFEU

TRAGEDIA EM 1 ATO

INTERPRETES PELA ORDEM DE ENTRADA EM CENA:

DU CROISY................ELOY BRANDÃO
LA GRANGE......................LUIS TITO
GORGIBUS...................GRAÇA MELLO
MAROTTE......MARIA BARRETO LEITE
MADELON..................LIGIA WALKER
CATHOS...................ZÉZÉ PIMENTEL
MASCARILLE..............MARIO BRASINI
CARREGADOR............ERNESTO SOUSA
CARREGADOR.............FADÁH GATTAS
ALMANZOR............ARMANDO RIEDEL
JODELET..................OSVALDO ÉBOLI
ESPADACHIM..........MARCELO MURICY
ESPADACHIM.................JOSÉ MAURO

CENARIO E FIGURINOS
A. OLAVO RODRIGUES

ORFEU.................PAULO SOLEDADE
EURIDICE................ZÉZÉ PIMENTEL
CAVALO..................FADAH GATTASS
HEURTEBISE.............ELOY BRANDÃO
A MORTE.........LUISA BARRETO LEITE
AZRAEL................ARMANDO RIEDEL
RAFAEL........................JOSÉ MAURO
GUARDA........OCTAVIO GRAÇA MELLO
COMISSARIO...............MARIO BRASINI

CENARIO E FIGURINOS
GUSTAVO DORIA

Tradução de RAUL PENIDO FILHO

DIREÇÃO CENICA:
ZIEMBINSKY

As roupas da Morte e de Euridice foram gentilmente executadas por CAPITÚ — MODAS.

Capa do Programa

Ficha técnica do espetáculo

FIM DE JORNADA (1943)

TEATRO GINÁSTICO

SABADO, 4 - DOMINGO, 5 DE DEZEMBRO, DE 1943

TEMPORADA

DE 1943

DE

OS COMEDIANTES

SEGUNDO ESPETÁCULO:

FIM DE JORNADA

(JOURNEY'S END)

PEÇA EM 3 ATOS E 6 QUADROS DE

R. C. SHERIFF

Tradução de ISAAC PASCHOAL

HARDY	CARLOS PERRY
OSBORNE	OTÁVIO GRAÇA MELO
MASON	ALVARO ALBERTO
RALEIGH	CARLOS MELLO
STANHOPE	ZBIGNIEW ZIEMBINKI
TROTTER	FIGUEIREDO JR.
BERT	ARMANDO COUTO
HIBBERT	BRUTUS D. G. PEDREIRA
SARGENTO	FADAH GATTAS
CORONEL	NELSON VAZ
SOLDADO ALEMÃO	DARCY DOS REIS
SOLDADO INGLÊS	JAYME DOS REIS

FRANÇA - ST. QUENTIN — 1918

Direção de Cena — ZBIGNIEW ZIEMBINSKI

Ficha Técnica

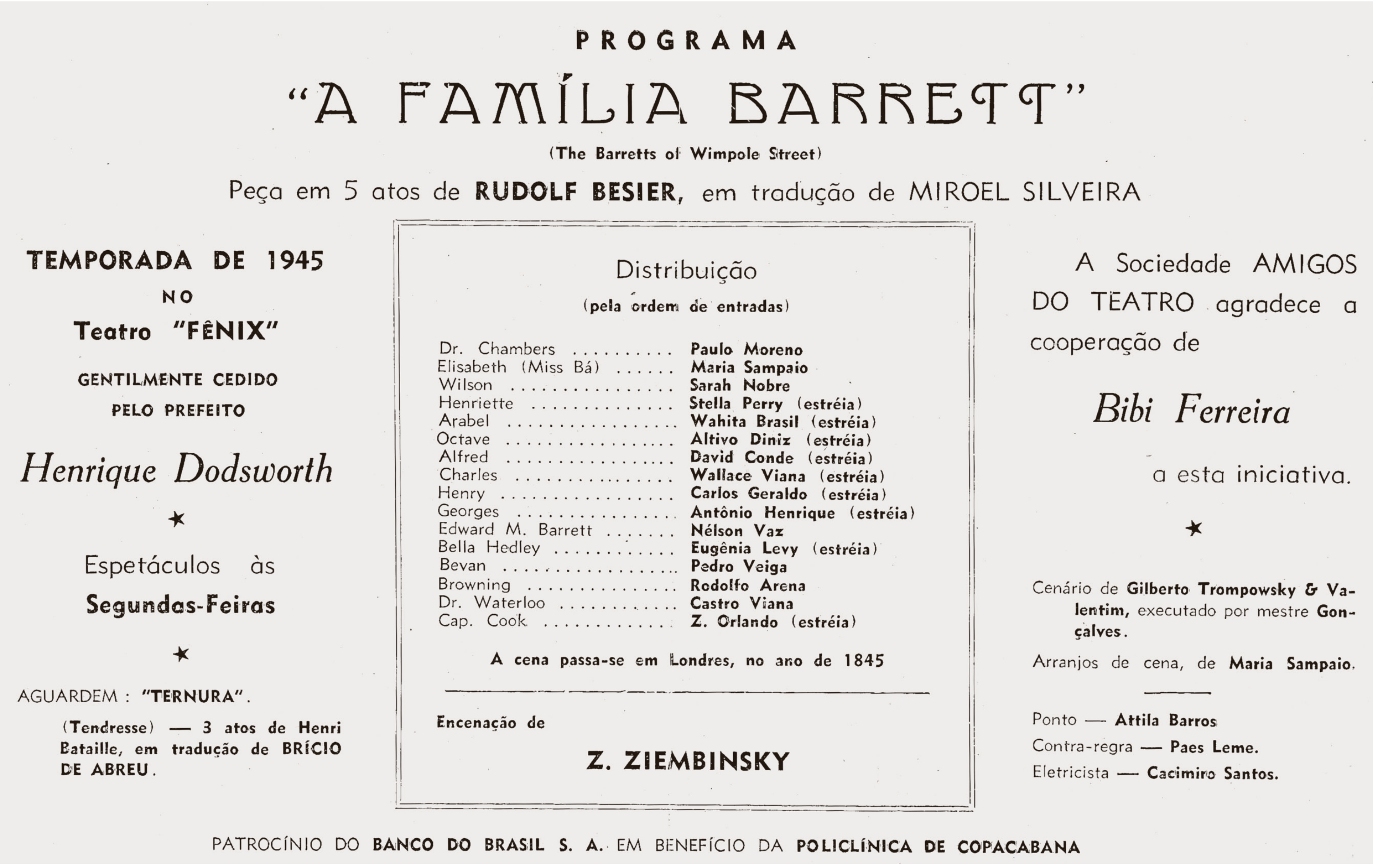
PELLEAS E MELISANDA (1943)

Ingresso do espetáculo (panfleto)

Vista geral do cenário de Santa Rosa criado para **PELLEAS E MILISANDA**, peça dirigida por Ziembinski "Os Comediantes" em 1943

PELLEAS E MELISANDA – Destaque para a cenografia criada por Santa Rosa para o espetáculo dirigido por Ziembinski no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1943

A FAMÍLIA BARRET (1945)



PROGRAMA

"A FAMÍLIA BARRETT"

(The Barretts of Wimpole Street)

Peça em 5 atos de **RUDOLF BESIER,** em tradução de MIROEL SILVEIRA

TEMPORADA DE 1945

NO

Teatro "FÊNIX"

GENTILMENTE CEDIDO

PELO PREFEITO

Henrique Dodsworth

★

Espetáculos às

Segundas-Feiras

★

AGUARDEM : **"TERNURA".**

(Tendresse) — **3 atos de Henri Bataille, em tradução de BRÍCIO DE ABREU.**

Distribuição

(pela ordem de entradas)

Dr. Chambers	**Paulo Moreno**
Elisabeth (Miss Bá)	**Maria Sampaio**
Wilson	**Sarah Nobre**
Henriette	**Stella Perry (estréia)**
Arabel	**Wahita Brasil (estréia)**
Octave	**Altivo Diniz (estréia)**
Alfred	**David Conde (estréia)**
Charles	**Wallace Viana (estréia)**
Henry	**Carlos Geraldo (estréia)**
Georges	**Antônio Henrique (estréia)**
Edward M. Barrett	**Nélson Vaz**
Bella Hedley	**Eugênia Levy (estréia)**
Bevan	**Pedro Veiga**
Browning	**Rodolfo Arena**
Dr. Waterloo	**Castro Viana**
Cap. Cook	**Z. Orlando (estréia)**

A cena passa-se em Londres, no ano de 1845

Encenação de

Z. ZIEMBINSKY

A Sociedade AMIGOS DO TEATRO agradece a cooperação de

Bibi Ferreira

a esta iniciativa.

★

Cenário de **Gilberto Trompowsky & Valentim,** executado por mestre **Gonçalves.**

Arranjos de cena, de **Maria Sampaio.**

Ponto — **Attila Barros**

Contra-regra — **Paes Leme.**

Eletricista — **Cacimiro Santos.**

PATROCÍNIO DO **BANCO DO BRASIL S. A.** EM BENEFÍCIO DA **POLICLÍNICA DE COPACABANA**

Ficha Técnica do espetáculo **A FAMÍLIA BARRET**

O elenco da "Sociedade Amigos do Teatro", 1945

ERA UMA VEZ UM PRESO (1946)

Ziembinski em uma cena do espetáculo (1946)

Panfleto de divulgação do espetáculo

Ficha Técnica do espetáculo

DESEJO (1946)

OS v COMEDIANTES

APRESENTAM HOJE NO

Theatro Gymnastico

DESEJO

(Desire under the elms)

Drama em 3 atos de O'NEILL (Premio Nobel de literatura)
Tradução de Miroel da Silveira

Personagens por ordem de entrada em cêna:

EBEN...........	Sandro Polloni
SIMÃO..........	Graça Mello
PEDRO..........	Jardel Filho
ABBIE..........	Olga Navarro
EFRAIM CABOT	Ziembinski
RABEQUISTA...	Jackson de Souza
CONVIDADO....	David Conde
DELEGADO.....	João Angelo Labanca

Outros convidados: Virginia Vanni, Berta Scliar, Amalita, Maria Margarida Lopes, Nieta, Waldir Moura, Geraldo Ribeiro, Marcos R. dos Santos, e Fernando Lanzelotte.

Direção de Cena: ZIEMBINSKI

TEATRO POPULAR DE ARTE apresenta

DESEJO

(Desire under the elms)

EUGENE O'NEILL

Tradução: MIROEL SILVEIRA

Direção Original: ZIEMBINSKI

Produção e Remontagem: SANDRO

Cenários e Figurinos de:
EROS MARTINS GONÇALVES

★

personagens pela ordem de aparecimento em cena:

Eben Cabot	★	SANDRO
Pedro Cabot	★	OSVALDO LOUZADA
Simão Cabot	★	BENJAMIN CATTAN
Efrain Cabot	★	EUGENIO KUSNET
Abbie Putnan	★	MARIA DELLA COSTA
1.a Moça	★	ELZA RIAN
Homem	★	SEBASTIÃO CAMPOS
Rabequista	★	PAULO CORRÊA
Mulher	★	ILEMA DE CASTRO
Delegado	★	SADI CABRAL

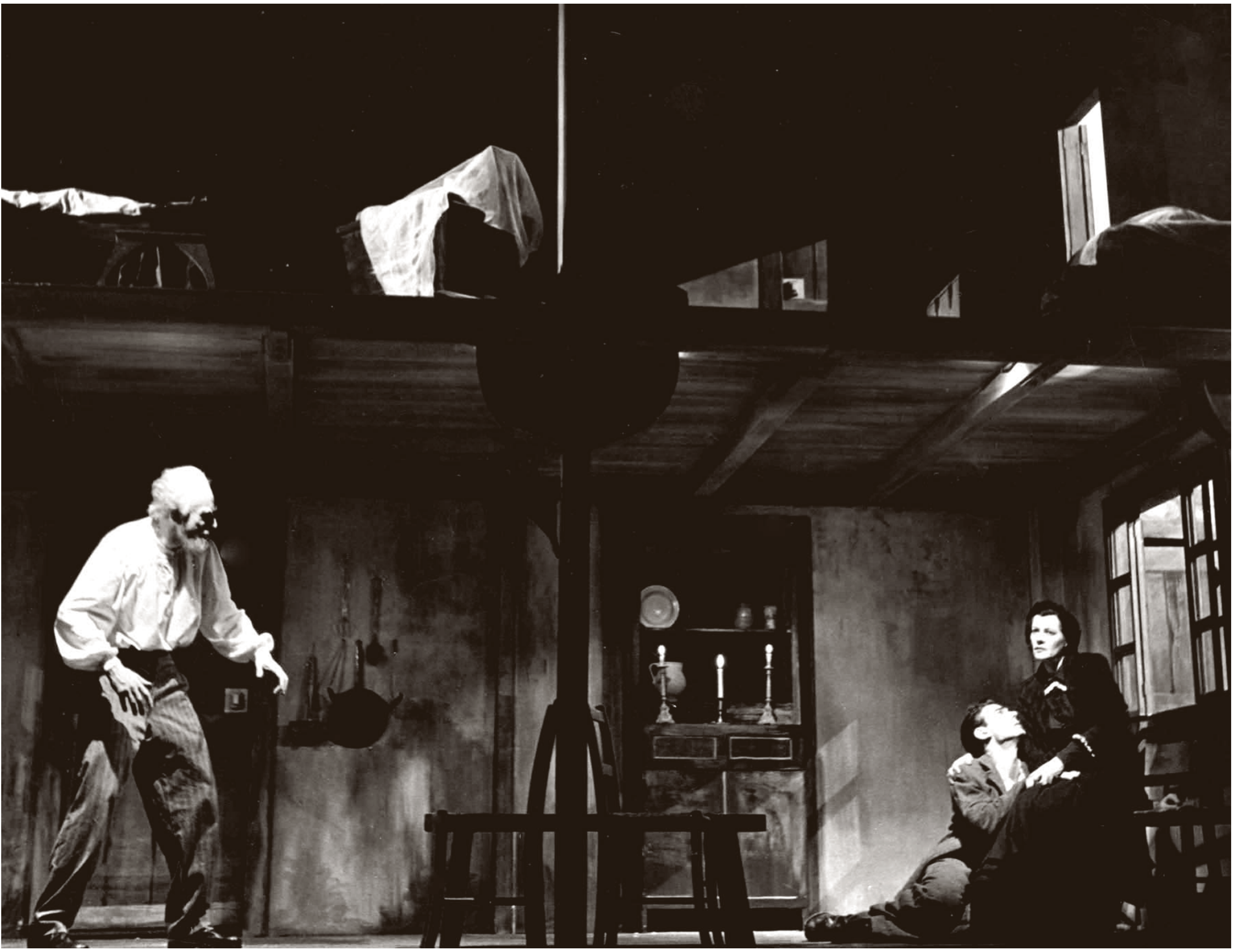
HOMENS E MOÇAS DA VILA

três atos
seis quadros

*

maquinista: PUPE e PAULINHO
contra-regra: GARCIA

DESEJO – Da esquerda para direita, Sandro Polloni, Olga Navarro e Labanca



DESEJO - Ziembinski (Efraim Cabot), Sandro Polloni (Eben), Olga Navarro (Abbie)

DESEJO – Ziembinski, Olga Navarro e Sandro Polônio – 1946

A RAINHA MORTA (1946)

Capa do Programa do espetáculo

A RAINHA MORTA

(COMO SE MATAM MULHERES)

DE MONTERLANT — TRAD. DE BRUTOS PEDREIRA

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CÊNA:

Personagem	Intérprete
Rei de Portugal	ZIEMBINSKI
Infanta de Navarra	MARGARIDA REY
Infante de Navarra	VALDIR MOURA
Damas de Honor	VIRGINIA VANNI, BERTA SCLIAR e AMALITA
Manoel Ocayo	MARCOS R. DOS SANTOS
Infante Dom Pedro	SANDRO POLLONI
Inês de Castro	MARIA DELLA COSTA
Criado	ARMINDO G. LOURENÇO
Dom Cristóvão	JOSÉ DE MAGALHÃES GRAÇA
Oficiais	TOMAZ DE MELO DIAS, HELMUT SCHNETZER e HANS STEM KRUMFELD
Egas Coelho	ORLANDO GUY
Alvaro Gonçalves	DAVÍ CONDE
Dom Eduardo	JACKSON DE SOUZA
Dino del Moro	JOSEF GUERREIRO
Pagens	NESTOR LINDENBERG e ALOYSIO DIAS DE MORAES
Principe do Mar	JARDEL FILHO
Alferes Batalha	JOÃO ANGELO LABANCA
Guardas	NELSON DE ALBUQUERQUE, JOSÉ ALONSO FARIAS, GENTIL SILVEIRA e RENATO RAMOS

E mais Damas e Senhores da Côrte

DIREÇÃO DE CÊNA	ZIEMBINSKI
CENARIOS E FIGURINOS	SANTA ROSA
ASSESSOR ARTISTICO	BRUTOS PEDREIRA
DIRETOR-GERAL	MIROEL DA SILVEIRA

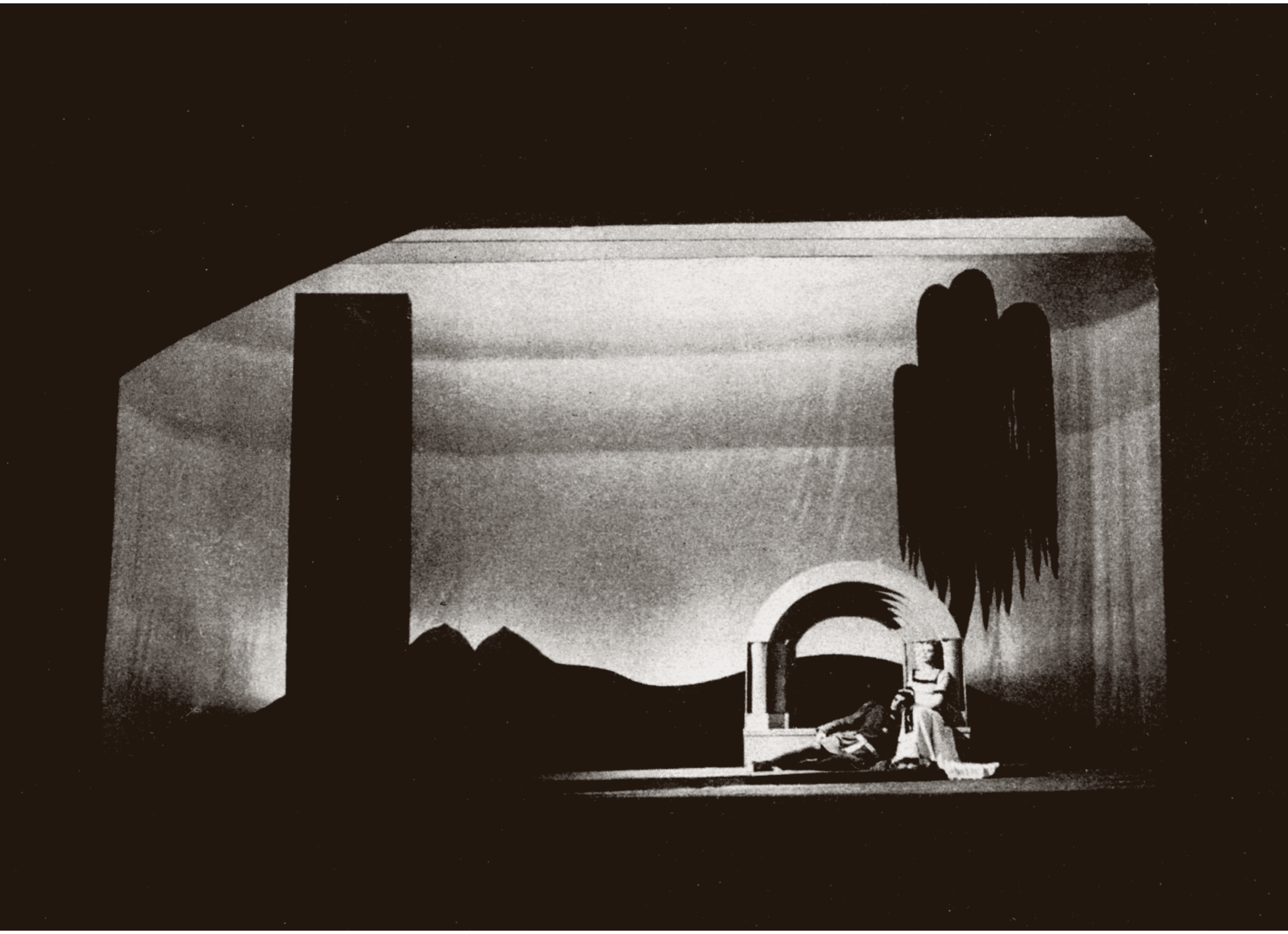
Assistente da Direcão: João Angelo Labanca.
Régisseur: Armindo G. Lourenço
Maquinista-Chefe: Pilade Romano.
Eletricista-Chefe: Jair Andrade.

No teatro de "OS v COMEDIANTES" não ha ponto, não ha cambista, não ha claque.

Guarda-roupa confeccionado por Nieta, rua Pompeu Loureiro 111-A. casa 2. telefone 27-3706. Cabeleireiro: FISCHPAN, rua 7 de Sefembro 217. 1. O vestido de Inês de Castro, no 2- Ato, é confecção de CANADÁ DE LUXE, Avenida Rio Branco 138-A. Penteados de Inês de Castro por Renault. Fotos Halfeld.

A RAINHA MORTA – Maria Della Costa e Sandro Polloni – 1947

Ficha Técnica de **A RAINHA MORTA**



Página anterior: **A RAINHA MORTA** – Foto apresentando a cenografia de Santa Rosa com parte do elenco em cena

A Rainha Morta - Maria Della Costa e Sandro Polloni em uma cena do espetáculo

Cena do espetáculo **A RAINHA MORTA**

Cena do espetáculo **A RAINHA MORTA**

TERRAS DO SEM FIM (1947)

Capa do programa da montagem de **TERRAS DO SEM FIM**

Graça Mello

OS COMEDIANTES ASSOCIADOS

APRESENTAM

O ROMANCE DE JORGE AMADO

"TERRAS DO SEM FIM...

ADAPTAÇÃO TEATRAL DE **GRAÇA MELLO**

PEÇA EM 3 ATOS E 20 QUADROS ENCENAÇÃO E DIREÇÃO DE **ZYGMUNT TURKOW**

Cenários de **SANTA ROSA** — Execução de **SANDRO**

MUSICAS DE **DORIVAL CAYMMI**

Jorge Amado

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA:

Cancioneiro Popular	*Tito Fleury*
Coronel Horacio da Silveira	*Ziembinsky*
Ester	*Maria Della Costa*
Dr. Virgilio	*Sandro Polloni*
Maneca Dantas	*Labanca*
Felismina	*Ruth de Souza*
Velho Antonio	*Wallace Vianna*
1.º Trabalhador	*Valdir Moura*
2.º Trabalhador	*Josef Guerreiro*
Sinhô Badaró	*Tito Fleury*
Juca Badaró	*Jardel Filho*
Don'Ana Badaró	*Margarida Rey*
Negro Damião	*Aguinaldo Camargo*
Viriato	*Magalhães Graça*
Firmo	*Valdir Moura*
Tonico Borges	*Jackson de Souza*
Dr. Jesse	*Magalhães Graça*
Dona Zefinha	*Yara Izabel*
Professora	*Nieta Junqueira*
Azevedo	*David Conde*
Margot	*Cacilda Becker*
Nhôzinho	*Josef Guerreiro*
Totonio	*Valdir Moura*
Raimunda	*Ruth de Souza*
Argemiro	*Josef Guerreiro*
Pai Jeremias	*Jackson de Souza*
Capanga	*Wallace Vianna*
Meirinho	*Valdir Moura*
Juiz	*Jardel Filho*
Promotor	*Tito Fleury*
Escrivão	*Josef Guerreiro*

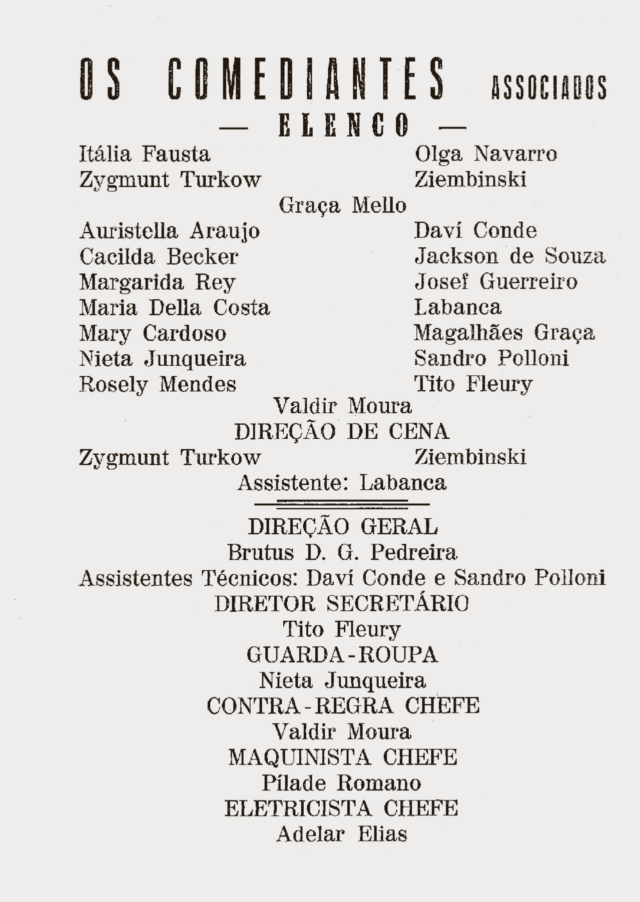
Negros, Capangas, Soldados, Jurados.

Assistente-Direção: LABANCA. — Diretor-Montagem: SANDRO. — Assistente Técnico: DAVID.
Chefe Contra-Regra: VALDIR MOURA. — Chefe Maquinaria: ROMANO. — Chefe Eletricista: ELIAS.
Guarda-roupa: NIETA.

COLABORAÇÃO DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO

AÇÃO — MUNICIPIO E CIDADE DE ILHÉUS — PRINCIPIOS DO SECULO XX — BAHIA

NÃO SOU EU (1947)


OS COMEDIANTES ASSOCIADOS

— ELENCO —

Itália Fausta
Zygmunt Turkow
Olga Navarro
Ziembinski
Graça Mello
Auristella Araujo
Cacilda Becker
Margarida Rey
Maria Della Costa
Mary Cardoso
Nieta Junqueira
Rosely Mendes
Daví Conde
Jackson de Souza
Josef Guerreiro
Labanca
Magalhães Graça
Sandro Polloni
Tito Fleury
Valdir Moura

DIREÇÃO DE CENA
Zygmunt Turkow
Ziembinski
Assistente: Labanca

DIREÇÃO GERAL
Brutus D. G. Pedreira
Assistentes Técnicos: Daví Conde e Sandro Polloni
DIRETOR SECRETÁRIO
Tito Fleury
GUARDA-ROUPA
Nieta Junqueira
CONTRA-REGRA CHEFE
Valdir Moura
MAQUINISTA CHEFE
Pílade Romano
ELETRICISTA CHEFE
Adelar Elias

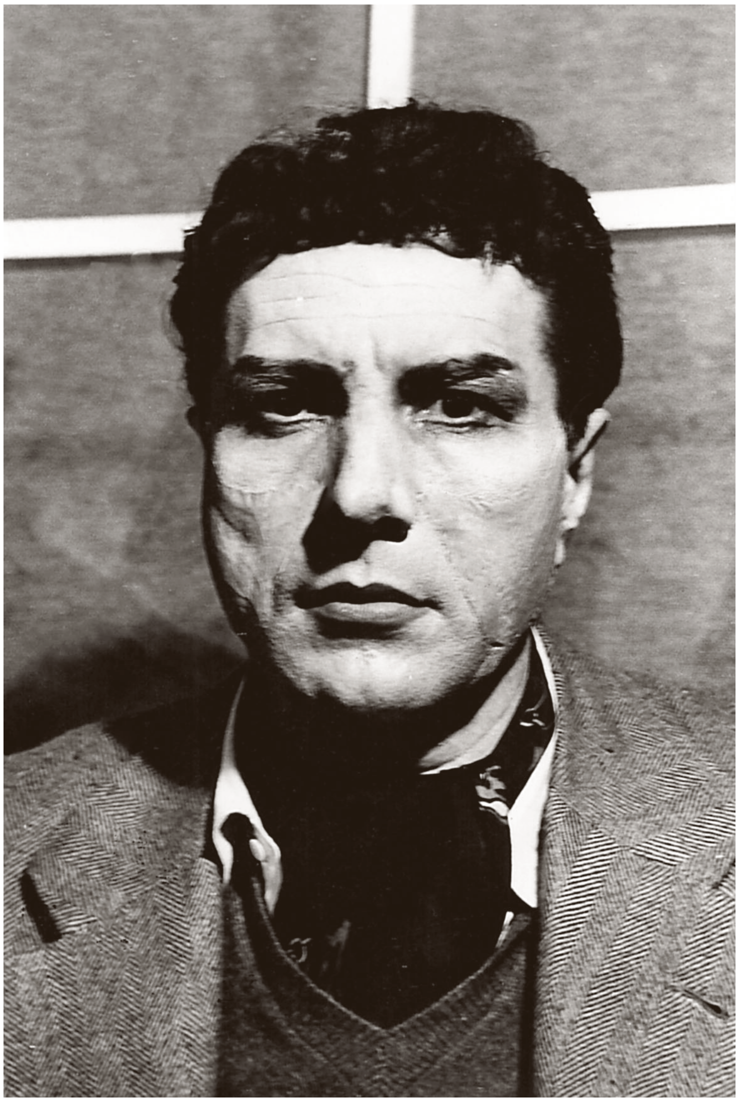
TERRAS DO SEM FIM –Ficha Técnica

TERRAS DO SEM FIM – Maria Della Costa, Ziembinski, Sandro Polloni, Labanca e Valdir Moura – 1947

NÃO SOU EU – Capa do Programa

NÃO SOU EU –Ficha Técnica

NÃO SOU EU – Cacilda Becker e Ziembinski – Os Comediantes – Teatro Serrador – Rio de Janeiro 1948



Ziembinski em **NÃO SOU EU**

Ziembinski e Cacilda Becker em uma cena de **NÃO SOU EU**

Cacilda Becker em **NÃO SOU EU**

NÃO SOU EU – Maria Della Costa e Cacilda Becker em uma cena do espetáculo

NÃO SOU EU - Cacilda Becker, David Conde e Ziembinski (sentado ao fundo)

" (...) Dirigiu **Não Sou Eu**... Ziembinski, e manda a verdade que se diga que o fez de maneira admirável. A peça está excelente marcada e ensaiada, com efeitos os mais belos que tem aparecido ultimamente, cheia de detalhes que a valorizam e enfeitam. O segundo e terceiro atos estão muito bem desenhados e oferecem margem a Cacilda Becker para positivar o seu belo talento de comediante. (...)."

(Gustavo A. Dória, Jornal O Globo, 3/10/1947)

ANJO NEGRO (1948)

Maria Della Costa e Nicete Bruno
em uma cena de **ANJO NEGRO**

ANJO NEGRO – Maria Della Costa em
uma cena da montagem de 1948

Sandro

apresenta

ANJO NEGRO

de

Nelson Rodrigues

TEATRO FENIX

ANJO NEGRO

TRAGÉDIA EM 3 ATOS DE NELSON RODRIGUES

SANDRO . . . . Produção e Cenários
ZIEMBINSKI. . . . . Direção, Cenários e Figurinos
HERCIO CALDAS . . . . Diretor Social
EXPEDITO PORTO . . . Organização e Publicidade dêste Programa

DISTRIBUIÇÃO POR ORDEM DE APARECIMENTO

SENHORAS

PEROLA NEGRA - EUNICE FERNANDES - REGENE MILETI - PAULA SILVA - ZENI PEREIRA - AUGUSTA SILVA

ELIAS . . . . Josef Guerreiro

CARREGADORES

GERALDO PEREIRA — JORGE AGUIAR — AIMORÉ NOGUEIRA — MILTON ROCHA

ISMAEL - Orlando Guy
VIRGINIA - Maria Della Costa
CRIADA - Maria de Oliveira
TIA - Italia Fausta

PRIMAS

NIETA JUNQUEIRA — ROSELY MENDEZ — YÁRA BRASIL — AURORA LA BELLA

ANA MARIA . . Nicette Brunno

A AÇÃO SE PASSA EM QUALQUER TEMPO, EM QUALQUER LUGAR

WALDIR MOURA — Assistente de Cena — NIETA — Confecção dos Figurinos
JORGE — Eletricista — VITORINO COELHO — Maquinista

"A IMPERIAL"
Gonçalves Dias, 56

"IMPERIAL PALACE"
OUVIDOR, esquina Gonçalves Dias

"IMPERIAL ESPORTE"
AVENIDA COPACABANA, 635

AS TRES CASAS QUE DITAM A MODA FEMININA NO BRASIL

Capa do Programa do espetáculo

Panfleto de divulgação

ANJO NEGRO – Maria Della Costa, Itália Fausta e Orlando Guy – 1948

ANJO NEGRO – Da esquerda para direita, Nelson Rodrigues, Sandro Polônio, Bricio Abreu, Ziembinski, Emil Fahart e Edmundo Maia – Theatro Phenix RJ – 1948

MEDÉIA (1948)

MEDÉIA – Dary Reis e Henriette Morineau – 1948

Henriette Morineau como **MEDEIA**

MEDÉIA – Henriette Morineau em uma cena do espetáculo – Teatro Ginástico - 1948

UMA RUA CHAMADA PECADO (1948)

Capa do Programa

UMA RUA CHAMADA PECADO – Graça Mello e Henriette Morineau – 1948

"OS ARTISTAS UNIDOS" apresentam

UMA RUA CHAMADA PECADO

(A streetcar named Desire)

(Impr. até 18 anos)

Peça em 3 atos e 11 quadros de Tennessee Williams
Tradução de Carlos Lage

Direção, "mise-en-scène" e cenário de Ziembinski

Distribuição por ordem de entrada em cena:

Uma preta	Zeny Pereira (estréia)
Eunice Gunter	Margarida Rey
Um homem	N. N.
Um marinheiro	N. N.
Vendedora de Tamales	Joyce Oliveira
Roberto Kowalsky	Graça Mello
Harold Mitchell	A. Fregolente
Stella Kowalsky	Flora May
Blanche Du Bois	HENRIETTE MORINEAU
Steve Gunter	Luiz Fróes (estréia)
Pablo Gonzalez	Jacy Campos
O cobrador	Dary Reis
Vendedora de flôres	Maria Castro
O Médico	Arthur Costa
A enfermeira	Joyce Oliveira

Ação em New-Orleans na época atual

Músicas de Claude Austin

O vestido de "soirée" de Henriette Morineau é de Sílvio e Teixeira

"Regisseur" — Arthur Costa; Assistente de direção — Jacy Campos; Ponto — Irineu Freitas; Eletricista — A. Elias

Execução do cenário — Pilade Romano; Sonoplastia de Jacy Campos
Administrador — Abílio Menezes

Cerveja Americana graciosamente cedida por "USABRA"

"OS ARTISTAS UNIDOS" agradecem a "Mesbla S. A.", "Móveis Lemos" Ltda., "Móveis Taveira e Victorino" e "Bazar América" a gentil colaboração na "mise-en-scène" de "UMA RUA CHAMADA PECADO".

Uma Rua Chamada Pecado - Première no Teatro Ginástico

" (...) No desenvolvimento cênico, tão grande estrutura, a direção de Ziembinski soube captar perfeitamente as mais diferentes sutilezas do autor. Desta maneira foi possível sentir uma atmosfera vibrante entre as personalidades em choque. Desde os "backgraund" de marcações corretas, tudo foi meticulosamente ensaiado. De uma peça excepcional surgiu belo espetáculo, onde o sentido de coesão foi mantido independente de raras e desculpáveis hesitações de poucos elementos (...). Excelente cenário e a "mise-em-scene" de Ziembinski, o alicerce da bela noite proporcionada. (...)"

(A Manhã, Rio de Janeiro, junho/1948)

Ficha Técnica do espetáculo publicada no programa

UMA RUA CHAMADA PECADO – Em primeiro plano Fregolente e Henriette Morineau

UMA RUA CHAMADA PECADO - Uma cena do espetáculo com Henriette Morineau ao centro

REVOLTA EM RECIFE (1948)

Panfleto do espetáculo **REVOLTA EM RECIFE**
para sua temporada no Rio de Janeiro

TEMPORADA SOB O PATROCÍNIO DE MANOEL BANDEIRA, GILBERTO FREYRE, CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, POMPEU DE SOUZA, NELSON RODRIGUES E AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT.

★

DISTRIBUIÇÃO

(por ordem de entrada em cena)

Dr. Alvaro .... *ZIEMBINSKI*

Siá Emilia .... CORA COSTA

Ninito .... JOSEPH GUERREIRO

Dr. Paulo .... JESUS RUAS

Vera .... MILDRED SANTOS (por deferência da Rádio Tupí)

Arabela .... JUREMA MAGALHÃES

Wenceslau ..KARLOS COUTO (por deferência da Rádio Guanabara)

Um homem .... N. N.

★

Direção geral : *Ziembinski*

Cenários de *Armando Iglésias*

Efeitos de luz de *Ziembinski*

Contra regra : *Jaime Soares*

Montagem : *Arthur Martins Pamplona*

José de Alencar.

Ficha técnica do espetáculo **REVOLTA EM RECIFE**

NOSSA CIDADE – Cena do espetáculo realizado pelo
Teatro de Amadores de Pernambuco – Recife 1949

ALÉM DO HORIZONTE (1949)

TEATRO SANTA ISABEL

ALÉM DO HORIZONTE

Drama em 3 atos

de

EUGENE O'NEILL

pelo

TEATRO UNIVERSITÁRIO DE PERNAMBUCO

Distribuição, por ordem de entrada:

PEDRO .... Oscar Cunha Barreto
ANDRÉ .... Otavio R. Borges (DO T. DE AMAD)
JOÃO .... Paulo Alcantara
JÚLIA .... Edissa Bancowski
JERÔNIMO .... Rubem Wien
CATARINA .... Maria Bernadete
PERPÉTUA .... Margarida Cardoso
TOMÁS .... Reinaldo de Oliveira
MÉDICO .... Miguel Coutinho

Cenários e Direção de

Z I E M B I N S K I

Maquinista - João Alves — Eletricista - Anibal Mota

Tip. São José - Recife

Ficha Técnica do espetáculo

ESQUINA PERIGOSA (1949)

REGINA (Teatro Dulcina)

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

Temporada carioca de 1953

Sob os auspícios do

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

ESQUINA PERIGOSA

3 atos de J. B. Priestley

Tradução de Madalena Nicol

(Não haverá praticamente intervalo entre o 2º e 3º atos)

DISTRIBUIÇÃO

OLGA	CARMINHA
Miss MORGAN	MARGARIDA
FRIDA	DINA'
BETTY	GENINHA
STANTON	OTÁVIO
GORDON	JOSE' MARIA
ROBERTO	ADELMAR

Direção de Z. ZIEMBINSKI

(O autor, no meio do 3º ato, por meio de um hábil golpe de técnica teatral, volta a contar sua história, para torná-la mais compreensível — mas, já agora, mostrando como se pode dobrar, sem atropelos, a «esquina perigosa» que cada um de nós tem em sua vida...)

A SEGUIR — **«A CASA DE BERNARDA ALBA»**, de Garcia Lorca

(Participação exclusiva do elenco feminino)

Ficha Técnica do espetáculo **ESQUINA PERIGOSA**

ESQUINA PERIGOSA – Elenco do Teatro dos Amadores de Recife – 1949

FIM DE JORNADA (1949)

FIM DE JORNADA – Ziembinski no Teatro Universitário de Pernambuco – Recife – 1949

Ziembinski em cena (1950)

DOROTÉIA (1950)

Panfleto de divulgação do espetáculo

Eleonor Bruno em duas cenas como **DOROTÉIA**

AMANHÃ, SE NÃO CHOVER (1950)

Capa do programa do espetáculo

PROGRAMA

FERNANDO DE BARROS

apresenta

"AMANHÃ, SE NÃO CHOVER..."

Comédia em 3 atos de Henrique Pongetti
Direção de Ziembinski
(A ação passa-se nos Alpes em 1913)

P E R S O N A G E N S (por ordem de entrada)

BONARD	ARMANDO COUTO
BALABANOFF	PAULO AUTRAN
FRANCESCA	TONIA CARRERO
JOSETTE	VERA NUNES
BEPPO	NELSON CAMARGO

Cenários e Figurinos de Lazlo Meitner — Execução do Guarda-roupa: Nieta Junqueira — Chapéu de Josette de Marie, Praça Monte Castelo, 6-1.º — Eletricista-chefe Nilton Magalhães — Contra-regra de Vallin — Cenários executados por A. Quaresma — Móveis da Casa Bela Aurora à Rua do Catete, 78/84 e Mobiliária Rosário, Av. Princesa Isabel, 36 — Objetos de arte antiga a "Razoável", Rua Chile, 25.

AMANHÃ, SE NÃO CHOVER – Tonia Carrero, Armando Couto, Vera Nunes e Paulo Autran

Programa/Ficha técnica do espetáculo

"Nas décadas de 30 e 40, quando havia uma predominância, quase uma autocracia do diretor, segui essa colocação. Mas, por mais arbitrárias que fossem as minhas concepções do espetáculo, sempre tive um grande encantamento pelo material humano. Tentava desenvolver o intérprete ao máximo de sua potência. Confesso que agora minha maneira de dirigir é diferente. Sou muito mais liberto. Quero que os atores venham a mim. Mas que venham a mim sabendo o que quero. O problema é que se confunde liberdade dentro da arte com confusão dentro da arte. E confusão gera sempre confusão. O fato de o diretor esperar que o elenco o estimule na criação só pode resultar em algo positivo se todos – atores e diretor – souberem para onde caminham. Senão viram mercado persa." (10)

AMANHÃ, SE NÃO CHOVER – Tônia Carrero, Armando Couto e Paulo Autran

AMANHÃ, SE NÃO CHOVER – Paulo Autran,
Tônia Carrero e Armando Couto

AMANHÃ, SE NÃO CHOVER – Armando Couto,
Tônia Carrero e Paulo Autran

Panfleto de divulgação do espetáculo

HELENA FECHOU A PORTA (1950)

FERNANDO DE BARROS
APRESENTA

HELENA FECHOU
A PORTA

COMÉDIA DE

ACCIOLY NETTO

COM

TONIA CARRERO ★ PAULO AUTRAN
VERA NUNES ★ ARMANDO COUTO
LUDY VELOSO ★ PAULO MONTE

DIREÇÃO DE

ZIEMBINSKI

CENÁRIOS DE CARLOS THIRÉ ★ MODELOS DE PARIS
CHRISTIAN DIOR ★ JACQUES FATH ★ JEAN PATOU ★ ALWYNN
CEIL CHAPMAN ★ LOUIS FAURER
EXECUTADOS POR STELLA

Ficha técnica do espetáculo

HELENA FECHOU A PORTA – Tônia Carrero e Paulo Autran

3 cenas de **HELENA FECHOU A PORTA**

Tônia Carrero e Paulo Autran

Paulo Autran e Tônia Carrero

Vera Nunes e Paulo Autran

A ENDEMONIADA (1950)

Dionisio Azevedo

A ENDEMONIADA

Peça em 3 atos e 5 quadros, de Karl Shoenherr, tradução de Mario da Silva e Renato Alvim

A. Fregolente

— Personagens —

A mulher .... OLGA NAVARRO
O Marido .... DIONISIO AZEVEDO
O Guarda .... A. FREGOLENTE

Mise-en-scène de ZIEMBINSKI

Cenário de HANS SACHS

Capa Programa

Ficha técnica do espetáculo

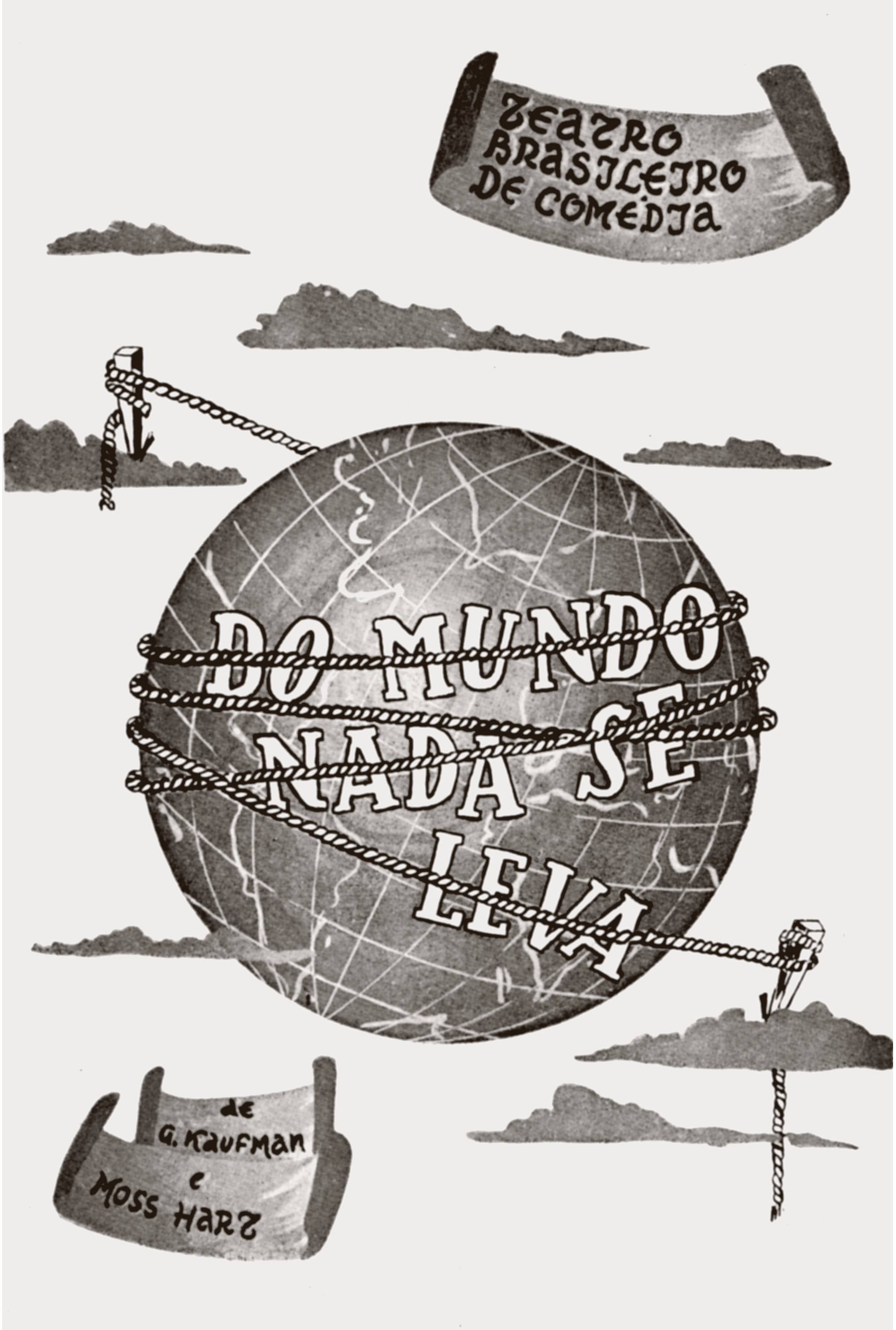
O HOMEM DE FLOR NA BOCA (1950)

Sérgio Cardoso em **O HOMEM DE FLOR NA BOCA** (1950)

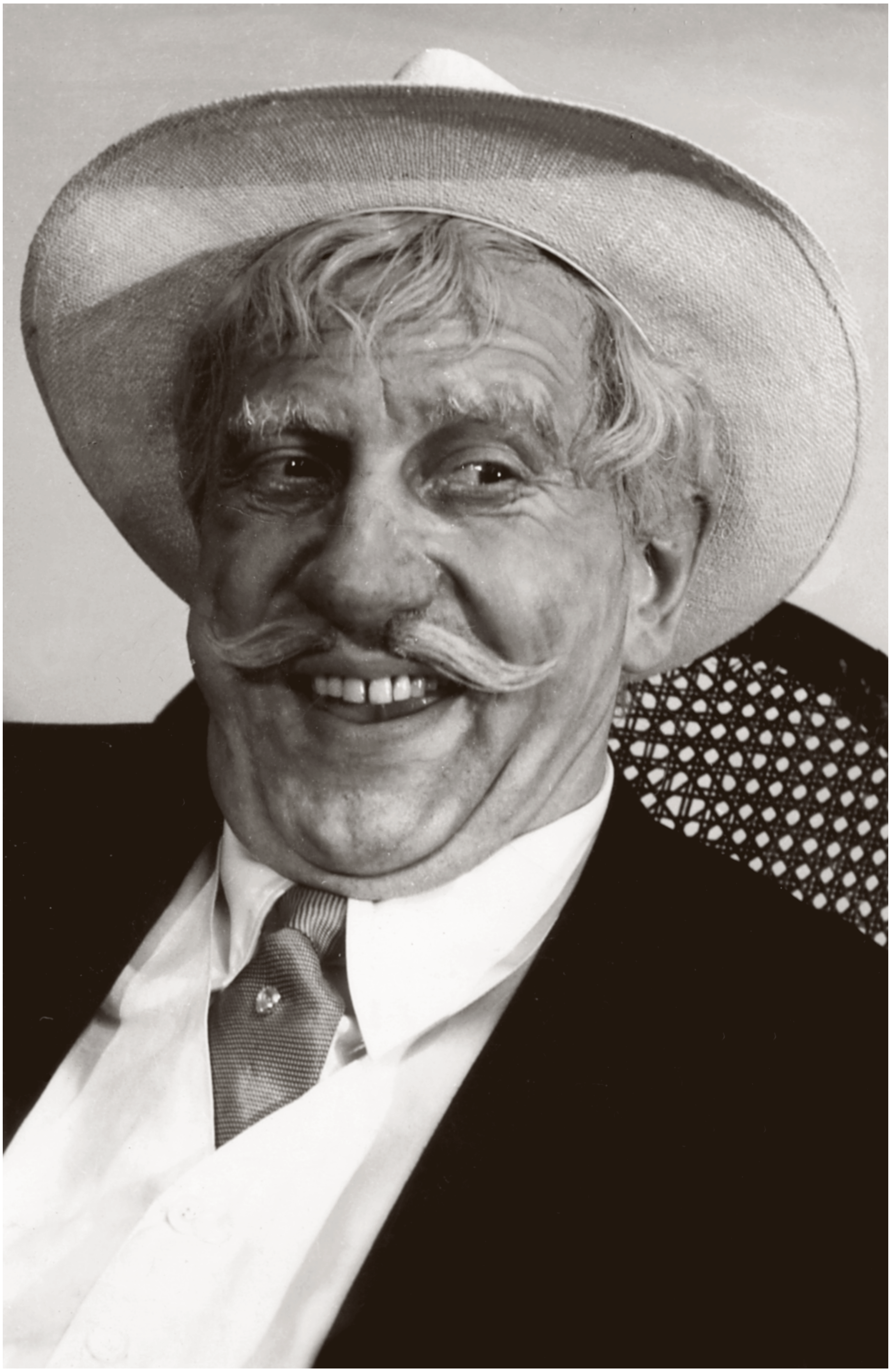
O BANQUETE (1950)

Marina Freire, Elizabeth Heireid e Ziembinski em uma cena de **O BANQUETE**

DO MUNDO NADA SE LEVA (1950)



Capa do programa do espetáculo



Ziembinski (Martin Vanderhof)

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA
APRESENTA A
COMPANHIA PERMANENTE DO T.B.C.

na comédia em três atos e quatro quadros (1º ato com dois quadros)

de

G. Kaufman e **Moss Hart**

Do Mundo Nada Se Leva

Tradução de **M. L. Araujo Lima**

Revista por **Ruy Affonso**

Personagens (por ordem de entrada em cena)

Penny Sycamore	**Célia Biar**
Essie	**Jurema Ranzani**
Rheba	**Izabel Santos**
Paul Sycamore	**Luís Calderaro**
De Pinna	**A. C. Carvalho**
Ed Carminchael	**Fredi Kleemann**
Donald	**Milton Ribeiro**
Martin Vanderhof	**Z. Ziembinski**
Alice	**Elizabeth Henreid**
Henderson	**Carlos Vergueiro**
Tony Kirby	**Sérgio Cardoso**
Boris Kolenkhov	**Ruy Affonso**
Gay Wellington	**Rachel Moacyr**
Sr. Kirby	**Waldemar Wey**
Sra. Kirby	**Marina Freire**
Delegado	**Glauco de Divitis**
Mac	**Frank Hollander**
Jim	**Walter Ribeiro**
Olga Katrina	**Nydia Lícia**
Motorista	**Victor Merinov**

Cenário

Bassano Vaccarini

Guarda-roupa ao cuidado de

Cleide Yaconis

DIREÇÃO DE

LUCIANO SALCE

Ficha técnica do programa

RAQUEL (1950)

Nydia Lícia e Orlando Guy em uma cena de **RAQUEL** (1950)

PEGA-FOGO (1950)

Capa Programa **O BANQUETE** e **PEGA FOGO**

«O BANQUETE»

De LUCIA BENEDETTI

(Inspirado numa crônica de Dinah Silveira de Queiroz)

ALZIRA .... MARINA FREIRE
JOÃO .... ZIEMBINSKI
IVONE .... BEYLA GENAUER

Cenário de MAURO FRANCINI

«PEGA-FOGO»

De JULES RENARD

Tradução de Gustavo Nonnenberg

SR. LEPIC .... ZIEMBINSKI
PEGA-FOGO .... CACILDA BECKER
ANETTE .... SYLVIA ORTHOF
SRA. LEPIC .... MARINA FREIRE

Cenário de JOSÉF GUERREIRO

DIREÇÃO DE ZIEMBINSKI

Cenário executado por Arquimedes Ribeiro
Guarda-roupa a cargo do atelier de costura do T. B. C.
Cabeleiras de Leontij Tymoszczenko. Efeitos de luz de Adelar Elias
Direção de cena de Pedro Petersen

★

DIREÇÃO GERAL DE ZIEMBINSKI

Ficha Técnica do espetáculo

Cacilda Becker (Pega Fogo) e Ziembinski (Sr. Lipie) em uma cena do espetáculo **PEGA FOGO** em 1950

Cacilda Becker (Pega Fogo) e Ziembinski (Sr. Lipie) em **PEGA FOGO**

Capa Programa **RELAÇÕES INTERNACIONAIS** e **PEGA FOGO**

Problema de Unidade

Há uma dificuldade muito grande na composição de um espetáculo tão agradável como e o de duas pegas de um ato.

A dificuldade provêm da escolha dos textos que, sendo independentes um do outro, devem ao mesmo tempo representar uma união que resulte num espetáculo teatral. É tácito que o publico, com o decorrer do espetáculo, aceita a linguagem e a forma dele que, depois de um certo tempo, se lhe torna familiar, compreensiva e permite a comunhão completa com a obra de arte que, se realiza no palco. No caso de duas pegas, esse fator automaticamente cai por terra, e sendo assim o resultado emocional e estético deve set procurado através da semelhança do clima, ou através da emocional idade crescente ou decrescente dos textos que seguem, ou então, o que e mais usado e melhor resulta, através do contraste puramente formal, emocional, ou mesmo ideologiaca. Neste caso, a possibilidade de variantes e imensa, e quanto mais imensa e, tanto mais difícil encontrar a dosagem certa das nuances, para que a composição fosse fértil e resultante nos propósitos de antemão estabelecidos. A composição do espetáculo de "O Protocolo" de Machado de Assis e "Pega Fogo" de Jules Renard, teve em vista uma obra que age através da sua simplicidade e riqueza dos sentimentos mais humanos, ora nos provoquem riso, ora lagrimas, ao passo que "Pega Fogo" e uma obra que age pelo seu lado formal, verbal, mostrando seres humanos deformados, criados através de um espartilho que lhes trouxe a educação e a civilização. Sendo assim, estabelece-se no inicio do espetáculo uma aparição de brinquedo bastante inconsciente das suas obrigações emocionais que, age através da própria aparição, tão leviana quanto irresponsável na dignificação dos seus propósitos de honra, educação e amor suposto, para desmanchar-se na suave superfície de sofrimentos perdidos de um pequeno ser humano do qual arrancaram esse brinquedo, ou ao qual, pelo capricho de incompreensível destino, nunca foi dado possuí-lo. Assim sendo, os contrastes aparentes, propositadamente incutidos no espetáculo, tanto pelo caráter dos textos, quanto pela forma interpretativa deles, completam-se na sua área emocional, dando um ao outro as margens de saudade, descrença e arrependimento. Forma estranha e curiosa, que deve inquietar qualquer ser que procura algo alem do que o cerca, e o levar a um complemento dos seus propósitos emocionais, e compreensão dos seus destinos.

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Pega Fogo", 1950)

PEGA-FOGO

"Pega-Fogo" pertence a esta categoria rara de espetáculos, a que poderiamos num certo sentido chamar clássicos – a encenação exemplar de uma obra igualmente perfeita.

Cacilda principia retratando uma crença a pelo lado de fora, reproduzindo o timbre particular de sua voz, a tonalidade precisa e inesperada de suas inflexões, todos os modismos de uma determinada idade, como a maneira de se empoleirar incomodamente no alto de um corrimão – fazendo de cada objeto material um elemento a mais num continuo e silencioso logo de adestramento físico – ou o jeito de esconder as mãos nos bolsos da calça para disfarçar um vago entabulamento, uma indefinível vergonha de existir que acompanha algumas crianças passo a passo no início da adolescência. A criação já começou admirável. de veracidade e graça, mas, ainda assim, arado algo exterior, algo pitoresca; acompanhando, talvez instintivamente, o ritmo de desenvolvimento da peca.

Depois vamos sendo empolgados por aquela sucessão de pequeninos e dramáticos episódios e nem percebemos, a não ser tardiamente, que nada mais subsiste do antigo pitoresco; terminado o esboço físico do adolescente, mergulhou a atriz ambiciosamente pelo seu cérebro e pé! O seu coração a dentro. Ali, nossa frente, esta apenas um menino sentado ao lado do pai, quase sem gestos, quase imóvel, alguém, no fundo; não tão diferente de nos e que, em vez de exercitar desaieitadamente os músculos, esta passando por uma experiencia singular e decisiva : um desses raros encontros de perfeita e mutua compreensão, perdidos entre aqueles longos períodos em que nos sentimos mais ou menos isolados, mais ou menos solitários, mais ou menos confinados aos atos e as palavras puramente de relação.

Há qualquer coisa de surpreendentemente cômico na vaidadezinha pueril que reponta aqui e ali nas palavras de "Pega-Fogo" ou no tom enfático – de quem pensa ainda com as noções abstratas recem-adquiridas na escola e ainda não vivificadas pela experiencia – com que ele se refere, por exemplo, a possibi-

Cena da peça **PEGA FOGO** ao centro sentado Ziembinski

lidade de arranjar um emprego "no comercio, na indústria ou na agricultura" ou a uma falta muito grave cometida contra "a honra, a virtude e o dever". A ingenuidade de "Pega-Fogo", no entanto, e quase só de palavras, porque a vida lhe ensinou bem mais do que poderias ter feito qualquer escola : a sua sabedoria e infinita quando se trata de evitar o sofrimento, físico ou moral. E esta maturidade de quem já aprendeu a conviver com a injustiça e o sofrimento – poupando-se psicologicamente na medida do possível – que o torna tão comovedor.

A conversa com o pai e possivelmente a sua ultima experiencia de criança O que "Pega-Fogo" esta conhecendo pela primeira vez, ja na qua-lidade de adulto, e o gosto e o sabor da amizade, formados, sobretudo, de reserva e pudor. O amor alimenta-se da declaração feita em todos os tons e a todos os momentos. A forca e a nobreza da amizade estão, ao contrario, na onda de ternura correndo subterrânea, apenas adivinhada e prometida de lado a lado. Eis o que essa criança esta aprendendo ao contacto desse homem singularmente fechado dentro de si mesmo, sempre pronto a temperar com o sal da ironia e do sarcasmo cada nova efusão sentimental e que agora se liberta por meio de uma conversa que resvala constantemente pela mais violenta e mais pura emoção sem cair nunca na preguiça ou nesse transbordamento de sentimentalismo fácil que e uma das taras da irritante e incessante tagarelice da Sra. Lepie.

Em nossa memória, como em nossa atividade, "Pega-Fogo" e Cacilda Becker permanecerão para sempre ligados. Evocar um, e lembrar outro. Se não fosse a arte maravilhosamente reveladora da atriz, estaríamos aqui tentando recapturar a figurinha desse menino de cabelo de milho que encontrou, na conversação de um dia, consolo e justificativa para quatorze anos de humilhações?

(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 1950)

PAIOL VELHO (1951)

Paiol Velho

Peça em três atos de ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA

P E R S O N A G E N S :

(por ordem de entrada em cena)

Tonico	LUIS LINHARES
Lina	CACILDA BECKER
Lourenço	LUIS CALDERARO
Bastiana	ZENY PEREIRA
D.ª Mariana	LUISA BARRETO LEITE
João Carlos	MAURICIO BARROSO
Boaventura	FERNANDO CEZAR
Quinzinho	T. ZANOTTA
Tabelião	BENEDITO CORSI
Tio Afonso	EUGENIO KUSNET

Direção de : ZIEMBINSKI

Assistente de direção : **Benedito Corsi**

Diretor de cena : **Pedro Petersen**

Cenário de **Bassano Vaccarini** executado por **Arquimedes Ribeiro**

Efeitos de luz de **Adelar Elias**

Capa Programa do espetáculo

Ficha técnica **PAIOL VELHO**

Ziembinski

" Foi outro dia mesmo que Ziembinski chegou ao Rio de Janeiro – de passagem para os Estados Unidos – trazendo como únicas armas, ao lado da sua carteira de emigrante, ma língua arrevesada que ninguém entendia (e que hoje constitui uma das diversões prediletas dos colegas quando ele enumera nomes de artistas ilustres da sua terra natal) e uma tradição de teatro estranha à nossa. Ainda nos lembramos das primeiras notícias, circulando incredulamente entre os entendidos, sobre a chegada de um polonês fabuloso, que tinha todo um espetáculo dentro da cabeça antes que se fizesse o menor ensaio ou se batesse o primeiro prego do cenário, e que até se dera ao luxo, jamais conhecido, de promover 134 mutações de luz – ou eram 268? – dentro de uma única apresentação de Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues. Lembramo-nos também da emoção com que ocorremos ao Municipal, uma tarde, para nos certificarmos de que o fenômeno existia mesmo: lá estava um homem de óculos, diante de um microfone, a dar ordens aos eletrecistas com a paciência, o método e a precisão de um grande general diante de um pobre batalhão de recrutas. Em quatro horas, as famosas mutações de luz estavam prontas e o espetáculo ia começar. Zbigniev Ziembinski não só existia como até funcionava!

Faz apenas dez anos que Ziembinski chegou ao Brasil. (...). Num meio teatral pobre de "monstros sagrados", Ziembinski está entre as poucas personalidades que, pelo vigor e originalidade, podem aspirar a este título supremo.

Alguns nomes devem ser citados, ao lado do seu, pelo muito que fizeram quase na mesma época: Dulcina, pelo âmbito comercial dos seus empreendimentos, que atingiram pela primeira vez o grande público; Paschoal Carlos Magno, por inquietar a todos com as suas histórias de como se faz teatro na Inglaterra e outros países que tais, igualmente admiráveis e longínquos; e alguns amadores paulistas, encabeçados por Alfredo Mesquita, por preparar o terreno para a atual estupenda eclosão do Teatro Brasileiro de Comédia.

Mas nenhum desses movimentos pode equiparar-se, em alcance e profundidade artística, à ação de Ziembinski nas duas grandes fases de Os Comediantes – a amadora e a profissional. Não era uma reforma limitada, um esforço de amadores bem-intencionados ou de pessoas com ótima formação teórica mas sem contato direto com o palco. Era, na prática, dirigida por um experimentadíssimo homem de teatro, toda uma revolução teatral: autores novos, cenógrafos novos, técnica nova, e, sobretudo, uma nova maneira de representar, uma nova maneira de conceber o teatro como espetáculo. Com alguns cinquenta anos de atraso, era o teatro moderno que chegava repentinamente, estrepitosamente, triunfalmente ao Brasil.

Entre 1920 e 1930, período de formação de Ziembinski, alcançava o auge o surto iniciado no começo do século com a descoberta de uma novidade sensacional: a representação deveria girar não em redor do ator, como se julgara durante séculos, mas em volta de uma personalidade toda-poderosa e até então desconhecida: o encenador. A definição do diretor no teatro alemão – escrevia Giraudoux – é muito simples: ele é o teatro. E acrescentava: "*nos cartazes, a mera indicação de que a encenação é de Max Reinhardt atrai mais público que o nome do autor. O público deseja tanto ver como Reinhardt compreendeu a peça quanto ver a própria peça. A peça transforma-se no tecido com que o costureiro faz o vestido ou, mais exatamente, o libreto sobre o qual o músico escreve a sua ópera*."

Mais tarde, passado esse primeiro instante de deslumbramento, viria, está claro, a reação, e o encenador voltaria novamente às suas funções mais humildes de simples intérprete do autor, de simples servidor do texto. (...)

Ziembinski, no entanto, pelo espírito e pelo temperamento, pertence mais à grande e genial geração de Max Reinhardt e de Meierhold do que à atual. É de um Gordon Craig ou de um Stanislavski, por exemplo, a sua paixão quase mística pelo teatro. (...) Ziembinski é um homem que faz teatro, representando e dirigindo, quatorze, quinze horas por dia, e só pára, porque sente necessidade de conversar sobre o teatro as sete ou as oito horas restantes. (...)

Ziembinski não ensaia: habita a peça que deve dirigir, convive na maior intimidade com cada personagem, desvendando-lhe desde as mais inocentes manias até suas concepções religiosas ou filosóficas. Não contente com isso, penetra-lhe pelo subconsciente adentro ou passa a investigar os outros membros da família que o escritor esqueceu fora da peça. (...) Ziembinski não interpreta somente. Cria também. Daí tanto as suas grandes qualidades como os seus defeitos, oriundos sempre da riqueza e não da indigência, do excesso e não da falta. (...) Temos, então, um **Vestido de Noiva**, um **Paiol Velho**, Um **Amanhã se não Chover**, obras primas de colaboração lúcida entre o encenador e o autor. Outras vezes, Ziembinski vai além da medida exata porque não sabe se poupar astuciosamente, e só no branco ou no vermelho. Acerta ou erra, com a mesma coragem, a mesma franqueza e o mesmo conhecimento de teatro. É por isso que podemos discordar mil vezes dele sem que diminua a nossa admiração.

Seríamos injustos, aliás, se víssemos em Ziembinski apenas o homem e não o mito que já se vai formando, apenas as suas encenações isoladas e não a soma de influência que exerceu, maior que qualquer outra. Não há ninguém que faça teatro seriamente, entre nós, que não se veja obrigado de início a se definir esteticamente em relação a Ziembinski. Esse é o seu maior título de glória, o que ele não reparte com nenhum outro homem de teatro do Brasil."

(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 1951)

CONVITE AO BAILE (1951)

Capa programa do espetáculo

Teatro Brasileiro de Comédia

Presidente de Honra .... Francisco Matarazzo Sobrinho
Presidente .... Paulo de Assumpção
Vice-Presidente .... Adolfo Rheingantz
Vice-Diretor Artístico .... Luciano Salce
Conselheiro Literário .... Guilherme de Almeida
Ensaiadores .... Adolfo Celi, Luciano Salce e Ziembinski

Companhia Permanente do T.B.C.

Sras. Cacilda Becker, Célia Biar, Elizabeth Henreid, Marina Freire Franco, Nydia Licia, Rachel Moacyr e Tonia Carrero

Srs. Abilio Pereira de Almeida, A. C. Carvalho, Carlos Vergueiro, Fredi Kleemann, Mauricio Barroso, Paulo Autran, Ruy Affonso Sergio Cardoso, Waldemar Wey e Ziembinski.

Cenógrafos e figurinistas

Aldo Calvo, Bassano Vaccarini, Clovis Graciano, Hilde Weber, Noemia Cavalcanti, Sofia Lebre de Assumpção

Colaboradores de Direção

Abilio Pereira de Almeida, Alfredo Mesquita, Cacilda Becker, Décio de Almeida Prado, Nicanor Miranda, Ruy Affonso e R. H. Eagling.

Oficina de montagem

Bassano Vaccarini (cenografia) - Carmine Passaro (marcenaria).

Fotógrafo

Fredi Kleemann

Serviço de palco

Diretor de Cena, Pedro Petersen, Sebastião Ribeiro (assistente) - Arquimedes Ribeiro, Walter Ribeiro, José Silva e José Tavares (maquinistas) - Conrado J. Fortuna e Nadir Gemelli (eletricistas).

Ambientes de IF Decorações

Toilettes de Beatriz Biar

Maquillage e cabeleiras de Vitor Merinov

Página anterior – **CONVITE AO BAILE** – Ziembinski e Maria Lucia

Ficha técnica direção do TBC em 1951 publicada no programa de **CONVITE AO BAILE**

CONVITE AO BAILE – Ziembinski no TBC em 1951

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

APRESENTA A

COMPANHIA PERMANENTE DO T.B.C.

em

CONVITE AO BAILE

(L'invitation au château)

comédia em três atos de

JEAN ANOUILH

Tradução de Gilda de Mello e Souza

PERSONAGENS (por ordem de entrada em cena)

Josué	Eugenio Kusnet
Horácio	Sergio Cardoso
Frederico	Sergio Cardoso
Diana Messerschmann	Elizabeth Henreid
Lady Indiana	Cleyde Yaconis
Patrício Bombelles	Ruy Affonso
Sra. Desmermortes	Celia Biar
Geraldina Capulat	Raquel Moacyr
Romainville	Waldemar Wey
Messerschmann	Ziembinski
Isabel	Maria Lucia
A mãe	Nydia Licia

Direção de LUCIANO SALCE

Cenário de **Bassano Vaccarini,** executado por **Arquimedes Ribeiro.** Figurinos de **Carlos Thiré.** Costume de amazona, **Noêmia Mourão.** Guarda-roupa aos cuidados de **Cleyde Yaconis** executado por **Leo Villar** (trajes femininos) e **Antônio Soares de Oliveira** (trajes masculinos). Maquillagem e cabeleiras de **Vitor Merinov.** Penteados de Star Cabeleireiro.

Músicas de **Ernst Viebig** sôbre temas de velhas valsas francesas. Orquestra de Câmara do T.B.C. composta de 2 violinos, 1 violoncelo, 1 viola, 1 clarineta e piano. Solistas: 1.° violino-**Horácio Mendes Barbosa,** Clarineta-**A. P. Gobbi.** Assistente de Direção **Evaristo Ribeiro.** Direção de cena de **Pedro Petersen.**

Ficha técnica do espetáculo **CONVITE AO BAILE**

Ziembinski em cena (1951)

O Grilo da Lareira (1951)

O GRILO DA LAREIRA

(Conto de fadas doméstico em 3 atos)

de

CHARLES DICKENS

Tradução do texto original de Brutus Pedreira

Adatação cênica de Brutus Pedreira e Zbigniew Ziembinski

PERSONAGENS (por ordem de entrada em cena)

Charles Dickens	**Ruy Afonso**
Mary Peerybingle	**Elizabeth Henreid**
John Peerybingle	**Paulo Autran**
Tilly	**Suzana Petersen**
O desconhecido	**Fredi Kleemann**
Caleb Plummer	**Waldemar Wey**
Tackleton (também conhecido como Gruff & Tackleton)	**Ziembinski**
Berta Plummer	**Nydia Licia**
May Fielding	**Cleide Yaconis**
Senhora Fielding	**Marina Freire**
O Grilo	**Maria Lúcia**
O Cocheiro	**José da Silva**

Local: Pequena cidade do interior da Inglaterra — Época - 1845

DIREÇÃO DE ZIEMBINSKI

Cenários de **Bassano Vaccarini**, executados por **Arquimedes Ribeiro**. Figurinos de **Bassano Vaccarini**. Maquillagem e cabeleiras de **Vitor Merinov**. Assistente de Direção **Rubens Petrilli de Aragão**. Direção de cena de **Pedro Petersen**. Brinquedos de **Walter Battelli** e **Rina Fogliotti**. Solista de harpa, **Lucila Greys**.

Ficha Técnica do Programa

Ziembinski no papel de "Tackleton"

Ziembinski em uma cena do espetáculo

Ziembinski em **O GRILO NA LAREIRA**

A MENSAGEM DE DICKENS

Quando tive idéia de levar à cena o conto de Dickens, senti-me preocupado e emocionado. Dei-me perfeitamente conta da responsabilidade que me coube, no desempenho dessa difícil tarefa. Já o nome do autor e sua personalidade, um dos maiores vultos da literatura mundial, bastaria para impor responsabilidade, quanto mais o gênero da obra. tão profundamente humana, terna, emocional e delicada como e "O Grilo da Lareira". Dickens, alem de ser um grande escritor, representa para mim um poder extraordinário do que chamo de otimismo construtivo Essa crença no algo superior, no algo inderrubavel e positivo, na força do intimo do ser humano que no fundo saiu do bem e ao bem voltara, e uma grande e sagrada qualidade de Dickens que deve deixar qualquer artista que chegue perto dele, um tanto acanhado e comovido com o sopro santo que emana de sua prodigiosa figura espiritual.

A vida, para Dickens, por mais penosa, triste, desastrada ou de aparência maldosa que seja, sempre vale a pena devido daqueles recantos íntimos e comovedores do bem oculto e sublimado que nela se esconde e que, repito, por mais desgraçada que seja, ainda permite ao homem que nela tem fé, flori-la, torná-la bela e chorar por ela quando chega o dia do seu fim. Toda a maldade, toda a esquisitice, toda a aparente perversidade nasce, segundo Dickens, do desentendimento do ser humano consigo próprio, do próprio desencanto com seu destino e que pode ser suprimido e ajustado devido, muitas vezes, a crença na própria beleza da vida, que se ele não a encontrar dentro de si, não pode, pelo menos, negar sua existência em sua volta. Em poucas e simples/palavras: o diabo não e ta feio como se pinta, pois antes de o ser ele também foi anjo.

"O Grilo da Lareira" e uma das obras mais ternas, comovedoras e divertidas que eu raramente encontrei na literatura dramática. A adaptação foi bastante fácil, porque Dickens possui uma noção de figura da situação dramática ou cômica, do movimento, do desenrolar da ação, do "suspense", como se fosse um grande escritor dramaturgo. É estranho e quase incabível que esse homem não tenha escrito teatro, pois seus romances e contos desenvolvem-se diante de nossos olhos quase como se fossem acontecimentos, digamos pegas contadas ao vivo pelo autor. Não quero lançar aqui suposições para as quais terei dificuldade em encontrar comprovantes, mas parece-me que o que aproximou Dickens a tal ponto do teatro não foi somente a extraordinária força humana e o conhecimento do homem com todas as suas dores e alegrias, com todas as aflições, mas também o fato de a maior parte dos seus contos e romances terem sido escritos em forma de novelas e capítulos para jornal. Isso o obrigava a condensar e a usar uma forma viva, clara, expressiva, causadora de um grande e profundo interesse do leitor, como também o obrigava a jogar com o eterno "suspense" no final do capitulo, a fim de despertar a curiosidade do leitor para o próximo.

É evidente que transformando um romance ou um conto em uma pega teatral tivemos necessidade de introduzir certas inevitáveis alterações devido a mudança dos ambientes, ao correr do tempo e devido, também, ao fabuloso recurso que o escritor de romance possui e o de teatro não, e que consiste, exatamente, na possibilidade da digressão ou de contar jocosamente o que foi dito, pensado ou feito, sem mostrá-lo em acontecimento real, pleno e maduro. Se fomos bem sucedidos na adaptação, na transferência dessa jóia que e "O Grilo da Lareira" da linguagem do conto para a linguagem do teatro, o publico e quem o dirá.

Quanto a direção, a linha que pretendo dar a obra de Dickens e a da extrema ternura, da mais sincera e profunda vibração emocional, de um ar humano, comovedor e risonho, envolvido em um ambiente da mais pura ingenuidade. Essa mesma ingenuidade que cerca as historias contadas baixinho, ao entardecer, para os nossos filhos a fim de encantá-los e torná-los meigos e doces e que lembram um pouco o tom do conto de fadas, como alias o próprio Dickens o denominou. Tudo o que acontece, acontece de verdade, tudo o que se sofre, sofre-se de verdade, tudo o que nos causa alegria, alegra-nos de verdade, tudo o que nos espanta, também espanta-nos de verdade. Tudo isso poderia ter acontecido e aconteceu porque assim nos contou nosso pai e nos acreditamos nele inevitavelmente, pois o amamos e não temos nada maior no mundo do que ele.

Eis, mais ou menos, o senso psicológico e composicional da minha realização cênica de "O Grilo da Lareira", que se for bem sucedida e se conseguir transmitir essa minha mensagem ao publico, me julgarei não somente satisfeito mas também, por ter cumprido o meu dever através do teatro, um pouco orgulhoso.

(Texto de Ziembinski publicado no Programa do espetáculo "O Grilo na Lareira", 1951)

Ziembinski em uma cena com o elenco do espetáculo

Ziembinski como “Tackleton” de **O GRILO DA LAREIRA**

ARSÊNICO E ALFAZEMA (1951)

SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

apresenta a

COMPANHIA PERMANENTE DO T. B. C.

em

ARSÉNICO E ALFAZEMA

(Arcenic and old lace)

Comédia em três atos de

JOSEPH KESSELRING

PERSONAGENS (por ordem de entrada em cena)

Abby Brewster	**Cacilda Becker**
Rev. Harper	**Sergio Cardoso**
Teddy Brewster	**Ruy Afonso**
Sargento Brophy	**Fredi Kleemann**
Sargento Klein	**Vitor Merinov**
Marta Brewster	**Marina Freire**
Elaine Harper	**Celia Biar**
Mortimer Brewster	**Mauricio Barroso**
Mr. Gibbs	**Luis Linhares**
Jonathan Brewster	**Ziembinski**
Dr. Einstein	**A. C. Carvalho**
Sargento O'Hara	**Carlos Vergueiro**
Tenente Rooney	**Paulo Autran**
Dr. Witherspoon	**Waldemar Wey**

direção de **ADOLFO CELI**

Cenario de **Noemia Cavalcanti,** executado por **Arquimedes Ribeiro.** Supervisão: **Vaccarini.** Guarda-roupa aos cuidados de **Cleide Yaconis.** Vestidos de **Celia Biar** por **Biatriz Biar.** Maquillagem e cabeleiras de **Vitor Merinov** Contra-Regra de **Sebastião Ribeiro**
Direção de cena de **Pedro Petersen**

Capa do programa do espetáculo

Ficha técnica do espetáculo

Ziembinski no papel de “Jonathan Brewster” em **ARSÊNICO E ALFAZEMA**

RALÉ (1951)

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMEDIA

apresenta o

E L E N C O P E R M A N E N T E D O T. B. C.

em

R A L É

2 atos em quatro quadros de

Maximo Gorki

Tradução de **Brutus Pedreira** e **Eugenio Kusnet**

PERSONAGENS: (por ordem de entrada em cena)

O Barão	**Ruy Affonso**
Kvachnhá	**Marina Freire**
Bubnóf	**Waldemar Wey**
Klhêch	**Luis Linhares**
Nástia	**Nydia Lícia**
Ana	**Cleyde Yaconis**
Satin	**Mauricio Barroso**
O Ator	**Sergio Cardoso**
Kostilhóf	**Carlos Vergueiro**
Vaska Pêpel	**Paulo Autran**
Natacha	**Elizabeth Henreid**
Luká	**Ziembinski**
Alhóchka	**Rubens Costa**
Vassilissa	**Maria Della Costa**
Medvêdef	**Luis Calderaro**
O Tártaro	**Victor Merinov**
Krivoy	**Fredi Kleemann**
e vagabundos	**Pedro Petersen**
	Arquimedes Ribeiro
	Sebastião Ribeiro
	José Silva
	Walter Ribeiro
	Zoraide Grego

Direção de **FLAMINIO BOLLINI CERRI**

Cenarios de **Tullio Costa,** executados por **Arquimedes Ribeiro.** Figurinos de **Tullio Costa,** executados no Atelier do T. B. C. por **Rina Fogliotti.** Supervisão do Guarda-Roupa — **Cleyde Yaconis.** Músicas de cena aos cuidados de **Oleg Kusnetzow.** Contra-regra — **Sebastião Ribeiro.** Assistente de direção — **Rubens Petrilli de Aragão.** Maquillagem e cabeleiras de **Victor Merinov.** Direção de cena de **Pedro Petersen.**

Capa programa do espetáculo

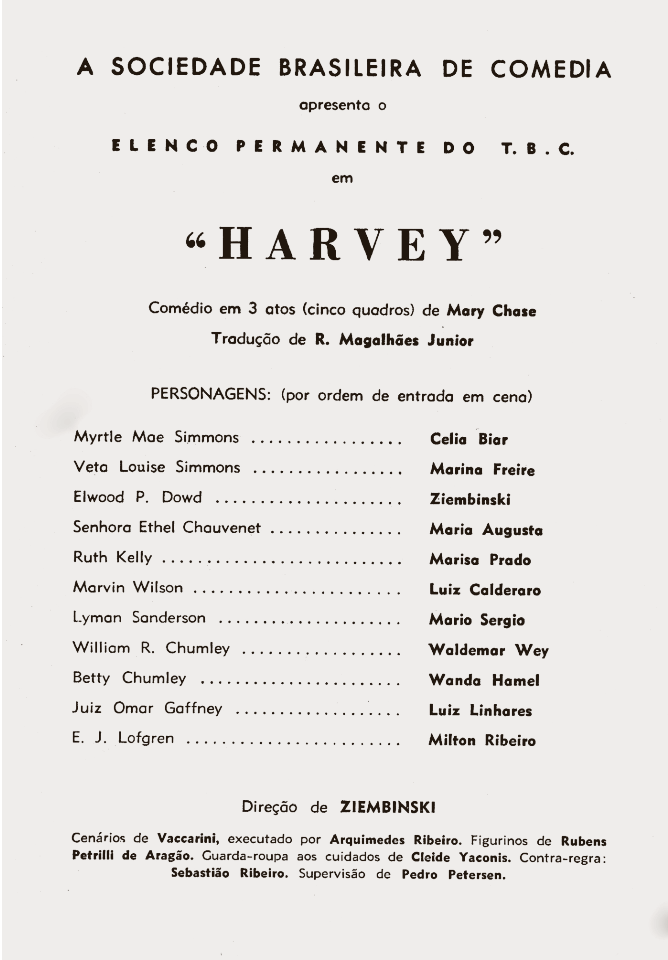
Ficha Técnica do espetáculo

Elizabeth Henreid, Nydia Lícia, Ziembinski e Luís Linhares em **RALÉ**

Ziembinski, Maria Della Costa e Paulo Autran
(ao fundo) em uma cena de **RALÉ**

Ziembinski e Paulo Autran

HARVEY (1951)



A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMEDIA

apresenta o

ELENCO PERMANENTE DO T. B. C.

em

"HARVEY"

Comédia em 3 atos (cinco quadros) de **Mary Chase**

Tradução de **R. Magalhães Junior**

PERSONAGENS: (por ordem de entrada em cena)

Myrtle Mae Simmons	**Celia Biar**
Veta Louise Simmons	**Marina Freire**
Elwood P. Dowd	**Ziembinski**
Senhora Ethel Chauvenet	**Maria Augusta**
Ruth Kelly	**Marisa Prado**
Marvin Wilson	**Luiz Calderaro**
Lyman Sanderson	**Mario Sergio**
William R. Chumley	**Waldemar Wey**
Betty Chumley	**Wanda Hamel**
Juiz Omar Gaffney	**Luiz Linhares**
E. J. Lofgren	**Milton Ribeiro**

Direção de **ZIEMBINSKI**

Cenários de **Vaccarini,** executado por **Arquimedes Ribeiro.** Figurinos de **Rubens Petrilli de Aragão.** Guarda-roupa aos cuidados de **Cleide Yaconis.** Contra-regra: **Sebastião Ribeiro.** Supervisão de **Pedro Petersen.**

Capa Programa do espetáculo

Ficha Técnica do espetáculo

Um Enorme Coelho Branco

A comedia de Mary Chase que obteve o prêmio teatral Pullitzer nos Estados Unidos, e portadora de uma historia estranha do homem que, depois de certa idade, como ele próprio afirma, tendo sido durante vários anos "sabido", resolveu ser simpático. Não conhecemos as causas que o levam a isso. Conhecemos apenas os meios, repito, os meios estranhos pelos quais ele manifesta a sua posição diante do mundo e da sociedade. E parece-me que essa reversão da personalidade de Elwood P. Dowd e o ponto mais interessante e valioso da talentosa escritora americana.

O fato de Elwood se sentir acompanhado por um enorme coelho branco que se tornou o seu melhor amigo e confidente não e apenas uma maluquice ou esquisitice, Sentimos logo que a questão tem raízes mais profundas e importantes no sentido humano. Elwood, descendente de uma família americana, como se suspeita da peça, bastante acarretada pelo álcool, criado dentro de casa, quase sempre sozinho ao lado de sua mãe que praticamente se apodera dele, talentoso mas de um temperamento recuado e manso, não se sentiu, provavelmente, nem disposto nem em condições de enfrentar não somente a vida mas, o que e mais cruel, o verdadeiro real da realidade.

O fato de se sentir oprimido por tudo quanto de cruel e desumano nos cerca, e que provavelmente dorme em cada um de nos, portanto dentro dele também, levou-o em primeiro lugar ao álcool e depois, através dele, a procura de um ambiente que o tornasse, dentro da própria sociedade, independente, e, dentro do seu próprio ser, livre das ameaças que em cada um de nos se escondem. Foi assim que surgiu, ao lado dele, o companheiro Harvey, um enorme coelho branco de 1,85 ms. de altura, companheiro fiel, inofensivo, dócil, bondoso, não exigente, compreensivo, sábio, humano, que e apenas a projeção da personalidade do próprio Elwood, personalidade que não teria coragem de se manifestar diante do mundo, por correr o risco de ser ridicularizado, mas que diante do companheiro Harvey pode realizar-se e fruir.

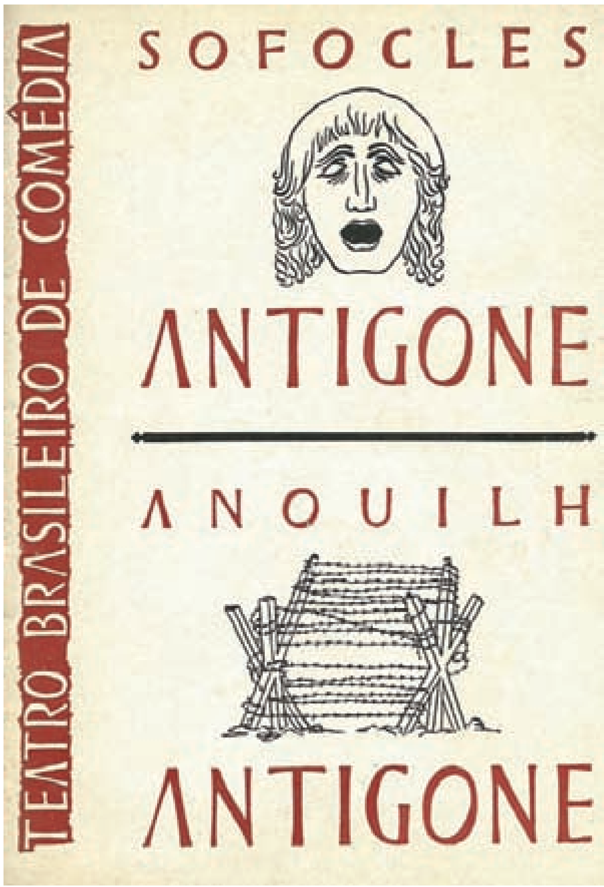
Dessa maneira, Elwood conseguiu criar uma espécie de independência humana que lhe permite ser assim como ele e, protegido por ambiente e nome estranhos de um homem maluco ou bêbado. Esse ambiente de independência, de poder ser o que a gente e, de poder querer o que a gente quer, de poder fazer o que se quer fazer, sem – como se diz na gíria – "dar bola" as pequenas convenções da vida ou aos grandes pregos da felicidade, e, a meu ver, o maior achado da peca de Mary Chase. A maluquice de Elwood, embora possa irritar os representantes das convenções sociais, e inofensiva e, na maior parte dos seres humanos, deixa saudades de um mundo novo, deferente, inatingível a eles, pelo iato de não terem coragem nem forca para se tornar independentes através dos meios que lhe apetecem. Todo o mundo gosta de Elwood. O sol ao lado dele e mais claro, o uísque

mais gostoso, a canção mais alegre, as tristezas da vida menores, os problemas menos significativos. O sentido humano irradia dele, espalha-se e contagia os que com ele convivem, pois tudo o que parte dele passa sempre, e atinge o mundo, filtrado pela conversa, pelo raciocínio de seu amigo Harvey, que e a parte livre e boa do próprio Elwood, emergida de seu intimo e que, libertada e independente, torna livre o seu próprio dono e criador. Imaginem toda essa tese ou, se quiserem, toda essa inversão de independência humana envolvida em um espírito hilariante, jocosa, divertido, com situações engraçadas que se podem criar pelo choque do homem nessas condições, com o restante do mundo normal; acrescentem a tudo isso a inteligência de uma mulher jovem e brilhante e a graça, o sentimento e o ar poético de alguém que procura um mundo um pouquinho melhor e terão a comedia de Mary Chase sobre o enorme coelho branco.

A realização cênica da peca deve caminhar – foi esse o meu propósito – no sentido de tornar bastante claro a falta de interferência de qualquer elemento sobrenatural dentro da versão de Elwood P. Dowd. De tentar convencer aos que assistem a peca de que os meios que nos levam ao lato de nos sentirmos independentes, não importam, pois dentro de nos próprios permanecem iódicas milagrosas que nos autorizam a obtê-la. O própria Dr. Chumley dirá em determinado momenta: "Passei a minha vida entre as manchinhas de moscas, enquanto os milagres se refestelam nos postos de iluminação, entre as ruas Fairfex e 18". Tentei fazer com que a peca fosse sincera, divertida, comovedora e portadora do estranho ambiente de um homem que, na sua própria felicidade, não se da conta de ser e não é nem um pouquinho poético, mas que causa noção poética dentro dos outros, noção própria de cada um e a cada um satisfatória. Tentei fazer, não sei se consegui, uma comédia onde entre as mais divertidas atrapalhadas, um homem de olhar grave e ao mesmo tempo benevolente, possa dizer de si mesmo, como diz Elwood P. Dowd: "Enfrentei a realidade durante vários anos, doutor, mas agora posso dizer com certo orgulho que a venci". Esse foi o meu propósito.

(Texto de Ziembinski para o programa da peça Harvey, 1951)

AS DUAS "ANTÍGONES" (1952)



A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

apresenta o

ELENCO PERMANENTE DO T. B. C.

em

"ANTIGONE"

de

SOFOCLES — Tradução de **Guilherme de Almeida**

ANOUILH — Tradução de **Bandeira Duarte**

ELENCO

SOFOCLES	ANOUILH	
Antigone	Antigone	**Cacilda Becker**
Ismene	Ismene	**Elisabeth Henreid**
Euridice	Euridice	**Nidia Lícia**
....	a Ama	**Marina Freire**
Creon	Creon	**Paulo Autran**
Emon	Emon	**Luis Linhares**
Tiresias	....	**Ziembinski**
Mensageiro	Mensageiro	**Sérgio Cardoso**
Guarda	Guarda	**Jaime Barcellos**
	2.º Guarda	**Luís Calderaro**
	3.º Guarda	**Benedito Corsi**
Coro de Tebanos	....	**Maurício Barroso**
		Carlos Vergueiro
		Ruy Affonso
		Fredi Kleemann
		Luís Calderaro
		Benedito Corsi
		Rubens Costa
		Leo Vilar
	Prologo	**Maurício Barroso**
1.º escravo	....	**Mario Gregori**
2.º escravo	....	**José Karat Filho**
1.ª escrava	....	**Ana Balechi**
2.ª escrava	....	**Guiomar Olivastro**

DIREÇÃO DE **ADOLFO CELI**

Cenário de "Antigone" de Sofocles: **Bassano Vaccarini**
Figurinos de **Rina Fogliotti** e **Bassano Vaccarini**

Cenário e Figurinos de "Antigone" de Anouilh: **Aldo Calvo**

Cenários executados por **Arquimedes Ribeiro.** Mascaras **de Darcy Penteado.** Figurinos executados no atelier de costuras do T.B.C. por **Rina Fogliotti** e na Alfaiataria **Sta. Terezinha.** Chapeus de **Isotta.** Sapatos de **Casas Avenida.** Maquilage e cabeleiras de **Leontij Tymoszczenko.** Efeitos de luz de **Conrado João Fortuna.** Direção de Cena de **Pedro Petersen.** Assistente: **Sebastião Ribeiro.**

Capa do Programa

Ficha técnica do espetáculo

Ziembinski (Tirésias) personagem de **ANTÍGONE** de Sófocles

Ziembinski (Tirésias) e Paulo Autran (Creon)

DIVÓRCIO PARA TRÊS (1953)

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

apresenta o

ELENCO PERMANENTE DO T. B. C.

em

"DIVÓRCIO PARA TRÊS"

(DIVORÇONS)

de

VICTORIEN SARDOU

Tradução de **Mario da Silva** e **Renato Alvim**

Elenco (por ordem de entrada em cena)

ANDRÉ	**Josef Guerreiro**
JOSETTE	**Helena Barreto Leite**
O PORTEIRO	**Sebastião Ribeiro**
DES PRUNELLES	**Ziembinski**
CLAVIGNAC	**Carlos Vergueiro**
CIPRIANA	**Cacilda Becker**
BAFORDIN	**Fredi Kleemann**
SRA. DE BRIONNE	**Cleide Yaconis**
ALFREDO DE CRATIGNAN	**Mauricio Barroso**
SRTA. DE LUSIGNAN	**Marina Freire**
SRA. DE VALFONTAINE	**Celia Biar**
MAITRE	**Renato Consorte**
1.º GARÇON	**Luís Linhares**
2.º GARÇON	**Benedito Corsi**
O COMISSÁRIO DE POLÍCIA	**Valdemar Wey**
1.º GUARDA	**Arquimedes Ribeiro**
2.º GUARDA	**José Silva**

Direção de **ZIEMBINSKI**

Cenários e figurinos de **Aldo Calvo**

Cenários executados por **Arquimedes Ribeiro** — Figurinos femininos no atelier do T.B.C., por **Rina Fogliotti** — Trajes masculinos por **A. Soares de Oliveira** — Contra-regra de **Sebastião Ribeiro** — **Efeitos** de luz de **Conrado João Fortuna** — Assistente de direção, **José Antunes Filho.**

Direção de cena de **Pedro Petersen**

Capa programa da primeira montagem no TBC em 1953

Ficha Técnica do programa da primeira montagem

Cacilda Becker e Ziembinski em **DIVÓRCIO PARA TRÊS** (1953)

Um Mestre da *Comedie de Boulevard*

Numa determinada época do teatro, no fim do século XIX e inicio do século XX. os palcos europeus viviam abarrotados de pegas do conhecidíssimo escritor francês Victorien Sardou, Quase todos os grandes atores e grandes atrizes encontravam nele o "Chef d'oeuvre" da sua carreira artística, o autor que Ihes proporcionava os mais altos sucessos. A aceitação de Sardou era enorme, como também a sua produção.

Existem dezenas de pegas de Sardou que já quase nem conhecemos ou apenas conhecemos de nome e que, naquela época, eram verdadeiros "furos" de bilheteria e oportunidades fabulosas para as grandes interpretações. Sardou era, e um profundo conhecedor, em primeiro lugar, do seu "metier", da sua profissão d'e escritor teatral. Esse conhecimento levou-o ao grande sucesso que obteve com pegas dentre as quais figuram algumas que ate hoje são consideradas obras primas de gênero chamado "comedie de boulevards.. A extraordinária leveza,- a graça, a facilidade do dialogo vivo e brilhante, a noção exata da situação cômica ou equívoca, o olhar aguçado ao qual não escapa o menor trago do caráter humano, nem o que é engraçado e, alem do mais, a perfeita, quase exemplar construção teatral das suas pegas; levou Sardou a altura de ser considerado quase como o pai da *comedie de bouievard*.

Mas, como sempre, em cada um de nos existem os pecados da mocidade. Na produção teatral de Victorian Sardou também encontramos alguns dramas, ou para dizer melhor, alguns dramalhões que foram feitos expressamente para as grandes criações dos atores em voga naquela época e que hoje em dia não passam de bagagem meio mofada e sem graça. Entretanto, o vinho, o bom vinho da uva da terra do sol que correu nas veias de sua comédia permanece rijo e saboroso até hoje tornando-as, pelo menos muitas delas, uma verdadeira delicia, tanto para o Teatro como para o publico.

Uma delas, ou talvez a melhor delas, e que vocês vão assistir hoje, intitulada em francês simplesmente "Divorgons", e traduzida em português sob o título "Divórcio para Três", e a prova concreta e eficiente do nível a que conseguir chegar Sardou na arte de escrever uma pega teatral.

Não sem razão apontar como, com o simples pretexto do divorcio, Sardou conseguiu construir uma comédia sobre o eterno problema do casamento, das suas fases felizes e infelizes e da sua eterna e perigosa ameaça do triangulo proveniente na maior parte das vezes, não da culpa de alguém, mas da incompreensão do ofício do casamento. Esse casamento transformado em instituição que quase acaba sendo um emprego ou uma repartição em que tomam parte os cônjuges, na opinião de Sardou, vira um circulo vicioso do qual não há saída, a não ser com o aparecimento de um terceiro. Desde que o marido consiga compreender que o terceiro deve ser sempre ele próprio, desde que consiga compreender que a verdadeira posse da mulher e a sua eterna conquista, antítese da situação da posse, não haverá problema de mau funcionamento do casamento, nem necessidade da espera "até que o divórcio nos separe".

A maneira como Victorien Sardou, com graça e minuciosidade quase de joalheiro soube transformar esse divertido assunto em esplendida pega teatral, vocês poderão verificar sozinhos. Na minha opinião, "Divorgons" e quase um exemplo, quase uma receita de como se escreve uma comedia nesse genero. E mais: e a prova de como a pega sabe se explicar por si. Aliás, nem sei por que escrevi o que escrevi.

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Divórcio Para Três", 1953)

NA TERRA COMO NO CÉU (1953)

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA
apresenta o
ELENCO PERMANENTE DO T. B. C.
em
"NA TERRA COMO NO CÉU"
Peça em 2 atos (5 quadros) de **Fritz HOCHWÄLDER**
Tradução de **Brutus Pedreira**

Elenco: (Por ordem de entrada em cena)

Padre Alfonso Fernandez S. J.	**Ziembinski**	Alvaro Catalde	**Luciano Centofant**
Padre Rochus Libermann S. J.	**Carlos Vergueiro**	Acatu	**José Silva**
Candia	**Angelo M. Almeida**	Barrigua	**Benedito Corsi**
Naguato	**Valter Ribeiro**	Padre Reinegg S. J.	**Pedro Petersen**
Padre Ladislau Oros S. J.	**Mauricio Barroso**	Padre Escandon S. J.	**Joaquim Mello**
José Bustillos	**Felipe Wagner**	Padre Klaussner S. J.	**João Virgilio**
André Cornelis	**Alec Wellington**	Padre Ortega S. J.	**Sebastião Ribeiro**
Padre William Clarke S. J.	**Renato Consorte**	Um sargento	**Arquimedes Ribeiro**
Don Pedro de Miura	**Paulo Autran**	1.º soldado	**José Gazzaneo**
Don Esteban Arago	**Fredi Kleemann**	2.º soldado	**Vicente Livrari**
Don Miguel Vilnano	**Luís Calderaro**	1.º cacique	**José Vaz Pereira**
Lorenzo Querini	**Valdemar Wey**	2.º cacique	**José Herculano**
O Bispo de Buenos Aires	**Xandó Batista**	3.º cacique	**Geraldo dos Santos**
Garcia Quesada	**Ricardo Campos**	4.º cacique	**Anibal Guimarães**

COLÉGIO DOS JESUITAS EM BUENOS AIRES — 16 DE JULHO DE 1767

Direção de **LUCIANO SALCE**

Cenários de **Mauro Francini**
Figurinos de **Aldo Calvo**
Efeitos Musicais de **Enrico Simonetti**
Ass. de direção **Antunes Filho**
Direção de cena de **Pedro Petersen**
Cenário executado por **Arquimedes Ribeiro** — Supervisão do guarda-roupa de **Rina Fogliotti** — Costumes executados por **A. Soares de Oliveira** — Contra Regra de **Sebastião Ribeiro** — Efeitos de luz de **Connrado João Fortuna** — Maquilagem e cabeleiras de **Leontij Tymoszcenko.**

Capa do programa do espetáculo

Ficha técnica do espetáculo **NA TERRA COMO NO CÉU**

Legenda: Ziembinski no papel de “Padre Affonso Fernandes”

SE EU QUISESSE (1953)

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMÉDIA

ELENCO PERMANENTE DO T. B. C.

"SE EU QUIZESSE" (si je voulais)
Comédia em três atos de **Paul Géraldy** e **Robert Spitzer**

Tradução de **Celso Kelly**

Elenco: (por ordem de entrada em cena)

Germaine	**Cleide Yaconis**
Berthier	**Paulo Autran**
Felipe	**Ziembinski**
René	**Benedito Corsi**
Marcela	**Celia Biar**
Luiza	**Eny Autran**
Panon	**Fredi Kleemann**

Direção de **ZIEMBINSKI**

Cenário de **João Maria dos Santos**, executado por **Arquimedes Ribeiro**. — Guarda-roupa de **Rina Fogliotti**, executado no Atelier no T.B.C. — Contra-Regra de **Sebastião Ribeiro** — Efeitos de luz de **Anibal Guimarães.**

Direção de cena de **Pedro Petersen**

Capa do programa

Ficha técnica publicada no programa

UM DIA FELIZ (1954)

Ziembinski em cena

"Dirigi e representei em várias companhias, como Os Artistas Unidos, Comédia Brasileira, estive uma longa temporada no Teatro de Amadores de Pernambuco (uma companhia que muito fez pela arte teatral no Nordeste) finalmente passei longos anos no Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo. No famoso TBC, entre diversas peças, dirigi e atuei em Pega Fogo, Maria Stuart, Paiol Velho, de Abílio Pereira de Alemida, Gata em Teto de Zinco Quente, Um Dia Feliz, entre muitas outras. Foram anos de trabalho gratificante, vendo surgir novos elementos, tal como Os Comediantes, entre intérpretes e autores, todos jovens e talentosos." (9)

...E O NOROESTE SOPROU (1954)

Ziembinski (Monsenhor Andrada) Fredi Kleemann (Padre Manoel)

" (...) Ziembinski pelo espírito e temperamento, pertence mais à grande e genial geração de Max Reinhardt e de Meierhold do que à atual. É de Gordon Craig ou de um Stanislavski, por exemplo, que descende sua paixão quase mística pelo teatro. Todos conhecem a anedota clássica sobre a peça russa que teve se ser abandonada depois de meses de ensaio porque ninguém acertava com a inflexão exata da primeira frase: "Boa tarde". Pois foi alguma coisa dessa extraordinária e quase incompreensível severidade artística, dessa intransigência fanática, desse devotamento integral que Ziembinski trouxe para o nosso teatro. (...)"

(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 1/11/1954)

NEGOCIO DE ESTADO (1954)

Capa programa da peça

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"NEGOCIOS DE ESTADO"

(AFFAIRS OF STATE)

Comédia em 3 atos de Louis Verneuil

Tradução de R. Magalhães Junior

ELENCO

(por ordem de entrada em cena)

Philip Russel	**Ziembinski**
Lawrence	**Vicente Livrari**
Constance Russel	**Margarida Rey**
George Henderson	**Jardel Filho**
Irene Elliot	**Tonia Carrero**
Byron Winkler	**Josef Guerreiro**

Direção de ZIEMBINSKI

Cenario de Mauro Francini

Cenario executado por Walter Ribeiro. Figurinos dos vestidos de Tonia Carrero e Margarida Rey desenhados especialmente por José Nunes, executados respectivamente por Rina Fogliotti e Beatriz Biar.

Abrigos de peles gentilmente cedidos por PELES LUCIA Largo do Arouche, 313. Cabeleiras e maquilagem de Leontij Tymoszczenko.

Eletricista Aparecido André.

Os móveis de cena foram gentilmente cedidos por **Móveis Teperman,** Av. Rangel Pestana, 2.109. Aparelhos de chá e café cedidos pela **A Sensação do Lar,** Rua 24 de Maio, 50. Vidros gentilmente oferecidos por **Vidros e Vitrais Helmilinger S/A**

Direção de cena de Sebastião Ribeiro.

NEGÓCIOS DE ESTADO

" (...) Ziembinski e seus comandados somente dispuseram de uns poucos dias para levantar a comédia de Verneuil, obra evidentemente de pouca importância, mas escrita dentro de cânones convencionais, com extrema habilidade e segurança, oferencendo momentos de boa diversão, despretensiosos e agradáveis. Quatro elementos – Ziembinski, Tônia Carrero, Jardel Filho e Margarida Rey – mantêm a representação num nível de tal exatidão e comunicabilidade, que vale a pena ir ao teatro somente para ter a satisfação de verificar o padrão magnífico a que chegou o teatrinho da Rua Major Diogo, mesmo em suas encenações apressadas e secundárias. (...)"

(Miroel Silveira, A Outra Crítica, página 105)

Ficha técnica

CANDIDA (1954)

Capa programa

VOLPONE (1955)

O Teatro Brasileiro de Comédia

APRESENTA

«Volpone»

Comédia em 3 atos e 6 quadros de BEN JONSON

Adaptação

STEFAN ZWEIG

Tradução de BRUTUS PEDREIRA e MARIO DA SILVA

Personagens (Por ordem de entrada em cena)

Mosca	Walmor Chagas
1.º criado	Ivan de Sousa
2.º criado	Rubens Teixeira
3.º criado	Jairo Rodrigues
Volpone	Ziembinski
Voltore	Fredi Kleemann
Corvino	Luiz Linhares
Corbaccio	Elisio de Albuquerque
Canina	Cleyde Yaconis
Colomba	Elizabeth Henreid
Leone	Jorge Chaia
Criado de Corbaccio	Telcy Perez
Comandante	Helio Colonna
1.º Esbirro	Claudio Ribeiro
2.º Esbirro	Jorge Goulart
Juiz	Leonardo Vilar

Cenários: Mauro Francini

Direção Geral: Ziembinski

Figurinos: Michel Veber

Os figurinos foram executados por Odilon Nogueira — Os cenários foram executados nas oficinas do T. B. C.

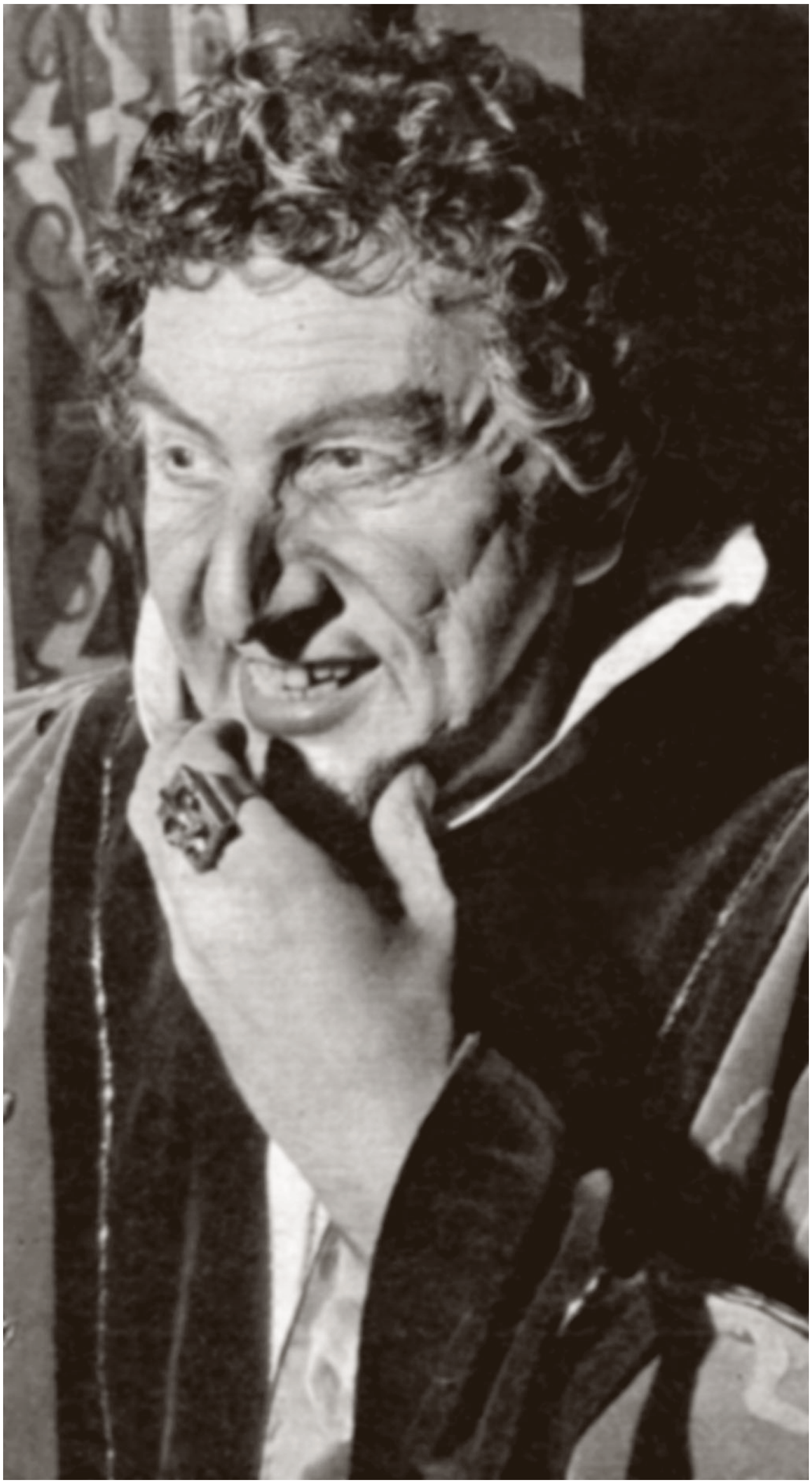
Maquinista chefe: Arquimedes Ribeiro — Eletricista chefe: Adelar Elias

Direção de Cena: Pedro Petersen

"Piano Brasil" — expoente máximo e orgulho da indústria brasileira!

Capa do programa

Ficha técnica



Ziembinski caracterizado como "Volpone"

Eu e “Volpone”

De onde veio esta historia sobre “Volpone” (O Raposão) não se sabe exatamente. Parece que uma lenda antiga ainda da Idade Media, serviu a Ben Jonson o contemporâneo de Shakespeare, como base para seu imortal drama, concebida já em plena Renascença da Inglaterra, no reinado prepotente do teatro Elizabeteano.

Seja o assunto do drama o eterno problema do homem perante o dinheiro e a sua insaciável cobiça, seja a maestria e forca do autor elizabeteano, fizeram com que “Volpone” adquirisse a imortalidade e ganhasse uma infinda vida teatral e um constante interesse, não só mente dos homens de letras como também do público.

Foi por essas razoes provavelmente, que o famoso literato austríaco conhecidíssimo pelas suas biografias historias, o escritor Stefan Zweig se interessasse por essa obra e lhe desse uma nova versão praticamente original e autonômica, conservando no entanto todo o sabor do ambiente renascentista, o seu poder e o calor abrasador das suas personagens.

O fato de ter que realizar “Volpone” no palco e para um honesto homem de teatro sempre um gravíssimo problema não somente artístico, mas também de consciência. O valor da obra, o seu poder, a sua importância, seu vulto humano profundo e sem concessões, acanham, para não dizer amedrontam um realizador moderno, pelas enormes dificuldades e responsabilidades que lhes acarretam – “mas ao mesmo tempo o empolgam pelas infindas possibilidades e pelo sentido de algo extraordinário, que esta para realizar.

Já foram feitas inúmeras realizações dessa obra excepcional do mundo inteiro, todas elas mais divergentes possível, de um cunho todo individual e particular.

Estamos perante mais uma delas.

Não é o caso de explicar ou comentar a minha encenação de "Volpone", pois falha ela seria se precisasse de explicações , mas quero apenas dizer qual foi o sincero intuito que me conduziu a ela

Para mim a arquitetura teatral do "Volpone" inspira um espetáculo espontâneo, primitivo, sem muita máquina ria nem recursos ou pseudo complicações do teatro moderno, um espetáculo quase popular, destinado a gente em pé, ou sentadas de qualquer maneira, barulhentos e sedentos de diversão, como acontecia na época do Teatro Elizabeteano. Por isso tentei usar esse pretexto para conseguir um ingênuo e vigoroso espetáculo teatral que se realizasse com todo o primitivismo e descaramento perante os olhos dos espectadores, como se realizava nos tempos de Ben Jonson pretexto, repito, para ganhar apenas o que lia de saboroso no gênero, e perder tudo o que há de pensado e cacete na retrospecção.

Quanto a, estruturação interior do drama, o seu problema psíquica, seu desenrolar emocional e caractereológico, senti na pega o gosto sedutor e estonteante da fúria de sua época, desnuda e hipócrita, católica e profana, genial e reles, perversa e infantil, amorosa e cruel, mas sobretudo bela, bela como, beleza de gigante.

Essa extraordinária força vital das suas personagens, seus desejos enfreáveis suas paixões descabidas, e sobretudo a mortífera ânsia de potência, sem se preocupar com os fins, para os quais isso os leve, falaram para mim com uma convicção inabalável e levaram-me a esta versão brutal, cruel, desencadeia. da do meu "Volpone".

O resto não é comigo!

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Volpone", 1955)

3 cenas da peça **VOLPONE**

Elizabeth Henreid e Luís Linhares

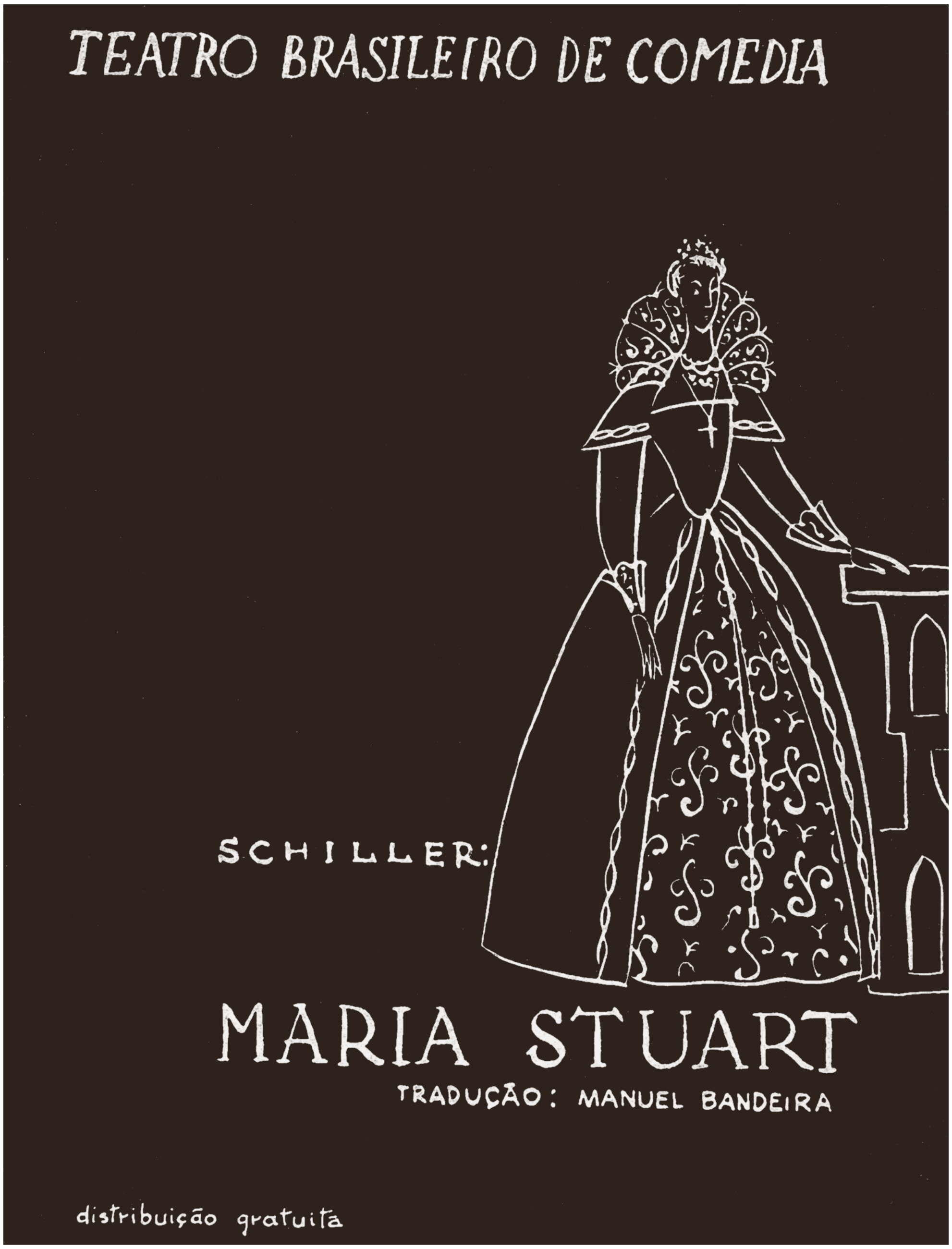
Ziembinski no papel de “Volpone”

Wlamor Chagas (Mosca) e Ziembinski

" (...) Para uma peça como **Volpone**, impossível encontrar diretor mais indicado que Ziembinski. Não apenas pelo seu profundo conhecimento de teatro, que o coloca ainda e sempre muito à frente de todos os encenadores ora no Brasil, mas também pelas condições psicológicas personalíssimas. Ziembinski não é homem de sentimentos, é homem de paixões, que nele alternam com a temperatura gélida de uma inteligência sideral, ao clime da qual tudo se torna espantosamente cristalino. Sua individualização de caracteres em **Volpone** é algo de notável – as personagens afloram à nossa compreensão com a luminosa contundência de relâmpagos, a ereção do quadro geral no qual eles se movem atingiu um plano de alta perfeição artística. Pode-se afirmar que jamais o TBC apresentou um espetáculo tão de "equipe" quanto **Volpone**, pois não há interpretações fracas a lamentar".

(Miroel Silveira, A Outra Crítica, 1976)

MARIA STUART (1955)



Capa do Programa de **MARIA STUART**

Ficha Técnica do programa

Teatro Brasileiro de Comédia

A P R E S E N T A

«Maria Stuart»

Tragédia em 3 atos e 7 quadros de

S C H I L L E R

Tradução de MANUEL BANDEIRA

Personagens (Por ordem de entrada em cena)

Anna Kennedy, ama de Maria Stuart	SYLVIA ORTHOF
Amias Paulet, Cavaleiro - Guarda de Maria	JORGE CHAIA
Drugeon Drury, Segundo Gaurda de Maria	CLAUDIO RIBEIRO
Maria Stuart, Rainha de Escócia	CACILDA BECKER
Mortimer, Sobrinho de Paulet	LUIZ LINHARES
William Cecil, Barão de Burleigh	LEONARDO VILAR
Elizabeth I, Rainha de Inglaterra	CLEYDE YACONIS
Conde D'Aubespine, Embaixador de França	HELIO COLONA
George Talbot, Conde de Shrewsbury	FREDI KLEEMANN
Robert Dudley, Conde de Leicester	WALMOR CHAGAS
O'Kelly, Amigode Mortimer	TELCY PÉREZ
William Davison, Secr. de Estado	ELISIO DE ALBUQUERQUE
Oficial da Guarda	ARMANDO CARLOS MAGNO
1.o Guarda	CLAUDIO MODRY
2.o Guarda	IVAN DE SOUZA
Melvile, Mordomo de Maria Stuart	ZIEMBINSKI
Margarida Kurl, Camareira de Maria	CARMINHA BRANDÃO
1.a Camareira	SÍLVIA DONATO
2.a Camareira	ALBA DE ARAUJO
3.a Camareira	IOLITA DE ALBUQUERQUE
Pagem de Elizabeth	RUBENS TEIXEIRA
Xerife do Condado	PEDRO PETERSEN

Direção Geral
ZIEMBINSKI

Figurinos
CLARA HETENY

Ass. Direção
ARMANDO PASCHOAL

Cenários
MAURO FRANCINI

Os figurinos foram executados por ODILON NOGUEIRA — Os cenários foram executados nas oficinas do T. B. C.
Maquinista chefe: ARQUIMEDES RIBEIRO — Eletricista chefe: ADELAR ELIAS
Maquilagem: JOSE' JANSEN - Dir. Cena: PEDRO PETERSEN

«PIANO BRASIL» — expoente máximo e orgulho da indústria brasileira !

" (...) Cacilda Becker é uma atriz essencialmente moderna, sem qualquer pompa exterior. A sua voz e a sua dicção são secas, incisivas, nervosas, cortantes, martelando e destacando as sílabas, não sabendo prolongar musicalmente as inflexões e fazer cantar o período, á maneira dos atores ingleses shakespereanos. Quando o experimenta fazer, não obstante a sua extraordinária voluntariedade, deixa apenas de ser Cacilda Becker. Mas as cenas capitais da peça, o encontro com Elizabeth e a despedida antes de partir para o cadafalso, servem admiravelmente para nos devolver, intacta, a sua melhor, a sua rara, a sua privilegiada qualidade: o pudor na emoção, o sofrimento autêntico, despido de qualquer exibicionismo. Seria impossível representar com maior severidade, severidade que chega até a uma aparente frieza, para quem não é capaz de perceber a intensidade contida da intérprete.O que Cacilda possui, mais do que qualquer outra atriz, não são qualidades físicas, não é uma voz excepcional, não é o estilo: é a flama interior. (...)"

(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 1955)

" (...) A rainha Elizabeth, feita por Cleyde Yáconis é uma mulher frustrada, insegura de si, no começo da velhice, quase lamentavelmente só, à beira do ridículo, carregando a sua famosa virgindade. Um extraordinário desempenho, uma verdadeira criação, no sentido de composição física e psicológica, de retrato ideado com grande inteligência e realizado com grande sensibilidade, (...)"

(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 1955)

Página anterior: Cacilda Becker como "Maria Stuart"

Página anterior: Cleyde Yáconis como "Elizabeth"

Cacilda Becker e Fredi Kleemann na remontagem dirigida por Ziembinski no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro em 1956

A “Maria”... do Romantismo, ou Romatnismo. . .da “Maria”

A passional figura da Rainha da Escócia, mergulhada no mais recente inicio da Renascença na Inglaterra, com seus tragos individualistas e rebeldes, com seu temperamento tão incontido ora no crime, e na devassidão, como no misticismo, não podia deixar de seduzir um autor por excelência romântico como Friedrich Schiller.

Alias, vários escritores românticos ficaram impressionados com a personalidade de Maria Stuart, e dedicaram-lhe paginas ou obras inteiras. Para citar um deles, o grande. poeta romântico polonês Julio Slowacki escreveu uma excelente tragédia sobre Maria Stuart, que abrange a parte criminosa e despudorada de sua vida, ate a fuga com seu amante Bothwell apos ter ela assassinado o seu marido Henrique Darnley.

Vemos portanto que o Romantismo apropriou-se, por assim dizer, da temível e mística Rainha’, nascida na passagem da austera idade media para a calorosa Renascença e transformou-a em uma das suas mais típicas heroínas.

Desta mesma maneira o drama Schilltriano, que abranje um acontecimento histórico e político da Renascença na Inglaterra, transformou-o, devido a sua heroína, em um acontecimento emocional e místico, resultando assim em uma das mais belas e importantes obras da literatura dramática do Romantismo.

Evidentemente sete ponto de vista, do grande poeta alemão, obrigou-o a dar a historia da Rainha da Escócia um aspecto um pouco diferente da realidade, e ampará-la pelos recursos imprescindíveis do Romantismo, como: o amor incontido ou frustrado, ódio, loucura, desvario, conspirarão, intriga, culpa expiada ou reconciliação mística.

Com o recurso de grande autor de Teatro, Schiller reduziu o drama da Stuart praticamente há dois dias – seus últimos momentos. Reconstituindo toda carga dramática da sua vida de traz para diante, .e chocando.a, com a violência e crueldade da atual, obteve uma condenação poeticamente perfeita e dinamicamente inabalável.

O drama que explode num verso garboso, rápido, poderoso e voraz,
da impressão de um sopro arrasador do vento que carrega a tempestade.

Devo confessar que por esse lado foi que a imortal obra de Schiller me impressionou mais, sem discutir todas as outras suas infinitas belezas.

Por isso- procurei dar ao meu espetáculo a forma que mais o aproximasse a expressão romântica, abstraindo-me de tudo que possa ser pesquisa ou reconstrução histórica, de toda amolante minúcia de realismo de toda corroente viscecao psicológica, deixando as asas abertas ao lance de poesia e ao furor romântico.

O foguete da palavra esbelta e brilhante, contra o fundo neutro e profundo, a brasa das emoções e paixões e o penache de poesia contra plácida e serena simplicidade do terreno do palco, eis como concebo cenicamente a inspirada obra literária de Schiller.

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo “Maria Stuart”, 1955)

Cacilda Becker
como “Maria Stuart”, rainha da Escócia

Cacilda Becker na cena final de sua personagem "Maria Stuart"

Os Filhos de Eduardo (1955)

Capa do programa

"Não tenho nenhum amor ou deslumbramento pelos papéis que deixei para trás. Posso avaliar quais deles consegui fazer mais ou menos bem. Mas não tenho encantamento especial por nenhum. Não me "amarro" em nenhum, como se diz hoje. É sempre o meu último filho que me desperta maior amor e interesse. A não ser quando é uma dessas coisas que a gente faz só para ganhar dinheiro. Ninguém está livre disso." (11)

Da esquerda para direita, de pé, Leonardo Vilar, Silvia Orthof, Guilherme Correa. Sentados, da esquerda para a direita, Fredi Kleeman, Ziembinski e Walmor Chagas

DIVÓRCIO PARA TRÊS (remontagem 1956)

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

APRESENTA

a partir do dia 6 de Junho de 1956

"Divórcio para Três"

(DIVORÇONS)

Comédia em 3 atos de

VICTORIEN SARDOU

★

Tradução de

MARIO DA SILVA e RENATO ALVIM

★

CENARIOS
MAURO FRANCINI

FIGURINOS
ALDO CALVO

★

Direção

ZIEMBINSKI

Capa do programa da remontagem de 1956

Ficha Técnica 1 do espetáculo

O Teatro Brasileiro de Comédia

APRESENTA

«Divórcio para Três»

(DIVORÇONS)

Comédia em 3 atos de
VICTORIEN SARDOU
Tradução de Mario da Silva e Renato Alvim

Personagens (Por ordem de entrada em cena)

André	Fernando Tôrres
Josette	Fernanda Montenegro
O Porteiro	Pedro Petersen
Des Prunelles	Ziembinski
Cipriana	Cacilda Becker
Bafordin	Jorge Chaia
Sra. de Brionne	Carminha Brandão
Srta. de Lusignan	Glauce Rocha
Sra. De Valfontaine	Sylvia Orthof
Mâitre	Helio Colonna
1.º Garçon	Luiz Linhares
2.º Garçon	Fernando Tôrres
Comissário de Polícia	Elísio de Albuquerque
1.º Guarda	Armando Carlos Magno
2.º Guarda	Cláudio Ribeiro

Cenários
Mauro Francini

Direção
Ziembinski

Figurinos
Aldo Calvo

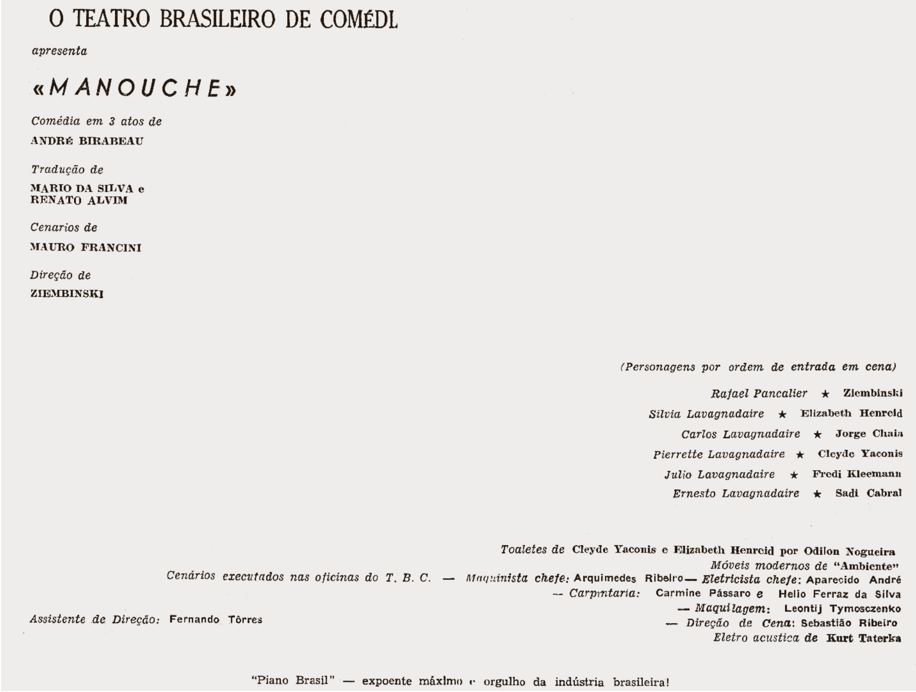
Os figurinos foram executados por Rina Figliotti, Odilon Nogueira e A. Soares de Oliveira — Os cenários foram executados nas oficinas do T. B. C
Maquinista Chefe: Arquimedes Ribeiro — Eletricista chefe: Adelar Elias — Maquilagem: Paulo Nunes — Ass. Direção: Armando Carlos Magno — Direção de Cena: Pedro Petersen

"Piano Brasil" — expoente máximo e orgulho da indústria brasileira!

Ficha Técnica 2 do espetáculo (apresentando no mesmo elenco Fernanda Montenegro, Cacilda Becker e Glauce Rocha)

DIVÓRCIO PARA TRÊS Ziembinski e Cacilda Beker

MANOUCHE (1956)



O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDL

apresenta

«*MANOUCHE*»

Comédia em 3 atos de
ANDRÉ BIRABEAU

Tradução de
MARIO DA SILVA e
RENATO ALVIM

Cenarios de
MAURO FRANCINI

Direção de
ZIEMBINSKI

(Personagens por ordem de entrada em cena)

Rafael Pancalier ★ **Ziembinski**
Silvia Lavagnadaire ★ **Elizabeth Henreid**
Carlos Lavagnadaire ★ **Jorge Chaia**
Pierrette Lavagnadaire ★ **Cleyde Yaconis**
Julio Lavagnadaire ★ **Fredi Kleemann**
Ernesto Lavagnadaire ★ **Sadi Cabral**

Toaletes de **Cleyde Yaconis e Elizabeth Henreid por Odilon Nogueira**
Móveis modernos de **"Ambiente"**
Cenários executados nas oficinas do T. B. C. — *Maquinista chefe:* Arquimedes Ribeiro — *Eletricista chefe:* Aparecido André
— *Carpintaria:* Carmine Pássaro e Helio Ferraz da Silva
— *Maquilagem:* Leontij Tymosczenko
— *Direção de Cena:* Sebastião Ribeiro
Eletro acustica de **Kurt Taterka**

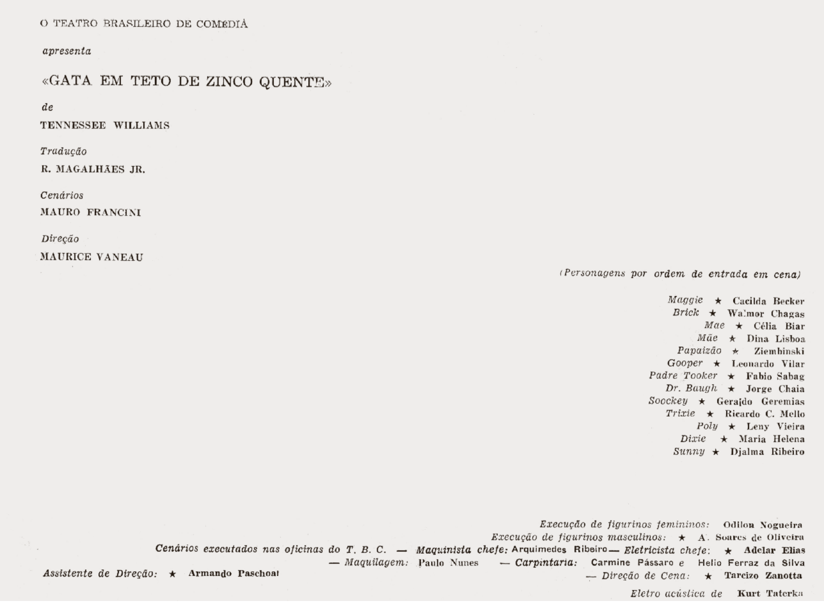
Assistente de Direção: Fernando Tôrres

"Piano Brasil" — expoente máximo e orgulho da indústria brasileira!

Capa do Programa **MONOUCHE**

Ficha Técnica do espetáculo

GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE (1956)



O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

«GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE»

de

TENNESSEE WILLIAMS

Tradução

R. MAGALHÃES JR.

Cenários

MAURO FRANCINI

Direção

MAURICE VANEAU

(Personagens por ordem de entrada em cena)

Maggie ★ Cacilda Becker
Brick ★ Walmor Chagas
Mae ★ Célia Biar
Mãe ★ Dina Lisboa
Papaizão ★ Ziembinski
Gooper ★ Leonardo Vilar
Padre Tooker ★ Fabio Sabag
Dr. Baugh ★ Jorge Chaia
Soockey ★ Geraldo Geremias
Trixie ★ Ricardo C. Mello
Poly ★ Leny Vieira
Dixie ★ Maria Helena
Sunny ★ Djalma Ribeiro

Execução de figurinos femininos: Odilon Nogueira
Execução de figurinos masculinos: ★ A. Soares de Oliveira
Cenários executados nas oficinas do T. B. C. — *Maquinista chefe:* Arquimedes Ribeiro — *Eletricista chefe:* ★ Adelar Elias
— *Maquilagem:* Paulo Nunes — *Carpintaria:* Carmine Pássaro e Helio Ferraz da Silva
Assistente de Direção: ★ Armando Paschoal — *Direção de Cena:* ★ Tarcizo Zanotta
Eletro acústica de Kurt Taterka

Capa Programa

Ficha técnica do espetáculo **GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE**

GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE – Célia Biar, Jorge Chaia, Leonardo Vilar, Sadi Cabral e Ziembinski e Dina Lisboa (sentada)

Em primeiro plano, Ziembinski (Papaizão) e Dina Lisboa (Mãe), ao fundo Cacilda Becker e Walmor Chagas, em uma cena de **GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE**

A RAINHA E OS REBELDES (1957)

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"A RAINHA E OS REBELDES"

de
UGO BETTI

Tradução
RUGGERO JACOBBI

Cenário
MAURO FRANCINI

Direção
MAURICE VANEAU

(Personagens por ordem de entrada em cena)

Contínuo ★ **Leonardo Vilar**
Engenheiro ★ **Fredi Kleeman**
Elisa ★ **Cleyde Yaconis**
Amos ★ **Ziembinski**
Elizabeta ★ **Dina Lisboa**
Viajantes: ★ **Raul Cortez**
Vicente Zirpolo
Arquimedes Ribeiro
Atílio Del Fiore
Ray ★ **Walmor Chagas**
Biante ★ **Eugênio Kusnet**
Maupa ★ **Zeluiz Pinho**
Camponesa ★ **Sydnéia Rossi**
Soldado ★ **Teotônio P. da Silva**
Menino ★ **Costaki Christoforo**

Cenários executados nas oficinas do T. B. C. — *Maquinista chefe:* Arquimedes Ribeiro — *Eletricista chefe:* Aparecido André — *Carpintaria:* Carmine Pássaro *e* Helio Ferraz da Silva — *Direção de Cena:* Sebastião Ribeiro

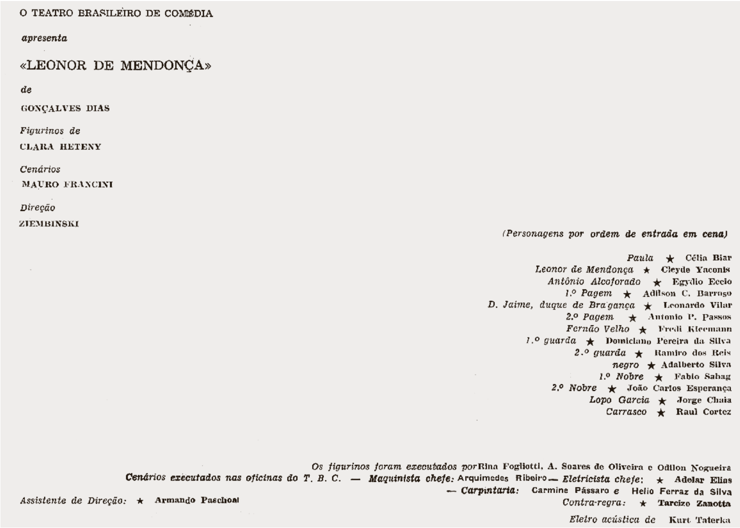
Eletro acustica de **Kurt Taterka**

Assistente de Direção: ★ **Armando Paschoal**

Capa do programa

Ficha técnica do espetáculo

LEONOR DE MENDONÇA (1957)


O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

«LEONOR DE MENDONÇA»

de

GONÇALVES DIAS

Figurinos de

CLARA HETENY

Cenários

MAURO FRANCINI

Direção

ZIEMBINSKI

(Personagens por ordem de entrada em cena)

Paula ★ Célia Biar
Leonor de Mendonça ★ Cleyde Yaconis
Antônio Alcoforado ★ Egydio Eccio
1.º Pagem ★ Adilson C. Barroso
D. Jaime, duque de Bragança ★ Leonardo Vilar
2.º Pagem ★ Antonio P. Passos
Fernão Velho ★ Fredi Kleemann
1.º guarda ★ Domiciano Pereira da Silva
2.º guarda ★ Ramiro dos Reis
negro ★ Adalberto Silva
1.º Nobre ★ Fabio Sabag
2.º Nobre ★ João Carlos Esperança
Lopo Garcia ★ Jorge Chaia
Carrasco ★ Raul Cortez

Os figurinos foram executados por Rina Fogliotti, A. Soares de Oliveira e Odilon Nogueira
Cenários executados nas oficinas do T. B. C. — ***Maquinista chefe:*** Arquimedes Ribeiro — ***Eletricista chefe:*** ★ Adelar Elias
— ***Carpintaria:*** Carmine Pássaro e Helio Ferraz da Silva
Assistente de Direção: ★ Armando Paschoal
Contra-regra: ★ Tarcizo Zanotta
Eletro acústica de Kurt Taterka

Capa Programa Leonor de Mendonça

Ficha Técnica do espetáculo

Leonor de Mendonça

Quando o jovem Gonçalves Dias concebeu a sua "Leonor de Mendonça", sem a menor duvida ficou fortemente influenciado pela sanguinolenta – e profundamente dramática, no seu aspecto autêntico – historia da infeliz Duquesa de Bragança. Essa impressão foi tão forte que o autor muitas vezes não conseguiu abstrair-se das ocorrências históricas, nem tentou transformá-las em acontecimentos teatrais, mas sim o colocou dentro da peça com toda a crueldade e arrebatamento da sua autenticidade. Mesmo assim, o drama de Gonçalves Dias e uma prova inabalável do seu talento dramático e da noção de funcionamento de um conflito teatral. Gonçalves Dias, poeta por excelência e poeta emocional, aproveitou-se – pode-se assim dizer – dos "a margem" dos acontecimentos históricos, para ai tecer a sua visão poética dos sentimentos, conflitos, paixões, personagens profundamente românticas e encantadoras. A meu ver a maior força do drama de Gonçalves Dias consiste em dialogo escrito numa linguagem de extrema beleza e pureza linguística,

Cleyde Yáconis (Leonor de Mendonça)

Fredi Kleeman (Fernão Velho), Leonardo Villar (D. Jaime), Cleyde Yáconis (Leonor) e Egydio Eccio (Antônio Alcoforado) em uma cena de **LEONOR DE MENDONÇA**

como também na força dos sentimentos do autor, em que ele reveste as suas personagens. Todos os recursos românticos foram usados com extrema felicidade, embora nem sempre com sinceridade, e, apesar disso, funcionam de maneira excelente. Presságios, superstições, lembranças que voltam do passado, noites cheias de mistério, pressentimentos de morte e desgraça, insanidade psíquica, exaltações físicas e amorosas, amores que não tem direito de serem declarados e sofrimentos que corroem em silencio; lagrimas que correm pelas faces no silencio da noite – não vistas por ninguém – são elementos que, nas mãos do jovem e arrebatado Gonçalves Dias, adquirem um ar de extremo encanta-mento, ternura e poesia. Era inevitável que o jovem poeta, vendo em volta de si os gigantescos exemplos dos dramaturgos contemporâneos e das épocas passadas, não se deixasse seduzir pelo fato de imitação, se não fosse da própria construção dramática, pelo menos pela força da expressão formal. Dai proveniente, repito, devido a pouca experiência, as deduções nem sempre felizes que conduziram muitas vezes o drama de Gonçalves Dias a uma grandiloquência e a atitudes – por assim dizer – excessivamente teatrais e portanto muitas vezes soando falso ou insincero Mesmo assim essa sedução e mais uma prova de incontido talento do autor, que esbravejava sobre um cavalo enlouquecido nem sempre sabendo aonde ele o conduzia. Esbarrando, de repente, num beco sem saída – em que o seu talento e a sua fantasia o enfurnaram – acuado pelas circunstancias e regras dramáticas, resolvia, de um golpe, com a saída, aplicando os lances ingênuos ou então autênticos da historia verídica. Mas nisso também se deve reconhecer um sabor de um grande dramaturgo que estava para nascer e ,que devido a trágica circunstancia de sua morte não se realizou definitivamente. A atual encenação do drama de Gonçalves Dias teve a preocupação de mostrar tudo o que ha de belo, poderoso e empolgante na tragédia de Leonor de Mendonça, abrandando da maneira que foi possível ,os pecados da mocidade do autor e acalmando os ares grandiloquentes e histriônicos do drama, torná-lo mais humano e trazê-lo mais perto dos nossos corações.

(Texto de Ziembinski para o programa da peça "Leonor de Mendonça", 1957)

Egydio Eccio (Antônio Alcoforado), Leonardo Villar (D. Jaime) e Cleyde Yáconis (Leonor) em **LEONOR DE MENDONÇA**

ADORÁVEL JÚLIA (1957)

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

apresenta

"ADORÁVEL JÚLIA"

de

MARC-GILBERT SAUVAJON

Baseada em "THEATRE" de

SOMERSET MAUGHAM e GUY BOLTON

Tradução de

MÁRIO DA SILVA e RENATO ALVIM

Cenários de

MAURO FRANCINI

Direção

ZIEMBINSKI

(*Personagens por* **ordem de entrada em cena**)

Barão Weill-Amaury ★ **Leonardo Vilar**
Pedro ★ **Fredi Kleemann**
Michel Gosselin ★ **Ziembinski**
Júlia Lambert ★ **Cacilda Becker**
Roger Gosselin ★ **Sérgio Barreto Leite**
João Paulo Fernois ★ **Walmor Chagas**
Zina Devry ★ **Cleyde Yaconis**
Eva ★ **Zilka Sallaberry**
Cristina Vallamont ★ **Theresa Austregesilo**
Diretor de cena ★ **Sandoval Mota**
Porteiro ★ **Tarciso Zanotta**

Cenarios executados nas oficinas do TBC — *Execução dos figurinos femininos da época:* **Odilon Nogueira** — *Maquinista chefe:* **Arquimedes Ribeiro** — *Eletricista chefe:* **Adelar Elias** — *Carpintaria:* **Helio Ferraz da Silva** *Cabeleiras:* **Leontij Tymosczenko** — *Maquilagem:* **Paulo Nunes** — *Contra-regra:* **Tarciso Zanotta** — *Eletro acústica de* **Kurt Taterka**

Capa do Programa de **ADORÁVEL JÚLIA**

Cacilda Becker (Julia Lambert) e Ziembinski (Michel Gosselin) em **ADORÁVEL JÚLIA**,
último trabalho de Cacilda Becker e Ziembinski no TBC (1957)

Teatro no Teatro

Parece incrível que Somerset Maugham, autor de tantas pecas teatrais – e por sinal, muitas excelentes –. escreveu justamente sobre a vida e gente de teatro em forma de romance. Mais curioso, ainda, e ao mesmo tempo compreensível, e que esse romance como se fora portador do seu próprio destino, despertou logo interesse dos outros autores para o transformarem em peça teatral, e assim a vida dos atores e o teatro foi parar no teatro. O primeiro adaptador do romance, o autor inglês Guy Bolton, extraiu dele uma peca amarga e com fortes tendências dramáticas ,retratando, assim, mais fielmente o ambiente do romance de Somorset Maugham. Depois mais tarde, Sauvajon com seu espírito de autor, por excelência boulevardiano, apoderou-se da adaptação inglesa que tinha o nome "Theatre" e seguindo o problema feminino do assunto transformou-o numa peca sob o titulo de "Adorável Julia", muito mais leve e inconsciente, seguindo os traços da figura principal. Assim surgiu a peca, ora levada por nos em cena. Realmente, foi uma adaptação feliz, nem sempre livre dos perigos que trazem em si a transformação de um romance para uma peca de teatro. No entanto, bem construída, fluente, e o que e mais importante, portadora de um sentido humano e grande amor de uma certa parte de gente por esse ser efêmero que e o teatro.

A peca de Sauvajon, trás o sub-título "comedia" e realmente e uma comedia embora tecido de um assunto nem sempre muito divertido para uma mulher e atriz, pois e a passagem do seu meio dia para o crepúsculo. Esse crepúsculo tão natural, ocorrência de qualquer vida e por conseguinte também da vida humana, nos seres estanhos, inquietos e geniosos que são a gente de teatro, adquire características de ameaça devassadora e prematura tempestade. Se essa tempestade atingisse apenas nos mis não teria talvez tanta importância, mas, se atinge, o objeto do nosso amor, se repercute na vida e profissão que amamos, se destrói a paz suposta tão rara na inquietude da vida teatral, causa o tormento e quase catástrofe em que incorre a "Adorável Julia".

E se não fosse a receita que ela mesma da: "ha. duas receitas de felicidade: os dois amarem muito um ao outro ou os dois amarem muito a mesma coisa", se não fosse, repito, essa receita ,muita gente do tipo e "jeito" de Julia, parariam inevitavelmente num abismo ou num trágico beco sem saída. Portanto, vendo essa comedia de gente que "sempre tem um cantinho onde se encontram" e desse teatro que e justamente "esse cantinho", quando se comoverem acreditem que há nisso alguma coisa de engraçado, e quando rirem pensem que, no fundo, e uma coisa talvez muito seria, para não dizer triste. Isso e "Adorável Julia".

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Adorável Júlia")

O SANTO E A PORCA (1958)

TEATRO CACILDA BECKER

Direção Artística
ZBIGNIEW ZIEMBINSKI

Direção Técnica
JORGE CHAIA

Direção Geral
CACILDA BECKER e WALMOR CHAGAS

ELENCO

SNRAS. CACILDA BECKER, CLEYDE YACONIS, KLEBER MACEDO.
SNRS. FREDI KLEEMANN, JORGE CHAIA, RUBENS TEIXEIRA, WALMOR CHAGAS, ZIEMBINSKI.

TÉCNICOS

Diretor de Cena	Rubens Teixeira
Chefe Maquinista	Oracy Flores
Chefe Eletricista	Anibal Guimarães
Consultor Jurídico	Fábio Villaboim de Carvalho
Coordenador Administrativo	Norma Greco

Capa do Programa **O SANTO E A PORCA** no TCB (Teatro Cacilda Becker)

Ficha técnica do espetáculo

Ziembinski entre os atores Cleyde Yáconis, Cacilda Becker, Walmor Chagas, Jorge Chaia e Fredi Kleemann e demais profissionais do espetáculo **O SANTO E A PORCA**

Ziembinski (Eurico Árabe) e Walmor Chagas (Pinhão) em **O SANTO E A PORCA**

O SANTO E A PORCA – Walmor Chagas, Ziembinski e Cleyde Yáconis – Teatro Cacilda Becker TCB

O SANTO E A PORCA – Caclda Becker, Cleyde Yáconis,
Cleber Macedo e Ziembinski – TCB

Cacilda Becker e Cleyde Yáconis ensaiando **O SANTO E A PORCA**

"O fato de vir ao Brasil e participar do movimento de recriação do teatro brasileiro sempre tem para mim uma importância única não somente como resultado artístico mas, antes de mais nada, como resultado humano. Foi a possibilidade de recriar coisas, de transferir as suas capacidades e os seus melhores intuitos para uma outra área, de um outro país e de um outro povo. A minha vida artística tem no Brasil o valor do renascimento e de criação de novos valores, novos poderes, nova orientação. Tanto para mim, quanto para aqueles que me cercavam. Ser chamado de pai do teatro moderno brasileiro realmente representa uma alegria, um prazer, assim como um avô que é chamado pelos netinhos por um apelido carinhoso e ele fica feliz porque se dá conta de que é verdadeira a razão do apelido. Não sou um homem vaidoso, sou um homem que reconhece as coisas. Então eu não posso dizer, por mais humilde que seja, ou que pretenda a ser – por que não é fácil ser humilde – que não me toca o fato do papel que desempenhei na história do teatro brasileiro. Agora, não é motivo de vaidade, porque evidentemente esse papel eu desempenhei, junto com o prodigioso talento do brasileiro para fazer teatro. Raramente eu mesmo me refiro dentro de mim a esse título, mas acho muito boa a situação que se criou dentro de mim. O que significa pertencer à comunidade brasileira no sentido mais amplo da palavra e integrar a vida das pessoas de teatro porque fui alguma coisa para eles. É isso que me dá prazer." (13)

(Depoimento de Ziembinski)

Santo e a Porca

Quem conhece como eu Ariano Suassuna dos tempos das suas primeiras tentativas teatrais, como "Mulher vestida de Sol", "Homens de Barro", quem depois teve a oportunidade de ver a "A Compadecida" e ler "Casamento Suspeitoso", chegando ao "O Santo e a Porca" vê claro e nitidamente a enorme transformação que se efetuou nesse jovem e talentoso autor nordestino.

Partindo das feições poéticas ou por assim dizer simbolistas, conseguiu num tempo muito breve uma enorme humanização e simplificação tanto do seu conteúdo como da sua forma. Hoje estamos diante de um autor praticamente ciente da sua forma e ciente daquilo que acarreta o seu coração e envolve o seu pensamento. "O Santo e a Porca" calcada na "Aulularia" de Plauto, representa para nos um novo passo do autor que concretizando-se cada vez mais nos seus propósitos, abandona e deixa de lado as miudezas, os detalhes menos significantes para obter a obra cada vez mais simples e pura e, por mais estranho que pareça, saindo dos princípios regionais, cada vez mais universal.

A espontaneidade, o bom senso e o grande coração humilde e caloroso, regem o Suassuna criando dele um autor despretensioso, sensato, crente e otimista; um autor que faz bem a humanidade. Cada vez que me aproximo a obra dele e que roga por mim a sua singeleza espontânea, sincera, calo-rosa e comovente, lembro-me da eterna frase de Lope de Vega: "demo um tablado, dois atores e uma paixão e eu vos farei! um drama". Por isso ao realizar "O Santo e a Porca" procure! soltar a obra do Suassuna, dentro de terreno cênico, da maneira mais livre, espontânea e despretensiosa, dando-lhe o aspecto de um espetáculo singelo e popular, um espetáculo de feira, de histriões de estrada, um espetáculo de cirquinho se quiserem, para deixar a inquieta e fértil imaginação do Suassuna colorir com tintas frescas esse quadro ingênua, radioso e comovente.

Todo o funcionamento do espetáculo, que traz consigo apenas isso o que e necessário e indispensável para criar uma ilusão teatral, todas as simples convenções e toda falta de convencionalismo, toda a aparelhagem primitiva para fazer funcionar a trama mais simples ainda e por isso mais direta e prendente, foram reunidas para criar esta festa do teatro onde todos se esforçam calorosa e sinceramente para fazer o teatro, o teatro em todos os sentidos, para conquistar o espectador, para fazê-lo rir, interessar-se e consagrar no fim a beleza do teatro com aquilo que lhe e mais fraternal e necessário com os aplausos.

Aceitem esta obra do Suassuna com o corajoso tão aberto, quanto eu procure dá-la a vocês. E verão como e bom e gostoso as vezes ver e aceitar o mundo simples e sinceramente.

(Texto de Ziembinski para o programa de "O Santo e a Porca", 1958)

JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE (1958)

Ziembinski e Cacilda Becker (Sr. e Sra. Tyrone)

JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE

(Long day's journey into night)

Drama em duas partes

de

EUGENE O'NEILL

1.ª Parte: 1.º, 2.º e 3.º quadros
2.ª Parte: 4.º e 5.º quadros

TRADUÇÃO — Helena Pessôa
Gert Mayer

CENÁRIO e FIGURINOS — **GIANNI RATTO**

DIREÇÃO — **ZIEMBINSKI**

PERSONAGENS:

JAMES TYRONE	ZIEMBINSKI
MARY CAVAN TYRONE, sua mulher	CACILDA BECKER
JAMES TYRONE JR., seu filho mais velho	FREDI KLEEMANN
EDMUNDO TYRONE, seu filho mais moço	WALMOR CHAGAS
CATLHEEN, a empregada	KLEBER MACEDO

Confecção do Guarda-Roupa	Kalma Murtinho
Cabeleiras	Eric Rzepecki
Maquinista Chefe	Oracy Flores
Maquinista	Luciano Trigo
Eletricista Chefe	Anibal Guimarães
Eletricista	Moraes
Diretor de cena	Rubens Teixeira

Cartazes	Enrico Bianco
Emblema	Napoleão Moniz Freire
Tradução dos versos	Manuel Bandeira

Ficha técnica do espetáculo

JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE – Fredi Kleemann e Cacilda Becker durante os ensaios da peça

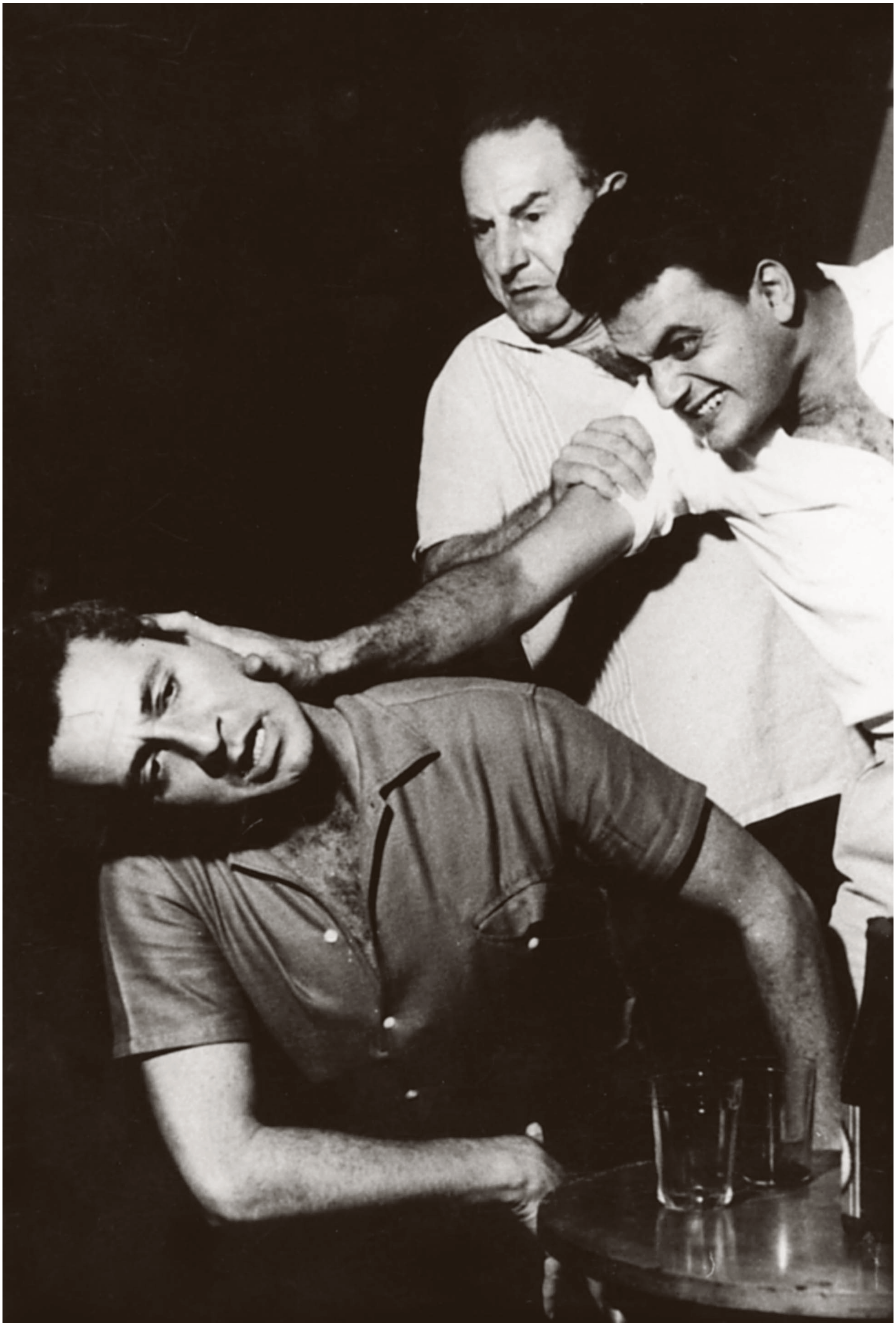
Jornada de um longo dia...

Parece-me que na vida de cada escritor, chega um momento em que ele, consciente ou inconscientemente sente que o seu período de criação, chegou ao ponto em que precisa dizer aquilo, para o qual foi destinado, que forma a essência dele próprio, pois em seguida ele emudecera, seja em termos estéticos e artísticos, seja pelo silencio que lhe trará a eternidade. E esses são os momentos em que aparecem as verdadeiras realizações artísticas, as verdadeiras obras primas, que marcam o passo do desenvolvimento estético da humanidade, que marcam o caminho do intelecto, da cultura e da civilização. Tenho convicção e coragem de dizer que "Jornada de um longo dia para dentro da noite" ocupa esse lugar na vida do grande dramaturgo ou melhor do grande trágico, como foi Eugene O'Neill. É preciso portanto, muito pudor e humildade para se aproximar a esse fabuloso monumento, que parece ser esculpido numa pedra só, e se encarregar da realização teatral dele, ou mesmo de falar ou escrever sobre ele.

Como toda a vida de Eugene O'Neill, uma vida entranha e tempestuosa, também a vida dos personagens da "Jornada de um longo dia...", que e reflexo biográfico da sua própria, e da sua família, debate-se nas garras de um preponderante e absoluta destino, classicamente chamado "ananke" cujo devoto e crente absoluto foi Eugene O'Neill, durante toda a sua existência artística. A culpabilidade do ser humano e relativa, ele e a vitima das forças poderosas, que não dependem dele, dos quais no entanto ele depende exclusivamente. E quanto a culpabilidade mais relativa e, tanto maior a consciência da responsabilidade das personagens de O'Neill, perante a forca que não dominam, as vezes nem entendem e no entanto, sentem-se escravos dela e respeitam a grandeza desta escravidão divina. Esse tormento conduz inevitavelmente os seres O'Neilianos a um impacto com a vida, a qual não suportam em termos comuns, qual talvez suportassem em termos patéticos, sentindo, no entanto toda a sua mesquinhez; destroem-se então por si próprios perante a vergonha desse confronto, do seu próprio destino e do raquítico rendimento das suas mesquinhas vontades dentro do temor de uma noite sem fim, cuja alvorada traz, apenas a esperança, da repetição da eterna derrota. "Jornada de um longo dia para dentro da noite", e um grande grito de protesto do mundo em que vivemos, um grande "J'accuse" e ao mesmo tempo uma grande autocompreensão da sua própria culpa, e um pedido de misericórdia. É o maior drama moderno – acho eu.

(Texto de Ziembinski para o Programa da peça "Jornada de Um Longo Dia Para Dentro da Noite", 1959)

Fredi Kleemann, Walmor Chagas e Ziembinski durante os ensaios de
JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE



Kleber Macedo (Kathleen) e Clacilda Becker (Mary Tyrone) em **JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE**

O PROTOCOLO / PEGA FOGO (1958)

O PROTOCOLO

Elenco por ordem de entrada em cena

Venancio Alves	FREDI KLEEMANN
Elisa	CLEYDE YACONIS
Lulú	CELME SILVA
Pinheiro	WALMOR CHAGAS

PEGA FOGO

Elenco por ordem de entrada em cena

Pega Fogo	CACILDA BECKER
Sr. Lepic	ZIEMBINSKI
Annette	CLEYDE YACONIS
Sra. Lepic	KLEBER MACEDO

Emblema	Napoleão Muniz Freire
Fotografias	R. Paraguassú e Alberto Lima
Confecção do guarda-roupa — "O Protocolo"	Ded Bourbonnais
Confecção do guarda-roupa — "Pega Fogo"	Stella Garcia
Cabeleiras	Erik Rzepecki
Maquinista-chefe	Oracy Flores
Maquinista	Juan Carlos Speranza
Eletricista-chefe	Anibal Guimarães
Diretor de cena	Rubens Teixeira

Modelos do guarda-roupa e confecção dos cenários em tecidos

MATARAZZO-BOUSSAC

Capa do programa do Teatro Cacilda Becker para o espetáculo **O PROTOCOLO/PEGA FOGO**

Ficha técnica de **O PROTOCOLO** e **PEGA FOGO** montagem do TCB 1958

Fredi Kleeman e Cleyde Yáconis em uma cena de **O PROTOCOLO** (1958)

Ziembinski e Cacilda Becker durante os ensaios da remontagem de **PEGA FOGO**

Ziembinski e Cacilda Becker durante os ensaios da remontagem de **PEGA FOGO**

SANTA MARTHA FABRIL (1958)

Cleyde Yáconis (Vera) em **SANTA MARTA FABRIL**

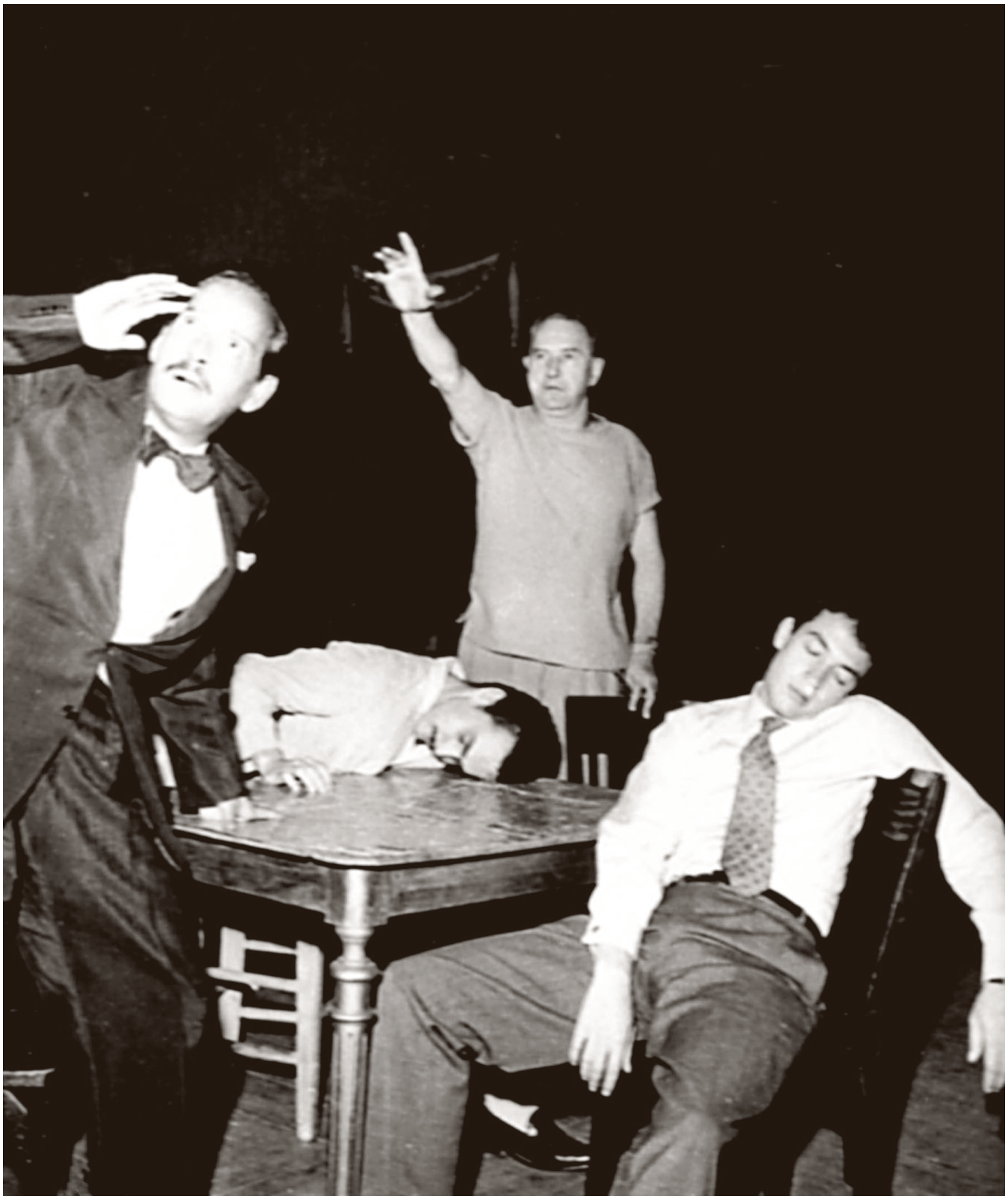
Kleber Macedo e Cacilda Becker em uma cena do espetáculo

Cacilda Becker e Ziembinski em outra cena da montagem

OS PERIGOS DA PUREZA (1959)

D. JOÃO TENÓRIO (1959)

Jayme Costa e Ziembinski em uma cena de **D. JOÃO TENÓRIO**



Rodolfo Mayer (em primeiro plano) e ao fundo Ziembinski
durante os ensaios de **D. JOÃO TENÓRIO** (1959)

As Três Irmãs (1960)

Ziembinski e Rodolfo Mayer durante os ensaios

Ficha Técnica do espetáculo

TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA
apresenta

AS TRÊS IRMÃS
de A. TCHEKOV

Tradução de MARIA JACINTA
Direção de Z. ZIEMBINSKY
Cenários de JOÃO MARIA DOS SANTOS
Figurinos de ODETTE

ELENCO
Por ordem de entrada

Olga	Glauce Rocha
Macha	Vanda Lacerda
Irina	Elisabeth Gallotti
Ivan Rovmanovitch Tcheboutykine	Rodolfo Arena
Barão Nicolai Lvovitich Tousenbach	Paulo Serrado
Vassili Vassilievitch Soliony	Walter Alves
Anfissa	Licia Magna
Ferapont	Ferreira Maya
Alexandre Ignatievitch Verchinine	Rodolfo Mayer
Andre Sergveievitch Prozorov	Jose Guerreiro
Fiodor Ilitch Koulyguine	Sebastião Vasconcelos
Natalia Ivanovna (Natacha)	Beatriz Veiga
Alexei Petrovitch Fedotik	Ivan Candido
Vladimir Karlovitch Rodet	Miguel Carrano

Contra-regra : Mario Figueiredo
Maquinista : Jardel
Cenários executados por Isael Cardoso
Cabeleiras : ERIK
Figurinos femininos executados por Iolanda da Conceição
Figurinos masculinos executados por Mamede e Luiza Pedreira Angelim.

"A colocação do diretor, especialmente hoje, é muito diferente daquela do passado. Acredito que um diretor possa ajudar muito um ator que tenha um verdadeiro potencial e não desenvolver tanto outro que apresente um potencial limitado. Acho que o diretor pode até prejudicar um ator, mas só se este não for bastante forte. Não poderá nunca matar um ator. Mas, hoje em dia, a concepção de direção é tão ampla que alguns encenadores nem se interessam pelo ator. Outros só se interessam por ele e jogam fora o espetáculo. Nessa relação de ator e diretor aparecem também muitas lendas, muitas histórias românticas, que a gente gosta de contar mas que não são verdadeiras." (12)

Glauce Rocha (Olga), Vanda Lacerda (Macha)
e Elizabeth Gallotti (Irina) – **AS TRÊS IRMÃS** (1969)

O elenco de **AS TRÊS IRMÃS**: sentados Beatriz Veiga, Josef Guerreiro, Ferreira Maia, Lícia Magno. De pé, Miguel Cerrano, Wanda Lacerda, Elizabeth Galotti, Glauce Rocha, Edmundo Moniz, Paulo Serrado, Ivan Cândido e Walter Alves

Josef Guerreiro, Glauce Rocha, Elizabeth Galotti e Wanda Lacerda

Glauce Rocha (Olga) e Elizabeth Gallotti (Irnina)

Ferreira Maia (Ferapont) e Lícia Magno (Anfissa)

Rodolfo Arena (Tchecoutykine)
e Walter Alves (Vassillievitch)
em uma cena de **AS TRÊS IRMÃS**

Carroussel do Casamento (1960)

Da esquerda para a direita, Laura Suarez, Francisco Saraiva, Ziembinski, Odilon Azevedo e Silvia Fernanda – Companhia Dulcina Odilon – 1960

SANGUE NO DOMINGO (1960)

fundação
brasileira
de teatro

apresenta

**sangue
no domingo**

FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE TEATRO

apresenta

"Sangue no Domingo"

Direção: ZIEMBINSKY — Cenários: GIANNI RATTO
Assistente de direção: JORGE AYER — Chefe de montagem: LUCIANO TRIGO
Distribuição por ordem de entrada em cena:

Juvenal .... IVAN SENNA
Paulo .... MAURÍCIO GUIMARÃES
Tião .... PAULO MATOSINHO
Ferrari .... JOSEPH GUERREIRO
Zuza .... RAUL AUGUSTO DA MATTA
Apolinário .... RONALDO DE MENDONÇA
Romano .... JORGE AYER
Tinoco .... IVAN CANDIDO
Herculano .... REINALDO RUDI
Castanhedo .... ZIEMBINSKI
Gervásio .... FRANCISCO SARAIVA
Jóca .... RONALDO DANIEL
Celina .... LEINA PERELMAM
Néco .... CID MORÁES
Elisa .... VANDA LACERDA
Noemia .... BRANCA MAUÁ
Marieta .... ESTHÉR GILDA
Do Carmo .... MARIA ESMERALDA
Padre Zéca .... ODILON AZEVEDO
Odete .... ISOLDA CRESTA
Dr. Moreira .... JOSÉ BERTÉLLI

Contra Regras — Luiz Haroldo e Osmarino Alves
Eletricistas — Severino Silva e Sinclair
Maquinistas — Delfin Moreira e Antônio Lourenço
A lambretta usada em cena é uma gentileza de JODORA RIO

Capa do Programa do espetáculo

Ficha Técnica do espetáculo

Fundação Brasileira de Teatro

Presidente :

Dulcina Mynssen de Moraes

Conselho Curador :

Joracy Camargo (Presidente)

Henriette Morineau, Genolino Amado, Yara Salles, Odilon Azevedo

CORPO DOCENTE DA "ACADEMIA DE TEATRO"

Adolfo Celi — Adonias Filho — Cecília Meireles — Domingos de Azevedo — Dulcina Moraes — Dorothea Renner — Elsa Longoni — Henriette Morineau — John Mulhollana — Joracy Camargo — José Carlos Lisboa — José Paulo Moreira da Fonseca — Junito Brandão — Lilia Nunes — Margarida Estrela — Kalma Murtinho — Maria Clara Machado — Rennè Contreras.

CURSOS DA "ACADEMIA DE TEATRO"

Cenografia — Crítico de Arte — Direção — Formação de Ator — Escritores Teatrais. Cursos Especiais: Direção e Oratória para Advogados — Dramatização para Professôres — Declamação — Francês — Inglês e Humanidades (Filosofia, Psicologia, Sociologia e Metodologia).

ASSEMBLÉIA-GERAL

Adolfo Celi — Antônio Araújo — Antônio Callado — Armando Assis Pacheco — Bandeira Duarte — Bibi Ferreira — Brenildo Meirelles Tavares — Cacilda Becker — Carlos Brant — Carmen Dolores Caran — Cesar Ladeira — Conchita Moraes — Dary Reis — Delorges Caminha — Dniester Marques da Silva — Dulcina Mynssem de Moraes — Edith Moraes — Elsa Deschatre-Longoni — Floriano Faissal — Genolino Amado — Henriette Morineau — Ismênia dos Santos — J. M. Figueiredo Netto — José Caran — José Paulo Moreira da Fonseca — Joracy Camargo — Léa Leal — Leana dos Reis — Licínio Ferreira das Neves — Lúcia Benedetti — — Luciano Trigo — Luiz Delfino dos Santos — Luiz Inglézias — Manoel Durães — Maria Clara Machado — Maria Jacintha — Morgarida Haydée Salaverry — Neide Coelho — Odilon Azevedo — Osvaldo Motta — Paulo Autran — Pedro Bloch — Raymundo Magalhães Jr. — Renata Fronzi Ladeira — Ronaldo de Souza Coelho — Silveira Sampaio — Thereza Christina Ferreira Pinto Martins — Tônia Carrero — Victor Costa — Victor Salles Binot — Waldemar Figueiredo — Yara Salles.

Ficha Técnica da Fundação Brasileira de Teatro

Sempre foi assim...

Há certos assuntos dos quais o homem não consegue se desprender. Assuntos, ou melhor, certas posições emocionais ou intelectuais que acompanham a existência de um ser humano e enquanto existir a humanidade interferirão na sua existência, na sua evolução, no seu desgaste, ou talvez, na sua extenuação. E por mais consciente ou inconscientemente queira relutar contra eles um ser humano não consegue se libertar nem fugir ao pagamento, do preço de sua felicidade ou da sua desgraça, imposto por forcas muitas vezes fora do seu alcance e desconhecidas. Foi essa a razão dos trágicos clássicos e românticos que lhes colocou perante um drama eterno e perfeito. Sejam quais forem as mudanças culturais, históricas ou da civilização em que incorre a humanidade ou sociedade, o intimo do homem, o seu mecanismo emocional e seu mecanismo psico-intelectual, funcionam nas mesmas bases 3 automaticamente estouram muitas vezes em mais imprevistas emoções e mais inesperadas situações que, por serem assim, são as mais justificadas, aparentemente lógicas e simples. O funcionamento biológico da nossa natureza escolhe os caminhos próprios sem se preocupar com o que sofrerão os seres, sujeitos por isso a suas poderosas e misteriosas magias. O poder da reação que imprimem os dois seres do sexo oposto em carinhosa luta um contra o outro, o encantamento, a fascinação, ou seja, a sedução com os fins biológicos determinados andam pelos caminhos mais diversos e mais, mesmo romanticamente, inesperados. Não é de admirar portanto, que a historia de um amor sem igual não acontecerá somente em Verona, em meio da plena renascença, mas que se repercutirão vários amores desse quilate sem se preocupar com o tempo, situação, meio de vida, que parecesse aos amantes de Verona, O eterno eco da única e mais bela e feliz historia de amor dos amantes que conseguiram tudo que poderiam desejar e que nunca foram separados, pois conseguiram refugiar-se na segurança eterna da extinção dos seus corpos, anda pelo mundo, vagueia dentro de .nos e muitas vezes só por nossa infelicidade ou falta da capacidade de tornar-se felizes não o ouvimos ou ao menos temos a doce esperança de encontrá-lo em nosso caminho.

Não importa portanto se foi no Brás que dois jovens trocaram olhares que os uniram definitivamente, em vez de ser numa praça ensolarada da Itália. Não tem importância que o que os separa aparentemente impeça a felicidade imediata conduzindo-os a outra felicidade que ninguém pode roubar sejam rixas da fidalguice ou primitiva paixão do homem simples e rude pelo seu ídolo esportivo, digamos dentro dos quadros dos times de futebol.

Sempre há razão de aparecer sangue com o qual se paga aquilo que não tem preço, seja o sangue do duelo, do suicídio, o sangue que tanto correu no dia qualquer da semana como no domingo apos a decisão do campeonato.

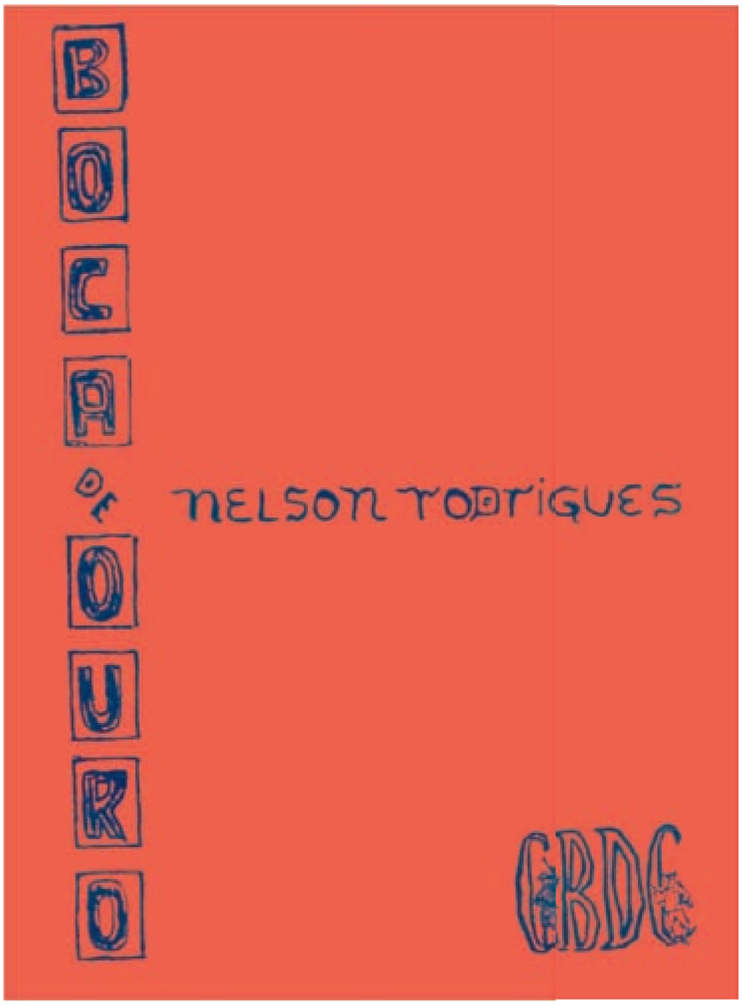
E se hoje olharemos ou ouviremos esse longínquo inabalável eco do Romeu e Julieta, compostos das nossas características pulsando com nosso sangue, pisando o nosso chão, enquadrados dentro do pitoresco quadro da nossa existência cotidiana das nossas preocupa-coes, hábitos e emoções, sentiremos dentro deles o mesmo sinal de grandeza do que dos seus longínquos irmãos que pagaram com o maior preço a maior felicidade.

O destino do homem moderno que cria a sua própria "ananque" cotidianamente, talvez arrastará esse esquisito Romeu pelos traços da vida de hoje a fundar a Julieta mais inocente e desesperadamente do que fazia o Romeu da renascença. Mas o valor da existência e o mesmo, o preço que se paga por ele igual e a trágica grandeza dos amantes de Verona comove hoje da mesma maneira vendo os trágicos e felizes amantes do Brás.

A historia do amor e ódio é uma só, e a vitória também a única: Saber amar mais do que vale a morte: em resultado o sangue correrá no domingo.

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Sangue no Domingo")

BOCA DE OURO (1960)



A COMPANHIA BRASILEIRA DE COMÉDIA

Apresenta

BOCA DE OURO

3 atos: 15 quadros

de NELSON RODRIGUES

Direção de:
ZIEMBINSKI

Cenários de:
GIANNI RATTO

Figurinos de:
TULIO COSTA

Produção de:
MALGARI COSTA

Execução dos Cenários:
JOSE' TAVARES

Eletricista: GIANCARLO BORTOLOTTI
Pintura dos Cenários: DIORIVAL CHIAVENATTO

personagens por ordem de entrada em cena:

Redator	MIGUEL CARRANO
Reporter	RONALDO DANIEL
Fotografo	GILSON BARBOSA
Agenor	RAUL CORTEZ
Guigui	FLORAMI PINHEIRO
Celeste	DALIA PALMA
Leleco	RUBENS DE FALCO
Boca de Ouro ...	ZIEMBINSKI
1.a Granfina	CELIA HELENA
2.a Granfina	FLORA BASAGLIA
3.a Granfina	MARGARIDA CARDOSO
Maria Luisa	CELIA HELENA
Preto	JOSE' FRANCISCO
Locutor	CESAR BRASIL

● (Na parte filmada «Boca de Ouro» foi interpretado por Sebastião Campos e o Dentista por Lima Neto). ● Penteados de Dalia Palma e Celia Helena e produtos de beleza do Inst. N. G. Payot — Praça D. José Gaspar, n.o 76 ● As bolsas usadas em cena são uma gentilesa de Bolsas Henrique, rua Arouche, 160 ● Os dentes do Sr. Ziembinsky foram caracterizados pelo Dr. Camilo de Moraes. ● Filmagem na BANDEIRANTES oferecida por Chick Fowle. ● Revelação no LABORATORIO REX. ● Dublagem do filme oferecida por Mario Sidow.

Capa do Programa

Ficha Técnica

ESPECTROS (1961)

TEATRO DO RIO

a p r e s e n t a

E S P E C T R O S

de **HENRIK IBSEN** — tradução de **Pontes Paula Lima**

(Personagens por ordem de entrada em cena):

Regina Engstrand	THELMA RESTON
Jacob Engstrand	GERMANO FILHO
Pastor Manders	ZIEMBINSKI
Helena Alving	MARIA SAMPAIO
Oswaldo Alving	RUBENS CORRÊA

Ação — Noruega — Época 1880

Cenário e figurinos de Napoleão Moniz Freire — Execução de cenário: Wagner dos Santos — Execução de figurinos: Jorge dos Santos e Kalma Murtinho — Eletricista-chefe: Soares — Contra-regra: Ney Mandarino — Caracterizações: Fred Amaral.

Direção de ZIEMBINSKI

Ficha Técnica

Ziembinski e Maria Sampaio em uma cena de **ESPECTROS**

CÍRCULO VICIOSO (1961)

TEATRO DO RIO
apresenta

CÍRCULO VICIOSO

(THE CIRCLE)

comédia em 3 atos de SOMERSET MAUGHAM — tradução de Elsie Lessa e Ivan Lessa

(Personagens por ordem de entrada em cena):

Arnold Champion-Cheney .... IVAN DE ALBUQUERQUE
Lacaio .... NEY MANDARINO
Senhora Shenstone .... THELMA RESTON
Elizabeth .... ISABEL TERESA
Edward Luton .... RUBENS CORRÊA
Clive Champion-Cheney .... ZIEMBINSKY
Lady Catherine Champion-Cheney .... MARIA SAMPAIO
Lord Porteous .... SADI CABRAL

Ação — Inglaterra — Época atual

Cenário: BELLÁ PAES LEME — Execução do cenário: WAGNER DOS SANTOS — Supervisão de figurinos: SARITA BOCAIUVA — Eletricista-Chefe: LUCIDIO SOARES — Contra-Regra — NEY MANDARINO — Assistente de direção: NILDO PARENTE

Direção de ZIEMBINSKY

Ziembinski e Thelma Reston em uma cena de **CÍRCULO VICIOSO**

Ficha Técnica

ZEFA ENTRE OS HOMENS (1962)

NICETTE BRUNO e PAULO GOULART

a p r e s e n t a m

ZEFA ENTRE OS HOMENS

DE HENRIQUE PONGETTI

Odisséia brasileira em dois atos

P E R S O N A G E N S

ZEFA	NICETTE BRUNO
TIQUIRA	IRAN LIMA
ZÉ PIUM	CELSO MARQUES
INHACA	WALDIR MAIA
CORONEL LUCA	ÁLVARO AGUIAR
CORONEL BIMBIM	MÁRIO BRASINI
JOÃO TURCO	HAMILTON FERREIRA
PADRE GENARO	PAULO GOULART

Ação — Interior de Alagoas

Direção: ZIEMBINSKI — Cenografia: Anísio Medeiros
Montagem: Jardel — Eletricista: Soares — Contra-regra: Mário Figueiredo

Fotografias do Elenco: Jorge Fraga
Associação Brasileira de Arte Fotográfica — 32-1847

Capa do programa — Inocêncio Perez

Capa do Programa

Ficha Técnica

Waldir Maia, Paulo Goulart, Iran Lima, Celso Marques e Nicete Bruno em uma cena do espetáculo

Cena de **ZEFA ENTRE OS HOMENS** (da esquerda para direita) Iran Lima, Mario Brasini, Hamilton Ferreira, Celso Marques e Nicete Bruno

História de Sempre

É a segunda vez, apos quase doze anos, que tenho o grande prazer de realizar uma peca de Henrique Pongetti.

O prazer que provem, não somente da amizade que tenho por ele, mas também e principalmente pelo valor dos seus textos.

"Zefa Entre os Homens" em contraste com a anterior que realizei, "Amanhã Se Não Chover" e uma peca urdida dos assuntos tipicamente brasileiros, e que versa sobre o tema do Nordeste. Alias acho que não tem tanta importância o fator da localização da peça quanto o seu clima, e aquilo que ela pretende sugerir. Não há dúvida que dentro da ultima peca de Henrique Pongetti sente-se visivelmente a preocupação consciente sobre os assuntos da gente que ocupam as terras devastadas constantemente pela seca, e pela miséria, perante os outros que exploram a sua fé, as suas condições miseras de vida, transformando-os em joguetes dos seus interesses ou portadores dos seus votes eleitorais.

A desproporção de poderes e deveres, que entram comumente em choque, não apresentariam ainda, a gravidade da situação, se não aparecesse um despertar de consciência, daqueles que se sentem portadores de papeis frustrados.

Talvez esta alvorada de consciência co-letiva, essa proposta de solidariedade, com a qual o ser humano tenta resolver a sua solidão e aparente impotência que virou costume, e o traço mais belo da peca de Pongetti.

Não são os santos que passando de mão em mão, são portadores de uma coerência ou de uma unificação, mais o fato de escolherem a casa pra eles, no lar daqueles que eram menos visados, revive a fé na possibilidade de união, o surgimento de novas forcas, que outorgam a vitória. Zefa dentro do botequim com os homens que a cercam, e apenas uma pequena faixa sonora dos grandes ruídos que nem sempre entram nas pequenas orelhas, que não estejam prontas a ouvi-los.

A força de emoção, que atravessa esse pequeno grupo e o primeiro movimento de destampar os ouvidos, e proclamar aquilo ao que se tem direito. No fim, as coisas chegam sempre ao mesmo ponto: um pouco de sossego para os aturdidos, um pouco de ar para os sufocados, um pouco de calor para os congelados, nem que seja em troca de um pequeno pedaço de pão que sobrou de ontem.

Meus parabéns, amigo Pongetti.

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Zefa Entre Homens")

Cacilda Becker e Ziembinski em **CESAR E CLEÓPATRA** (1963)

Cesar e Cleópatra (1963)

Descalços no Parque (1964)

Ziembinski e Maria Sampaio (1964)

Carlos Kroeber, Maria Sampaio, Ziembinski,
Henrique Fernandes, Helena Ignês, Cecil Thiré

Maria Sampaio, Helena Ignês, Ziembinski
e Cecil Thiré em **DESCALÇOS NO PARQUE**

A PERDA IRREPARÁVEL (1965)

OSCAR ORNSTEIN

APRESENTA

A PERDA IRREPARÁVEL...

comédia em 3 atos de WANDA FABIAN

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA:

D. Clarice	*HENRIETTE MORINEAU*
Marina	*MARILIA BRANCO*
Eliana	*SUSANA DE MORAES*
D. Tetéia	*N. N.*
D. Conceição	*N. N.*
Fernando	*MIGUEL CARRANO*
Tininho	*RENATINHO MONTALVERNE*
Entregador	*EDSON P. BORGES*
Basílio	*JOSÉ AUGUSTO*
Frei Paulo	*ZIEMBINSKI ou CARLOS KROEBER*
Marcelo	*SOUZA LIMA*
D. Guilhermina	*IRACEMA DE ALENCAR*

Direção de ZIEMBINSKI

Cenário e figurinos de BELLA PAES LEME

Assistente de Direção: CARLOS KROEBER ● Assistente de Produção: LUCILLA AMARAL SOUZA
Trajes dos atores ADONIS ● Vestidos de Susana de Moraes: FUTURE MAMAN ● Figurinos femininos confeccionados por STELLA GRAÇA MELLO ● Sapatos: CARRANO'S

Capa do Programa

Ficha Técnica

Seria uma perda irreparável...

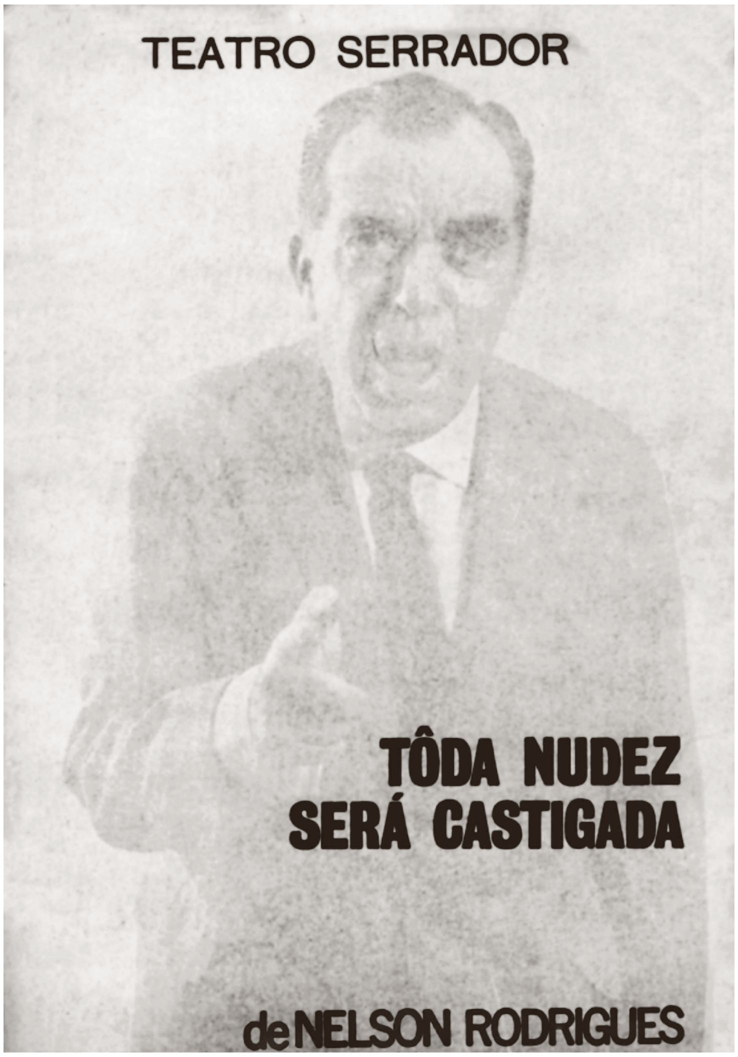
Fez bem, ao meu ver, a Wanda Fabian, escrever sua comédia como uma comédia de mulher e destinada a mulher. Tanto bem, pois tudo que é destinado e toca de perto a mulher, atrae forçosamente os homens. Alem disso, e muito interessante e proveitoso ouvir a mulher opinar e conhecer o seu ponto de vista dos assuntos sobre os quais, de costume, pronunciam-se os homens. Isso da um ar de meiguice a sua obra e um encanto todo particular, que faz ressurgir os aspectos de vida que nos, mergulhados no febril momento presente, quase perdemos de vista. Deixamos de nos lembrar que existe outra gente brasileira alem daquela que costumamos a ver todos os dias, ou que pelo menos imaginamos que seja assim, conforme o momento presente nos força a conceber. Esquecemos, inclusive, que existe outra Copacabana além da que com a qual esbarramos todos os dias em sua não muito sedutora presença. E nisso, a meu ver, consiste o grande mérito da autora. Em seu mundo, alguém ainda ama profunda e sinceramente, ainda tem escrúpulos perante os outros ou perante as suas próprias atitudes, Ainda existem laços familiares que unem as pessoas, e a forte presença da casa onde se nasceu e onde se vive junto aos seus. A mocidade ainda respira algo mais sensato do que a preocupação de extorquir o que se pode (e as vezes nem deve) do momento presente. Ainda existe a presença da fé e a importância dela, tão grande para o foro ultimo de cada um de nos.

A peça de Wanda Fabian respira a forte e autentica presença brasileira, e busca nela a graça singela e direta, a hilaridade incontida, proveniente do excelente instinto da observação da autora, que sabe, além do mais, revestir suas personagens de um dialogo conveniente, sincero e coeso, compreensível! E comunicativo a quem o ouça. Com a sutil inteligência de mulher de talento, Wanda Fabian não procurou lance ar em sua peca um problema em si, mas autora-mulher preocupa-se profundamente com o destino da moça que pecou romântica e ingênuamente, mas não tem vontade nem dotes para explorar ou seguir o rumo do pecado ao qual o mundo em que vivemos a quase obrigue.

Tive muito prazer em dirigir essa manifestação de sincero talento brasileira e acho que não mostrar ao publico a peca de Wanda Fabian seria uma perda tão irreparável como a da pobre moça heroína da peca. Mas dizem que Deus e brasileira. Ainda bem para a moça e para Wanda Fabian...

(Texto de Ziembinski para o programa da peça "A Perda Irreparável", 1965)

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA (1965)



Aluizio Leite Garcia e Joffre Rodrigues

apresentam

de NELSON RODRIGUES

"TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA"

Personagens por ordem de entrada

HERCULANO	Luís Linhares
NAZARÉ	Jacyra Costa
PATRÍCIO	Nelson Xavier
TIA N.º 1	Elza Gomes
TIA N.º 2	Antonia Marzullo
TIA N.º 3	Renée Bell
GENI	Cleyde Yaconis
ODÉSIO	Olegário de Holanda
SERGINHO	Enio Gonçalves
MÉDICO	Alberto Silva
PADRE	Ferreira Maya
DELEGADO	José Maria Monteiro

Cenário e Figurinos — NAPOLEÃO MONIZ FREIRE

Direção — ZIEMBINSKI

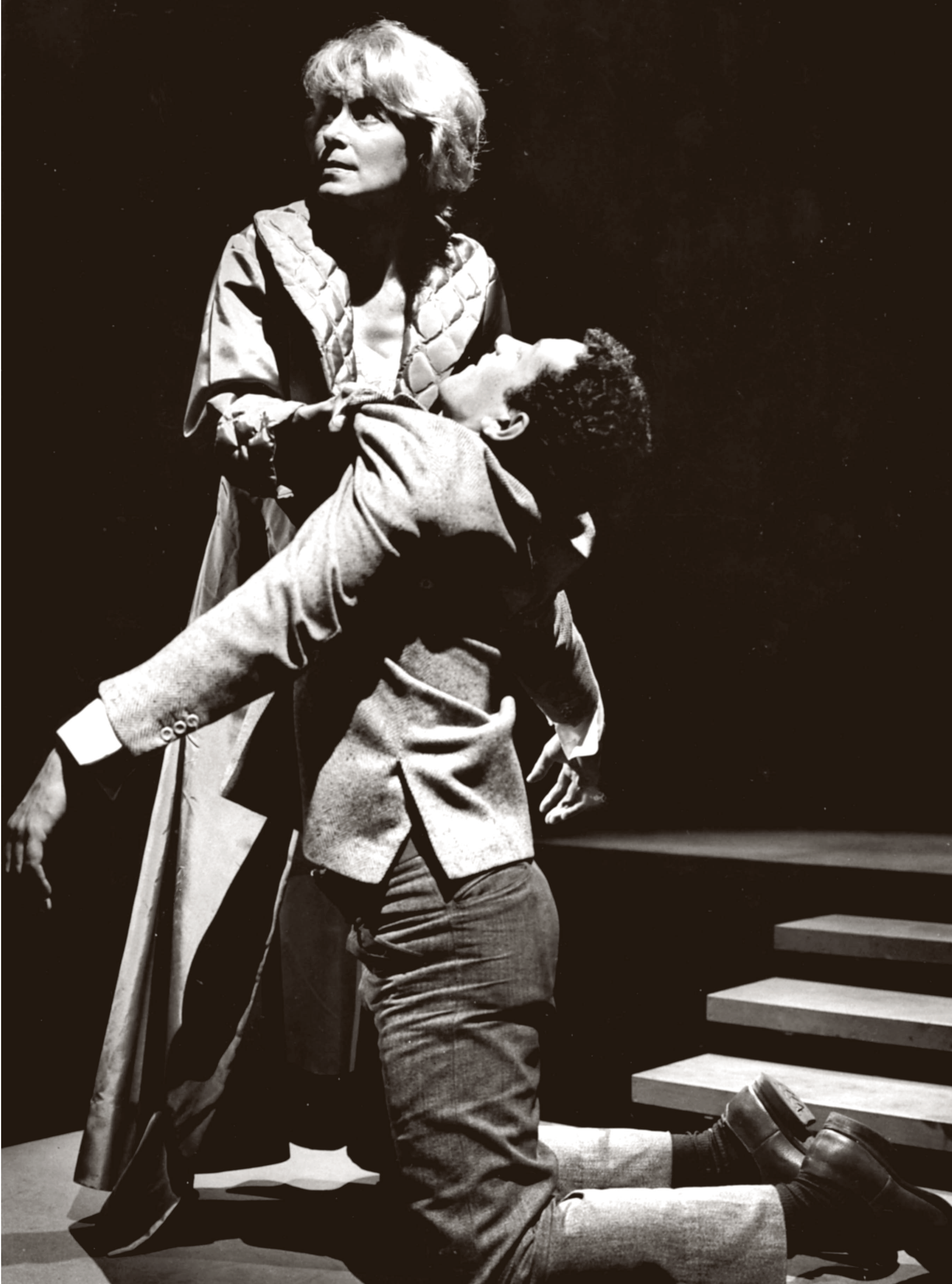
Assistente de Direção	CARLOS RENAN
Assistente de Produção	ROMANO DOMINGUES
Diretor de Cena	S. ISAIAS
Chefe Eletricista	ADELAR ELIAS
Chefe Maquinista	ORACY FLORES
Montagem do Cenário	ELIAS CONTURSI
	LUCIANO TRIGO
	ORACY FLORES
	ANTONIO LOURENÇO
Eletricista	VANILDE FIGUEIREDO
Som	LEVY DE OLIVEIRA
Contra Regras	OLACI GOMES
	JORGE MANOEL
	ANTONIO LEOBINO
Camareira	MAURA PASSOS
Pintura do Cenário	HUMBERTO

Direção de Produção — Norma Greco

Capa do Programa

Ficha Técnica

Cleyde Yáconis e Nelson Xavier em uma cena de **TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA**



TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA Cleyde Yáconis, Elza Gomes, Antonia Marzullo e Enio Gonçalves durante um ensaio

A Cirandinha de Nelson

Quase sempre procura-se adotar um ar de escândalo em torno de qualquer manifestação literária de Nelson Rodrigues. Isso prejudica fortemente o valor intrínseco de sua obra e muito particularmente de suas peças. É um crime tanto maior pois dessa maneira consegue-se apenas desorientar o publico e explorar o seu gosto já bastante pronunciado pelo sensacionalismo, em vez de fazer-lhes ver aquilo que importa na obra do homem e obrigá-lo a projetar o valor real e válido da sua manifestação criadora. Às vezes a situação torna-se a tal ponto absurda que as pessoas que vem assistir as peças de Nelson esperam ouvir um palavrão ou absorver avidamente uma situação equivoca, perdendo por completo de vista, a mensagem da peca e todo o seu conteúdo humano que se contorce sôfrego, preso pelas algemas inquebráveis do quotidiano e pelas maquiavélicas armadilhas do bem conceituado.

Parece-me que já e tempo de enfrentar o problema de um autor como Nelson Rodrigues de maneira mais digna e sensata, tendo alem disso, não duvido. o conhecimento da larga aceitarão dos autores "cruéis" e "raivosos" do mundo inteiro. O ser humano que sofre, ou que se revolta contra o sofrimento dos outros nem sempre tem a paciência ou polidez de se imprimir em termos plácidos e ponderados, pois duramos e xingamos quando nos pisam o calo. Imaginem o que aconteceria se nos pisassem a alma ou procurassem afundá-la no pântano da inflexível e insensivel doutrina ou mediocridade. Não acho em absoluto que as verdades reais e cruéis sejam menos validas do que as verdades cor de rosa, apenas implicam numa forma tão cruel como a crueldade do sofrimento delas. E se provocam uma linguagem desenfreada, azar desses que a provocaram pela sua cumplicidade do seu próprio sofrimento.

Toda nudez será castigada não e bem isso que pensamos dentro dos nossos conceitos bem mis e bem sem castigo? Aliás o próprio Padre da peca diz: "Não tenha pressa de perdoar. A misericórdia também corrompe.

Há um feliz e visível amadurecimento em cada nova peca do Nelson. Esta ultima me parece a melhor das quatro que representam a segunda época da sua produção iniciada pelo Boca de Ouro. £ a mais concisa e possuidora de uma sequência vigorante. Mais enxuta de todas as obras de Nelson e de uma tensão emocional mais sincera. Não se desperdiça em elementos secundários, indo feito um furacão ate o fim. Muito bem, seu Nelson!

(Texto de Ziembinski para o programa do espetáculo "Toda Nudez Será Castigada", 1965)

"(...) Como espetáculo "Toda Nudez Será Castigada", é de primeira ordem e mereceu o êxito retumbante da noite de estréia, em que quase todas as cenas isoladas foram aplaudidas a ponto de interromper a sequência da ação, e ao final da peça saudado pela sala de pé. A direção excepcional de Ziembinski soube coordenar o espetáculo, com sobriedade e precisão, conciliando inteligentemente os diferentes modos pelos quais foram encarnadas as personagens centrais. Cleyde Yáconis tem uma das melhores interpretações da sua carreira no papel de Geni. Com a necessária veemência, mas sem abrir mão dos matizes, cuja importância seria fácil reduzir. A excelente atriz mantém a maior categoria através de todo o desenrolar da peça, dando o difícil relevo, cheio de sutileza, à personagem feminina central da peça. (...) Em resumo: um grande espetáculo para um texto fascinante, que se coloca entre os primeiros do seu autor, vale dizer, da moderna dramaturgia brasileira."

(Alexandre Eulálio, Jornal O Globo, 23/6/1965)

"(...) A direção de Ziembinski é excelente. Assinala o reecontro do diretor com o dramaturgo Nelson Rodrigues , de quem já editou vários êxitos. A precisão dos detalhes é impressionante, com uma minúcia de que só mesmo um grande metteur-en-scène seria capaz. Ziembinski mais uma vez exibe sua mestria de iluminador, completando seu trabalho de diretor com muita plasticidade. **Toda Nudez Será Castigada** é um espetáculo excelente e que honra o nosso teatro."

(Van Jafa, Correio da Manhã RJ, 4/7/1965)

"Ziembinski realiza em **Toda Nudez Será Castigada** uma das suas direções mais felizes dos últimos tempos. É verdade que não há muito a dizer sobre o aspecto puramente formal do espetáculo, pois a própria estrutura do texto não admite grandes rasgos de inventividade; mas o que podia ser feito no sentido de uma produção limpa, consciente e nítida foi realizado com o máximo de exatidão e bom acabamento. O *pingue-pongue* é efetuado sem hesitações, com um ritmo dinâmico e nervoso, e as marcações são eficientemente ajudadas por uma iluminação despojada mas expressiva, e sempre perfeitamente precisa.

Mais interessante do que o aspecto visual da encenação é o acerto do tom empostação. O diretor parece ter sentido que as maiores virtudes da peça residem no brilhante uso do humor grotesco e explorou esse filão com admirável verve, segurança e sutileza. Os intérpretes soltam as engraçadíssimas enormidades imaginadas por Nelson Rodrigues com sua imperturbável seriedade – mas fazendo sentir ao espectador, ao mesmo tempo, que aquilo que estão dizendo é irresistivelmente engraçado. (...) O espetáculo é sóbrio, concentrado, econômico – e, no entanto, ilustra com exemplar fidelidade o texto que é exatamente o contrário da sobriedade. (...) Na encenação de Ziembinski, os personagens se comportam, na medida do possível, e dentro da adequada estilização humorística, como seres humanos dotados de uma sensibilidade e de um raciocínio mais ou menos normais. A direção de atores é excelente, e leva cada um dos integrantes do elenco a dar verdadeiramente o melhor de si mesmo. Cleyde Yáconis dá ao seu personagem o máximo de plausibilidade e de sinceridade, e só deixa de alcançar uma autenticidade plenamente convincente quando as incoerências do texto o tornam de todo impossível. Luís Linhares sustenta com grande lucidez um papel talvez ainda mais difícil do que o de Cleide; se a atriz pode exprimir-se essencialmente através do temperamento, o trabalho do ator exige uma composição completa e claramente consciente. Elza Gomes, a mais atuante das três tias, está próxima da perfeição das cenas em que intervém, e é muito bem coadjuvada por Antonio Marzulo. (...)"

(Yan Michalski, Jornal do Brasil, 4/7/1965)

" (...) Cleyde Yáconis torna a prostituta uma criação inesquecível, sempre colada ao papel, sem um instante em que a atriz não se sinta possuída por esse monstro de humanidade rudimentar imaginado por Nelson Rodrigues (...)"

(Décio de Almeida Prado, Jornal O Estado de São Paulo, 24/10/1965)

Cleyde Yáconis (Geni) e Nelson Xavier (Patrício)

Cleyde Yáconis (Geni) e Luis Linhares (Herculano) em uma cena do espetáculo

Cleyde Yáconis (Geni) e Enio Gonçalves (Serginho)

Elza Gomes(Tia nº 1) e Cleyde Yáconis (Geni) em **TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA**

OS FÍSICOS (1966)

OSCAR ORNSTEIN

apresenta

OS FÍSICOS

de

FRIEDRICH DÜRRENMATT

Tradução de

MÁRIO DA SILVA

Direção de

ZIEMBINSKI

com

RAUL CORTEZ - SEBASTIÃO VASCONCELOS
LUIZ LINHARES - MARGARIDA REY
CLAUDIO CORRÊA E CASTRO

YONÁ MAGALHÃES - BEATRIZ VEIGA - LAURA GALANO

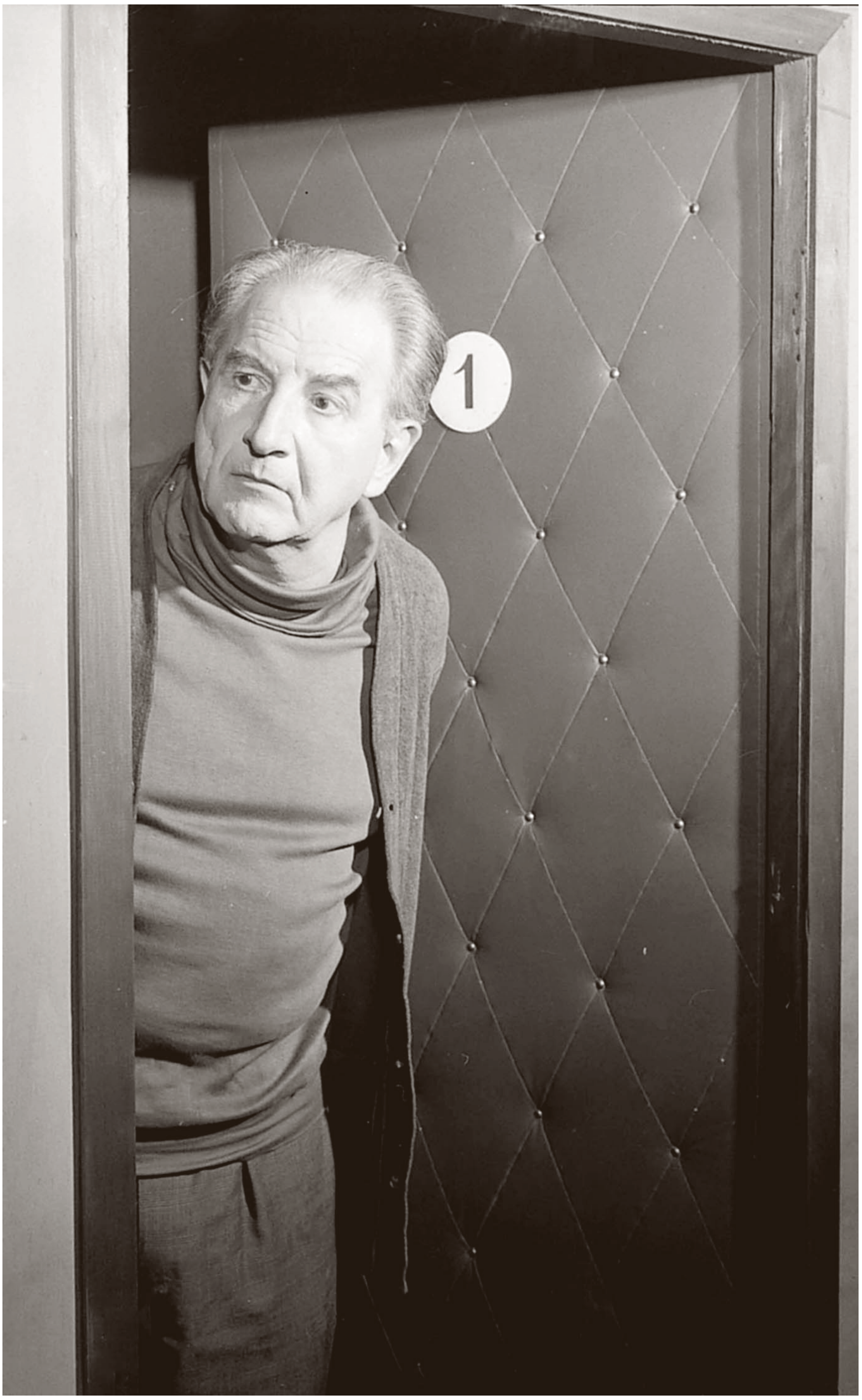
HUGO DUARTE - SCILLA MATTOS - HENRIQUE ALBERTO MUJICA - CÉLIO BARBOSA - GILDO CORRÊA MIGUEL CARRANO - JOAQUIM SOARES - RICARDO MACIEL - PAULO TOMAZ LOPES - ANTONIO DRESJAN

Cenários e Figurinos de

BELLÁ PAES LEME

Capa Programa

Ficha Técnica do espetáculo



Ziembinski em cena

Yoná Magalhães e Ziembinski em uma cena de **OS FÍSICOS**

Sebastião Vasconcellos, Ziembinski e Luís Linhares em uma cena de **OS FÍSICOS**

Ziembinski e Yoná Magalhães em outra cena do espetáculo

Cláudio Correa e Castro e Ziembinski durante os ensaios de **OS FÍSICOS**

Os Físicos

A enorme carreira de “Os Físicos” nos palcos de quase todos os paises do mundo, deve-se, a meu ver, não somente a excelente estruturação dramática da pega, como em primeiro lugar ao assunto da mesma, que representa um dos problemas mais importantes e inquietantes dos tempos em que vivemos. 0 profundo pessimismo de Diirrenmatt e a sua crença no poder do Acaso que reina os destinos da humanidade, agravam ainda mais a seriedade e a crueldade do problema que a pega “Os Físicos” apresenta. O fato da responsabilidade de cada um em face do destino da humanidade e principalmente da responsabilidade daqueles que, através da forca de seu cérebro, tem a possibilidade de formá-lo, representa para o autor da pega o problema mais inquietante, pois a sua fé nos valores positivos do ser humano e muito relativa. A interferência da ciência e através dela, dos homens que por essa ciência se responsabilizam, suscita a pergunta: As grandes descobertas que, podem tanto desfrutar para o bem quanto para o mal da humanidade, tem direito de serem escondidas ou tem a obrigação de serem denunciadas, seja qual for o resultado delas? Se o mundo moderno, neurótico e obcecado pela conquista do poder, pudesse se dar conta do perigo que corre e conseguisse frear o excesso da sua ambição, os destinos do mundo e da humanidade não oscilariam provavelmente da maneira tão violenta entre a possibilidade da beatitude e opulência ou da total desgraça e do aniquilamento. Mas, nesses momentos críticos, acredita Dürrenmatt que o Acaso interfere diabolicamente, transformando-se em próprio trágico Destino proporcionando resultados imprevistos ou totalmente opostos aos que foram visados. Essas coincidências formam uma situação tragicômica que reina nas pegas de Dürrenmatt, e ocasiona situações aparentemente absurdas, mas por isso mesmo manamente e verossímeis e cruéis. Por isso, de maneira tão desesperadora soa a frase de homem de fé, que Dürrenmatt, através da sua obra se permite julgar a ser, quando nos últimos momentos da pega denúncia: “A minha sabedoria destruiu em mim o temor a Deus. E quando não mais temi a Deus, minha sabedoria destruiu a minha riqueza.”

Ziembinski

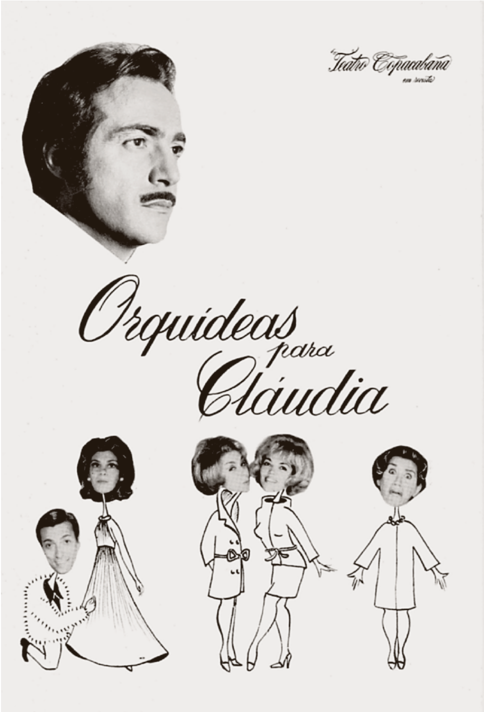
(Texto de Ziembinski para o programa da peça “Os Físicos”)

Ziembinski, Luís Linhares (sentado) e Raul Cortez ao fundo de pé,
em uma cena de **OS FÍSICOS**

Ziembinski ensaiando com Sebastião Vasconcelos, Luis Linhares e Raul Cortez

Yoná Magalhães e Raul Cortez durigidos por Ziembinski em **OS FÍSICOS**

ORQUÍDEAS PARA CLÁUDIA (1966)



OSCAR ORNSTEIN
apresenta
CARLOS ALBERTO
em
Orquídeas Para Cláudia
DE HENRIQUE PONGETTI
com

ISABEL TERESA
BERTA LORAN
RENATA FRONZI
LILIAN FERNANDES
PAULO ARAUJO
CELSO MARQUES
VERA BARRETO LEITE
LEILA DINIZ
GIDDIE VASCONCELLOS

Direção
ZIEMBINSKI

Cenário
PETER GASPER

Figurinos
GUILHERME GUIMARÃES

Capa Programa

Ficha Técnica

2 cenas de **ORQUÍDEAS PARA CLÁUDIA**

Carlos Alberto e Isabel Tereza

Berta Loran e Leila Diniz

O SANTO INQUÉRITO (1966)

MOVIMENTO DE
ARTE POPULAR
apresenta:

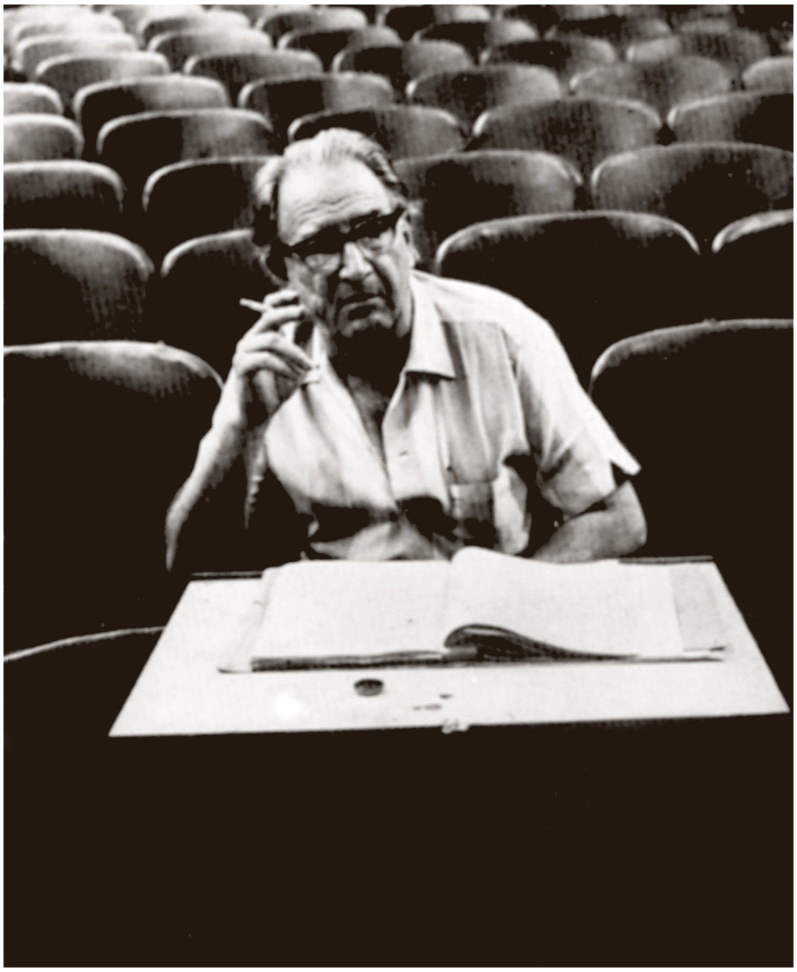
O santo
inquérito
de
DIAS GOMES

Branca Dias	EVA WILMA
Padre Bernardo	RUBENS CORRÊA
Visitador	PAULO GRACINDO
Simão Dias	JAIME BARCELLOS
Augusto Coutinho	VINÍCIUS SALVATORI
Guarda	GINALDO DE SOUZA
Notário	ISAAC BARDAVID

Direção
ZIEMBINSKI

Cenários e Figurinos
GIANNI RATTO

Produção executiva	JAIME BARCELLOS
Administração	VALTER PONTES
Assistente	LEO LEONI
Eletricista	WENCESLAU M. SILVA
Auxiliar	ABNER FREITAS
Execução de cenário	D'ORLOF
Execução de figurinos	STELLA GRAÇA MELLO
Capa do programa	SAMI MATTAR
Coordenação	KLEBER SANTOS



Capa Programa

Ficha Técnica

Página do Programa de **O SANTO INQUÉRITO**

O Preço disso que chamamos Liberdade

A produção dramática de Dias Gomes, marcada ate agora por três pegas, O Pagador de Promessas, A Invasão e A Revolução dos Beatos, esta amadurecendo, sem duvida, cada vez mais, tanto formal quanto ideologicamente; prova disso e este seu ultimo trabalho, O Santo Inquérito. Essa maturidade crescente se manifesta, por um lado, num abandono cada vez maior dos pormenores dramáticos, e, por outro lado, numa progressiva clareza de seus propósitos.

Em O Santo Inquérito, o uso do funcionamento dramático reduz-se apenas a uma proposta de realidade despida total-mente de suas minúcias e caracterizações, oferecendo, em troca, ponto de partida para um debate em que a participação do espectador seja tão coerente e lúcida quanto a dos interpretes. Isso resulta numa imediata união da forma do espetáculo com o seu objetivo ideológico, tão nu e evidente quanto a forma que o apresenta. Sendo assim, os problemas da pega propoem-se mais por si mesmos do que por um acontecimento dramático ou por oscilação de emoções e peripécias da própria estória. O que aconteceu com Branca Dias, verdadeiro ou não, ocupa o lugar de um ponto inquietante, apenas, tanto para as sensibilidades poéticas e dramaturgias, quanto para os que se preocupam com a problemática do ser humano no mundo de hoje e pensam que ele poderia viver num mundo melhor. Os séculos que nos separam de Branca Dias e dos seus sofrimentos, são apenas uma questão de números; o seu sentido de fé ingenua e de honestidade de procedimento, nos são tão próximos quanto as ocorrências do nosso cotidiano, ou os espantos produzidos pelas deformações repentinas de nossa vida ou do nosso semelhante. Quando me referi a clareza dos propósitos de Dias Gomes, era justamente isto que tinha em mente. Pensava no tão atual e verossímil problema das ccnvicções e do ser de Branca e nas implicações de se ser o que se e, nos dias de hoje.

Parece-me que o grande valor de Dias Gomes e precisa-mente o de ser ele uma consistência artística e humana que vê claro e fala claro, sem querer propor-se ao fator da luta evidente, mas nem por isso deixando de acusar o que humana e ideologicamente e inadmissível. Se Dias Gomes não fosse um homem de talento, honesto e convicto, tanto humana quanto ideologicamente, alguns poderiam tomar O Santo Inquérito como mais uma Joana D'Arc, apenas. O importante, nessa peca, e que nela Dias Gomes nos mostra que, nos dias de hoje, a todo o momento deparamos com "Brancas DArc" e há o perigo de que, no futuro que nos acena, elas venham a ser em numero cada vez maior.

A história da liberdade de crer e pensar e tão antiga quanto a humanidade. E revivera sempre que as circunstancias a obriguem a vir a tona. O perigoso e que, nos tempos em que vivemos, os preços sobem de dia para dia. Qual poderá ser, em breve, o preco disso que chamamos liberdade?

(Texto de Ziembinski para o programa de "O Santo Inquérito" , 1966)

"Ziembinski montou um espetáculo a seu jeito – inconfundível (...): seu estilo lento, a sua marcação ritmica, os seus efeitos de iluminação, a sua composição plástica. Com isso ganhou muito o texto de Dias Gomes, no palco do Teatro Jovem (...)"

(O Jornal, Rio de Janeiro, 18/10/1966)

Dias Gomes, autor de **O SANTO INQUÉRITO** e Ziembinski, o diretor

Dias Gomes, Ziembinski, Rubens Correa e Eva Wilma durante os ensaios

A VOLTA AO LAR (1967)

A VOLTA
AO LAR

de Harold Pinter
Tradução de Millôr Fernandes

elenco por ordem de entrada em cena:

LENNY	**Sérgio Britto**
MAX	**Ziembinski**
SAM	**Delorges Caminha**
JOEY	**Cecil Thiré**
RUTH	**Fernanda Montenegro**
TEDDY	**Paulo Padilha**
DIREÇÃO:	**FERNANDO TÔRRES**
Assistente de Direção:	**CECIL THIRÉ**
Cenário:	**TULLIO COSTA**
Execução do Cenário:	**DORLOFF**
Supervisão dos Figurinos:	**KALMA MURTINHO**

Fernanda Montenegro foi vestida pela "Celeste Modas" e usa peças de "A Cinta Moderna"
Bruno do Copacabana Palace penteia Fernanda.

Roupas Masculinas
Windsor — Varsano

Figurinos de Sérgio e Padilha	**ANTÔNIO DIAS**
Diretor de Cena:	**MARCO ANTÔNIO**
Eletricista:	**JOSÉ DE MATTOS**
Maquinista Chefe:	**ANTONIO LOURENÇO**
Guarda Roupa	**MARILÉNA DE CARVALHO**

Móveis e Adereços de Cena:
Casa República — Tapeçaria Modelar — Tapeçaria Real — Móveis Kogut — A Mala Sport

3.ª PRODUÇÃO DA
TÔRRES e BRITTO PRODUÇÕES DE CENA

SOB OS AUSPÍCIOS DO SERVIÇO DE TEATRO DO ESTADO DA GUANABARA

Capa do Programa

Ficha Técnica

Ziembinski como “Max”

Ziembinski (Max), Sérgio Britto (Lenny), Cecil Thirè (Joey)
e Fernanda Montenegro (Ruth)

Fernanda Montenegro e Sérgio Britto
dirigidos por Ziembinski

" (...) O elenco é dominado pela figura de Ziembinski, numa criação altamente imaginativa e elaborada, de um apuro superior mas também sem a dose final de tempero, aquela luz indefinível que se acende por dentro. Desempenho nobre e que, exatamente por ser assim, priva a personagem da grosseria canalha e irônica que deve transmitir (...)"

(Paulo Mendonça, Folha de São Paulo, 7/08/1968)

Delorges Caminha (Sam), Cecil Thirè (Joey) e Ziembinski (Max) em **A VOLTA AO LAR**

LA CELESTINA (1969)

LA CELESTINA
de fernando de rojas

elenco

Crianças	Vera Lúcia, Carlos Prieto, Moreno de Castro, Pepe de Sevilla, Paulo Rogério e Roberto de Campos
Frades	Eduardo Karan, Flávio Gadini, Jos Luiz Rodi e Norberto Araújo
Coroinhas	Edson Soler, Fabra Gomes, Milton Serrano e Sílvio de Campos
Arauto e Tristão	Fernando Bezerra
Melíbea	Thais Moniz Portinho
Calixto	Adilson Wladimir
Adúltera e Moça	Ida Gauss
Parmeno	Ewerton Castro
Semprônio	Lorival Pariz
Sósia	José Caldas
Celestina	Ziembinsky
Elícia	Myra Razani
Lucrécia	Vic Militello
Alisa	Maria do Carmo Bauer
Areusa	Lêda Villela
Escritor	Leônidas Lara

equipe técnica

DIREÇÃO	ZIEMBINSKY
Direção musical	Diogo Pacheco
Cenário	Tulio Costa
Figurinos	Ninette Van Vuchelen
Direção de cena	Leônidas Lara
Assistente de direção	José Caldas
Iluminação	Hugo Phernando
Contra-regra	Antônio Rodrigues
Camareira	Martha Betti
Tradução	Eudinyr Fraga
Adaptação	Ziembinsky
Divulgação	Ramón F. Córdoba
Fotografias	Bia Zacarelli Parreiras
Cartazes	Fernando Lemos Francisco Pettit
Elaboração do programa	Progran
Direção de produção	Luiz Parreiras

Capa Programa

Ficha Técnica

HENRIQUE IV (1970)

GOVÊRNO DO ESTADO DO PARANÁ
FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA
AUDITÓRIO SALVADOR DE FERRANTE

APRESENTAM

ZIEMBINSKI

EM **HENRIQUE IV**

DE

LUIGI PIRANDELLO

Novembro - 1970

Companhia Teatral
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS ZIEMBINSKI

apresenta

HENRIQUE IV

3 Atos de Luigi Pirandello

Distribuição por Ordem de Entrada em Cena

LANDOLFO................ MIGUEL CARRANO
ARIALDO.................... BALTAZAR DE ANDRADE
BERTOLDO............... ..ROBERTO LOUZADA
GIOVANNI................. JOÃO GAMA
MATILDE DE SPINA...... BEATRIZ VEIGA
TITO BELCREDI........... NILDO PARENTE
DR. GENONI .... ACYR CASTRO
FRIDA..................... ANDRÊA
HENRIQUE IV.... **ZIEMBINSKI**

Cenários e Figurinos de Arlindo Rodrigues
Diretor de Cena R. Louzada

Direção ZIEMBINSKI

Sob Auspícios do Serviço Nacional de Teatro

com a colaboração do D. E. S. C. e patrocinado pela Excelentíssima
Snra. do Governador Da. JULIETA VIANA

Capa Programa

Ficha Técnica

VIVENDO EM CIMA DA ÁRVORE (1971)

Rosita Tomaz Lopes e Ziembinski

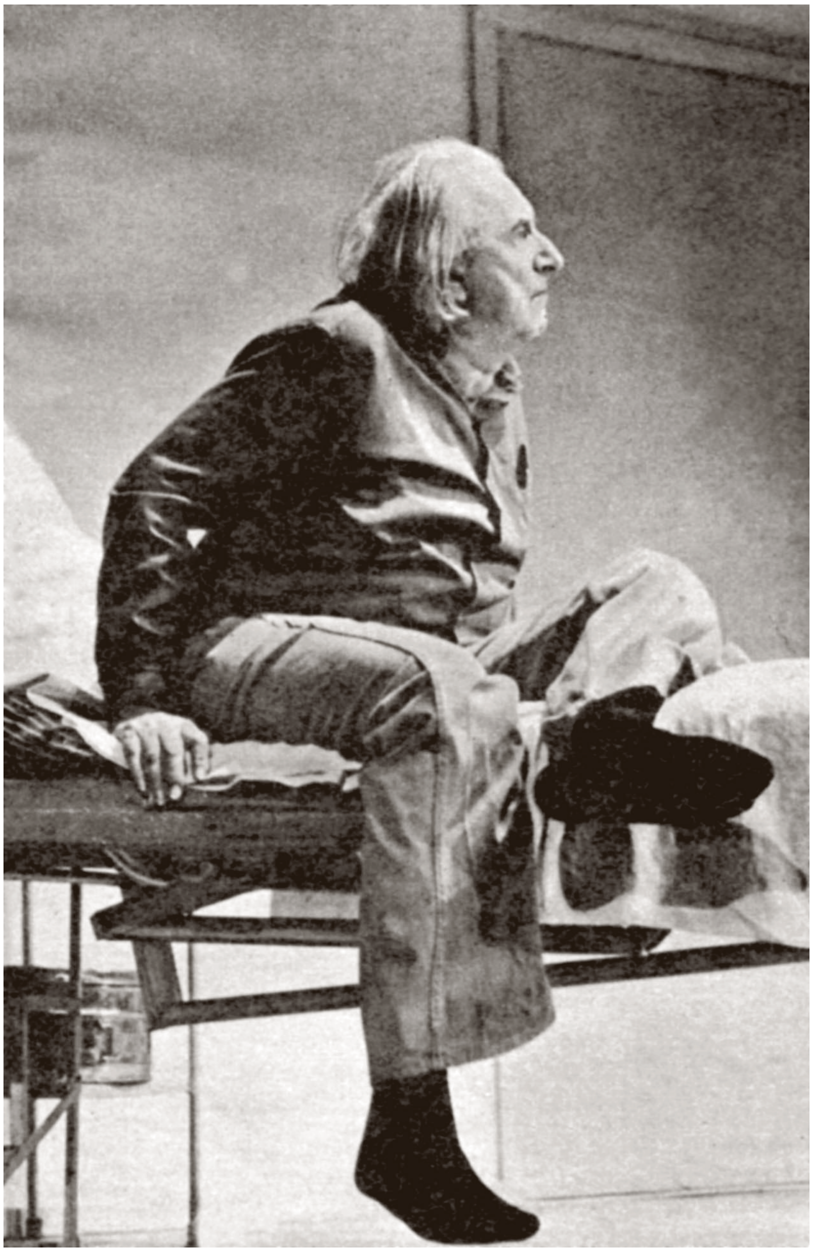
Uma Lição Sorridente

"Ao produzir, dirigir e interpretar **Vivendo em Cima da Árvore**, Ziembinski comemora 30 anos de atividades teatrais no Brasil. A peça escolhida para marcar a data tem, talvez por mera coincidência, um sabor simbólico: trata-se da história de um vetereno que, em vez de gozar as delícias de uma aposentadoria acomodada, prefere aceitar o desafio de um novo sistema de valores que lhe é proposto pela rebeldia da jovem geração. Ao levar esse novo sistema às últimas e aparentemente absurdas consequências, o herói mostra que o fato de acompanhar a evolução dos tempos, dos costumes e dos conceitos morais, éticos e estéticos não impede ninguém de permanecer fiel a uma inspiração básica profunda e coerentemente humanista. Pode haver uma imagem mais expressiva para a carreira de um homem que, ao longo de 30 anos de trabalho num teatro em constante e radical mutação, tem sido um elo de ligação entre a inquietação renovadora dos jovens e os ensinamentos indestrutíveis de uma cultura milenar, e se tem empenhado em permanecer sempre um artista rebelde, um artista capaz de viver em cima da árvore – mas cuja rebeldia nunca desmentiu a sua vocação fundamental de um humanismo fraterno e generoso?

Peter Ustinov é um dramaturgo menor, e as ambições do seu teatro são bastante limitadas. Mas ele é um desses raros dramaturgos menores que não menosprezam a inteligência do espectador, e não hesitam em propor-lhe um debate de idéias, ainda que apresentado de uma forma leve, e sem maiores aprofundamentos. O debate proposto em **Vivendo em Cima da Árvore** poderia, à primeira vista, parecer algo ingênuo e ultrapassado a esta altura dos acontecimentos. Mas basta pegarmos um jornal e lermos algumas declarações de destacadas personalidades da vida nacional (...) para percebermos que a problemática abordada por Ustinov ainda pode ser explosivamente polêmica entre nós. Se as personalidades que acabo de apontar souberem aprender a sorridente lição de Ustinov, quem sabe as moças e os rapazes de Cabo Frio ganharão o direito de passarem vestidos bem à vontade, e os jogadores do Flamengo poderão usar os cabelos do comprimento que lhes parecer mais bacaninha. Com isso, mais uma vez, o mundo se terá tornado um pouco mais suportável, graças ao teatro."

(Yan Michalski, texto publicado no "Programa em Revista" de 15/04 a 15/05 de 1971)

CHECK-UP (1972)



Ziembinski em uma cena do espetáculo

QUARTETO (1976)

Produções Artísticas Ziembinski e Alvim Barbosa

apresentam

Q U A R T E T O

de Antonio Bivar
direção Ziembinski
cenário Clóvis Bueno
figurinos Stenio Pereira
assistente de direção João Vieitas

personagens

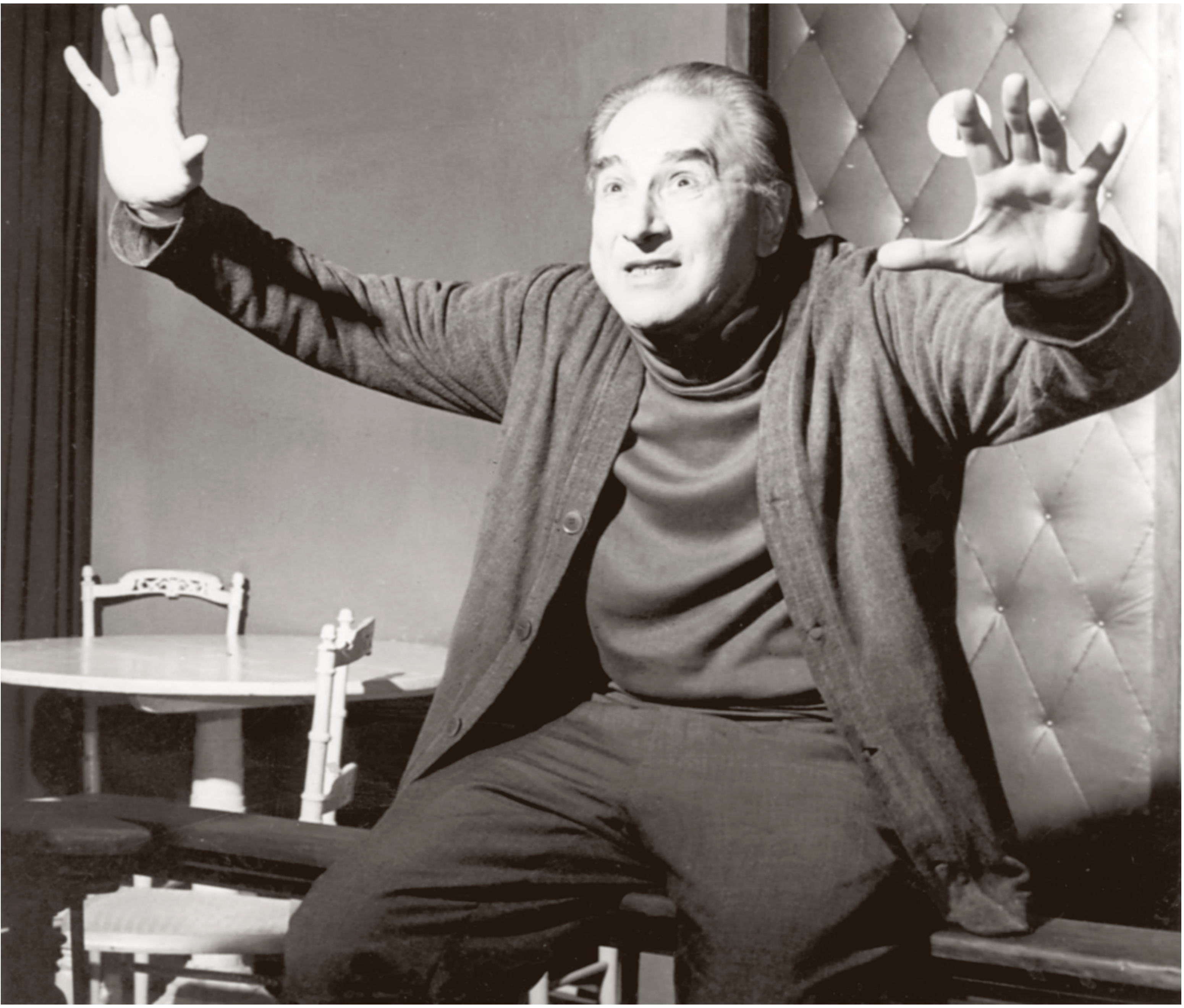
george elliot	*Ziembinski*
andré	*Roberto Pirillo*
elza vicuña	*Marlene*
helena baltasar	*Louise Cardoso*

iluminação	**Ziembinski**
montagem e execução da luz	Lucidio Soares
direção de cena	João Ferreira de Souza
camareira	Almerinda
execução do cenário	Humberto da Silva e equipe
visual do painel	Adilio Jacinto
maquiagem	Helena Rubinstein
fotos	Anselmo Elias
	Clovis Schneider
capa	Stenio Pereira
divulgação	José Antonio Pinheiro
produção executiva	Tony Vasconcellos

Quarteto estreou no Teatro Ipanema, dia 26 de outubro de 1976, ás 21:30 horas

Capa do Programa

Ficha Técnica



“Qualquer gênero de Teatro é válido, desde que feito com seriedade artística, seja a tragédia, a comédia de *boulevard* ou a peça mais audaciosamente intelectualizada. Que façam o mais sincero esforço por encontrar um meio de se comunicar com o espectador, de acordo com os tempos que passam, sem preconceitos, antigos ou modernos.”

(Ziembinski)

Nota: A grafia dos nomes próprios baseia-se nas fichas técnicas publicadas nos programas. Isso explica algumas divergências entre as diferentes versões em que um mesmo nome pode aparecer grafado.

CINEMA

"Costuma-se dizer, levianamente, que a televisão tirou o público do teatro. O que se esquece é que, no começo, ninguém levava a televisão a sério. Só se começou a prestar atenção nela quando ficou claro que é um importantíssimo veículo de comunicação do século XX. Também se disse que a TV matou o cinema. Talvez a mais justa dessas acusações é a que relaciona a televisão com o cinema. Foi o cinema que levou a paulada. Primeiro, porque a televisão atinge uma platéia maior. Segundo, porque oferece uma imagem parecida com a do cinema. Nos grandes centros o confronto tornou-se violento. O próprio cinema refugiou-se abertamente na televisão. Mas o teatro, como disse não me lembro mais quem, está em crise há 5.000 anos. É uma crise muito sadia. Ela acompanha qualquer movimento da humanidade. A televisão não só não prejudica o teatro como ajuda a divulga-lo. Ela trouxe a consciência do espetáculo teatral a pessoas que não tinham a menor idéia do que ele significa. Isso criou nelas uma grande curiosidade pelo palco. Quem sabe se, futuramente, ela não se tornará responsável por uma nova época áurea do teatro?" (14)

Ziembinski e Anselmo Duarte em uma cena de **TICO TICO NO FUBÁ**

Ziembinski e Otello Zeloni no filme **É PROIBIDO BEIJAR**

TICO TICO NO FUBÁ (1952)

É PROIBIDO BEIJAR (1952)

APASSIONATA (1952)

Tônia Carrero e Ziembinski em duas cenas de **APASSIONATA**

EDU CORAÇÃO DE OURO (1966)

Ziembinski e Leila Diniz em uma cena do filme **EDU CORAÇÃO DE OURO**

Cecil Thiré e Maria Pompeu em uma cena do filme **O DIABO NORA NO SANQUE**

Ana Maria Magalhães e João Benicio no filme **O DIABO NORA NO SANQUE** que teve seu roteiro escrito por Ziembinski e Hugo Brockes

O DIABO MORA NO SANGUE (1967)

MADONA DE CEDRO (1968)

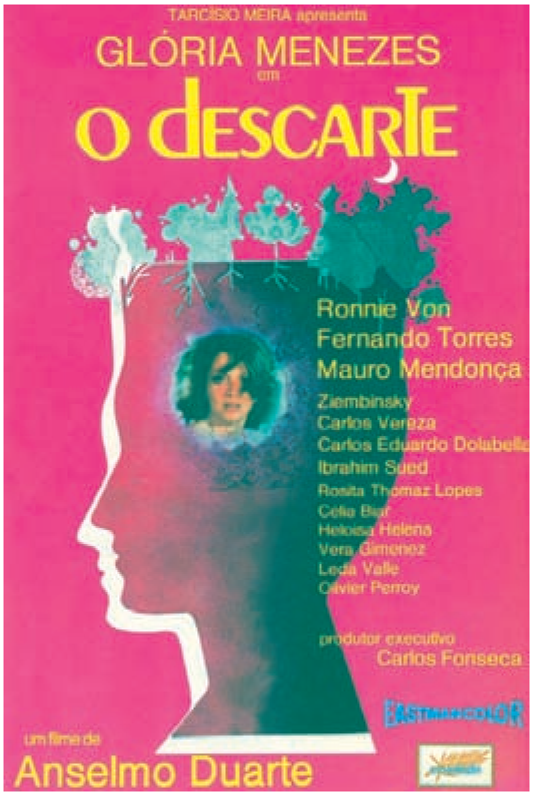
BRASIL ANO 2000 (1968)

Cartaz e Ficha Técnia do filme **MADONA DE CEDRO**

Ziembinski no papel do Dr. Vilanova no filme **MADONA DE CEDRO**

Ziembinski (General) em uma cena do filme **BRASIL, ANO 2000**

O DESCARTE (1973)



TÉCNICOS

Produtor	TARCISIO MEIRA
Diretor	ANSELMO DUARTE
Produtor Executivo	CARLOS FONSECA
Argumento original	FLÁVIO MANSO VIEIRA
Adaptação e roteiro	ANSELMO DUARTE
Diálogos adicionais	GILBERTO TUMCITZ
Edição	CARLOS COIMBRA
Montagem	ROBERTO LEME
Diretor de fotografia/câmera	HELIO SILVA
Música	GUTO GRAÇA MELLO
Cenografia e figurinos	ISABEL PANCADA
Decoração	PAULO AFONSO DE CARVALHO
Administração de produção	ALBERTO MORAES FILHO
Gerente de produção	HYEDA ROCHA
Assistentes de produção	ISABEL PANCADA AURELINO FERREIRA
Assistentes de direção	CESAR CAVALCANTI MAURICIO MIGUEL
Assistente de cenografia	PAULO ROBERTO AMARAL
Assistente de câmera	JOSÉ ASSIS DE ARAUJO
Continuidade	HELENA LEVIER
Eletricista Chefe	EDUARDO GOMES DOS SANTOS
Eletricista	JOSÉ TELLES DA ROCHA JUNIOR
Maquinista-Carpintaria	MOACYR ESTEVÃO DA CUNHA
Maquilagem	AILA DE JESUS
Fotos de Cena	ANSELMO DUARTE
Laboratórios	LIDER CINE LABORATÓRIOS S.A.
Sonorização	SOMIL - SOM E IMAGEM LTDA.
Técnico de Som	JOSÉ TAVARES
Efeitos sonoros	GERALDO JOSÉ
Dublagem	VICTOR RAPOSEIRO e ROBERTO MELLO
Sistema Sonoro	WESTREX
Edição musical e Discos	SOM LIVRE
Côr	EASTMANCOLOR
Divulgação	IÇA GUBEISSE
Ano de produção	1973
Tempo de projeção	95 MINUTOS
Censura	18 ANOS
Distribuição	CINEDISTRI

Uma produção M. M. EMPREENDIMENTOS E COMÉRCIO LTDA.

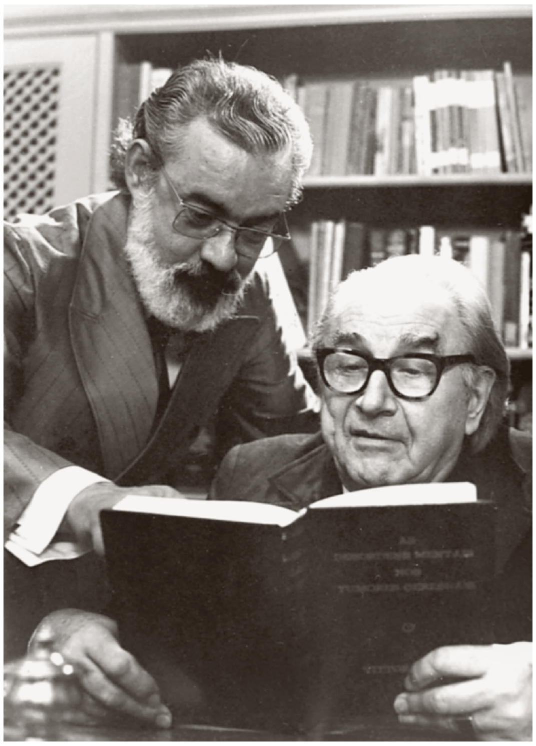
ARTISTAS

Cláudia Land	GLÓRIA MENEZES
Bruno	RONNIE VON
Dr. Pedro Oliveiros	FERNANDO TORRES
Comissário Aguiar	MAURO MENDONÇA
Ana	ROSITA THOMAZ LOPES
Renata	CÉLIA BIAR
Lisa	LEDA VALLE
Eduardo	OLIVIER PERROY
Lilian	VERA GIMENEZ
Teresa	MARIA AMÉLIA
Garçon míope	ABEL PERA
Carteiro	ENOK BATISTA
Garota legal	ALCIONE
Garota moderna	ELISA FERNANDES

e em participações especiais:

Rapaz da moto	CARLOS VEREZA
Professor Victório Lipp	ZIEMBINSKI
Ricardo	CARLOS EDUARDO DOLABELLA
Mulher do bar	HELOISA HELENA
Ibrahim Sued	IBRAHIM SUED

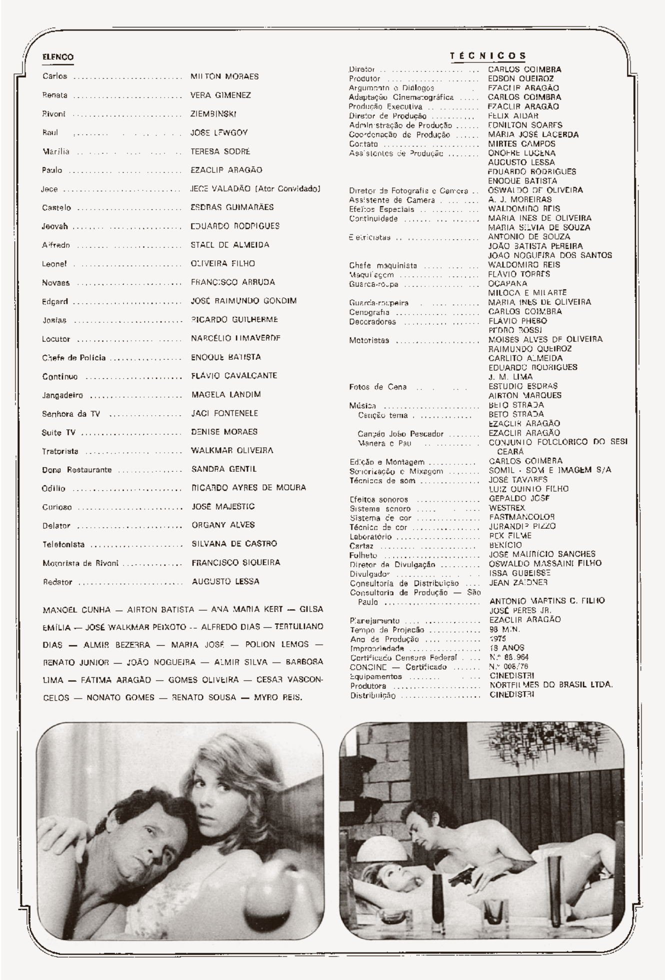
por especial concessão da TV GLOBO — Rio de Janeiro



Cartaz e Ficha Técnica do filme

Fernando Torres (Dr. Pedro Oliveiros) e Ziembinski (Professor Victorio Lipp) em uma cena do filme **O DESCARTE**

O HOMEM DE PAPEL (1976)



ELENCO

Carlos	MILTON MORAES
Renata	VERA GIMENEZ
Rivoni	ZIEMBINSKI
Raul	JOSE LEWGOY
Marilia	TERESA SODRÉ
Paulo	EZACLIR ARAGÃO
Jece	JECE VALADÃO (Ator Convidado)
Castelo	ESDRAS GUIMARÃES
Jeovah	EDUARDO RODRIGUES
Alfredo	STAEL DE ALMEIDA
Leonel	OLIVEIRA FILHO
Novaes	FRANCISCO ARRUDA
Edgard	JOSÉ RAIMUNDO GONDIM
Josias	RICARDO GUILHERME
Locutor	NARCÉLIO LIMAVERDE
Chefe de Polícia	ENOQUE BATISTA
Contínuo	FLÁVIO CAVALCANTE
Jangadeiro	MAGELA LANDIM
Senhora da TV	JACI FONTENELE
Suite TV	DENISE MORAES
Tratorista	WALKMAR OLIVEIRA
Dona Restaurante	SANDRA GENTIL
Odilio	RICARDO AYRES DE MOURA
Curioso	JOSÉ MAJESTIC
Delator	ORGANY ALVES
Telefonista	SILVANA DE CASTRO
Motorista de Rivoni	FRANCISCO SIQUEIRA
Redator	AUGUSTO LESSA

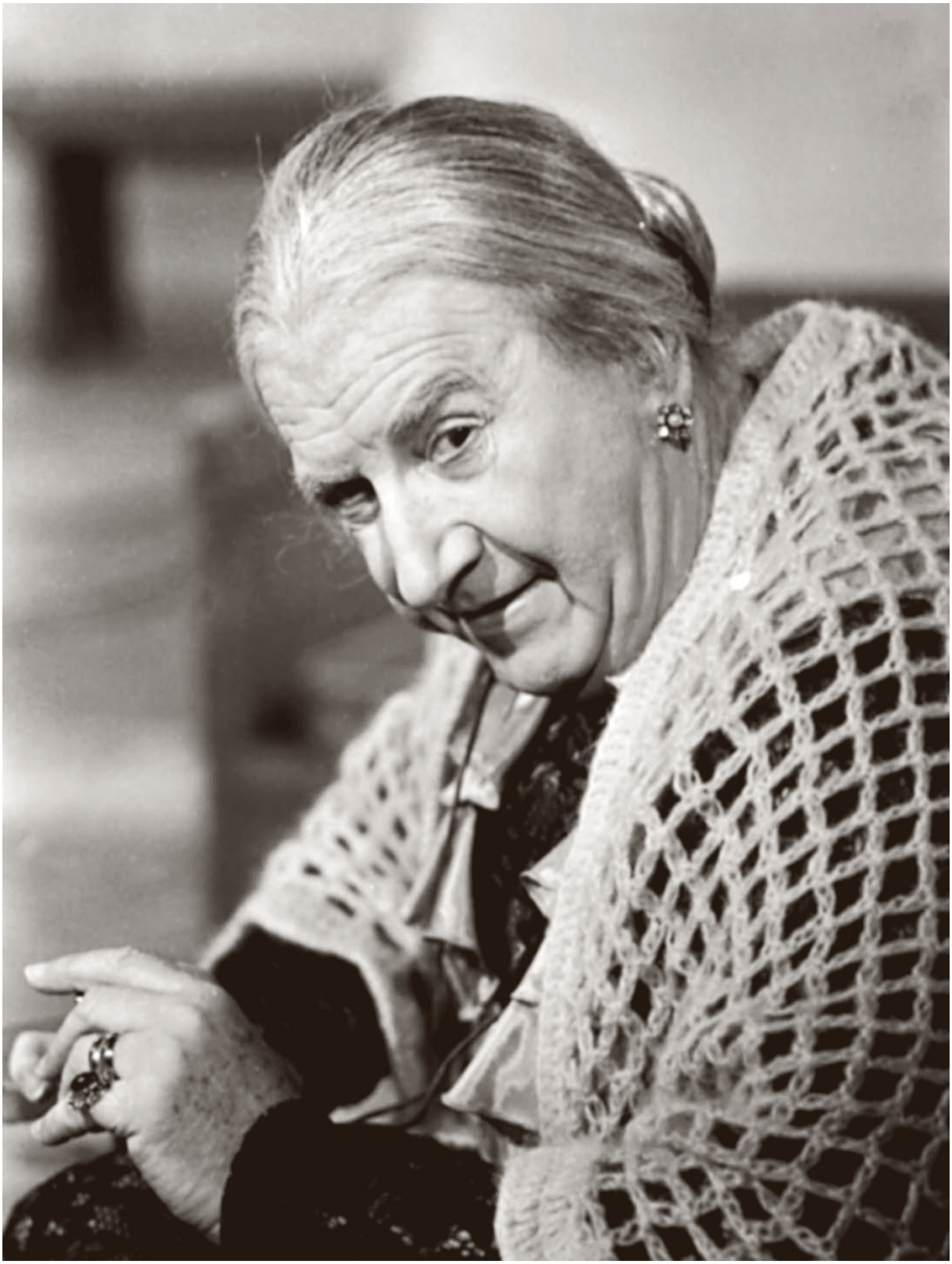
MANOEL CUNHA — AIRTON BATISTA — ANA MARIA KERT — GILSA EMÍLIA — JOSÉ WALKMAR PEIXOTO — ALFREDO DIAS — TERTULIANO DIAS — ALMIR BEZERRA — MARIA JOSÉ — POLION LEMOS — RENATO JUNIOR — JOÃO NOGUEIRA — ALMIR SILVA — BARBOSA LIMA — FÁTIMA ARAGÃO — GOMES OLIVEIRA — CESAR VASCONCELOS — NONATO GOMES — RENATO SOUSA — MYRO REIS.

TÉCNICOS

Diretor	CARLOS COIMBRA
Produtor	EDSON QUEIROZ
Argumento e Diálogos	EZACLIR ARAGÃO
Adaptação Cinematográfica	CARLOS COIMBRA
Produção Executiva	EZACLIR ARAGÃO
Diretor de Produção	FELIX AIDAR
Administração de Produção	EDNILTON SOARES
Coordenação de Produção	MARIA JOSÉ LACERDA
Contato	MIRTES CAMPOS
Assistentes de Produção	ONOFRE LUCENA
	AUGUSTO LESSA
	EDUARDO RODRIGUES
	ENOQUE BATISTA
Diretor de Fotografia e Camera	OSWALDO DE OLIVEIRA
Assistente de Camera	A. J. MOREIRAS
Efeitos Especiais	WALDOMIRO REIS
Continuidade	MARIA INES DE OLIVEIRA
	MARIA SILVIA DE SOUZA
Eletricistas	ANTONIO DE SOUZA
	JOÃO BATISTA PEREIRA
	JOÃO NOGUEIRA DOS SANTOS
Chefe maquinista	WALDOMIRO REIS
Maquilagem	FLÁVIO TORRES
Guarda-roupa	OCAPANA
	MILOCA E MILARTE
Guarda-roupeira	MARIA INES DE OLIVEIRA
Cenografia	CARLOS COIMBRA
Decoradores	FLÁVIO PHEBO
	PEDRO ROSSI
Motoristas	MOISÉS ALVES DE OLIVEIRA
	RAIMUNDO QUEIROZ
	CARLITO ALMEIDA
	EDUARDO RODRIGUES
	J. M. LIMA
Fotos de Cena	ESTUDIO ESDRAS
	AIRTON MARQUES
Música	BETO STRADA
Canção tema	BETO STRADA
	EZACLIR ARAGÃO
Canção João Pescador	EZACLIR ARAGÃO
Manera o Pau	CONJUNTO FOLCLÓRICO DO SESI CEARÁ
Edição e Montagem	CARLOS COIMBRA
Sonorização e Mixagem	SOMIL - SOM E IMAGEM S/A
Técnicos de som	JOSÉ TAVARES
	LUIZ QUINTO FILHO
Efeitos sonoros	GERALDO JOSE
Sistema sonoro	WESTREX
Sistema de cor	EASTMANCOLOR
Técnico de cor	JURANDIR PIZZO
Laboratório	REX FILME
Cartaz	BENÍCIO
Folheto	JOSÉ MAURÍCIO SANCHES
Diretor de Divulgação	OSWALDO MASSAINI FILHO
Divulgador	ISSA GUBEISSE
Consultoria de Distribuição	JEAN ZAIDNER
Consultoria de Produção — São Paulo	ANTONIO MARTINS C. FILHO
	JOSÉ PERES JR.
Planejamento	EZACLIR ARAGÃO
Tempo de Projeção	98 MIN.
Ano de Produção	1975
Impropriedade	18 ANOS
Certificado Censura Federal	N.º 88.964
CONCINE — Certificado	N.º 006/76
Equipamentos	CINEDISTRI
Produtora	NORTFILMES DO BRASIL LTDA.
Distribuição	CINEDISTRI

Cartaz e Ficha técnica do filme

TELEVISÃO - NOVELAS e ESPECIAIS



EU COMPRO ESSA MULHER (novela, 1966)

"Assumi a televisão brasileira com a mesma importância e o mesmo carinho com que trato o teatro. As divergências de forma para as pessoas de talento, embora existam, não são assustadoras. Existe a possibilidade de se realizar coisas num programa de televisão como se fazia no espaço cênico do teatro. Só não faz bons papéis, bons espetáculos em TV, quem não se importaria também de faze-los em teatro. A minha transposição para a televisão foi para buscar as minhas formas de direção e interpretação mais adaptáveis ao veículo, através do qual descobri a mesma volúpia e prazer artísticos. A minha experiência ou permanência na televisão é de muito valor e importância. Não digo isso porque esteja nela e queira jogar confete no meio que assumi. Quando percebi sua importância, compreendi sua colocação no panorama cultural, entendi que era preciso fazer todo o possível para que a programação, a temática e o acabamento desse veículo fosse mais honesto, sincero, rico e direto." (15)

Página anterior – Ziembinski como "Vovó Stanislava" novela **O BOFE**

Ziembiski no papel de "Dom Rodrigo" na novela **EU COMPRO ESSA MULHER**

Rubens de Falco (Maximiliano) e Nathália Timberg (Imperatriz Carlota) na capa Revista Manchete em 1967. **A RAINHA LOUCA** foi dirigida por Ziembinski e Daniel Filho

Manchete
CASTELO BRANCO
A ULTIMA CONTINENCIA
O QUE HA COM OS GENERAIS
EXCLUSIVO
QUANDO O AMOR COMEÇA AOS 40
ISRAEL DEPOIS DA GUERRA
Natália Timberg e Rubens de Falco, astros de A Rainha Louca, a telenovela que apaixona o público brasileiro.

BANDEIRA 2 (novela, 1971/72)

Paulo Gracindo, Miriam Pires e Ziembinski em uma cena de **BANDEIRA DOIS**

Ziembinski e Miriam Pires em **BANDEIRA DOIS**

O BOFE (novela, 1972/73)

"É muito difícil dizer o que um personagem tem ou não tem de nós mesmos. Na verdade, sem tentar confundir ninguém, um personagem tem tudo e, ao mesmo tempo nada da nossa personalidade. O encontro interior, porém, é inevitável. Portanto, por um lado o personagem apóia-se no que temos. Por outro, desliga-se completamente. Para mim, representar a "Stanislava" da novela "O Bofe" era um desafio. Tive que superar meu sexo e, através dessa superação, realizar todo um trabalho de construção de um personagem feminino. Pelo fato de não ser mulher, o homem tem uma excelente posição crítica. Ele consegue ver os pontos críticos da personalidade feminina com maior lucidez. No meu caso, a tarefa era fascinante , devoradora e, ao mesmo tempo muito apurada. Tinha que me colocar numa posição onde tudo tinha que ser recriado. Os gestos, a fala, a maneira de andar, a postura, a respiração, a timidez e a delicadeza da mulher. Isso sem falar na mentalidade, que também muda completamente. Portanto, o meu casamento com Stanislava era fortemente artístico. E eu o aceitei."

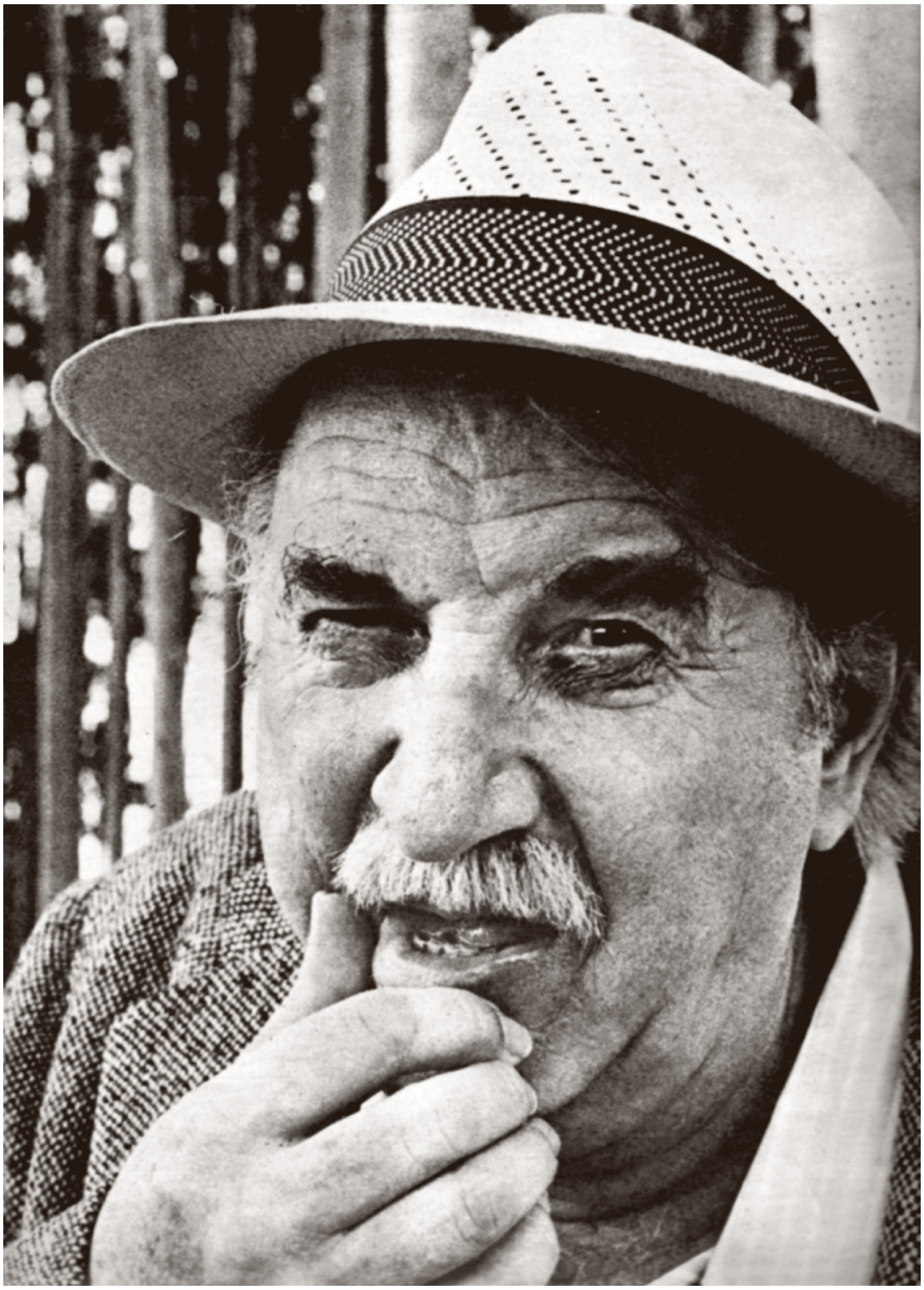
(Ziembinski, Revista Fatos & Fotos nº 597, 29/01/1973)

Ziembinski no papel da "Vovó Stanislava"

Caricatura de Ziembinski em **O BOFE** publicada na Revista Cartaz em 1972

Renée de Vielmond, Betty Faria, Ziembinski e Jardel Filho. Revista Cartaz contra capa

CAVALO DE AÇO (novela/ 1973)



Ziembinski como o "Velho Max"

José Wilker e Ziembinski em uma cena de **CAVALO DE AÇO**

Arlete Sales (Lenita) e Ziembinski (Max) em uma cena de **CAVALO DE AÇO**

Ziembinski em uma cena da novela **CAVALO DE AÇO**

O SEMIDEUS (novela/1974)

Ziembinski interpretando o "Padre Miodek" de **O SEMIDEUS**

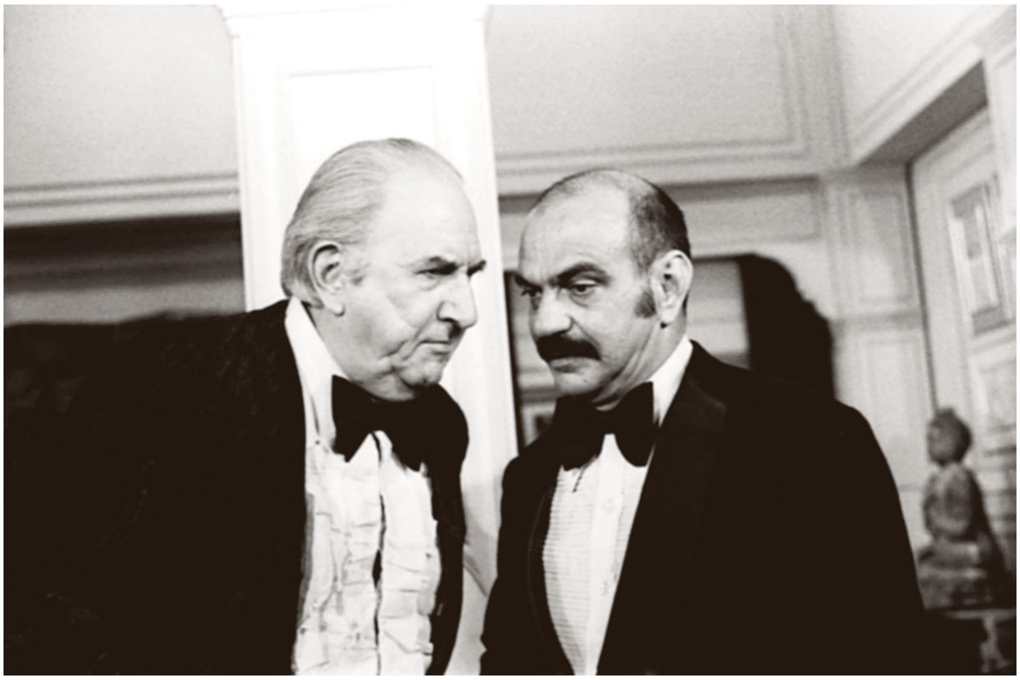
Glória Menezes e Ziembinski na novela **O SEMIDEUS**

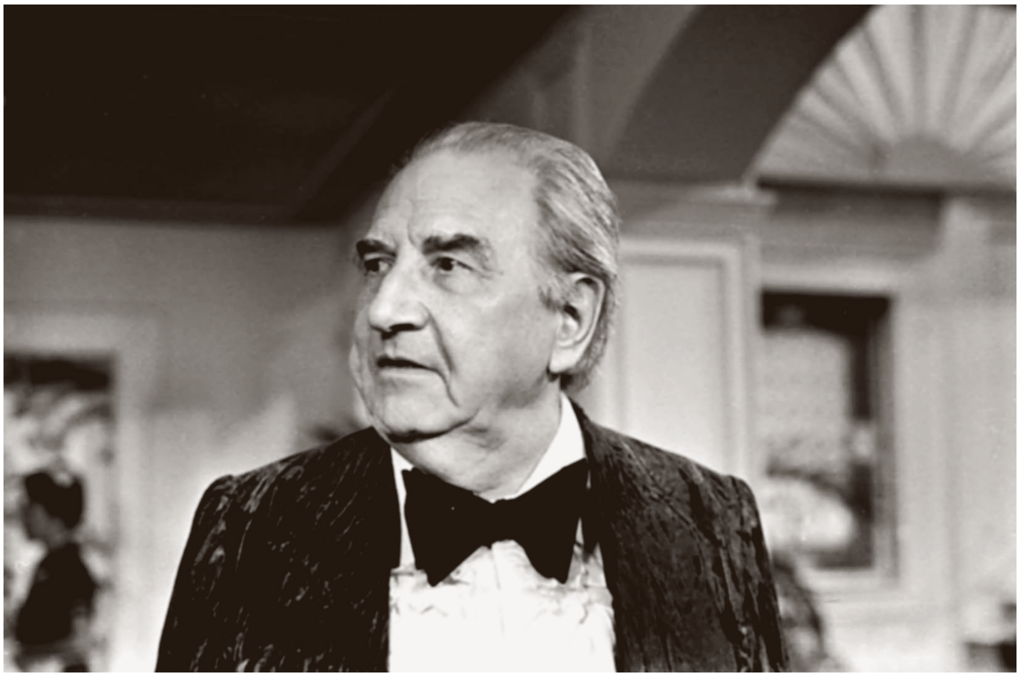
Ziembinski e Yoná Magalhães em novela O SEMIDEUS

O REBU (novela/1975)

Ziembinski como Conrad Malher

Ziembinski e Buza Ferraz em uma cena de **O REBU**





O Velho Malher

" (...) Ziembinski é um velho ator. Já fez de tudo na Polônia e aqui. Mas seguramente poucos personagens levou a um nível tão profundo, sutil, transcendente, extra texto e com tantas mensagens paralelas como este velho Malher. Quem acompanhou a novela toda pode entender e dimensionar a grandeza e a profundidade de seu trabalho. Maduro, profundo, implosivo: arte maior!"

(Artur da Távola, Jornal O Globo, 10/4/1975)

"Desde o início da televisão, me liguei muito a ela. Não vou dizer que fui pioneiro, mas sempre tentei fazer coisas novas, ainda no tempo que a TV era uma Cinderela, um veículo meio desacreditado, com milhares de defeitos técnicos, que servia de "bico" para os artistas. Sou um profissional e sinto-me bem em tudo que estiver ligado à minha profissão. Não tenho dessa profissão um conceito romântico. Às vezes me perguntam qual o papel que eu mais desejaria representar. Isso nunca me passou pela cabeça. Gosto de fazer qualquer papel. Por isso me considero um artesão. Quando parti para a TV, embarquei com a maior boa fé e disposição. Não é verdade que um bom ator de teatro não pode ser bom ator de teatro. É tudo lenda. Existem dois tipos de intérpretes: o bom e o ruim. O bom se adapta a qualquer veículo , todas as portas se abrem ao seu talento. A televisão me apresenta, como intérprete, duas grandes possibilidades. A primeira é que estou diante de uma audiência monstruosa, a mais heterogênea possível, a mais subdividida culturalmente. Essa plateia me absorve e julga meu trabalho de mil formas diferentes. Embora eu não possa ser de mil maneiras diferentes, posso ter uma atuação que satisfaça a todos ou que, pelo menos, não os decepcione." (16)

Ziembinski e Lima Duarte em uma cena de **O REBU**

Ziembinski, protagonista da novela **O REBU**

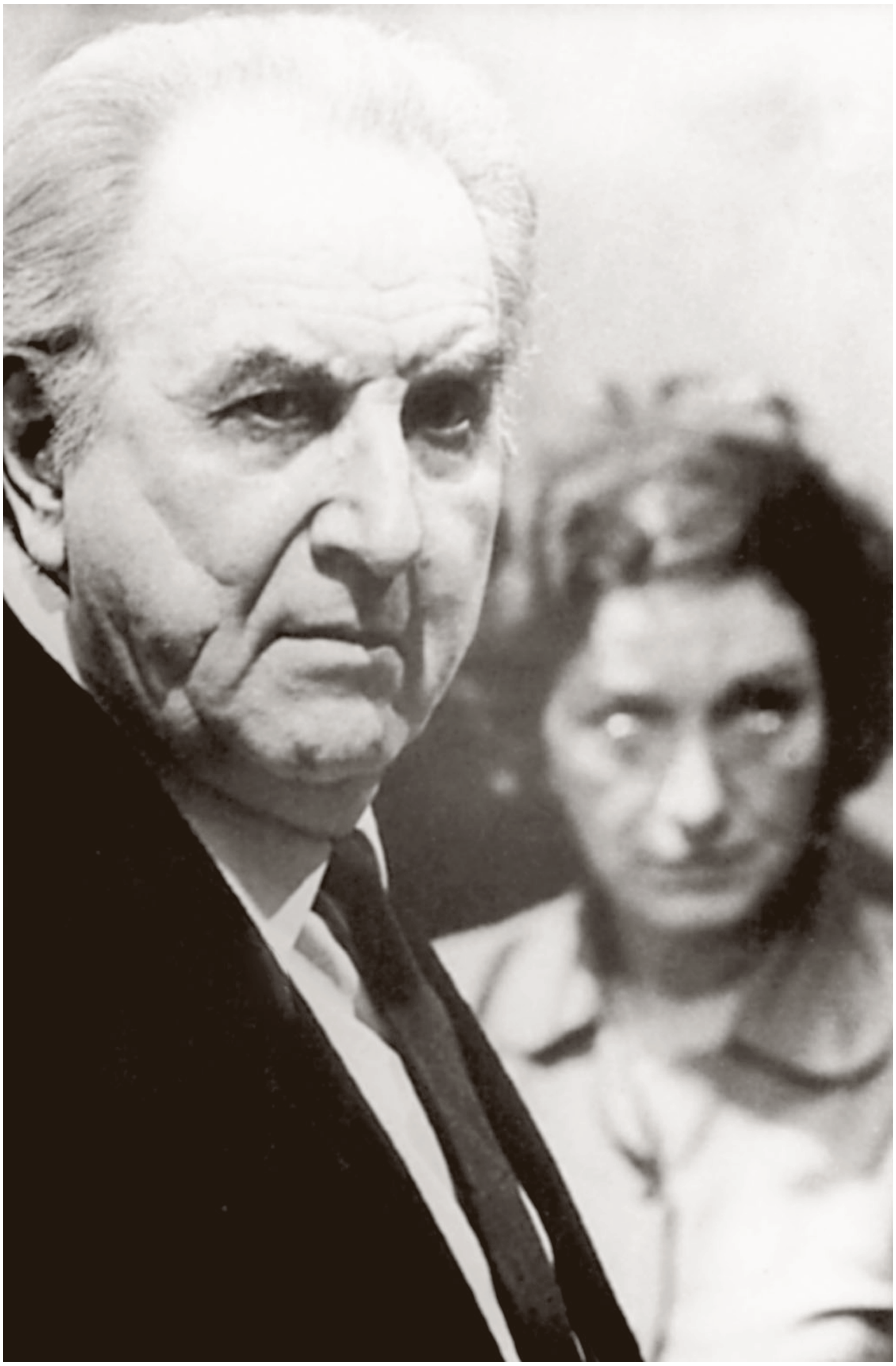
AS ALGEMAS, PEDRA E O PUNHAL (Caso Especial, 1973)

Ziembinski, Cláudio Marzo e Yoná Magalhães
em uma cena do Caso Especial

Ziembinski em uma cena de **O CAPOTE**

O CAPOTE (Caso Especial, 1973)

A FEITICEIRA (Caso Especial, 1974)



Ziembinski e ao fundo Lélia Abramo em uma cena de **A FEITICEIRA**

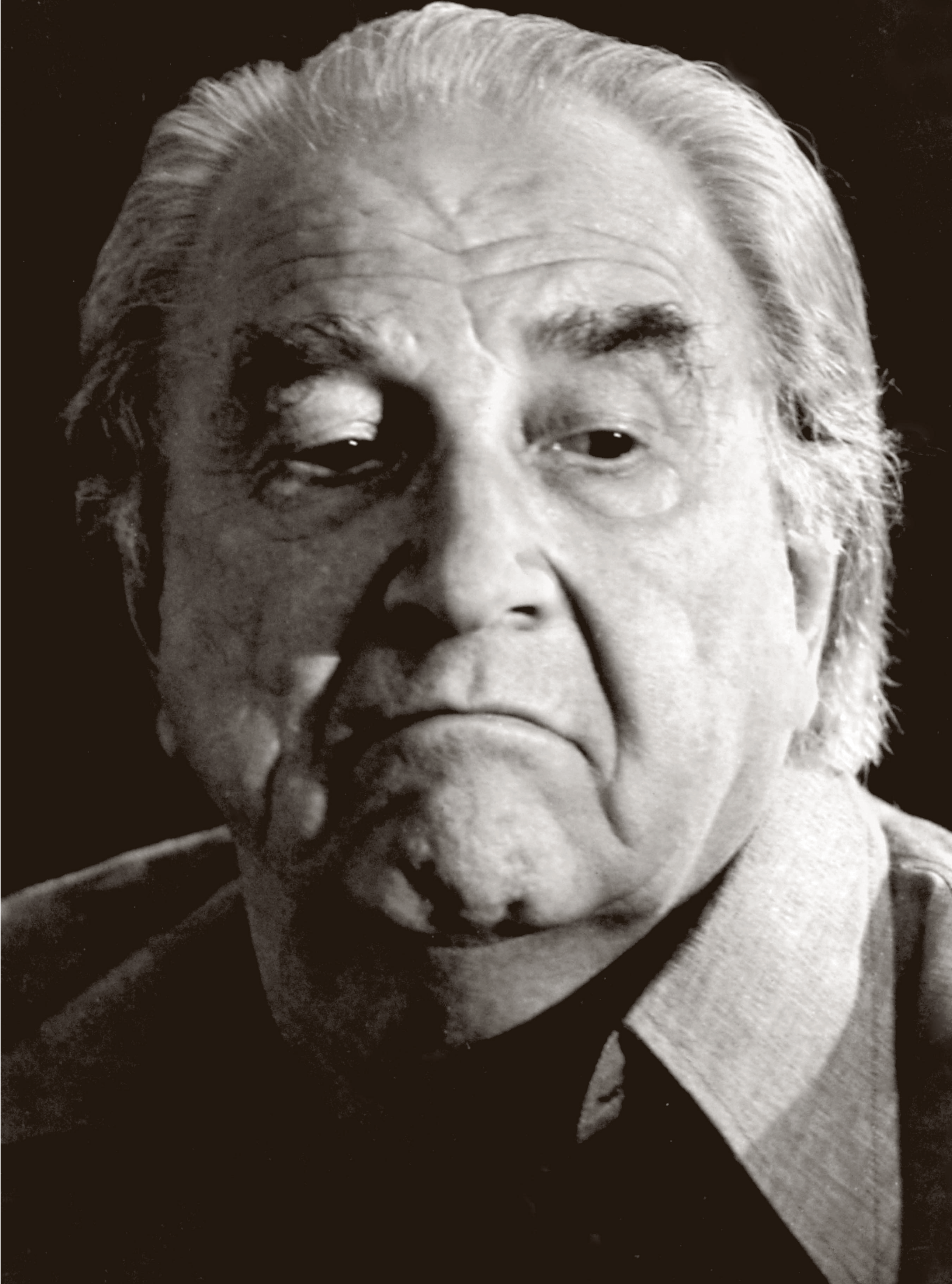
Alberto Salvá (diretor do Caso Especial), Betty Faria, Ziembinski, Lélia Abramo e Cecil Thiré no intervalo de uma gravação externa de **A FEITICEIRA**

MARIANA DOROTÉIA IRIS (Caso Especia, 1976)

"Quando olho para minha vida, vejo uma longa história de desenvolvimento. Não só de minha arte, mas principalmente da conceituação dessa arte. Mais ainda: "a conceituação do próprio ser humano, de minha qualidade de gente. Acho que isso acontece na carreira de todo o profissional. Há alguns anos, houve um dia em que eu me dei ao luxo de dizer para mim mesmo: agora sei representar. Foi uma descoberta. Hoje ela me permite qualquer tentativa. Não quero dizer que vá ser bem sucedido. Mas já tenho bastante capital humano e profissional para me credenciar. Na prática, isso representa uma maior economia de forma. Quanto mais maduros ficamos, menos precisamos de forma. Com o tempo, ela fica mais direta, mais cristalina, mais penetrante." (17)

Ziembinski no Caso Especial

Página seguinte: Ziembinski e Grande Otelo (década de 70)



ANEXOS

Uma Trajetória Artística

Zbigniew Marian Ziembinski nasceu a 17 de março de 1908, em Wieliczka, Polônia, filho de Marian Ziembinski e de Leonia Cyfrowicz Ziembinska.

Naturalizado brasileiro em 12 de dezembro de 1960.

Ziembinski faleceu no dia 18 de outubro de 1978, no seu apartamento em Copacabana na cidade do Rio de Janeiro.

Cursos

Ensino primário e médio cursados na Polônia, em Wieliczka.
Formado em Letras pela Universidade na Cracóvia, Polônia
Formado pela Escola de Arte Dramática da Cracóvia em 1927.
Graduado como ator em exame prestado perante a comissão da "Sociedade dos Artistas e Palcos Poloneses" em Varsóvia, 1929.

Exercício Profissional na Polônia

Como Ator: Na Cracóvia, como ator contratado pelo Teatro Municipal da Cracóvia, de 1927 a 1929. Entre cerca de 40 trabalhos, destacam-se , conforme o próprio Ziembinski em seu curriculum, suas interpretações nos textos:

"Círculo de Giz" de Klabund
"Pais e Filhos" de Bernard Shaw
"Turandot" de Gozzis
"Dama das Camélias" A de Dumas"
"Pigmalião" de Bernard Shaw
"Simone" de Jean-Jacques Deval, direção de Zygmunt Nowakowski, estréia 8.9.29
"Achilles"de Stanislaw Zeromski, com direção de Zygmunt Nowakowski (estréia 8.9.28)
"Os Cracovianos e os Montanheses" (adaptação e direção de Z. Nowakowski, 1929)

Como ator contratado do Teatro Municipal de Wilno (cidade do norte da Polônia), e posteriormente como diretor (sua estréia).
Ziembinski como ator participou de vários espetáculos, sendo que temos registro da sua participação nas seguintes montagens:

"Os ancestrais" de Adam Mickiewicz, direção de Wasilewski e Aleksander Zelwerowicz, estréia 20.9.29, papel não identificado.
"O Inspetor Geral", de Nicolai Gogol, papel de Klestakhov.
"Grande homem para pequenos negócios" de Aleksander Fredo, direção de Aleksander Zelwerowicz, estréia setembro de 1929, papel de Dolski.

"Sonho de uma noite de verão" de Shakespeare, direção de Aleksander Zelwerowicz, estréia 21.11.29, papel de Oberon.
"Poltrona 47" de Louis Verneuil, direção de Aleksander Zelwerowicz, estréia 27.11.29, papel de Paul Sivérac.
"Os cracovianos e os montanheses" de W. Boguslawski e N. Kaminski, direção de Zygmunt Nowakowski, estréia 7.2.30, papel de Bardos (remontagem).
"Turandot"de Carlo Gozzi, direção de Zygmunt Nowakowski, papel de clown (remontagem).
"Noiva no telhado" de G. Middleton e S. Olivier, direção de K. Wyrwicz-Michrowski, estréia 21.4.30 papel de Wilson.
"A volta" de R. Flers e F. de Croisset, direção de Jerzy Walden, estréia 23.7.30, no papel de Marceli.

Após prestar exame mais uma vez diante da Sociedade de Artistas Poloneses em Varsóvia para conseguir agora a habilitação como diretor, Ziembinski volta a cidade de Wilno. Aprovado no exame, faz em janeiro de 1930, antes de completar 22 anos, sua estréia como diretor, montando "As máscaras" de Crommelynck.
Ainda em Wilno, dirigirá mais dois espetáculos, nos quais trabalhará também como ator:

"Se eu quisesse"de Paul Géraldy e R. Spitzer, estréia 22 de fevereiro de 1930, papel de René.
"O boxeador errante" de W. Smolski. Estréia abril de 1930, papel de Zbigniew Zorza.

Em Varsóvia, capital não só administrativa como também cultural do país e seu principal centro teatral, Ziembinski é contratado em 1930 para atuar e dirigir, alternadamente em dois importantes teatros estatais, o Teatro Polonês (Teatr Polski) e o Pequeno Teatro (Teatr Maly, este último sob a direção artística de um profissional de grande prestígio , Adam Szyfman.

Nessa primeira temporada em Varsóvia (de outubro de 1930 a julho de 1931), Ziembinski realizará apenas uma direção: "Caminho para o inferno" de Z. Kawecki, estreada no Pequeno Teatro a 24 de abril de 1931.

Em dez meses participou como ator dos espetáculos:

"Caneta tinteiro"de Ladislau Fodor, direção de K. Borowski, Pequeno Teatro, estréia a 1.10.30, papel de Charlie Urban.
"Noite de novembro" de Stanislaw Wyspianski, direção de Stanislawa Wysocka, Teatro Polonês, estréia a 29.11.30, papel de Stanislaw Potocki.
"A irmã leviana" de Wladyslaw Parzynski, direção de Stanislaw Stanislawski, Pequeno Teatro, estréia a 2.12.30 (mas Ziembinski só entra a partir de 6.1.31, substituindo um outro ator). Papel de Olszewski.
"Catarina" de A. Savoir, direção de K. Borowski, Teatro Polonês, estréia a 24.1.31. Papel de Conde Lanskoy.
"A primeira senhora Franzer" de J. Ervine, direção de G. Buszynski, Pequeno Teatro, estréia a 2.6.31. Papel de Marian Frazer.
"Roxy"de B. Conners, direção de Aleksander Wegierko, Pequeno Teatro, estréia 11.7.31. Papel de Bill Caldwell.

Espetáculos realizados na cidade de Lodz para onde Ziembinski se transfere contratado pelo "Teatro Municipal" e pelo "Teatro de Câmara" no período de 1931/32:

"Lobos dentro da noite" de Tadeusz Ritter, direção de Ziembinski, que está também no elenco, Teatro de Câmara, estréia 16.9.31.
"Hau-Hau" de P. Hoodges e J. Percival, direção de Ziembinski que também particpa como ator, Teatro de Câmara, estréia 3.10.31.
"O apartamento de Zoika" de Mikhail Bulgakov, direção de Ziembinski que também atua na peça, Teatro Municipal, novembro de 1931.
"Tempestade em copo d'água", direção de Ziembinski, Teatro Municipal, estréia 16.1.32
"Pais e Filhos", de Bernard Shaw, direção de Ziembinski, Teatro Municipal, estréia 9.1.32.
"Asef",espetáculo que consta no curriculum de Ziembinski como ator, sem indicação de autor e data de estréia.

Espetáculos realizados em Varsóvia entre 1932 a 1939 (em 5 companhias):

"Mademoiselle" de Jacques Deval, direção de Ziembinski, Teatro Novo, estréia 23.10.1932.
"Fanny" de Bernard Shaw, direção de Karol Borowski, Ziembinski no papel de Duvallet, Teatro Nacional, estréia 31.12.1932.
"A Sombra de Dario", direção de Ziembinski que entra a partir de 7 de março, substituindo um colega, Teatro Novo, estréia 8.2.1933.
"Redemoinho" de Noel Coward, primeira direção de Ziembinski para o Teatro Nacional, onde também participa como ator no papel de Nicky, estréia 7.5.1933.
"Stéphane" de Jacques Deval, direção de Ziembinski, Teatro Novo, 28.6.1933.
"Hau-Hau" de Hoodges e Percival, direção de Ziembinski, Teatro Nacional, 15.7.33.
"O Testamento de Sua Excelência", de H. Berman. com Ziembinski na direção e no papel de Jacó, Teatro Nacional, estréia 1.9.1933.
"Na reta final" de K. H. Rostworowski, direção de Solski, Ziembinski interpreta o papel de Francisco, 29.9.1933.
"O dinheiro não é tudo" de Bus Fekete, direção de Ziembinski, Teatro de Verão, estréia 11.11.1933.
"Ivar Kreuger" de J. Tepa, direção de Ziembinski, que também participa como ator, Teatro de Verão, estréia 13.2.1934.
"Escola de cobradores" de Louis Verneuil e J. Berr, direção de Ziembinski que interpreta um dos papéis, Teatro de Verão, estréia 10.3.1934.
"Simone" de Jacques Deval, direção de Ziembinski que intrepreta o papel de André, Teatro Novo, estréia 20.4.1934.
"Arletta e as caixas verdes" de G. e A. Acrément, direção de Ziembinski, Teatro Novo, estréia 7.7.1934.
"O incorrigível bobão", de K. Bachman, direção de Ziembinski, Teatro de Verão, estréia 15.8.1934.
"Dança" de W. Grubinski, Ziembinski dirige e interpreta o papel de Rymsza, Pequeno Teatro, estréia 29.9.1934.

"Henrique IV"de Pirandello, direção de Ziembinski, Teatro Novo, 1934.
"A Ponte", de J. Szaniawski, direção de Ziembinski que interpreta Tomás, Teatro Novo, estréia 20.1.1935.
"Miss Ba" de R. Bésier, direção de Ziembinski, Teatro Novo, estréia 6.2.1935.
"O pequeno milagre e companhia" de Stanislaw Kiedrzynski, Ziembinski entra neste espetáculo, no Pequeno Teatro , em 15.3.1935 fazendo uma substituição.
"Todos os direitos reservados" de J.K. Davis, direção de Ziembinski que faz também o papel de Percival Lockwood, Pequeno Teatro, estréia 6.4.1935.
"A defesa da senhora keys" de Bruno Winawer, direção de Ziembinski, Pequeno Teatro, estréia 28.5.1935.
"Vinho velho" de S. Hicks e A. Dukes, última direção de Ziembinski para o Pequeno Teatro, estréia 6.7.1935.
"A volta de mamãe" de M. Pawilikowska, direção de Ziembinski que interpreta Adriano, Teatro Novo, estréia 19.9.1935.
"A casa aberta" de M. Balucki, direção de Ziembinski, Teatro de Verão, estréia 17.10.1935.
"Tessa"comédia adaptada de Jean Giraudoux de um romance de Margaret Kennedy e B. Dean, direção de Aleksander Wegierko, Ziembinski interpreta Lewis Dodd, Teatro Novo, estréia 11.3.1936.
"A herdeira" de Bernard Shaw, direção de Ziembibski, Teatro Polonês, estréia 28.5.1936.
"O sexo vencedor" de M. Egan, com Ziembinski dirigindo e interpretando o papel de Dick Shabe, Pequeno Teatro, estréia 17.10.1936.
"Verão em Nohant" de Jaroslaw Iwaszkiewczm direção de de E. Wiercinski, Ziembinski interpreta Chopin, Pequeno Teatro, estréia 4.12.1936.
"O Jardim das Carejeiras" de Tchecov, direção de Ziembinski, Teatro Polonês, estréia 27.4.1937.
"A Viúva Wdowa" de Julian Tuwim, direção de Ziembinski, que tamb;em está no elenco no papel de Félix, Teatro Polonês, estréia 7.8.1937.
"A Casa que desmorona" de M. Morowicz-Szczepkowska, direção de Ziembinski, que interpreta um dos personagens, Pequeno Teatro, estréia 8.11.1937.
"Dominó" de Marcel Achard, direção de Ziembinski que também interpreta um dos papeis, Pequeno Teatro, estréia 3.2.1938.
"O ramo da romanzeira" de Zygmunt Nowakowski , direção de Aleksander Wegierko, Ziembinski substituiu um ator no papel de Sas, Teatro Polonês, 10.4.1938.
"Os ciganos de Paris" de Marian Hemar, adaptada por H. Murger e T. Barrière, direção de Ziembinski que interpreta Rudolf, Teatro Polonês, estréia 10.6.1938.
"Senhora natureza" de A. Birabeau, direção de Ziembinski, Pequeno Teatro, estréia 11.8.1938.
"Temperamentos" de Antoni Cwojdzinski, direção de Ziembinski que interpreta o papel de Henrique, Pequeno Teatro, estréia 14.12.1938
"Mazepa" de Juliusz Slowacki, direção de Ziembinski que interpreta Zbigniew, TeatroPolonês, estréia 15.2.1939. Montagem destinada ao público escolar no horário vespertino.
"O irmão pródigo" de Oscar Wilde, onde além de dirigir faz o papel de John Wothing, Pequeno Teatro, estréia 17.3.1939.

"As colegas" de Stefan Krzywoszewski, Teatro Polonês, estréia 14.5.1939.
"Genewa" de Bernard Shaw, direção de Ziembinski com sua participação no elenco no papel do Juiz do Tribunal, Teatro Polonês, estréia 25.7.1939. Última realização de Ziembinski na Polônia.

Conforme a pesquisa realizada por Yan Michalski, concluída por Fernando Peixoto, para o livro "Ziembinski e o Teatro Brasileiro", "no cinema participou entre 1928 e 1936, como ator, de oito filmes, dirigiu dois, e participou da elaboração dos diálogos de mais um outro. (...) Ziembinski tinha pronunciado interesse pelo rádio e suas possibilidades de transmissão de textos dramáticos, tendo participado desde 1928, ainda em Cracóvia, e até 1938, de várias realizações de radioteatro, algumas das quais alcançando bastante sucesso.

A partir de 1936 passou a colaborar regularmente com o Setor de Encenação no Instituto Nacional de Arte Teatral, pioneiro estabelecimento de ensino profissional , um dos primeiros da Europa a montar um curso regular para a formação de diretores. Ziembinski estava encarregado de exercícios na área de técnica de ator. Uma incumbência honrosa para um jovem profissional de 28 anos de idade (...).
O levantamento da carreira profissional de Ziembinski na Polônia, (...)fornece dados numéricos impressionantes: em pouco mais de 10 anos, de 1929 a 1939, ele realizou aproximadamente 100 trabalhos , cerca de 60 como ator e cerca de 40 como diretor (sendo que a maioria das suas direções coincide com a sua presença no elenco)".

O Trajeto de Ziembinski entre a Polônia e o Rio de Janeiro

Depois de fugir de Varsóvia, que começava a ser atacada pelos alemães, se refugia em Bucareste, "onde coloca seus serviços profissionais, como artista de teatro, à disposição do exército polonês exilado que acaba de se reagrupar na Romênia, e logo dirige um texto de Zeromski, "Aquele que já se foi". A seguir, acompanha a tropa em penosos deslocamentos pela Itália e França, onde permanecerá por mais de um ano trabalhando no "Théatre aux Armées", que procurava contribuir para manter firme o ânimo dos soldados exilados, apresentando shows compostos de prosa, música e poesia de autores poloneses. (...)

Ziembinski começa a se deslocar por diversas cidades da França, fugindo dos nazistas que avançam pelo território francês. Ao saber que o Brasil está concedendo vistos para estrangeiros, Ziembinski não exita e embarca rumo aos Estados Unidos em uma primeira etapa. Somente em janeiro de 1941 ele consegue embarcar em um navio para o Rio de Janeiro.

Depois de estabelecido no Brasil e considerado um dos nossos maiores diretores, Ziembinski retornou a Polônia na década de 60 para dirigir dois espetáculos: "Boca de Ouro" de Nelson Rodrigues, para o Teatro Stary na Cracóvia e "Vereda da Salvação" para o Teatro Teatro Wspolczesny, de Varsóvia.

TEATRO

À BEIRA DA ESTRADA
Texto: Jean-Jacques Bernard
Tradução: Agostinho Olavo
Direção: Ziembinski
Cenário: Agostinho Olavo
Elenco: Hildegard Naegele, Antônio de Campos, Luís Tito, Paulo Soledade
Produção: Teatro Acadêmico
Estréia: 28.12.41, no Teatro Ginástico, RJ

ORFEU e AS PRECIOSAS RIDÍCULAS
Textos: Jean Cocteau e Molière
Tradução: Raul Penido Filho
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Gustavo Dória ("Orfeu") e Agostinho Olavo ("As Preciosas Ridículas")
Elenco de **"Orfeu"**: Paulo Soledade (Orfeu), Zezé Pimentel (Eurídice), Fadah Gattass (Cavalo), Eloi Brandão (Heurtebise), Luiza Barreto Leite (A Morte), Armando Riedel (Azrael), José Mauro (Rafael), Octavio Graça Mello (Guarda), Mário Brasini (Comissário).
Elenco de **"As Preciosas Ridículas"**: Eloi Brandão (Du Croisu), Luís Tito (La Granza), Graça Mello (Gorgibus), Maria Barreto Leite (Marotte), Ligia Walker (Madelon), Zezé Pimentel (Cathos), Mário Brasini (mascarille), Ernesto Souza e Fadah Gattass (Carregadores), Armando Riedel (Almanzor), Osvaldo Eboli (Jodelet), Marcelo Muricy e José Mauro (Espadachins)
Produção: Teatro dos Novos
Estréia: 30.08.42, no Teatro João Caetano, RJ

FIM DE JORNADA
Texto: Robert C. Sheriff
Direção: Ziembinski
Cenário: Santa Rosa
Elenco: Carlos Perry (hardy), Octávio Graça Mello (Osborne), **Ziembinski (Stanhope)**, Figueiredo Jr. (Trotter), Armando Couto (Bert), Brutus Pedreira (Hibbert), Fadah Gattass (Sargento), NelsonVaz (Coronel), Darcy dos reis (Soldado alemão), Jayme dos reis (Soldado inglês)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 4.12.43, no Teatro Ginástico, RJ

PELLEAS E MELISANDA
Texto: Maurice Maeterlinck
Tradução: Cecília Meirelles
Direção: Ziembinski
Cenários: Santa Rosa
Elenco: **Ziembinski (Goldar)**, Carlos Mello (Pelelas), Mary Cardoso (Melisanda), Nelson Vaz (Rei Arquel), Luiza Barreto, Leite Sanz (Rainha Genoveva), Stella Graça Mello, Hildegard Naegele, Lisette Buono, Edelweiss, Virginia (Criadas), Oswaldo Loureiro (Inioldo), Otávio Graça Mello (Médico), Luiz Paulo (Porteiro)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 22.12.43, no Teatro Municipal, RJ

VESTIDO DE NOIVA
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Arquitetura cênica e figurinos: Santa Rosa
Elenco: Lina Grey (Alayde), Auristela Araújo (Madame Clessy), Carlos Perry (Pedro, o namorado, homem de capa e limpador), Stella Perry (Lúcia), Octávio Graça Mello (pai de Alayde), Maria B. Leite (mãe de Alayde), Luiza Barreto Leite Sanz (mãe do namorado), Leontina Knesse (Dona Laura), Armando Couto, Álvaro Alberto, Brutus Pedreira, Expedito Porto (Repórteres), Virgínia de Souza Neto, Maria Sarli, Edelweiss (mulheres), Stella Graça (mulher inatual e mulher do telefone), Brutus Pedreira, Álvaro Alberto, Darcy dos reis, Luiz Paulo (médicos), Brutus Pedreira (médico de serviço), Expedito Porto (speaker), Nélio Braga (rapaz do café), Meninos da Casa do Pequeno Jornaleiro (jornaleiros)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 28.12.43, no Teatro Municipal, RJ

A FAMÍLIA BARRET
Texto: Rudolf Resier
Tradução: Miroel Silveira
Direção: Ziembinski
Cenário: Gilberto Trompowski e Valentim
Elenco: Paulo Moreno (Dr. Chambers), Maria Sampaio (Elizabeth - Miss Bá), Sarah Nobre (Wilson), Stella Perry (Henriette), Wahita Brasil (Arabel), Altivo Diniz (Octave), David Conde (Alfred), Wallace Vianna (Charles), Carlos Geraldo (Henry), Antonio Henrique (Georges), Nelson Vaz (Edward M. Barrett), Eugênia Levy (Stella Hedley), Pedro Veiga (Bevan), Rodolfo Arena (Browning), Castro Viana (Dr. Waterloo), Z. Orlando (Cap. Cook)
Produção: Sociedade Amigos do Teatro (Teatro das 2ª feiras)
Estréia: 22.10.45, no Teatro Fênix, RJ

ERA UMA VEZ UM PRESO
Texto: Jean Anouilh
Tradução: Mário da Silva
Direção: Ziembinski
Cenários: Santa Rosa
Elenco: **Ziembinski (Ludovico),** Jackson de Souza (Sr. Peine), Wahita brasil (Ana Maria), Luíza Barreto Leite (Adeline), João Angelo Labanca (Barricault), David Conde (Gastão), Graça Mello (Marcelino), Lucia Helena (Luciana), Z. Orlando (Cordeirinho), Danilo Ferreira Neves (Roberto)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 8.3.46, no Teatro Fênix, RJ
(Remontagem em São Paulo, em 1947, com a apresentação única no Teatro Municipal, a 22.5 e temporada no Teatro Boa Vista a partir de 23.5)

DESEJO
Texto: Eugene O'Neill
Tradução: Miroel da Silveira
Direção: Ziembinski
Elenco: Sandro Polloni (Eben), Orlando Guy (Simão), Jardel Filho (Pedro), Olga Navarro (Abbie), **Ziembinski (Efraim Cabot)**, Jackson de Souza (Rabequista), David Conde (Convidado), João Angelo Labanca (Delegado), Virgínia Vanni, Berta Scliar, Amalita, Maria margarida Lopes, Waldir Moura,

Geraldo Ribeiro, Marcos R. dos Santos, Fernando Lancelotte (outros convidados)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 17.7.46, no Teatro Ginástico, RJ
(Remontagem em São Paulo, com estréia a 28.2.47, no Teatro Municipal)

A RAINHA MORTA
Texto: Henri de Montherlant
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Santa Rosa
Elenco: **Ziembinski (Rei de Portugal)**, Margarida Rey (Infanta de Navarra), Valdir Moura (Infante de Navarra), Virgínia Vanni, Berta Scliar, Amalita (Damas de Honra), Marcos R. dos Santos (Manuel Ocayo), Sandro Polloni (Infante D. Pedro), Maria Della Costa (Inês de Castro), Armindo G. Lourenço (criado), José de Magalhães Graça (D.Cristóvão), Tomaz de Melo Dias, Helmut Schnetzer, Hans Stum Krumfeld (oficiais), Orlando Guy (Egas Coelho), David Conde (Alvaro Gonçalves), Jackson de Souza (D. Eduardo), Josef Guerreiro (Dino Del Moro), Aloysio Dias de Morais, Nestor Lindenberg (pajens), Jardel Filho (Príncipe do Mar), João Angelo Labanca (Alferes Batalha), Gentil Silveira, Renato Ramos (guardas)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 23.11.46, no Teatro Ginástico, RJ
(Remontagem em SP, com estréia a 6.6.47, no Teatro Santana)

TERRAS DO SEM FIM
Adaptação teatral do romance de Jorge Amado realizada por Graça Mello
Direção: Zygmunt Turkow
Cenários: Santa Rosa
Elenco: Tito Fleury (cancioneiro popular), **Ziembinski (Coronel Horácio da Silveira**), Maria Della Costa (Esther), Sandro Polloni (Dr. Virgilio), Labanca (Maneco Dantas), Ruth de Souza (Felismina), Wallace Vianna (velho Antonio), Valdir Moura, Josef Guerreiro (trabalhadores), Tito Fleury (Sinhô Badaró), Jardel Filho (Juca Badaró), Margarida Rey (Don'Ana), Agnaldo Camargo (Negro Damião), Magalhães Graça (Viriato), Valdir Moura (Firmo), Jackson de Souza (Tonico Borges), Magalhães Graça (Dr. Jesse), Yara Isabel (D. Zefinha), Nieta Junqueira (Professora), David Conde (Azevedo), Cacilda Becker (Margot), Josef Guerreiro (Nhozinho), Valdir Moura (Totônio), Ruth de Souza (Raimunda), Josef Guerreiro (Argemiro), Jackson de Souza (Pai Jeremias), Wallace Vianna (Capanga), Valdir Moura (Meirinho), Jardel Filho (juiz), Tito Fleury (Promotor), Josef Guerreiro (Escrivão)
Produção: Os Comediantes
Estréia: 8.8.47, no Teatro Ginástico, RJ

NÃO SOU EU
Texto: Edgard da Rocha Miranda
Direção: Ziembinski
Cenário: Sandro Polloni
Elenco: Josef Guerreiro (enfermeiro), Cacilda Becker (Monica Filimore), Maria Della Costa (Ellen Mason), Labanca (Dr. Facquart), Margarida Rey (Claire Stetson), Valdir Moura (médico de serviço), **Ziembinski (Soldado)**, Rosely Mendes (Betty), David Conde (Rod Kirkbridge), Tito Fleury (Anthony Johnson), Magalhães Graça (Smitty).
Produção: Os Comediantes
Estréia: 30.9.47, no Teatro Ginástico, RJ

VESTIR OS NUS
Texto: Luigi Pirandello
Tradução: Tyndaro Godinho
Direção: Adacto Filho
Cenário: Pernambuco de Oliveira
Elenco: Luiza Barreto Leite (Ersilia), Sadi Cabral (Nota), Cecy Medina (Honória), Carlos Couto (Cantavalle), **Ziembinski (Giovanni Franco)**, Rosely Mendes (Ema), Orlando Guy (Grotti)
Produção: Cooperativa de Espetáculos Novos de Arte CENA (Teatro das 2ª feiras)
Estréia: 1.3.48, no Teatro Serrador, RJ

ANJO NEGRO
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Cenários: **Ziembinski** e Sandro Polloni
Elenco: Pérola Negra, Eunice Fernandes, Regene Mileti, Paula Silva, Zeni Pereira, Augusta Silva (Senhoras), Josef Guerreiro (Elias), Geraldo Pereira, Jorge Aguiar (carregadores), Milton Rocha (Aimoré Nogueira), Orlando Guy (Ismael), Maria Della Costa (Virginia), Maria de Oliveira (criada), Itália Fausta (Tia), Nieta Junqueira, Rosely Mensdes, Yara Brasil, Aurora La Bella (primas), Nicete Bruno (Ana Maria)
Produção: Teatro Popular de Arte
Estréia: 2.4.48, no Teatro Fênix, RJ
(Remontagem em São Paulo, com estréia a 1.2.49, no Teatro Municipal)

MEDÉIA
Texto: Eurípedes, adaptação de Robinson Jeffers
Tradução: Genolino Amado
Direção: Ziembinski
Elenco: Maria Castro (a ama), Jacy Campos (o aio), Loman e Fernanda (os filhos de Medéia), Margarida Rey, Flora May, Joyce Oliveira (mulheres coríntias), Henriette Morineau (Medéia), Fregolente (Creon), Graça Mello (Jasão), David Conde (Egeu), Dary Reis (escravo)
Produção: Os Artistas Unidos
Estréia: 30.04.48, no Teatro Ginástico, RJ

UMA RUA CHAMADA PECADO
Texto: Tennessee Williams
Tradução: Carlos Lage
Direção e Cenário: Ziembinski
Elenco: Zeni Pereira (uma preta), Margarida Rey (Eunice Gunter), Joyce Oliveira (vendedora de tomates), Graça Mello (Roberto Kowalski), Fregolente (Harold Mitchell), Flora May (Stella Kowalski), Henriette Morineau (Blanche Du Bois), Luiz Fróes (Steve Gunter), Jaci Campos (Pablo Gonzales), Dary Reis (cobrador), Maria Castro (vendedora de flores), Arthur Costa (o médico), Joyce Oliveira (enfermeira)
Produção: Os Artistas Unidos
Estréia: 23.6.48, no Teatro Ginástico, RJ

LUA DE SANGUE
Texto: Georg Büchner
Tradução: Mário da Silva

Direção e Cenários: Ziembinski
Figurinos: Waldir Moura
Elenco: Samborski (capitão), **Ziembinski (Woyzeck),** Josef Guerreiro (Andrés), Maria Della Costa (Maria), Carolina Sotto Mayor (Margarida), Sandro Polloni (Charlatão), Antonio Gonçalves (Tambor-mór), Valdir Moura (suboficial), Wallace Vianna (médico), Elidio Costa, Mario Braga, Ney Marcos (operários), Milton José (taberneiro), Yara Silva, Adail Rosely Mendes (mulheres), Elidio Costa (Judeu), Pedro Henrique (Idiota), Maria C. de Brito, Ellington de Brito, Justo de Brito, Nelly Valero (crianças), Itália Fausta (velha mulher), Carolina Sotto Mayor (Catarina), Alvaro Santana, Wilson Silva (Transeuntes), Valdir Moura (policial)
Produção: Teatro Popular de Arte
Estréia: 25.8.48, no Teatro Fênix, RJ

OS HOMENS (O MUNDO É NOSSO)
Texto: Louis Ducreux
Tradução: Raimundo Magalhães Júnior
Direção: Ziembinski
Arranjos cenográficos: Luciano Trigo
Elenco: Odilon (Aldo Sacarino), Orlando Guy (Pierre), Nicette Bruno (Clara), Rosa Sandrini (criada), Luiz Delfino (Alfredo Fenoville), Fernando Villar (polícia), **Ziembinski (Alphonse Sechard)**
Produção: Odilon Azevedo
Estréia: 29.9.48, no Teatro Glória, RJ

REVOLTA EM RECIFE (A HORA TARDIA)
Texto: Alceu Marinho Rego
Direção: Ziembinski
Cenários: Armando Iglesias
Elenco: **Ziembinski (Dr. Álvaro),** Cora Costa (Sra.Emília), Joseph Guerreiro (Ninito), Jesus Ruas (Dr. Paulo), Mildred Santos (Vera), Jurema Magalhães (Arabela), Carlos Couto (Wenceslau)
Produção: Chianca de Garcia
Estréia: 29.10.48 , no Teatro João Caetano, RJ

TOBACCO ROAD
Texto: Erskine Caldwell e Jack Kirland
Tradução: Raimundo Magalhães Júnior
Direção: Ruggero Jacobbi
Elenco: **Ziembinski (Jester Lester),** Josef Guerreiro (Dude Lester), Tallulah Abramo (vovó Lester), Itália Fausta (ada Lester), Rosely Mendes (Ellie May), Fernando Villar (Lov Bensey), Romeu Câmara (Henry Pedbody), Carolina Sotto Mayor (Bessie Rice), Maria Della Costa (Pérola), Duilio de Fabricius (Cap. Tim), Wallace Vianna (George Payne)
Produção: Teatro Popular de Arte
Estréia: 16.2.49, no Teatro Municipal, SP

NOSSA CIDADE
Texto: Thornton Wilder
Tradução: Elsie Lessa
Direção: Ziembinski
Elenco: **Ziembinski (Diretor),** Adelmar de Oliveira (Dr. Gibbs), Alfredo de Oliveira (Joe Crowell), Nilson Paulo Alcântara (Howie), Diná R.B. de Oliveira

(Sra. Gibbs), Vicentina F. do Amaral (Sra. Webb), Norma Corrêa Lima (Emily), Laís Macedo (Rebecca), Fernando de Oliveira (Wally), Oscar Cunha Barreto (Jorge), Otávio Rosa Borges (Dr. Willard), Antonio Brito (o homem da platéia), Geninha Sá da Rosa Borges (mulher da frisa), Maria do Carmo. R. Costa (mulher da platéia), Alderico Costa (Dr. Webb), Valdemar de Oliveira (Simon Stimson), Margarida Cardoso (Louella Soames), Mário Barros (Warren), Hélcio Pires (Sir. Crowell), Gilvan Barbosa (um morto), Eduardo Corr6ea Lima (Joe Stoddardt), Reinaldo de Oliveira (Sam Craig)
Produção: Teatro de Amadores de Pernambuco
Estréia: 27.4.49, no Teatro Santa Isabel, Recife

PAIS E FILHOS
Texto: Bernard Shaw
Tradução: Guilherme Figueiredo
Direção e Cenografia: Ziembinski
Elenco: Reinaldo de Oliveira (Johnny), Fernando de Oliveira (Bentley), Zélia Cena Caldas (Hipatia), Diná R. B. de Oliveira (Srta. Tarleton), Valdemar de Oliveira (Lord Summerthays), Otávio de Rosa Borges (Tarleton), Oscar Cunha Barreto (Percival), Salomé Mendonça (Lina Szczepanowska), Alfredo de Oliveira (um homem).
Produção: Teatro dos Amadores de Pernambuco
Estréia: 3.6.49, no Teatro Santa Isabel, Recife.

ALÉM DO HORIZONTE
Texto: Eugene O'Neill
Direção e Cenários: Ziembinski
Elenco: Oscar Cunha Barreto (Pedro), Otávio R. Borges (André), Paulo Alcântara (João), Edissa Bancowski (Júlia), Rubem Wien (Jerônimo), Maria Bernadete (Catarina), Margarida Cardoso (Perpétua), Reinaldo de Oliveira (Tomás), Miguel Coutinho (médico)
Produção: Teatro Universitário de Pernambuco
Estréia: 11.8.49, no Teatro Santa Isabel, Recife

ESQUINA PERIGOSA
Texto: J. B. Priestley
Tradução: Madalena Nicol
Direção: Ziembinski
Elenco: Margarida Cardoso (Miss Morgan), Bebé Salazar (Betty), Diná Rosa Borges de Oliveira (Frida), Carminha Carvalho (Olga), Aldemar de Oliveira (Roberto), José Maria Marques (Gordon), Otávio da Rosa Borges (Stanton)
Produção: Teatro de Amadores de Pernambuco
Estréia: 17.9.49, no Teatro Santa Isabel, Recife

FIM DE JORNADA
Texto: Robert C. Sheriff
Tradução: Isaac Paschoal
Direção: Ziembinski
Elenco: **Ziembinski (Osborne),** Paulo de Alcântara, Rubem Wien, Idalto Vidal, Hélcio Pires, Reinaldo de Oliveira, Luzi Alberto Barreto, Mauro Almeida, Luís Carlos Barbosa Lima Samuel castro, Aliizio Oliveira, Walter M. de Oliveira
Produção: Teatro Universitário de Pernambuco
Estréia: 12.11.49, no Teatro Derbi, Recife

ASSIM FALOU FREUD
Texto: Antoni Cwojdzinski
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Ziembinski
Cenário: Lauro Lessa
Elenco: **Ziembinski ("Ele"),** Nely Rodrigues ("Ela")
Produção: Produções Artísticas Ziembinski
Estréia: 3.2.50, no Teatro de Bolso, RJ
(Remontagem em SP, com estréia a 24.4.50, no TBC)

DOROTÉIA
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Santa Rosa
Assessoria coreográfica: Gert Malgreen
Elenco: Luiza Barreto Leite (Flávia), Nieta Junqueira (Maura), Rosita Gay (Carmelita), Dulce Falcão Rodrigues (Das Dores), Eleonor Bruno (Dorotéia), Maria Fernanda (D. Assunta d'Abadia)
Produção: Paschoal Bruno
Estréia: 7.3.50, no Teatro Fênix, RJ

AMANHÃ, SE NÃO CHOVER
Texto: Henrique Pongetti
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Lazlo Maitner
Elenco: Armando Couto (Bonard), Paulo Autran (Balabanoff), Tonia Carrero (Francesca), Vera Nunes (Josette), Nelson Camargo (Beppo)
Produção: Fernando de Barros
Estréia: 22.3.50, no Teatro Copacabana, RJ
(Remontagem em SP, com estréia a 6.10.50, no Teatro Cultura Artística)

ADOLESCÊNCIA
Texto: Paul Vanderberghe
Tradução e adaptação: Raimundo Magalhães Jr e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Cenários: Ernani Vasconcellos
Elenco: José Guerreiro (Bob Deveria), Nely Rodrigues (Suzana), Mary Soares (Luiza), **Ziembinski (Maurício Fleurville)**
Produção: Produções Artísticas Ziembinski
Estréia: 14.4.50, no Teatro de Bolso, RJ
(Remontagem em SP, com estréia 8.5.50, no TBC)

O CAVALHEIRO DA LUA
Texto: Marcel Achard
Tradução: Oduvaldo Vianna
Direção: Ziembinski
Cenários: Carlos Giacchiere
Elenco: **Ziembinski (Jef),** Josef Guerreiro (Clotaire), Nely Rodrigues (Marceline), Maurício Barroso (Richard), Célia Biar (Etienette)
Produção: TBC (Teatro Brasileiro de Comédia)
Estréia: 22.6.50, no Teatro Cultura Artística, SP

HELENA FECHOU A PORTA
Texto: Accioly Netto
Direção: Ziembinski
Cenários: Carlos Thirè
Elenco: Tônia Carrero (Helena), Vera Nunes (Eunice), Armando Couto (Lucindo) Ludy Veloso (Ambrosina), Paulo Autran (Petrônio), Paulo Monte (Marcelo)
Produção: Fernando de Barros
Estréia: 8.6.50, no Teatro Copacabana, RJ
(Remontagem em SP, com estréia a 21.12.50, no Teatro Cultura Artística)

A ENDEMONIADA
Texto: Karl Schoenherr
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Supervisão artística: Ziembinski
Cenários e figurinos: Hans Sachs
Elenco: Olga Navarro (A mulher), Dionísio de Azevedo (O marido), Fregolente (o soldado)
Produção: Companhia Olga Navarro
Estréia: 11.7.50, no Teatro Cultura Artística, SP

O HOMEM DE FLOR NA BOCA, LEMBRANÇAS DE BERTA, O BANQUETE

O HOMEM DE FLOR NA BOCA
Texto: Luigi Pirandello
Tradução: Adacto Filho
Direção: Ziembinski
Cenário: Joseph Guerreiro
Elenco: Sérgio Cardoso (o homem de flor na boca), Glauce de Divitis (O pacato freguês), Marina Freire (A mulher)

LEMBRANÇAS DE BERTA
Texto: Tennessee Williams
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção: Ziembinski
Cenário: Bassano Vaccarini
Elenco: Nydia Licia (Berta), Rachel Moacyr (Aurea), Célia Biar (Lena)

O BANQUETE
Texto: Lúcia Benedetti
Direção: Ziembinski
Cenário: Carlos Giacchieri
Elenco: Marina Freire (Alzira), **Ziembinski (João),** Elizabeth Henreid (Ivone)
Produção: TBC (Teatro das 2ª feiras)
Estréia: 4.9.50, no TBC, SP

DO MUNDO NADA SE LEVA
Texto: Georg Kaufman e Moss Hart
Tradução: M.L.Araújo Lima
Direção: Luciano Salce
Cenário: Bassano Vaccarini
Elenco: Célia Biar (Penny Sycamore), Jurema Ranzani (Essie), Isabel Santos (Rheda), Luis Calderaro (Paul Sycamore), A.C. Carvalho (De Pinna), Fredi Kleemann (Ed Carmichael), Milton Ribeiro (Donald), **Ziembinski (Martin**

Vanderhof), Elizabeth Henreid (Alice), Carlos Vergueiro (henderson), Sérgio Cardoso (Tony Kirby), Ruy Afonso (Boris Kolenkhov), Rachel Moacyr (Gay Wellington), Waldemar Wey (Sr. Kirby), Marina Freire (Sra. Kirby), Glauco de Divitis (Delegado), Frank Hollander (Mac), Walter Ribeiro (Jim), Nydia Lícia (Olga Katrina), Victor Merinof (Motorista)
Produção: TBC
Estréia: 18.10.50, no TBC, SP

RAQUEL , PEGA-FOGO

RAQUEL
Texto: Lourival Gomes Machado
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Bessano Vaccarini
Música: E.Simionetti
Elenco: Orlando Guy (Jacob), Nydia Lícia (Lia), Alec Wellington (Labão)

PEGA-FOGO
Texto: Jules Renard
Tradução: Gustavo Nonnenberg
Direção: Ziembinski
Cenário: Josef Guerreiro
Elenco: **Ziembinski (Sr. Lepie**), Cacilda Becker (Pega-Fogo), Wanda Andrade Hamel (Sra. Lepic), Cleyde Yáconis (Annette)
Produção: TBC (Teatro das 2ª feiras)
Estréia: 27.12.50, no TBC, SP

PAIOL VELHO
Texto: Abílio Pereira de Almeida
Direção: Ziembinski
Cenários: Bassano Vaccarini
Elenco: Cacilda Becker (Lina), Carlos Vergueiro (Tonico), Zeni Pereira (Bastiana), Milton Ribeiro (Lourenço), Rachel Moacyr (Mariana), Maurício Barroso (João Carlos), A.C. Carvalho (Dr. Boaventura), Fredi Kleemann (Quinzinho Pereira, Tabelião), Eugênio Kusnet (Tio Jorge)
Produção: TBC
Estréia: 10.1.51 no TBC, SP

CONVITE AO BAILE
Texto: Jean Anouilh
Tradução: Gilda de Mello e Souza
Direção: Luciano Salce
Elenco: Eugênio Kusnet (Josué), Sérgio Cardoso (Horácio), Sérgio Cardoso (Frederico), Elizabeth Henreid (Diana Messerschmann), Cleyde Yáconis (Lady Indiana), Ruy Afonso (Patrício Bombelles), Célia Biar (Sra. Desmermortes), Raquel Moacyr (Geraldina Capular), Waldemar Wey (Romainville), **Ziembinski (Messerschmann**), Maria Lúcia (Isabel), Nydia Lycia (A mãe).
Produção: TBC
Estréia: 2.5.51, no TBC, SP

O GRILO DA LAREIRA
Texto: Charles Dickens, adaptação de Brutus Pedreira e Ziembinski
Direção: Ziembinski

Cenários e figurinos: Bessano Vaccarini
Elenco: Ruy Affonso (Charles Dickens), Elizabeth Henreid (Mary Peerbingle), Paulo Autran (John Peerybingle), Suzana Petersen (Tilly), Fredi Kleemann (O desconhecido), Waldemar Wey (Caleb Plummer), **Ziembinski (Tackleton),** Cleide Yáconis (May Fielding), Nydia Licia (Berta Plummer), Marina Freire (Sra. Fielding), Maria Lúcia (O grilo), José da Silva (o cocheiro)
Produção: TBC
Estréia: 27.6.51, no TBC, SP

ARSÊNICO E ALFAZEMA
Texto: Joseph Kesselring
Tradução: não é mencionada no programa
Direção: Adolfo Celi
Cenário: Noêmia
Supervisão dos figurinos: Cleide Yáconis
Elenco: Cacilda Becker (Abby Brewster), Sérgio Cardoso (Reverendo Harper), Ruy Affonso (Teddy Brewster), Fredi Kleemann (Sargento Brody), Victor Merinov (Sargento Klein), Marina Freire (Marta Brewster), Célia Biar (Elaine Harper), Maurício Barroso (Mortimer Brewster), Luiz Linhares (Mr. Gibbs), **Ziembinski (Jonathan Brewster),** A.C. Carvalho (Dr. Einstein), Carlos Vergueiro (Sargento O'Hara), Paulo Autran (Tenente Rooney), Waldemar Wey (Dr. Whiterspoon)
Produção: TBC
Estréia: 1.8.51, no TBC, SP

RALÉ
Texto: Maximo Gorki
Tradução: Brutus Pedreira e Eugênio Kusnet
Direção: Flamínio Bollini Cerri
Cenários e figurinos: Tulio Costa
Elenco: Ruy Afonso (o barão), Marina Freire (Kvachnhá), Waldemar Wey (Bubnof), Lu;is Linhares (Khlech), Nydia Lícia (Nástia), Cleyde Yáconis (Ana), Maurício Barroso (Satin), Sérgio Cardodo (o ator), Carlos Vergueiro (Kastilhof), Paulo Autran (Vaska Pepel), Elizabeth Henreid (Natascha), **Ziembinski (Luká),** Rubens Costa (Aliochka), Maria Della Costa (Vassilissa), Luis Calderaro (Medredef), Victor Merinov (o Tártaro), Fredi Kleemann (Krivoy), Pedro Petersen, Arquimedes Ribeiro, Sebastião Ribeiro, José Silva, Walter Ribeiro, Zoraide Grego (Vagabundos)
Produção: TBC
Estréia: 5.9.51, no TBC, SP

HARVEY
Texto: Mary Chase
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção: Ziembinski
Cenário: Bressano Vaccarini
Figurinos: Rubens Petrilli de Aragão
Elenco: Célia Biar (Myrtle Mae Simmons), Marina Freire (Veta Louise Simmons), **Ziembinski (Elwood P. Dowd),** Maria Augusta (Ethel Chauvenet), Marisa Prado (Ruth Kelly), Luiz Calderaro (Marvin Wilson), Mário Sérgio (Lyman Sanderson), Wanda Hamel (William R. Chumley), Luiz Linhares (Juiz Omar Gaffney), Milton Ribeiro (E.J.Lofgren)
Produção: TBC
Estréia: 31.10.51, no TBC, SP

AS DUAS "ANTÍGONES"
(Antígone de Sófocles e Antígone de Anouilh)

ANTÍGONE de Sócfocles
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção: Adolfo Celi
Cenário: Bassano Vaccarini
Figurinos: Rina Fogliotti e Bassano Vaccarini
Elenco: Cacilda Becker (Antígone), Elizabeth Henreid (Ismene) , Cleyde Yáconis (Eurídice), Paulo Autran (Creon), Luís Linhares (Emon), **Ziembinski (Tirésias),** Sérgio Cardoso (Mensageiro), Jaime Barcellos (Guarda), Maurício Barroso, Carlos Vergueiro, Ruy Afonso, Fredi Kleemann, Luís Calderano, Benedito Corsi, Rubens Costa, Leo Vilar (Coro dos Tebanos), Mário Gregori, José Karat Filho, Ana Balechi, Guiomar Olivastro (escravos)
Produção: TBC
Estréia: 21.8.52, no TBC , SP

(Ziembinski não participa do elenco da "Antígone" de Jean Anouilh)

VÁ COM DEUS
Texto: John Murray e Allen Boretz
Tradução: Werner Loewnberg e Carlos Vergueiro
Direção: Flamínio Bollini Cerri
Cenário: Mauro Francini
Elenco: Renato Consorte (Sacha Smirnoff), Sérgio Cardoso (Gordon Miller), Jaime Barcellos (Joe Gribble), Carlos Vergueiro (Harry Binion), Josef Guerreiro (Faker Englund), Cleyde Yáconis (Christine Marlowe), Fredi Kleemann (leo Davis), Célia Biar (Hilda Manney), **Ziembinski (Gregory Wagner**), A.C. Carvalho (Mr. Jenkins), Benedito Corsi (Mr. Hogarth), Rui Affonso (Dr. Glass), Rubens Costa (Mensageiro de banco), Luís Calderano (Senador Blake), Pedro Petersen, Arquimedes Ribeiro (Detetives)
Produção: TBC
Estréia: 5.11.52, no TBC, SP

DIVÓRCIO PARA TRÊS
Texto: Victorien Sardou
Tradução: Mário Silva e Renato Alvin)
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Aldo Calvo
Elenco: Josef Guerreiro (André), Helena Barreto (Josette), Sebastião Ribeiro (o porteiro), **Ziembinski (Des Prunelles**), Carlos Vergueiro (Clavignac), Cacilda Becker (Cipriana), Fredi Kleemann (Bafordin), Cleyde Yáconis (Sra. de Brione), Maurício Barroso, (Alfredo de Cratignan), Maria Freire (Srta. de Lusignan), Célia Biar (Sra. de Lanfontaine), Renato Consorte (Maitre), Luis Linhares, Benedito Corsi (Garçons), Waldemar Wey (Comissário), Arquimedes Ribeiro, José Silva (Guardas)
Produção: TBC
Estréia: 18.3.53, no TBC, SP

NA TERRA COMO NO CÉU
Texto: Fritz Hochwalder
Tradução: Brutus Pedreira
Direção: Luciano Salce
Elenco: **Ziembinski (Padre Affonso Fernandes**), Carlos Vergueiro (Padre

Rochus Libernann), Angelo M. Almeida (Candida), Valet Ribeiro (Naguato), Maurício Barroso (Padre Ladislau Oras), Felipe Wagner (José Bustillos), Alec Wellington (André Cornelis), Renato Consorte (padre William Clarke), Paulo Autran (Don Pedro de Miúra), Fredi Kleemann (Don Esteban Arago), Luis Calderano (Don Pedro de Miúra), Fredi Kleemann (Don Esteban Arago), Luís Calderaro (Don Miguel Vilnano), Waldemar Wey (Lorenzo Querini), Xondó Batista (Bispo de Buenos Aires), Ricardo Campos (Garcia Quesada), Luciano Centofant (Álvaro Catalde), José Silva (Acatu), Benedito Corsi (Barrigua), Pedro Petersen (Padre Reinegg), Joaquim Mello (Padre Escandon), João Virgílio (Padre Klaussner), Sebastião Ribeiro (Padre Ortega), Arquimedes Ribeiro (Sargento), José Gazzaneo, Vicenter Livrari (Soldados), José Vaz Pereira, José Herculano, Geraldo dos Santos, Anibal Guimarães (Caciques)
Produção: TBC
Estréia: 12.6.53, no TBC, SP

SE EU QUISESSE
Texto: Paul Géraldy e Robert Spitzer
Tradução: Celso Kelly
Direção: Ziembinski
Elenco: Cleyde Yáconis (Germaine), Paulo Autran (Berthier), **Ziembinski (Felipe),** Benedito Corsi (René), Célia Biar (Marcela), Eny Autran (Luiza), Fredi Kleeman)
Produção: TBC
Estréia: 1.11.53, no TBC, SP

MORTOS SEM SEPULTURA
Texto: Jean-Paul Sartre
Tradução: Heldom Barroso
Direção: Flamínio Bollini Cerri
Cenário: Mário Francini
Elenco: Benedito Corsi (François), Joseph Guerreiro (Sorbier), **Ziembinski (Canoris**), Cleyde Yáconis (Lúcia), Fredy Kleeman (Corbier), José Vitiello (Um miliciano), Maurício Barroso (Henry), Paulo Autran (Jean), Waldemar Wey (Clocher), Luís Linhares (landrieu), Luis Calderaro (Pellerin)
Produção: TBC
Estréia: 7.4.54, no TBC, SP

UM PEDIDO DE CASAMENTO / UM DIA FELIZ

UM PEDIDO DE CASAMENTO
Texto: Anton Tchekhov
Tradução: Victor Merinov
Direção: Ziembinski
Cenário: Baccano Vassarini e Carlos Giacchieri
Figurinos: Aldo Calvo
Elenco: Luis Calderaro (Ciubokov), Benedito Corsi (Lomov), Cleyde Yáconis (Natália)

UM DIA FELIZ
Texto: Emile Mazaud
Tradução: Mário da Silva e Brutus Pedreira
Direção: Ziembinski
Elenco: **Ziembinski (Truchard),** Luis Calderaro (Sr. Mouton), Fredi Kleemann (Sr. Picque), Cleyde Yáconis (Maria), Pedro Petersen (O criado)
Produção: TBC (Teatro das 2ª feiras)
Estréia: 4.5.54, no TBC, SP

...E O NORDESTE SOPROU
Texto: Edgard da Rocha Miranda
Direção: Ziembinski
Cenário: Mauro Francini
Música: Enrico Simonetti
Elenco: Josef Guerreiro (Doutor), Benedito Corsi (Tonico), Luis Calderaro (Bastos), Felipe Wagner (Zé), Henricão (Bené), Luis Linhares (Aleixo),Mário Sérgio (Sargento), Rosires Rodrigues (Tereza), Waldemar Wey (Nhô Jango), Luiza Sampaio (Sancha), **Ziembinski (Monsenhor Andrada**), Fredi Kleemann (Padre Manoel), Teotônio (Caipira), Paulo Autran (Monsenhor Gusmão)
Produção: TBC
Estréia: 4.7.54, no TBC, SP

NEGÓCIO DE ESTADO
Texto: Louis Verneuil
Tradução: Raimundo Magalhães Júnior
Cenário: Mauro Francini
Direção: Ziembinski
Elenco: **Ziembinski (Philip Russel**), Vicente Livrari (Laurence), Margarida Rey (Constance Russel), Jardel Filho (George Henderson), Tonia Carrero (Irene Elliot), Josef Guerreiro (Byron Winkler)
Produção: TBC
Estréia: 1.9.54, no TBC, SP

CÂNDIDA
Texto: Bernard Shaw
Tradução: João Távora
Direção: Ziembinski
Elenco: Jardel Filho (Rev. Jaime Mavor Morell), Margarida Rey (Proserpina Garnett), **Ziembinski (Rev. Alexandre Mill-Burgess**), Tonia Carrero (Cândida), Josef Guerreiro (Marchbanks)
Produção: TBC
Estréia: 3.11.54, no TBC, SP

VOLPONE
Texto: Ben Jonson
Tradução: Brutus Pedreira e Mário Silva
Direção: Ziembinski
Elenco: Walmor Chagas (Mosca), Ivan de Souza, Rubens Teixeira, Jairo Rodrigues (Criados), **Ziembinski (Volpone),**Fredi Kleemann (Voltore), Luis Linhares (Corvino), Elisio de Albuquerque (Corbaccio), Cleyde Yáconis (Canina), Elizabeth Henreid (Colomba), Jorge Chaia (Leone), Teley Perez (Criado de Corbaccio), Helio Colonna (Comandante), Claudio Ribeiro, Jorge Gourlat (Esbirros), Leonardo Vilar (Juiz)
Produção: TBC
Estréia: 29.6.55, no TBC, SP
(Remontagem no Rio de Janeiro, com estréia a 25.4.56, no Teatro Ginástico)

MARIA STUART
Texto: Friedrich Schiller
Tradução: Manuel Bandeira
Direção: Ziembinski
Cenários: Mauro Francini
Figurinos: Clara Hetenyi

Elenco: Sylvia Orthof (Ana Kennedy), Jorge Chaia (Amais Paulet), Walter Ribeiro (Drugeon Drury), Cacilda Becker (Maria Stuart), Luis Linhares (Mortimer), Leonardo Vilar (William Cecil), Cleyde Yáconis (Elizabeth I), Plínio Camargo (Conde d'Aubespine), Fredi Kleemann (George Talbot), Walmor Chagas (Robert Dudley), Guilherme Corrêa (O'Kelly), Benedito Corsi (William Davison), Mario Gonçalves (Oficial da guarda), Paulo Pinheiro, Woney Breda (Guardas), Alec Wellington (Melville), Lea Surian (Margarida Kurl), Rita Shadrack, Maria Celia Camargo, Vera Valdez (Camareiras), Domingos Hernandez (Pagem), Teotônio P. da Silva (Xerife)
Produção: TBC
Estréia: 22.9.55, no TBC, SP
(Remontagem no Rio de Janeiro, com estréia a 15.3.56, no Teatro Ginástico)

OS FILHOS DE EDUARDO
Texto: Marc Gilbert Sauvajon
Tradução: Renato Alvim e Mário Silva)
Direção: Ruggero Jacobbi e Cacilda Becker
Cenário: Mauro Francini
Figurinos: Odilon Nogueira
Elenco: Guilherme Corrêa (Bruno Stuart), Leonardo Vilar (Walter Stuart), Lea Surian (Joana), Jorge Chaia (Mollinot), Cacilda Becker (Denise Stuart), Sylvia Orthof (Marina Stuart), Luis Linhares (Roberto Douchemin), Fredi Kleemann (Sir. Michael), **Ziembinski (Ian Latzareski),** Walmor Chagas (Dominique Revol), Marina Freire (Sra. Douchemin), Rita Shadrack (Helena Douchemin)
Produção: TBC
Estréia: 8.12.55, no TBC, SP

DIVÓRCIO PARA TRÊS (remontagem)
Texto: Victorien Sardou
Tradução: Mário Silva e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Cenário: Mauro Francini
Figurinista: Aldo Calvo
Elenco: Fernando Torres (André/1° garçon), Fernanda Montenegro (Josette), Sebastião Ribeiro (o porteiro), Ziembinski (Des Prunelles), Leonardo Vilar (Clavignac), Cacilda Becker (Cipriana), Jorge Chaia (Bafordin), Carminha Brandão (Sra. de Brionne), Fredi Kleemann (Alfredo de Cratignan), Dina Lisboa (Sra. de Lusignan), Sylvia Orthoff (Sra. de Volfontaine), Sadi Cabral (*maitre d´hôtel*), Rubens Teixeira (2° garçon), Elísio de Albuquerque (comissário de polícia).
Produção: TBC
Estréia: 5.7.56, no TBC, SP

MANOUCHE
Texto: André Birabeau
Tradução: Mario Silva e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Cenários: Mauro Francini
Elenco: Cleyde Yáconis (Pierrette Lavagnadaire), Fredi Kleemann (Júlio Lavagnadaire), Sadi Cabral (Ernesto Lavagnadaire), **Ziembinski (Rafael Panealier),** Elizabeth Henreid (Silvia Lavagnadaire), Jorge Chaia (Carlos Lavagnadaire)
Produção: TBC
Estréia: 12.9. 56, no TBC, SP

GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE
Texto: Tennessee Williams
Traduçào: Raimundo Magalhães Jr.
Direção: Maurice Vaneau
Cenários: Mauro Francini
Elenco: Cacilda Becker (Maggie), Walmor Chagas (Brick), Célia Biar (Mae), Dina Lisboa (Mãe), **Ziembinski (Papaizão),** Leonardo Vilar (Gooper), Sadi Cabral (Padre Tooker), Jorge Chaia (Dr. Baugh), Samuel dos Santos (Soockey), Nicolas Bliochas (Trxie), Maria Nuzzo (Poly), Niki Bliochas (Dixie), Mario Nuzzo (Sunny)
Ziembinski interpreta "Papaizão"
Produç ão: TBC
Estréia: 18.10.56, no TBC, SP

AS PROVAS DE AMOR
Texto: João Bethencourt
Direção e cenografia: Maurice Veneau
Elenco: Elizabeth Henreid (Lucrécia), Walmor Chagas (Frederico), Leonardo Vilar (Fotógrafo), Samuel dos Santos (Sorveteiro, Chofer, RP-3), Roberto Ferro (Garoto), **Ziembinski (Generoso),** Maria Dilnah (Helena), Fredi Kleemann (Adolfo), Elza Maria (Maria), Jorge Chaia (Avelino), Jackson de Souza (Rui Guimarães), Sadi cabral (Toledo Teles), Raul Cortez (Moreira - RP-1), Clarice Pacheco (Clotilde), Nelson Duarte (Azevedo, garçom), Luciano Centofant (Senhor idoso), Teotônio Pereira da Silva (RP-2)
Ziembinski interpreta "Generoso"
Produção: TBC
Estréia: 4.1.57, no TBC, SP

A RAINHA E OS REBELDES
Texto: Ugo Betti
Tradução: Ruggero Jacobbi
Direção: Maurice Veneau
Elenco: Leonardo Vilar (Continuo), Fredi Kleemann (Engenheiro), Cleyde Yáconis (Elisa), **Ziembinski (Amos**), Dina Lisboa (Elizabeta), Raul Cortez, Vocente Zirpolo, Arquimedes Ribeiro, Atilio Del Fiore (Viajantes), Walmor Chagas (Ray), Eugêmio Kusnet (Biante), Zeluiz Pinho (Maupa), Sydneia Rossi (Camponesa), Teotonio P. da Silva (Soldado), Costaki Christóforo (Menino)
Produção: TBC
Estréia: 20.2.57, no TBC, SP

LEONOR DE MENDONÇA
Texto: Gonçalves Dias
Direção: Ziembinski
Cenários: Mauro Francini
Figurinos: Clara Hetenyi
Elenco: Célia Biar ({Paula), Cleyde Yáconis (Leonor de Mendonça). Egydio Eccio (Antonio Alcoforado), Edilson C. Barros, Antonio P. Passos (pagens), Leonardo Vilar (D. Jaime), Fredi Kleemann (Fernão Velho), Domiciano Pereira da Silva, Ramiro dos Reis (Guardas), Adalberto Silva (Negro), Fábio Sabag, João Carlos Esperança (Nobres), Jorge Chaia (Lopo Garcia), Raul Cortez (Carrasco)
Produção: TBC
Estréia: 5.4.57, no Teatro Ginástico, RJ

ADORÁVEL JÚLIA
Texto: Marc-Gilbert Sauvajon
Tradução: Mário da Silva e Renato Alvim
Direção: Ziembinski
Cenários: Mauro Francini
Figurinos de época: Clara Hetenyi
Elenco: Leonardo Vilar (Barão Weill-Amaury), Jorge Chaia (Pedro), **Ziembinski (Michel Gosselin),** Cacilda Becker (Júlia Lambert), Erico Fernando (Roger Gosselin), Sebastião de Campos (João Paulo Fernois), Célia Biar (Lina Devry), Norma Grecco (Eva), Helena Barreto Leite (Cristina Vallamont), Sandoval Mota (Diretor de cena), Osvaldo de Abreu (O porteiro).
Produção: TBC
Esrtréia: 9.8.57, no Teatro Maison de France, RJ
(Remontagem em SP, com estréia a 21.11.57, no TBC)

O SANTO E A PORCA
Texto: Ariano Suassuna
Direção: Ziembinski
Cenários e Figurinos: Gianni Ratto
Elenco: Cleyde Yáconis (Caroba), **Ziembinski (Eurico Arabe),** Walmor Chagas (pinhão), Cacilda Becker (margarida), Fredi Kleemann (Dodo), Kleber Macedo (Benona), Jorge Chaia (Eudoro Vicente)
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 5.3.58, no Teatro Dulcina, RJ
(Remontagem em Porto Alegre, com estréia a 11.8.58, no Theatro São Pedro, e em SP, com estréia a 12.3.59, no Teatro Leopoldo Fróes)

JORNADA DE UM LONGO DIA PARA DENTRO DA NOITE
Texto: Eugene O'Neill
Tradução: Helena Pessoa e Gert Mayer
Direção: Ziembinski
Cenários e Figurinos: Gianni Ratto
Elenco: **Ziembinski (J ames Tyrone),** Cacilda Becker (Mary Tyrone), Fredi Kleemann (James Tyrone Jr.), Walmor Chagas (Edmundo Tyrone), Kleber Macedo (Kathleen)
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 15.5.58, no Teatro Dulcina, RJ
(Remontagem em Porto Alegre, com estréia a 26.8.58, no Theatro São Pedro e em São Paulo, com estréia a 7.1.59, no Teatro Leopoldo Fróes)

PEGA FOGO/O PROTOCOLO

PEGA FOGO
Texto: Jules Renard
Tradução: Gustavo Nonnemberg
Direção: Ziembinski
Cenários e Figurinos: Josef Guerreiro
Elenco: Cacilda Becker (Pega-Fogo), **Ziembinski (Sr. Lepie)**, Cleyde Yáconis (Annette), Kleber Macedo (Sra. Lepic)

O PROTOCOLO
Texto: Machado de Assis
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Nilson Penna

Elenco: Fredi Kleemann (Venancio Alves), Cleyde Yáconis (Elisa), Celme Silva (Lulu), Walmor Chagas (Pinheiro).
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 18.6.58 no Teatro Dulcina RJ
(Remontagem em Porto Alegre, com estréia a 8.7.58, no Theatro São Pedro; e em SP, com estréia a 3.2.59, no Teatro Leopoldo Fróes)

MARIA STUART
Texto: Friedrich Schiller
Tradução: Manuel Bandeira
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Ded Bourbonnais
Elenco: Kleber Macedo (Ana Kennedy), Jorge Chaia (Paulet), Aurélio Teixeira (Drugeon Drury), Cacilda Becker (Maria Stuart), Rubens Teixeira (Mortimer), **Ziembinski (Burleigh),** Cleyde Yáconis (Elizabeth), Walmor Chagas (Leicester), Fredi Klemann (Shrewsbury), Stênio Garcia (O'Kelly), Celme Silva (Margareth), Stênio Garcia (Davidson), Lineu Dias (Melvil), Aurélio Teixeira (Xerife), Jussara Chagas (Aia)
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 30.7.58 no Theatro São Pedro, Porto Alegre
(Remontagem em SP, com estréia a 25.6.59, no Teatro Leopoldo Fróes)

SANTA MARTHA FABRIL
Texto: Abílio Pereira de Almeida
Direção: Ziembinski
Elenco: Cacilda Becker (Martha), Kleber Macedo (Júlia), Cleyde Yáconis (Vera), Norma Grecco (Dona Martha), Fredi Klemann (Tonico), Jorge Chaia (Clóvis), Walmor Chagas (Cláudio), **Ziembinski (Acrísio),** Dayse Santana (Nenê Paraiso), Celme Silva (Martuxa)
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 9.9.58, no Instituto de Belas Artes, Porto Alegre.
(Remontagemem SP, com estréia a 15.7.59, no Teatro Leopoldo Fróes)

OS PERIGOS DA NATUREZA
Texto: Hugh Mills
Tradução: Guilherme de Almeida
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Napoleão Moniz Freire
Elenco: Cacilda Becker (Dearest), Paulo Rangel (Furse), Kleber Macedo (Burton), Stênio Garcia (Cedric), Célia Helena (Letice), Cleyde Yáconis (Violet), Fredi Kleemann (Dorincourt), **Ziembinski (Pomeroy),** Wlamor Chagas (Eustace).
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 30.4.59, no Teatro Leopoldo Fróes, SP

D. JOÃO TENÓRIO
Texto: Zorrilha
Tradução: Manuel Bandeira
Direção: D. Luis Escobar
Cenário e Figurinos: Salvador Dali
Elenco: Rodolfo Mayer (D. João Tenório), Josef Guerreiro (Buttarelli), Cataldo (Ciutti), Josué Moraes (Miguel), **Ziembinski (D. Gonçalo de Ulhoa),** Jaime Costa (D. Diogo Tenório), Wlater Alves (Capitão Centelhos), Miguel Cerrano

(D. Rafael de Avollanda), Marcelino Nogueira (Segundo Aguacil), Vanda Lacerda (Ana de Pantoja), Iracema de Alencar (Brigida), Elizabeth Gallotti (Luzia), Beatriz Veiga (Inês de Ulhoa), Glauce Rocha (Abadessa), Lícia Magna (Irmã Rodeira), Ivan Cândido (O Escultor), Wilson Santos, Rony Leal (As Parcas)
Produção: Teatro Nacional de Comédia
Estréia: 2.12.59, no Teatro Municipal, RJ

AS TRÊS IR MÃS
Texto: Anton Tchekhov
Tradução: Maria Jacinta
Direção: Ziembinski
Cenários: João Maria dos Santos
Elenco: Glauce Rocha (Olga), Vanda Lacerda (Macha), Elizabeth Gallotti (Irina), Rodolfo Arena (Ivan R. Tcheboutykine), Paulo Serrado (Touzenbach), Walter Alves (Soliony), Lícia Magna (Anfissa), Ferreira Maya (Ferrapont), Rodolfo Mayer (Verchinine), Josef Guerreiro (Prozorov), Sebastião Vasconcellos (Koulyguine), Beatriz Veiga Natacha), Ivan Cândido (Fedotik), Miguel Carrano (Rodet)
Produção: Teatro Nacional de Comédia
Estréia: 12.1.60, no Teatro Serrador, RJ

CARROUSSEL DO CASAMENTO
Texto: Leslie Stevens
Tradução: Odilon Azevedo
Direção: Ziembinski
Elenco: Odilon Azevedo (Paul Delville), Iaura Suarez (Constance Delville), Silvia Fernanda (Katrin Sveg), Francisco Saraiva (Ross Barnett)
Produção: Companhia Dulcina-Odilon
Estréia: 29.1.60, no Teatro Dulcina, RJ

SANGUE NO DOMINGO
Texto: Walter G. Durst
Direção: Ziembinski
Cenário: Gianni Ratto
Elenco: Ivan Senna (Juvenal), Maurício Guimarães (Paulo), Paulo Matosinho (Tião), Joseph Guerreiro (Ferrari), Raul Augusto da Matta (Zuza), Ronaldo de Mendonça (Apolinário), Jorge Ayer (Romano), Ivan Cândido (Tinoco), Reinaldo Rudi (Herculano), **Ziembinski (Castanhedo),** Francisco Saraiva (Gervásio), Ronaldo Daniel (Joca), Leina Perelman (Celina), Cid Moraes (Neco), Vanda Lacerda (Elisa), Branca Mauá (Noemia), Esther Gilda (Marieta), Maria Esmeralda (Do Carmo), Odilon Azevedo (Padre Zeza), Isolda Cresta (Odete), José Bertelli (Dr. Moreira)

EXERCÍCIO PARA CINCO DEDOS
Texto: Peter Shaffer
Tradução: Gert Meyer
Direção: Ziembinski
Cenários: Mariana Ferreti
Elenco: Rubens de Falco (Clive), Dina Lisboa (Louise), **Ziembinski (Stanley),** Dália Palma (Pâmela), Raul Cortez (Walter)
Produção: Companhia Brasileira de comédia
Estréia: 3.8.60 no Teatro Federação, SP

BOCA DE OURO
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Cenários: Gianni Ratto
Figurinos: Tulio Costa
Elenco: Miguel Cerrano (Redator), Ronaldo Daniel (Repórter), Gilson Barbosa (Fotógrafo), Raul Cortez (Agenor), Florami Pinheiro (Guigui), Dália Palma (Celeste), Rubens de Falco (Leleco), **Ziembinski (Boca de Ouro**), Célia Helena, Flora Basaglia, Margarida Cardoso (Grã-finas), Célia Helena (Maria Luiza), José Francisco (Preto), Cesar Brasil (Locutor)
Produção: Companhia Brasileira de Comédia
Estréia: 13.10.60, no Teatro Federação, SP

ESPECTROS
Texto: Henrik Ibsen
Tradução: Pontes Paula Lima
Direção: Ziembinski
Cenário e Figurinos: Napoleão Moniz Freire
Elenco: Thelma Reston (Regina Engstrand), Germano Filho (Jacob Engstrand), **Ziembinski (Pastor Manders),** Maria Sampaio (Helena Alving), Rubens Corrêa (Oswaldo Alving)
Produção: Teatro do Rio
Estréia: 10.4.61, no Teatro do Rio, RJ

CÍRCULO VICIOSO
Texto: Somerset Maugham
Tradução: Elsie Lessa e Ivan Lessa
Direção: Ziembinski
Cenário: Bellá Paes Leme
Elenco: Ivan de Albuquerque (Arnold Champion-Chevey), Ney Mandarino (Lacaio), Thelma Reston (Sra. Shenston), Isabel Teresa (Elizabeth), Rubens Corrêa (Edward Luton), **Ziembinski (Clive Champion Cheney**), Maria Sampaio (Lady Catherine Champion-Chevey), Sadi Cabral (Lord Porteous)
Produção: Teatro do Rio
Estréia: 21.6.61, no Teatro do Rio, RJ

ZEFA ENTRE OS HOMENS
Texto: Henrique Pongetti
Direção: Ziembinski
Cenário: Anísio Medeiros
Elenco: Nicette Bruno (Zefa), Iran Lima (Tiquira), Celso Marques (Zé Pium), Waldir Maia (Inhaca), Álvaro Aguiar (Coronel Luca), Mário Brasini (Coronel Binbim), Hamilton Ferreira (João Turco), Paulo Goulart (Padre Genaro)
Produção: Companhia Nicette Bruno-Paulo Goulart
Estréia: 1.11.62, no Teatro Nacional de Comédia, RJ

CESAR E CLEÓPATRA
Texto: Bernard Shaw
Tradução: Miroel Silveira
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Gianni Ratto
Elenco: Renato C. de Castro (Belzanor), Stênio Garcia (Persa), Batista de Oliveira (Sentinela Núbio), Plínio Marcos e Jovely Archângelo (Guardas

egípcios), Cesar Augusto (Bell'Afris), Kleber Macedo (Ftatatica), Kleber Macedo, Beatriz de Macedo (Mulheres), **Ziembinski (Cesar),** Cacilda Becker (Cleópatra), Jorge Chaia Potinus), Stênio Garcia (Teódotus), Ivan José (Ptolomeu), Cesar Augusto (Aquiles), Graça Mello (Rúfio), Raul Cortez (Britanus), Fredi Kleemann (Septimius), Adriano Reys (Apolodorus), Marcus Vinicius (Sentinela romano), Plínio Marcos e Jovely Archângelo (Carregadores), Paulo Barreto, Dorival Ignes, Beatriz de Macedo (soldados romanos), Beatriz de Macedo (Iris), Lídia Vani (Charmiam), Marcus Vinicius (Mordomo)
Produção: Teatro Cacilda Becker
Estréia: 15.4.63, no Teatro Cacilda Becker, SP

BOCA DE OURO
Texto: Nelson Rodrigues
Tradução: Ziembinski e Jerzy Lisowski
Direção: Ziembinski
Cenário: Lídia Minticz e Jerzy Skarzynski
Elenco: Ryszard Filipski (Bica de Ouro), Halina Kuzmakowna (Guigui), Jerzy Nowak (Agenor), K. Maciejewska (Celeste), M. Dabrowski (Lelelco), T; Jurasz (Secretário da redação), e ainda: S. Gronkowski, M. Blochowiak, J. Hanisz, H. Smolka, R. Prochnicka, R. Wronski, Z Zazula
Produção: Teatro Stary, de Cracóvia
Estréia: 20.12.63, no Teatro Stary, Cracóvia

VEREDA DA SALVAÇÃO
Texto: Jorge Andrade
Tradução: Ziembinski e Malgorzata Holynska
Direção: Ziembinski
Cenário: Wojciech Sieciuski
Elenco: Zofia Morowska (Dolor), Jozef Konieczny (Joaquim),Halina Mikalajska (Artuliana), Marta Lipinska (Ana), Janusz Bylczynki (Manuel), Zbigniew Zapasiewicz (Geraldo), Irena Horecka (Durvalina), Halina Kossobudzka (Germana), Marian Friedmann (Pedro), Edmund Fidler (Onofre)
Produção: Teatro Wspolczesny, de Varsóvia
Estréia: segunda quinzena de março de 1964 , no Teatro Wspolczesny, de Varsóvia

DESCALÇOS NO PARQUE
Texto: Neil Simon
Tradução: Tati de Moraes
Direção: Ziembinski
Cenário: Napoleão Moniz Freire
Elenco: Helena Ignez (Corie Bratter), Carlos Kroeber (Harry Peppe), Henrique Fernandes (o entregador), Cecil Thiré (Thomas Bratter), Maria Sampaio (Ethel Banks), **Ziembinski (Vizinho)**
Produção: Oscar Ornstein
Estréia: 10.6.64, no Teatro Maison de France, RJ

A PERDA IRREPARÁVEL
Texto: Wanda Fabian
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Bellá Paes Leme
Elenco: Hariette Morineau (D. Clarisse), Marília Branco (Marina),

Susana de Moraes (Eliana), Miguel Carrano (Fernando), Renatinho Montalverna (Tininho), José Augusto (Basílio), **Ziembinski** (ou Carlos Kroeber) **(Frei Paulo),** Souza Lima (Marcelo), Iracema de Alencar (D. Guilhermina)
Produção: Oscar Ornstein
Estréia: 17.2.65, no Teatro Copacabana, RJ

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Napoleão Moniz Freire
Elenco: Luis Linhares (Herculano), Jacyra Costa (Nazaré), Nelson Xavier ({Patrício), Elza Gomes (Tias), Renée Bell (Antonia Marzullo), Cleyde Yáconis (Geni), Olegário de Holanda (Odésio), Enio Gonçalves (Serginho), Alberto Silva (Médico), Ferreira Maya (Padre), José Maria Monteiro (Delegado)
Produção: Aloísio Leite Garcia e Joffre Rodrigues
Estréia: 21.6.65, no Teatro Serrador, RJ
(Remontagem em SP, com estréia a 21.10.65, no TBC)

OS FÍSICOS
Texto: Friedrich Durrenmatt
Tradução: Mário Silva
Direção: Ziembinski
Cenário e Figurinos: Bellá Paes Leme
Elenco: Cláudio Corr6ea e Castro (Inspetor Richard Voss), Laura Galano (Martha Boll), Miguel Carrano (Blocher), Joaquim Soares (Guhl), Scilla Mattos (Médico legista), Sebastião Vasconcellos (Herbert Goerg Beutler), Margarida Rey (dra. Mathilde Von Zahnd), Luiz Linhares (Ernste Heinrich Ernesti), Beatriz Veiga (Lina Rose), Hugo Duarte (Missionário Oskar Rose), Ricardo Maciel ou Luiz Felipe Atienza (Adolf Friedrich), Paulo Tomaz Lopes ou Luiz Guilhermo Atienza (Wilfried Kaspar), Antonio Dresjan ou Luiz Henrique Atienza (Jorg Lukas), **Ziembinski (Johann Wilhelm Mobius),** Yoná Magalhães (Monica Stettler), Henrique Alberto Mujica (Uwe Sievers), Gildo Corrêa (Murillo), Célio Barbosa (Mac Arthur)
Produção: Oscar Ornstein
Estréia: 8.3.66, no Teatro Copacabana, RJ

ORQUÍDEAS PARA CLÁUDIA
Texto: Henrique Pongetti
Direção: Ziembinski
Cenário: Peter Gasper
Figurinos: Guilherme Guimarães
Elenco: Isabel teresa (Cláudia), Paulo Araújo (Marcelo), Berta Loran (Solange), Carlos Alberto (Roberto Lara), Renata Fronzi (Mme. Monteiro), Lilian Fernandes (Diva), Leila Diniz (Clio), Vera Barreto Leite (Sandra), Giddie Vasconcellos (Biá), Celso Marques (Francisco)
Produção: Oscar Ornstein
Estréia: 23.6.66, no Teatro Copacabana, RJ

O SANTO INQUÉRITO
Texto: Dias Gomes
Direção: Ziembinski
Cenário e figurinos: Gianni Ratto
Elenco: Eva Wilma (Branca Dias), Rubens Corrêa (Padre Bernardo), Paulo

Gracindo (Visitador), Jaime Barcellos (Simão Dias), Vinícius Salvatori (Augusto Coutinho), Ginaldo de Souza (guarda), Isaac Bardavid (Notário)
Produção: Movimento de Arte Popular
Estréia: 23.9.66, no Teatro Jovem, RJ

A VOLTA AO LAR
Texto: Harold Pinter
Tradução: Millôr Fernandes
Direção: Fernando Torres
Cenário: Túlio Costa
Elenco: Sérgio Britto (Lenny), **Ziembinski (Max),** Delorges Caminha (Sam), Cecil Thiré (Joey), Fernanda Montenegro (Ruth), Paulo Padilha (Teddy)
Produção: Torres e Britto Produções de Cena
Estréia: 8.6.67, no Teatro Gláucio Gil, RJ
(Remontagem em SP , com estréia a 29.3.68, no Teatro Maria Della Costa)

A MULHER SEM PECADO
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Cenário: Alexandre Torres
Elenco: Paulo César Pereio (Olegário), Teresa Santos (Inézia), Ginaldo de Souza (Umberto), Isabel Ribeiro (Lídia), Josef Guerreiro (Joel), Geraldo Torres (Maurício)
Produção: AGI Produções Teatrais de Brasília
Estréia: 11.3.69, no Teatro Martins Pena, Brasília

O MARIDO DE CONCEIÇÃO SALDANHA
Texto: João Mohana
Direção: Ziembinski
Cenário: Gianni Ratto
Elenco: Cawell Raposos (o marido)
Produção: Teatro Moderno de Arte da Guanabara - TEMA
Estréia: 20.3.69, no Teatro Serrador, RJ

OS GIGANTES DA MONTANHA
Texto: Luigi Pirandello
Tradução: Alberto D'Aversa
Direção: Federico Pietrabruna
Cenário e figurinos: Tulio Costa
Elenco: Cleyde Yáconis (Ilse), Oscar Felipe (O conde), Célia Helena (Diamante), Renato Consorte (Cromo), Enio Carvalho (Spizzi), Vicente Acedo (Battaglia), Arnaldo Ferroni (Sacerdote), Jaime Pereira Luna (Lumachi), **Ziembinski (Catrone),** Wilson Evangelista de Souza (o anão Quaqueo), Alberto Dumont (Duccio-Doccia), Moema Brum (Sgricia), José Luiz Pena (Milordinho), Norma Greco (Mara-Mara), Abigail Panini (Madalena), Fernando Benini, Juan Fabra, Verônica Teijido, Júlio César, Mônica Pinheiro, Paulino Raffanti, Graça de Carvalho, Luzia Junqueira, Marisia Mauritty, Walcyr Carrasco, Rodolfo Bezerra, Meire
Produção: O Teatro Dois Mundos
Estréia: 25.6.69, no Teatro São Pedro, SP

A CELESTINA
Texto: Fernando Rojas
Tradução: Eudinyr Fraga
Adaptação e direção: Ziembinski

Cenário: Tulio Costa
Figurinos: Ninette Van Vuchelen
Elenco: Vera Lúcia, Carlos Prieto, Moreno de Castro, Pepe de Sevilla, Paulo Rogério, Roberto de Campos (crianças), Eduardo Karan, Flávio Gadini, José Luiz Rodi, Norberto Araújo (Frades), Edson Soler, Fabra Gomes, Milton Serrano, Silvio de Campos (Coroinhas), Fernando Bezerra (Arauto e tristão), Thaís Moniz Portinho (Melibea), Adilson Wladimir (Calixto), Ida Gauss (Adúltera e Moça), Everton Castro (Parmeno), José Caldas (Sósia), **Ziembinski (Celestina),** Myra Razani (Elicia), Vic Militello (Lucrécia), Maria do Carmo Bauer (Ali), Leda Villela (Areusa), Leônidas Lara (Escritor)
Produção: Centro Cultural Garcia Lorca
Estréia: 26.11.69, no Teatro 13 de Maio, SP

HENRIQUE IV
Texto: Luigi Pirandello
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Arlindo Rodrigues
Elenco: Miguel Cerrano (Landolfo), Baltazar Andrade (Arialdo), Roberto Louzada (Bertoldo), Edson D'Ávila (Giovanni), Beatriz Veiga (Matilde de Spina), Nildo Parente (Tito Belcredi), Acyr Castro (Dr. Genoni), Andrea (Frida), **Ziembinski (Henrique IV)**
Produção: **Produções Artísticas Ziembinski**
Estréia: 29.7.70 na Sala Martins Pena, Brasília

VIVENDO EM CIMA DA ÁRVORE
Texto: Peter Ustinov
Tradução: Raimundo Magalhães Jr.
Direção: Ziembinski
Cenários e figurinos: Hélio Eichbauer
Elenco: Rosita Tomaz Lopes (Lady Fitzbutress), Hildegard Angel (Helga), **Ziembinski (General Fitzbutress),** Reinaldo Cotia Braga (Robert), Valquiria Colares (Lesly), Angela Vasconcellos (judy), Paulo Padilha (Basil Utterwood), Robert Louzada (Tiny Gilliat Brown), Sérgio de Oliveira (Vigário)
Produção**: Produções Artísticas Ziembinski**
Estréia: 19.03.71, no Teatro Nacional de Comédia, RJ.

DOM CASMURRO
Texto: Machado de Assis
Adaptação: José Carlos Cavalcanti Borges
Direção: Ziembinski
Cenários: Hélio Eichbauer
Figurinos: Kalma Murtinho
Elenco: Osmar Prado (Bentinho), Isabel Sylvia (Capitu), Fabíola Fracarolli (Sancha), Marcos Waiberg (Escobar), Diana Morel (Dina Glória), Paulo Padilha (José Dias), Iara Jati (Maria Escrava), João Vietas (Rapaz)
Produção: **Produções Artísticas Ziembinski**
Estréia: A peça estréia na cidade de Florianópolis, no Teatro Álvaro de Carvalho em julho/71. No Rio de Janeiro a a estréia ocorreu dia 17.2.72, noTeatro Gláucio Gil, RJ

CHECK-UP
Texto: Paulo Pontes
Direção: Cecil Thiré

Cenário: Mixel
Figurinos: Colmar Diniz
Elenco: **Ziembinski (Zambor),** Neusa Amaral (Freira), Edson França (Médico), Miriam Muller (Enfermeira), Miguel Carrano (Enfermeiro), Roberto Pirillo (Jogador do Bangu), José Maria Monteiro (Dono do Hospital)
Produção: Carlos Imperial
Estréia: 6.9.72 no teatro Gláucio Gil, RJ

VESTIDO DE NOIVA
Texto: Nelson Rodrigues
Direção: Ziembinski
Cenários originais de Santa Rosa reconstituídos por Fernando Pamplona
Figurinos: Tawfic
Elenco: Camilla Amado (Alaide), Lia Farrel, Silvia Martins, FabíolaFracorelli (Mulheres), Carlos Vereza (Pedro), Luiz Carlos Buruca (Pimenta), Eliano de Medeiros (Redator de O Globo), João Vietas (Reporter), Paulo Terra (Redator), Norma Bengell (Mme. Clessy), Francisco Dantas (Gastão), Estelita Bell (Ligia), Jolan Perroli D'Artagnan, Fernando Lopes, Thimoteo da Costa (Médicos), Altair José, Jalmyr Mattos, Marcos Gil, Marcio Sanches (jornaleiros), Dirce Migliaccio (Mulher), Beatriz Veiga (Laura), Maria Cláudia (Lúcia), Jorge Chaia (Homem inatual), Roberto Pirillo (Rapaz romântico), Dirce Migliaccio (Mulher inatual), Fernando José (Médico de Plantão), Isabel Teresa (Mãe do namorado), Cid Moreira (Locutor)
Produção: Grupo de Teatro Botequim
Estréia: 14.1.76, no Teatro BNH (atual Nelson Rodrigues) no RJ

QUARTETO
Texto: Antonio Bivar
Direção: Ziembinski
Cenário: Clóvis Bueno
Figurinos: Stênio Pereira
Elenco**: Ziembinski (George Elliot),** Roberto Pirillo (André), Marlene (Elza Vicuña), Louise Cardoso (Helena Baltasar)
Produção: Produções Artísticas Ziembinski e Alvim Barbosa
Estréia: 29.10.76, no Teatro Ipanema, RJ

Cinema

O BRASILEIRO JOÃO DE SOUZA (1944)
Roteiro e direção: Bob Chust
Fotografia: John Reichenheim
Cenografia: Ziembinski
Elenco: Sandro Polônio, Zezé Pimentel, Lu Marival, Bob Chust, Graça Mello, Rosita Rocha, **Ziembinski (Espião)**, Túlio Berti, Nelson Vaz, Milton Carneiro e o garoto Oswaldinho Loureiro.
Produção: Cinex-DFB, RJ

BERLIM NA BATUCADA (1944)
Roteiro: Luis de Barros, Ademar Gonzaga e Herivelto Martins
Direção: Luis de Barros
Fotografia: Edgar Brazil e Afrodísio de Castro
Elenco: Procópio Ferreira, Solange França, Fada Santoro, Delorges Caminha, Olivinha de Carvalho, Manoel Rocha, **Ziembinski (O Mordomo)** e diversos cantores e cantoras da época
Produção: Cinédia, RJ

TERRA VIOLENTA (1948)
Roteiro e direção: Edmond Bernoudy
Fotografia: Edgar Brazil e G. Jiri Dusek
Elenco: Anselmo Duarte, Maria Fernanda, Celso Guimarães, Grande Otelo, Heloísa Helena, Sady Cabral, Luiza Barreto Leite, Edmundo Maia, **Ziembinski**, Dinah Mezzono, A. Labanca, David Conde, Aguinaldo Camargo, Modesto de Souza, César Ladeira, Ruth de Souza, Hemílcio Fróes, Jackson de Souza, Jorge Murad, Mário Lago
Produção: Atlântida, RJ

TICO TICO NO FUBÁ (1952)
Roteiro: Oswaldo Sampaio e Jacques Maret
Direção: Adolfo Celi
Fotografia: Tom Paybe
Elenco: Anselmo Duarte, Tonia Carrero, Marisa Prado e **Ziembinski (O diretor do Circo),** Modesto de Souza, Vitor Lima Barreto, Francisco Sá, Marina Freire, Piolim, Vera Sampaio
Produção: Companhia Cinematográfica Vera Cruz, SP

VENENO (1952)
Roteiro e Direção: Gianni Pons
Fotografia: Edgar Brazil
Elenco: Anselmo Duarte, Leonora Amar, **Ziembinski (Delegado),** Paulo Autran, Cleyde Yáconis, Lima Netto, Renato Consorte
Produção: Vera Cruz/Columbia Pictures, SP

É PROIBIDO BEIJAR (1952)
Roteiro e direção: Ugo Lombardi
Elenco: Tonia Carrero, Mario Sérgio, **Ziembinski (Pai),** Zeloni, Inesita Barroso, Renato Consorte, José Rubens, Vicento Leporace, Victor Merinov, Ayres Campos, Margot Bittencourt
Produção: Companhia Cinematográfica Vera Cruz, SP

APASIONATA (1952)
Roteiro e direção: Fernando de Barros
Fotografia: Ray Sturgess
Elenco: Tonia Carrero, Alberto Ruschell, Anselmo Duarte, **Ziembinski (Mouser**), Elísio de Albuquerque, Salvador Daki, Edith Helou, Josef Guerreiro, Abílio Pereira de Almeida, Paulo Autran, Jaime Barcelos, Francisco Sá, Lima Neto, Dina Lisboa, Vera Sampaio, Annie Berrier.
Produção: Companhia Cinematográfica Vera Cruz, SP

EDU CORAÇÃO DE OURO (1966)
Roteiro: Eduardo Prado e Domingos Oliveira
Direção: Domingos Oliveira
Fotografia: Dib Luft e Mário Carneiro
Elenco: Paulo José, Leila Diniz, Norma Bengel, Amilton Fernandes, Joana Fomm, **Ziembinski (Andarilho)**, Carlos Alberto Souza Barros, Yan Michalsky, Maria Gladys, Mauro Madruga, Pepita Rodriguez, Luis B. Neto
Produção: B.J.D. Produções/ Paranaguá, RJ

É SIMONAL (1967)
Roteiro: Joaquim Assis
Direção: Domingos Oliveira
Fotografia: Dib Luft
Ziembinski interpreta o "dono da ilha"
Produção: Oscar Thendim Produções Cinematográficas S.C. Ltda

O DIABO MORA NO SANGUE (1967)
Roteiro: Ziembinski e Hugo Brockes
Direção: Cecil Thiré
Fotografia: Ozen Sermet
Elenco: Ana Maria Magalhães, Cecil Thiré, João Bennio, Maria Pompeu, Dinorah Brillanti, Antonio Sefatti, Hugo Brockes
Produção: Bennio Produções Cinematográficas

CAPITU (1968)
Roteiro: Paulo César Saraceni, Paulo Emílio Salles e Lygia Fagundes Telles
Direção: Paulo César Saraceni
Fotografia: Mário Carneiro
Elenco: Othon Bastos, Raul Cortez, Marília Carneiro, **Ziembinski,** Rodolfo Arena, Nelson Dantas, Maria Morais, Wagner Lancetta, Patrícia Temples, Isabela
Produção: Imago. L.C. Barreto/Carlos Diegues/Saga Filmes/Tekla Filmes/ J.P.Prod./Paulo César Saraceni, RJ

MADONA DE CEDRO (1968)
Roteiro e Direção: Carlos Coimbra
Fotografia: George Pfister
Elenco: Leonardo Vilar, Leila Diniz, Anselmo Duarte, Sergio Cardoso, Cleyde Yáconis, Jofre Soares, **Ziembinski (Dr. Vilanova),** Leonor Navarro, Americo Taricano e o povo de Congonhas do Campo
Produção: Cinedistri/metro Goldwayn-Mayer, SP

BRASIL ANO 2000 (1968)
Roteiro e Direção: Walter Lima Jr.
Fotografia: Guido Cosulich
Elenco: Anecy Rocha, Enio Gonçalves, Iracema de Alencar, **Ziembinski (o general)**, Manfredo Colassanti, Arduino Colassanti, Hélio Fernando, Rodolfo Arena, Jackson de Souza, Aizita Nascimento, Raul Cortez, Afonso Stuart
Produção: Wlater Lima Jr./ Produções Cinematográficas Mapa Ltda

O DESCARTE (1973)
Adaptação e roteiro: Anselmo Duarte
Direção: Anselmo Duarte
Fotografia: Helio Silva
Elenco: Glória Menezes, Ronnie Von, Fernando Torres, Mauro Mendonça, Rosita Thomaz Lopes, Celia Biar, Leda Valle, Olivier Perroy, Vera Gimenez, Maria Amélia, Abel Pera, Enok Batista, Alcione, Elisa Fernandes e as participações especiais de Carlos Vereza, **Ziembinski (Professor Victório Lipp),** Carlos Eduardo Dolabella, Heloísa Helena, Ibrahim Sued
Produção: M.M. Empreendimentos e Comércio LTDA./Cinedistri, SP

TIO MANECO, O CAÇADOR DE FANTASMAS (1975)
Roteiro e direção: Flávio Migliaccio
Fotografia: José Medeiros
Elenco: Flávio Migliaccio, **Ziembinski (fantasma),** Estelita Bell, Rodolfo Arena, Dirce Migliaccio, Roberto Maya, e as crianças Ana Paula, Juliano Wippel e Ricardo Penna.
Produção: Circus Produções Art;isticas Ltda.

O HOMEM DE PAPEL (Volúpia de Um Desejo) (1976)
Roteiro e Direção: Carlos Coimbra
Fotografia: Oswaldo de Oliveira
Elenco: Milton Morais, Vera Gimenez, **Ziembinski**, José Lewgoy, Tereza Sodré, Ezaclir Aragão, Waldir Onofre, Jece Valadão
Produção: Nortefilmes do Brasil/Cinedistri,SP

TELEVISÃO - NOVELAS

EU COMPRO ESTA MULHER
Novela de Glória Magadan, baseada no romance "O Conde de Monte Cristo" de Alexandre Dumas
Direção: Henrique Martins e Régis Cardoso
Elenco: Carlos Alberto, Yoná Magalhães, Leila Diniz, **Ziembinski (Dom Rodrigo)**, Esmeralda de Barros, Cláudio Marzo, Luiz Orioni.
Rede Globo - 21h30, de março a agosto de 1966.

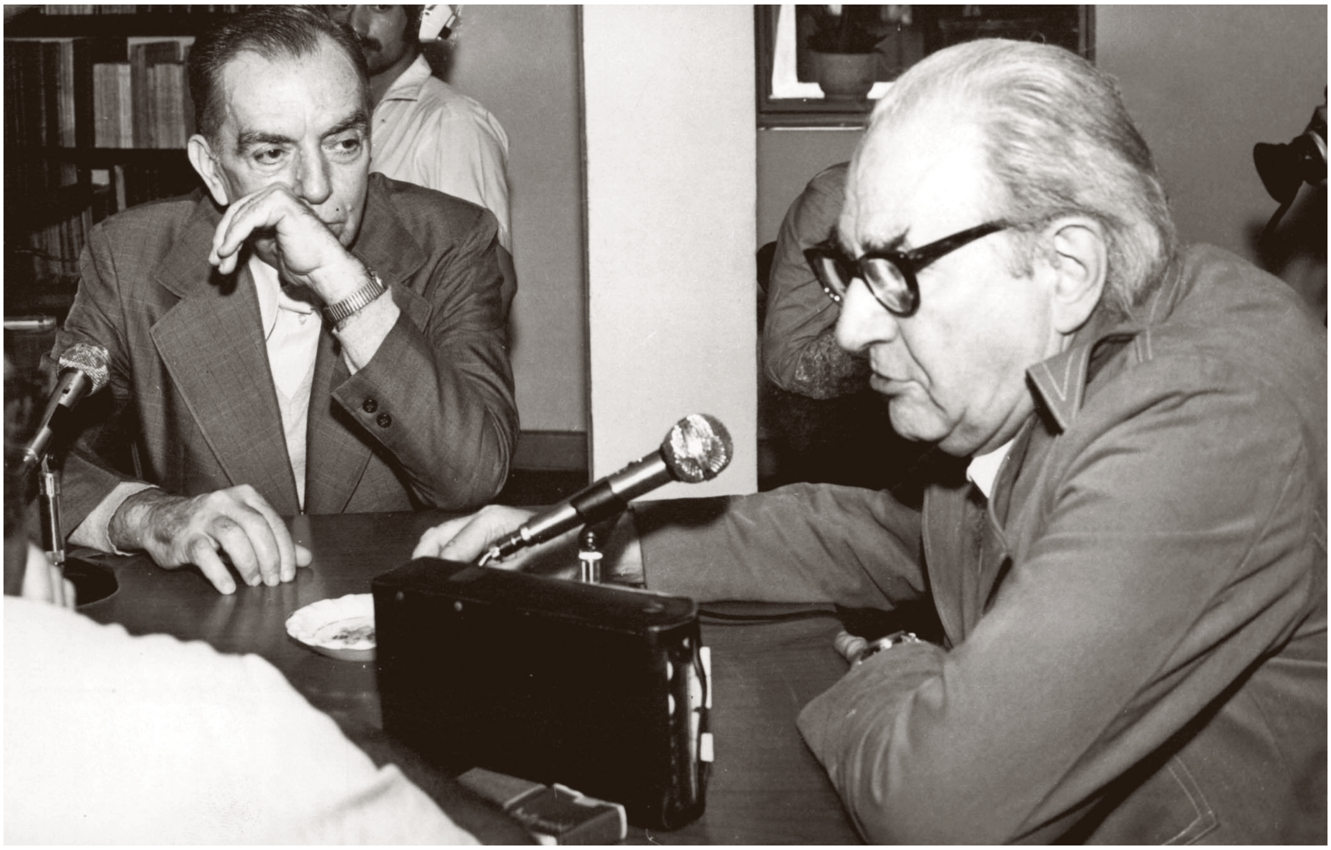
O REI DOS CIGANOS
Novela de Glória Magadan
Direção: **Ziembinski**
Elenco: Carlos Alberto, Sônia Clara, André Villon, Jayme Barcellos, Riva Blanche, Renata Fronzi, Thereza Amayo, Rubens de Falco, **Ziembinski (Professor Steiner).**
Rede Globo - vários horários de outubro 1966 a fevereiro de 1967.

A RAINHA LOUCA
Novela de Glória Magadan
Direção: **Ziembinski**
Elenco: Rubens de Falco, Cláudio Marzo, Thereza Amayo, Amilton Fernandes, **Ziembinski (um Alquimista).**
Rede Globo - apresentada em 1967.

RICARDINHO: SOU CRIANÇA, QUERO VIVER
Direção: **Ziembinski**
Elenco: **Ziembinski (Seu Roque),** Dimitri, Rubens Greiffo, Regina Scarpa, Ênio Gonçalves, Maria Estela Barros, Hélio Rossi, Dina Lisboa, Lucélia Freire,. Detínio de Paula, Muíbo Curi, Tito Lima.
TV Bandeirantes - 20h30, de 16/09 a 30/10/1968.

JOÃO JUCA JR.
Novela de Sylvan Paezzo
Direção: Walter Avancini
Elenco: Plínio Marcos, **Ziembinski (Sr. Bóris)**, Débora Duarte, Joana Fomm, Perry Salles, Walderez de Barros, Marilu Martinelli, Ry Resende, Yara Lins, Eleonor Bruno, Gilda Medeiros, Carmem Monegal, Tessy Callado, Augusto Borone, Osly Delano.
TV Tupi - lançada às 22h, passou a ser apresentada às 18h30 de 8/12/1969 a 16/05/1970.

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU
Novela de Dias Gomes
Direção: Walter Campos
Elenco: Francisco Cuooco, Jardel Filho, Dina Sfat, Paulo José, Renata Sorrah, Maria Cláudia, Mário Lago, Vanda Lacerda, Arlete Salles, Carlos Vereza, Osmar Prado, Djenane Machado, Ary Fontoura, Heloísa Helena, Paulo Gonçalves, Lídia Mattos, Urbano Lóes, Suzana Moraes, Paulo Padilha, Maria Luiza Castelli, Lajar Muzuris, Gracinda Freire, Rogério Fróes, Maria Pompeu, Agnes Fontoura, Henriqueta Brieba, Estelita Bell, Juan Daniel, Adalberto Silva, Rômulo D'Ângelo, Luis Dale, Aizita Nascimento, Carlinhos Oliveira, Nelson Motta, **Ziembinski ("presidente do juri").**
Rede Globo - apresentada às 22h, de 20/07/1970 a 23/03/1971.



Nelson Rodrigues e Ziembinski durante o depoimento do diretor para o Serviço Nacional de Teatro (SNT), no Rio de Janeiro, em 16/4/1975

Edu Lobo, Jardel Filho, Bráulio Pedroso e Ziembinski na TV Globo, 1972

BANDEIRA 2
Novela de Dias Gomes
Direção: Walter Campos
Elenco: Paulo Gracindo, Marília Pêra, José Augusto Branco, Felipe Carone, Milton Moraes, Grande Otelo, **Ziembinski (Lodovico)**, Stepan Nercessian, Elizangela, José Wilker, Osmar Prado, Ary Fontoura, Eloísa Mafalda, Oswaldo Louzada, Ilka Soares, Anecy Rocha, Francisco di Franco, Jacyra Silva, Miriam Pires, Margarida Rey, Paulo Gonçalves, Gracinda Freire, Sebastião Vasconcelos, Antero de Oliveira, Ilva Niño, Lajar Muziris, João Paulo Adour, Sônia Clara, Angelito Mello, Maria Isabel, Roberto Bonfim, Adriano Lisboa, José Moura, Elson Ananias, João Louredo, Cláudia Barroso.
Rede Globo - apresentada às 22h de 1° de novembro de 1971 a 18 de julho de 1972.

O BOFE
Novela de Bráulio Pedroso (concluída por Lauro César Muniz)
Direção: Walter Campos
Elenco: Jardel Filho, Cláudio Marzo, Cláudio Cavalcanti, **Ziembinski (Vovó Stanislava)**, Betty Faria, Edson França, Renée de Vielmond, Milton Moraes, Zilka Salaberry, José Wilker, Suzana Vieira, Paulo Villaça, Elizangela, Ilka Soares, Antonio Pedro, Eloísa Mafalda, Marilu Bueno, Margot Baird, Miriam Pires, Nilson Condé, Paulo Gonçalves, Ana Maria Magalhães, Vera Manhães.
Rede Globo - apresentada às 22h de 19 de julho de 1972 a 23 de janeiro de 1973.

CAVALO DE AÇO
Novela de Walter Negrão
Direção: Walter Avancini
Elenco: Tarcísio Meira, Glória Menezes, **Ziembinski (Velho Max)**, Betty Faria, Edson França, Cláudio Cavalcanti, Milton Moraes, Arlete Salles, Carlos Vereza, Renata Sorrah, José Wilker, Elizangela, Stênio Garcia, Suzana Gonçalves, José Lewgoy, Mário Lago, Maria Luiza Castelli, Paulo Gonçalves, Miriam Pires, Sônia Oiticica, Paulo Padilha, Darcy Reis, Tony Ferreira, Germano Filho, Francisco Milani, Milton Vilar.
Rede Globo - apresentada às 20h de 24 de janeiro a 21 de agosto de 1973.

O SEMIDEUS
Novela de Janete Clair
Direção: Walter Avancini
Elenco: Tarcísio Meira, Francisco Cuooco, Glória Menezes, Juca de Oliveira, Yoná Magalhães, **Ziembinski (Padre Miodek),** Felipe Carone, Miriam Pires, Maria Cláudia, Nívea Maria, Paulo Padilha, Neide Alexandre, Stênio Garcia, Ênio Santos, Ary Fontoura, Suzana Gonçalves, Roberto Pirillo, Renata Fronzi, Sérgio de Oliveira, Yara Cortes, Castro Gonzaga, Jardel Mello, Denise Dumont, Gracinda Freire, Marcele Russo, Irma Alvarez, Mary Daniel, Rosana Garcia.
Rede Globo - apresentada às 20h de 22 de agosto de 1973 a 7 de maio de 1974.

O REBU
Novela de Bráulio Pedroso
Direção: Daniel Filho e Jardel Mello
Elenco: **Ziembinski (Conrad Mahler)**, Bete Mendes, Lima Duarte, Isabel Ribeiro, Tereza Rachel, Edson França, Buza Ferraz, Rodrigo Santiago, Carlos Vereza, Mauro Mendonça, Maria Cláudia, José Lewgoy, Arlete Salles, Felipe Wagner, Regina Viana, Yara Cortes, Marília Branco, Isabel Tereza, Haroldo de Oliveira, Jorge Gomes, Silvia Sangirardi, Maria Helena Velasco, Ruth de Souza, Lajar Muzuris, Antonio Ganzarolli, Caio Mourão, Fernanda de Jesus, Ivan Setta, Marie Claude, João Vieittas, Hilton Pontes, Cláudio Aires da Motta, Jacy de Azevedo.
Rede Globo - apresentada às 22h de 4 de novembro de 1974 a 11 de abril de 1975.

Capa da revista **CARTAZ** (1973), Ziembinski e suas colegas de elenco da novela **CAVALO DE AÇO** (Arlete Salles e Bety Faria)

TELEVISÃO - ESPECIAIS

MEUS FILHOS (Caso Especial nº 5)
Original: Josefine Laurence
Adaptação: Walter G. Durst
Direção: Milton Gonçalves
Elenco: **Ziembinski (Pai),** Zilka Salaberry, Grande Otelo, Mario Lago, Edney Giovenazzi, Carlos Eduardo Dolabella, Tonia Carrero, Enio Santos, Álvaro Aguiar, Suzana Faíne, Dorinha Duval, Antonio Pitanga.
Apresentação: 24.12.1971

O USURÁRIO (Comédia Especial nº 5)
Original: Martins Pena
Adaptação: Domingos Oliveira
Direção: Domingos Oliveira
Elenco: **Ziembinski (Usurário),** Carlos Vereza, Marco Nanini, José Wilker, Flávio Migliaccio, Débora Duarte, Suzana Gonçalves, Paulo Padilha, Luiz Delfino.
Apresentação: 19.05.1972

O MÉDICO E O MONSTRO (Caso Especial nº 9)
Original: Robert Louis Stevenson
Adaptação: Domingos Oliveira
Direção: **Ziembinski**
Elenco: Sérgio Cardoso, Álvaro Aguiar, Osvaldo Louzada, Domingos Oliveira, Elizângela, Lúcia Alves, Reinaldo Gonzaga.
Apresentação: 05.05.1972

AS ALGEMAS, PEDRA E O PUNHAL (Caso Especial nº 22)
Texto: Domingos Oliveira e Lenita Plonckzinska
Direção: Domingos Oliveira
Elenco: Yoná Magalhães, Cláudio Marzo, **Ziembinski (Mordomo)**, Maria Cláudia e Apolo Correa.
Apresentação: 17.01.1973

NOITES BRANCAS (Caso Especial nº 26)
Texto: Oduvaldo Vianna Filho
Direção: **Ziembinski**
Elenco: Francisco Cuooco, Claudio Cavalcanti, Nívea Maria, Angela Leal, João Vieitas, Lídia Iório, Georgina Faradela, Carlos A. Lopes.
Apresentação: 06.02.1973

O CAPOTE (Caso Especial nº 37)
Original: Gogol
Adaptação: Walter George Durst
Direção: Domingos Oliveira
Elenco: **Ziembinski (Funcionário Akaki),** Lima Duarte, Marco Nanini, Helio Ary, Henriqueta Brieba, Ganzarolli, Fábio Sabag, Angelito Mello, Haylton Faria, Milton Villar, Paulo Ramos, Ana Maria Miranda.
Data da apresentação: 12.08.1973

A GRANDE FARRA (Caso Especial nº 48)
Texto: Bráulio Pedroso
Direção: **Ziembinski**
Elenco: Jardel Filho, Walmor Chagas, Beatriz Segall, Ilka Soares, Valery Martins, Adolfo Machado, Izio Fucks, Dalmo Perez, João Vieitas, Lucia Mello Kohler, Antonio Vitor.
Apresentação: 27.03.1974

O PROFESSOR VAI EMBORA (Caso Especial nº 51)
Texto: Bráulio Pedroso
Direção: **Ziembinski**
Elenco: Reginaldo Faria, Roberto Bonfim, José Augusto Branco, Thelma Reston, Julio César, José Lewgoy, Nívea Maria, Grande Otelo, Henriqueta Brieba.
Apresentação: 16.06.1974

A FEITICEIRA (Caso Especial nº 54)
Texto: José Vicente
Direção: Alberto Salvá
Elenco: Betty Faria, **Ziembinski (O zelador)**, Lélia Abramo, Lícia Magno, Cecil Thiré e Célia Biar.
Apresentação: 18.09.74

MARIANA DOROTÉIA IRIS (Caso Especial nº 70)
Texto: Domingos Oliveira
Direção: Domingos Oliveira
Elenco: **Ziembinski (Psicanalista)**, Marco Nanini, Maria Mariana de Oliveira, Lenita Plonckzinska, Rosemarie Herde, Preiole Lemos.
Apresentação: 12.05.1976

O POÇO (Caso Especial nº 78)
Original: Mario de Andrade
Adaptação: Roberto Santos
Direção: Roberto Santos
Elenco: **Ziembinski**, Otávio Augusto, Isabel Ribeiro, Reginaldo Faria, Augusto Olimpio, Diogo Vilela, Antonio Pitanga, Sandoval Mota, Lídia Iório, Felicia Brites e Lutero Luís.
Apresentação: 02.09.1977
Este "Caso Especial" foi o último trabalho realizado por Ziembinski que faleceu no dia 18 de outubro de 1978 em seu apartamento, em Copacabana, onde havia passado seus últimos anos de vida.

Citações sobre Ziembinski

"Ziembinski foi não só um grande homem mas, também e sobretudo, um grande brasileiro. Só um alienado pode tê-lo como um polonês. Eu diria que ele não só foi um grande brasileiro como um grande carioca. Conhecia profundamente nossa língua. Tinha uma ternura imensa pela nossa gíria e entendia profundamente o povo brasileiro".

Nelson Rodrigues (jornalista e dramaturgo)

"Ziembinski foi o representante, entre nós , de um certo teatro, certa escola, certa região, certo tempo: o expressionismo alemão, em seu aspecto centro-europeu, do pós-primeira-grande-guerra, isto é, dos anos vinte (...) Do ponto de vista teatral isso era Ziembinski. E isso foi muito importante, mesmo essencial, para a fulminante, incrível eficiêcia da sua carreira no Brasil. Uma coincidência maravilhosa, quase um milagre, diria, a sua chegada no momento exato, no nosso país".

Alfredo Mesquita professor e crítico teatral)

"Ziembinski trouxe para nós a percepção do que é um personagem. Ziembinski trouxe para nós a consciência do que é a unidade de um espetáculo. Ziembinski trouxe para nós uma democratização da definição do que é um elenco. Essa responsabilidade veio de Ziembinski. (...) Ziembinski foi um excepcional homem de teatro que chegou ao Brasil e ficou. Ele se integrou conosco. Somou conosco. Por ter tido uma formação acadêmica, Ziembinski era um homem que, na hora em que precisava passar um ensinamento para o ator criar seu personagem, ele sabia ser o professor desse processo. Ziembinski trouxe inovações que marcaram para sempre o nosso teatro".

Fernanda Montenegro (Atriz)

"Em termos de trabalho, estava mais imediatamente ligado ao Ziembinski na criação dos **Casos Especiais**. O resultado do seu trabalho no Núcleo está em todos os programas que foram ao ar, todos inspirados por ele, impregnados da filosofia que Zimba impôs, numa política inteligente, cultural, no bom sentido. Essa concepção cultural de televisão foi a grande contribuição que ele deu ao veículo. E, o **Caso Especial O Caminho das Pedras Verdes**, sobre Fernão Dias , de certa maneira foi uma homenagem a Ziembinski. Sabíamos que a doença era irreversível. E ele queria muito fazer

o programa, apesar de saber de todas as dificuldades de produção. Era uma história que exigia cuidados especiais para a realização. Mas, ainda assim, Ziembinski queria muito fazer o programa. Ele adorava o texto de Paulo Mendes Campos. E nós, da equipe dos **Casos Especiais,** resolvemos fechar o círculo de programas supervisionados por Zimba de uma forma bonita, séria. E parece que conseguimos. Zimba assistiu ao programa em sua cama, emocionado".

Paulo José (Ator e diretor)

"Todos nós tivemos o dedo de Ziembinski"

Célia Helena (atriz)

"Sou um dos privilegiados que foram, formalmente, alunos de Ziembinski. Mas hoje dou-me conta de que ele foi, talvez, antes de mais nada, professor de todos que fazem teatro neste país. Não só pela soma e qualidade dos conhecimentos que trouxe ao Brasil em 1941, introduzindo aqui recursos dos quais ninguém sonhava. Mas também por ter dado o exemplo de uma atitude diante do teatro que ninguém tinha: a atitude, ao mesmo tempo, de um místico e de um técnico, de um criador de imagens cênicas e de um filósofo e poeta do fato teatral. O desaparecimento de sua patriarcal figura significa uma espécie de orfandade para todos os que, de alguma maneira, se dedicam ao teatro no Brasil".

Yan Michalski (Crítico do Jornal do Brasil)

"Vivemos num País sem memória. Mas a passagem de Ziembinski pela arte brasileira está registrada de uma forma tão marcante e tão presente pelas suas realizações, que nem mesmo a fraca e injusta memória nacional, poderá esquecer o grande artista, a quem muito deve a arte brasileira".

Fábio Sabag (Ator, diretor e produtor)

"Foi um grande amigo meu e fez tudo pelo teatro. Homem com quem me dei tão bem. E com quem eu gostava de trabalhar porque ele tinha os mesmos métodos de trabalho. Adorava sua profissão e amava todos que gostavam do teatro."

Henriette Morineau (Atriz e diretora)

"A renovação do repertório, o gosto pelo bom texto e a interpretação mais profunda foram introduzidos no Brasil por ele".

Sérgio Brito (Diretor e Ator)

"Há certas figuras que atingem tamanha penetração no nosso cotidiano que passamos a ter com elas uma espécie de intimidade subjetiva que muito pouco tem a ver com o grau objetivo do contato que possamos ou não ter com elas. E Zibgniew Ziembinski, que ficou tão brasileiro que virou Zimba, certamente é uma dessas figuras, pelo menos para todos aqueles que, de uma maneira ou outra, são ligados ao teatro em nossa terra, de modo que sua morte toca a todos nós como uma perda próxima, pessoal, distinta da consciência intelectual da grave perda do ator, diretor, do iluminador, do catalisador".

Bárbara Heliodora

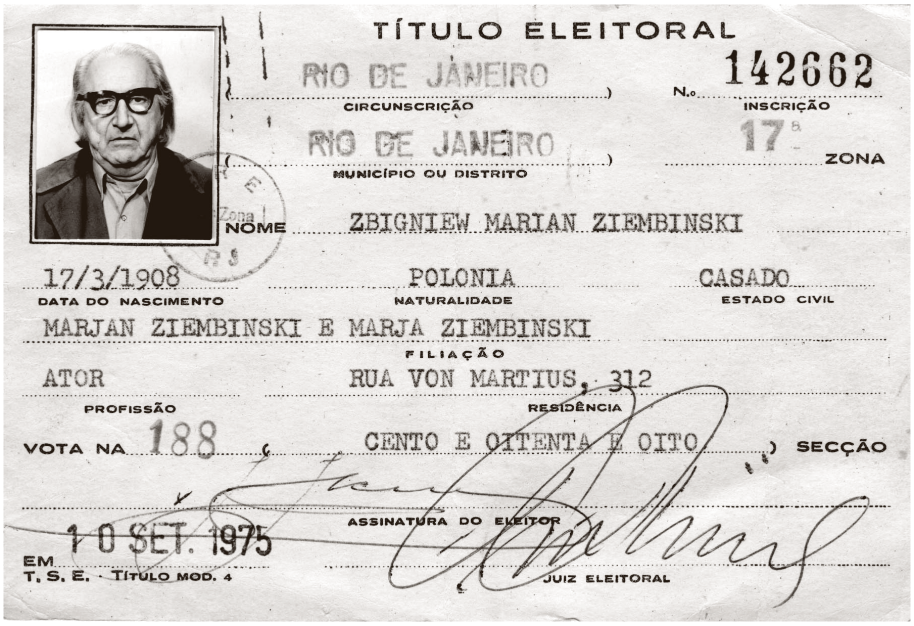
"Até 1940 o palco brasileiro permanecia no século XIX. Foi o polonês Ziembinski o artista que, no dia 28 de dezembro de 1943, com a estréia de **Vestido de Noiva** de Nelson Rodrigues, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, promoveu a atualização estética do nosso teatro, situando-o nos mais avançados níveis internacionais. O espetáculo do grupo amador de **Os Comediantes** deixava de ter apenas um astro, rodeado por satélites que não se projetavam, por falta de ensaios. Ziembinski trouxe ao Brasil o conceito moderno de encenação: todo o elenco unificado num único estilo, em consonância com a cenografiae e a indumentária. Esse teatro de equipe se apoiava também na iluminação, arte em que Ziembinski sempre se mostrou um mago".

Sábato Magaldi

"Ziembinski (...) pelo espírito e pelo temperamento, pertence mais à grande e genial geração de Max Reinhardt e de Meyerhold do que à atual. É de um Gordon Graig ou de um Stanislavski, por exemplo, a sua paixão quase mística pelo teatro. (...) Ziembinski é homem que faz teatro, representando e dirigindo, quatorze, quinze horas por dia, e só para porque sente necessidade de conversar sobre teatroas sete ou oito horas restantes".

Décio Almeida Prado

Ziembinski, no início dos anos 70, entre os colegas Tônia Carrero, Jardel Filho, Sebastião Vasconcelos e Cécil Thiré (ajoelhado na frente)



TÍTULO ELEITORAL

RIO DE JANEIRO — CIRCUNSCRIÇÃO — N.º 142662 — INSCRIÇÃO

RIO DE JANEIRO — MUNICÍPIO OU DISTRITO — 17ª ZONA

NOME ZBIGNIEW MARIAN ZIEMBINSKI

17/3/1908 — DATA DO NASCIMENTO — POLONIA — NATURALIDADE — CASADO — ESTADO CIVIL

MARJAN ZIEMBINSKI E MARJA ZIEMBINSKI — FILIAÇÃO

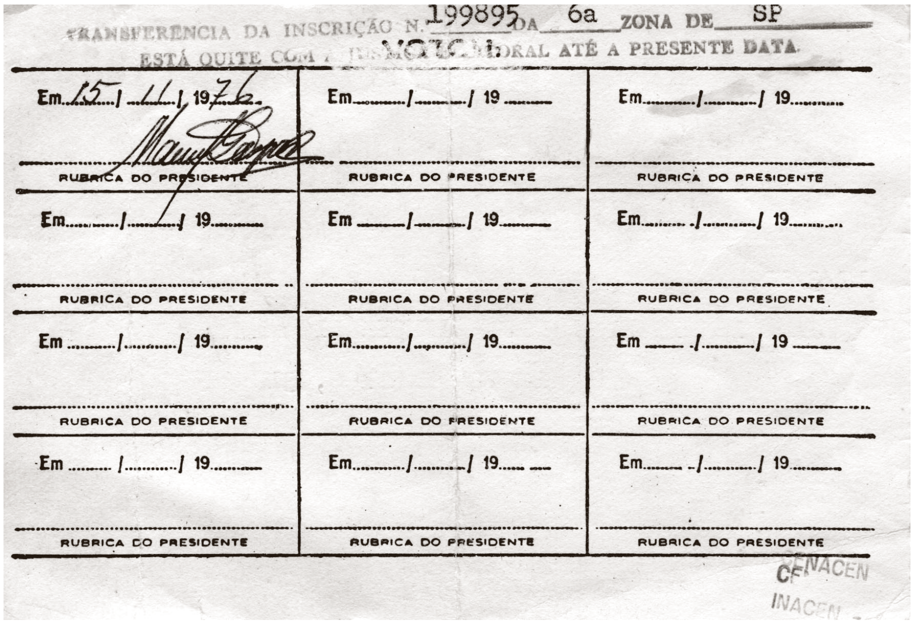
ATOR — PROFISSÃO — RUA VON MARTIUS, 312 — RESIDÊNCIA

VOTA NA 188 (CENTO E OITENTA E OITO) SECÇÃO

ASSINATURA DO ELEITOR

EM 10 SET. 1975 — JUIZ ELEITORAL

T. S. E. - TÍTULO MOD. 4



TRANSFERÊNCIA DA INSCRIÇÃO N. 199895 DA 6a ZONA DE SP

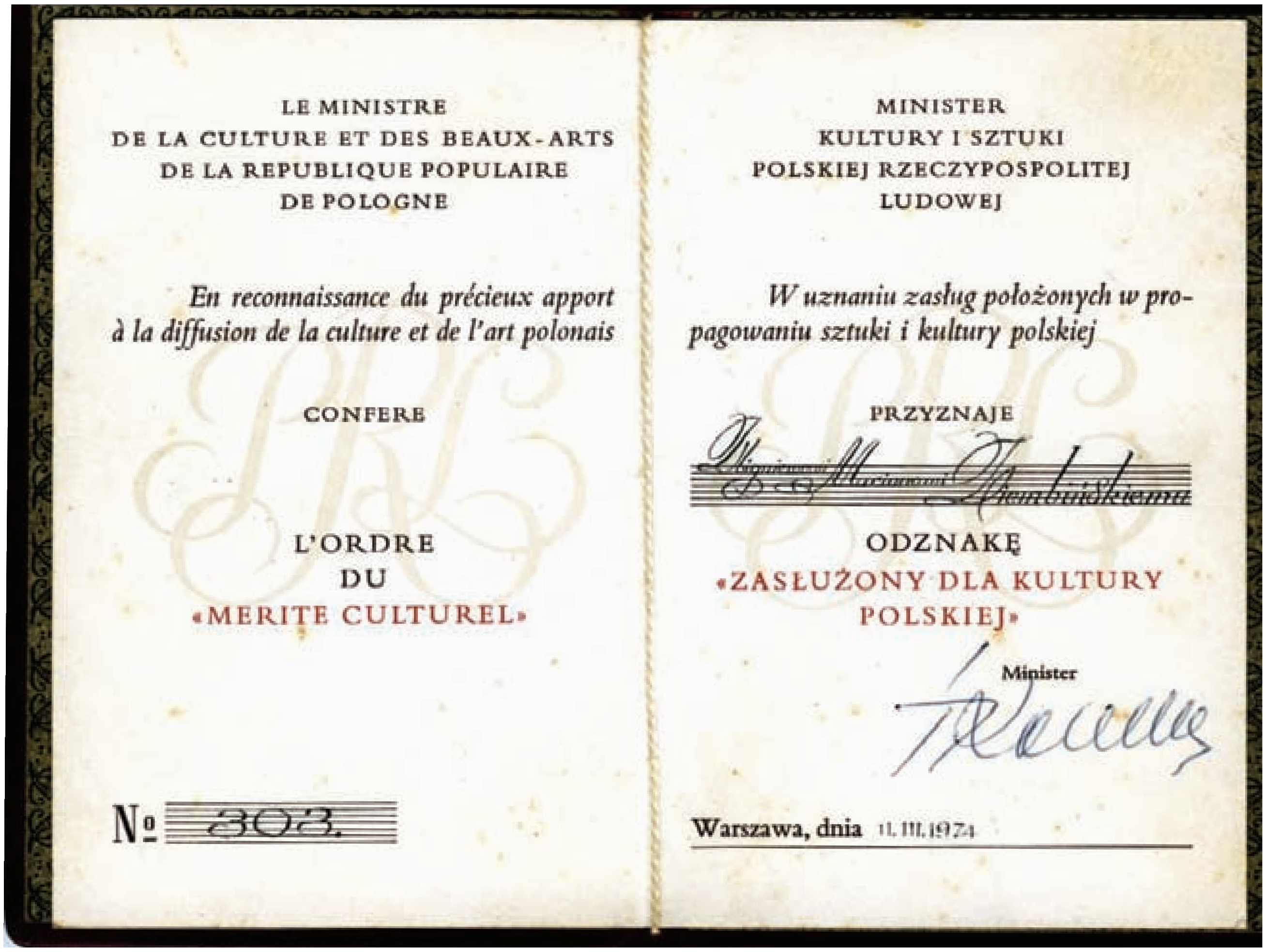
ESTÁ QUITE COM ... ELEITORAL ATÉ A PRESENTE DATA.

Em 15/11/1976 RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE
Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE
Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE
Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE	Em ___/___/19___ RUBRICA DO PRESIDENTE

INACEN

Título de eleitor brasileiro de Ziembinski

Páginas do documento “Ordem ao Mérito” que Ziembinski recebeu do Governo Polonês em 1976


LE MINISTRE
DE LA CULTURE ET DES BEAUX-ARTS
DE LA REPUBLIQUE POPULAIRE
DE POLOGNE

En reconnaissance du précieux apport à la diffusion de la culture et de l'art polonais

CONFERE

L'ORDRE
DU
«MERITE CULTUREL»

№ 303.

MINISTER
KULTURY I SZTUKI
POLSKIEJ RZECZYPOSPOLITEJ
LUDOWEJ

W uznaniu zasług położonych w propagowaniu sztuki i kultury polskiej

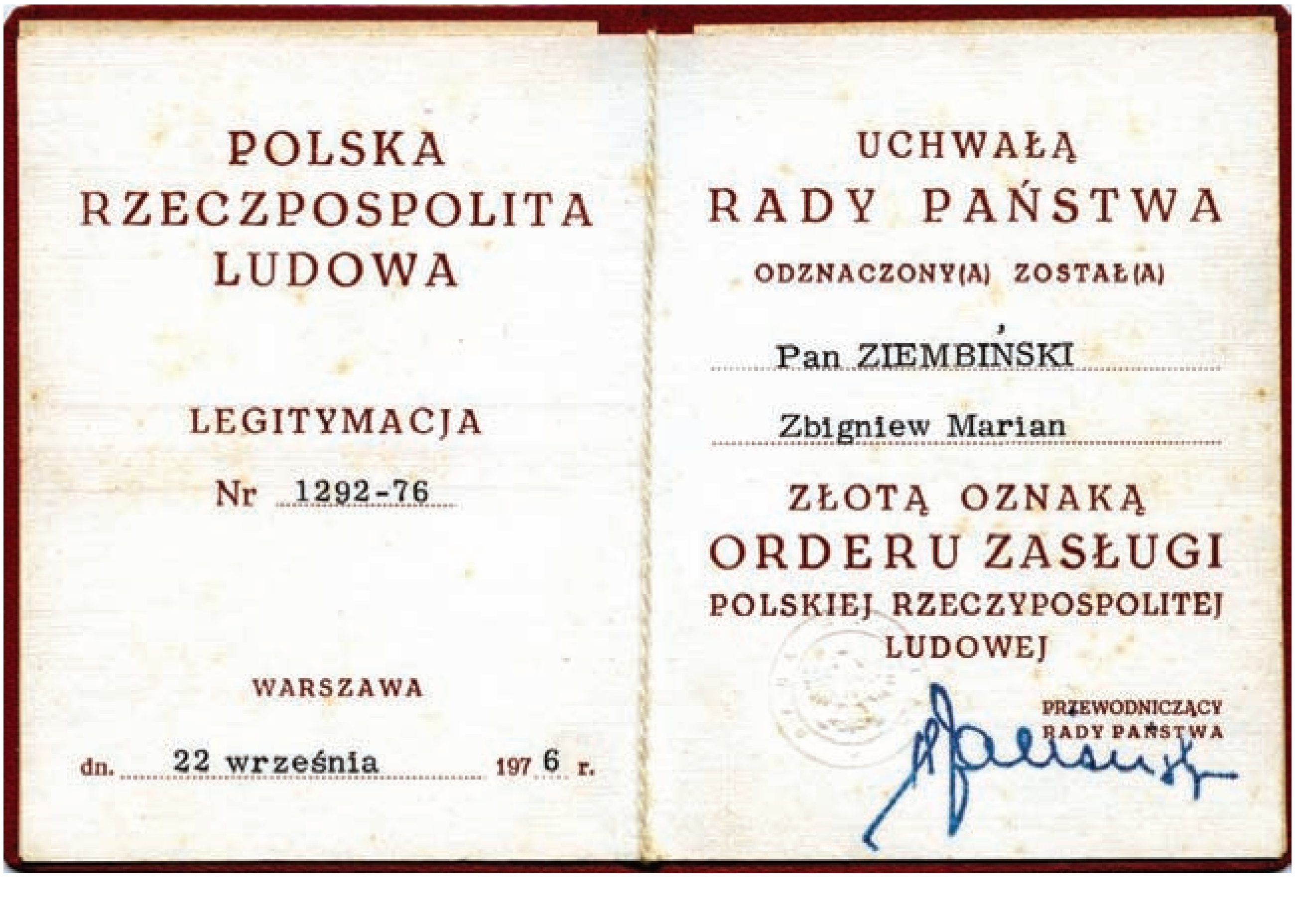
PRZYZNAJE

Zbigniewowi Marianowi Ziembińskiemu

ODZNAKĘ
«ZASŁUŻONY DLA KULTURY
POLSKIEJ»

Minister

Warszawa, dnia 11.III.1974


POLSKA
RZECZPOSPOLITA
LUDOWA

LEGITYMACJA

Nr 1292-76

WARSZAWA

dn. 22 września 1976 r.

UCHWAŁĄ
RADY PAŃSTWA

ODZNACZONY(A) ZOSTAŁ(A)

Pan ZIEMBIŃSKI

Zbigniew Marian

ZŁOTĄ OZNAKĄ
ORDERU ZASŁUGI
POLSKIEJ RZECZYPOSPOLITEJ
LUDOWEJ

PRZEWODNICZĄCY
RADY PAŃSTWA

Ziembinski na cerimônia em homenagem aos seus 45 anos dedicados ao Teatro

"A minha maior alegria, minha grande força, é sentir-me vivo. Isso não tem nome, pode ser teatro, cinema, pintura, canto, poesia, qualquer coisa. Daí decorre que eu não me preocupo com o tempo que me resta, a idade, a velhice, a morte que me ameaça. Não tenho de mim a imagem de um homem de 70 anos, a não ser como crescimento de experiências. Minha paixão pela existência é uma forma de temperamento, criatividade, interesse pelo que me cerca e muda a todo instante. Não adianta pensar na morte que virá, e a morte para mim não é um fim. Não penso em parada, nem em esforço. Quero abranger o meu tempo partindo a cada dia com todos aqueles que me entendem."

(Citação extraída da última entrevista de Ziembinski para Paulo César Coutinho que foi publicada no Jornal do Brasil de 21.10.1978 com o seguinte título : " A Morte Não É Um Fim – Ziembinski, Última Fala".)

ZBIGNIEW MARIAN ZIEMBINSKI
(17.3.1908, Wieliczka – Polônia | 18.10.1978, Rio de Janeiro – Brasil)

FONTES DE CONSULTAS E DE CITAÇÕES

BAESANTE, Cássio Emmanuel. **Santa Rosa em Cena.** Inacen, 1982.
CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
GUZIK, Alberto. TBC – **Crônica de um Sonho**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1986.
LICIA, Nydia. **Eu Vi o TBC.** Imprensa Oficial, São Paulo, 2007.
MAGALDI, Sábato. Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. Perspectiva, São Paulo, 1987.
MAGALDI, Sábato e **VARGAS**, Maria Tereza. **Cem Anos de Teatro em São Paulo.** Senac/SP, 2000.
MICHALSKI, Yan. **Ziembinski e o Teatro Brasileiro**. Editora Hucitec/Funarte, São Paulo, 1995.
MICHALSKI, Yan e **TROTTA**, Rosyane. **Teatro e Estado**. Editora Hucitec/Ibac, 1992.
PRADO, Décio de Almeida. **Apresentação do Teatro Brasileiro Moderno**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001.
PRADO, Décio de Almeida. **Exercício Findo**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1987.
PRADO, Décio de Almeida. **Teatro em Progresso**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2002.
PRADO, Luís André do. **Cacilda Becker – Fúria Santa**. Geração Editorial, 2002.
SILVEIRA, Miroel. **A Outra Crítica**. Editora Símbolo, São Paulo, 1976.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

DIONYSOS. Os Comediantes. SNT/MEC, Rio de Janeiro, 1975.
DIONYSOS. O Teatro Brasileiro de Comédia. SNT/MEC, Rio de Janeiro, 1980.
DEPOIMENTOS II – SNT/MEC, Rio de Janeiro, 1977
DEPOIMENTOS VI – SNT/MEC, Rio de Janeiro, 1981
DEPOIMENTOS V – SNT/MEC, Rio de Janeiro, 1981
Boletim Extra da Rede Globo em homenagem a Ziembinski, 1978

REVISTAS E PERIÓDICOS CONSULTADOS:

Revistas:
O Cruzeiro
Manchete
Veja
Isto É
Amiga
Cartaz

Jornais:
A Manhã RJ
Correio da Manhã RJ
Última Hora RJ
O Jornal SP
O Estado de São Paulo
Folha de São Paulo
Jornal da Tarde SP

Texto "O Fulgor Teatral de Ziembinski" de Sábato Magaldi
(Texto publicado no Jornal Folha de São Paulo de 24 de maio de 1996)

CITAÇÕES DE ZIEMBINSKI

Citação Abertura
Programa "A Aventura Humana" TVE /1976

Citações n°s 1, 2, 3, 4, 5, 6
Depoimento de Ziembinski para o SNT (Serviço Nacional de Teatro) em 16/4/1975

Citações 7, 8, 9, 13, 15
Depoimento de Ziembinski publicado no Boletim Extra da Rede Globo em sua homenagem em 1978

Citações n°s 10, 11, 12, 14, 16, 17
Entrevista de Ziembinski para a Revista Veja, 26/11/1975

CITAÇÕES DE PROFISSIONAIS SOBRE ZIEMBINSKI

Citações de Fernanda Montenegro, Paulo José, Fábio Sabag, Yan Michalski foram extraídas do Boletim Extra da Rede Globo de divulgação do especial criado em homenagem a Ziembinski logo após a sua morte em outubro 1978.

Citação de Henriette Morineau e Walter Avancini extraídas da Revista Amiga de outubro 1978.

Citações de Sábato Magaldi, Décio de Almeida Prado, Alfredo Mesquita, Sérgio Brito e de Bárbara Heliodora retiradas do livro Ziembinski e o Teatro Brasileiro de Yan Michalski editado pela HUCITEC e FUNARTE em 1995.

Créditos Das Fotografias

Acervo Cedoc FUNARTE: 8, 12, 24, 25, 29, 31, 32, 34, 53, 55, 58, 60, 63, 67, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 92, 105, 109, 111, 112, 115, 117B, 129, 134, 142, 143, 191, 194, 195, 201, 206, 209, 212, 213, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 233, 235, 236, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 256, 263, 264, 269, 281, 303, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 320, 338 e 372A.

Fotógrafo Carlos Moskovics – 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 64, 66, 75, 76, 77, 88, 89, 90, 91, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 106, 107, 117, 118A, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 221, 248, 250, 251, 252, 253, 255, 266, 267, 270, 271, 275, 276, 280, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 294, 296, 297, 298 e 301.

Fotógrafo Fredi Kleemann – 4ª capa,150, 151, 153, 155, 174, 175, 177, 181, 183, 185, 198, 199, 203, 204, 216, 217 e 219.

Fotógrafo Valdir Moura – 94.

Acervo Nydia Lícia | Fotógrafo Fredi Kleemann – capa, 71, 130, 132, 137, 139, 157, 158, 159, 162, 163, 165, 167, 168 e 169.

Acervo Cedoc TV Globo | Fotógrafos C.E. Mariane e Nelson Di Rago – 319, 322, 323C, 326, 327, 328, 329, 330, 333, 334, 335, 337 e 372B.

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores. Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Agradecimentos

Afonnso Drumond, Antonio Carlos Cordeiro dos Santos, Carlos Cirne, Celso Lemos, Clara Landolfi, Clauser Macieski, Domingos Oliveira, Fernando Peixoto, Helena Ferrez, Joelma Neris Ismael, Kathryn Valdrighi, Kimio Antonio Okuno, Marcelo Pestana, Lígia Cortez, Marcelo Pestana, Márcia Claudia Figueiredo, Maria Alice Fontes, Maria da Glória F. Bräuniger, Mário Borges, Maura Torres, Maurício Grecco, Myriam Lewin, Nelson Lopes Filho, Nydia Licia, Reinaldo Cotia Braga, Rubens E. Filho, Suzana Saldanha, Tânia Carvalho, e a todos que indireta ou diretamente colaboraram na pesquisa e realização desse registro da carreira de Ziembinski no Brasil.

FUNARTE/Cedoc
Biblioteca Nacional
Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro
Arquivo Nacional
Cinemateca do MAM (RJ)
Museu da Imagem e do Som (RJ)
TV Globo/Cedoc
Jornal O Globo
Jornal do Brasil
Bloch Editores

Coleção Aplauso

SÉRIE CINEMA BRASIL

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma
Alain Fresnot

Ana Carolina – Ana Carolina Teixeira Soares – Cineasta Brasileira
Evaldo Morcazel

Antes Que o Mundo Acabe
Roteiro de Ana Luiza Azevedo

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista
Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino
Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias
Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro
Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma
Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História
Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha
Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue
Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados
Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida
Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega
Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes
Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro
Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

A Cartomante
Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas
Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves
Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely
Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade
Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens
Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor
Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias
Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade
Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade
Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Inácio Araújo – Cinema De Boca Em Boca: Escritos Sobre Cinema
Juliano Tosi

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção: Os Anos do São Paulo Shimbun
Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG
Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser
Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem
Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo
Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador
Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro
Jeferson De

Dois Córregos
Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História
Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos
Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

É Proibido Fumar
Roteiro de Anna Muylaert

Estômago
Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Ano Velho
Roteiro de Roberto Gervitz

Feliz Natal
Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura
Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha
Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil
Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas
Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior
Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo
Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas
Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco
Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir
Remier

Jeremias Moreira – O Cinema Como Ofício
Celso Sabadin

João Batista de Andrade – Alguma Solidão
e Muitas Histórias
Maria do Rosário Caetano

Jogo Subterrâneo
Roteiro de Roberto Gervitz

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera
Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina
Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada
Máximo Barro

Leila Diniz
Roteiro de Luiz Carlos Lacerda

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção
Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema
Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica
Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme
Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo
Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra
Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso
Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé
Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Ninho Moraes – Radiografia De Um Filme: São Paulo
Sociedade Anônima

Onde Andará Dulce Veiga
Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha
Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela
Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo
Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar
Rodrigo Capella

Roberto Gervitz – Brincando de Deus
Evaldo Mocarzel

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente
Neusa Barbosa

Salve Geral
Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade
Roteiro de Bruna Lombardi

Ozualdo Candeias – Pedras e Sonhos no Cineboca
Moura Reis

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto
Rosane Pavam

Viva-Voz
Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto
Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois
Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel
Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

SÉRIE CINEMA

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema
Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia
Cinema Digital – Um Novo Começo?
Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização
e Globalização do Audiovisual
Luiz Gonzaga Assis De Luca

SÉRIE CRÔNICAS

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças
Maria Lúcia Dahl

SÉRIE DANÇA

Luis Arrieta – Poeta do Movimento
Roberto Pereira

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis

SÉRIE MÚSICA

Claudette Soares – A Bossa Sexy e Romântica
de Claudette Soares
Rodrigo Faour

Diogo Pacheco – Um Maestro Para Todos
Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical
Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio
Eliana Pace

Toquinho – Acorde Solto no Ar
João Carlos Pecci

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação
Beatriz Coelho Silva

SÉRIE TEATRO BRASIL

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Antonio Bivar – O Explorador De Sensações Peregrinas
Maria Lucia Dahl

A Carroça dos Sonhos e Os Últimos Saltimbancos
Roberto Nogueira

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Jefferson Del Rios – Volume II – Crítica Teatral

Críticas de Jefferson Del Rios – Volume I – Crítica Teatral

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito
Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada
Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia
Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna
Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher
Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílaba
Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo
Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem
Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC
Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida
Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Alberto Guzik
Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco
Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis
Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat
Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos
Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho
José Saffioti Filho

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia
Alcides Nogueira

O Teatro de Antônio Bivar: As Três Primeiras Peças
Antônio Bivar

O Teatro de Eduardo Rieche & Gustavo Gasparani –
Em Busca De Um Teatro Musical Carioca
Eduardo Rieche & Gustavo Gasparani

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz:
Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror
– De Profundis – A Herança do Teatro
Ivam Cabral

O Teatro de Marici Salomão
Marici Salomão

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa,
Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma
Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar
Neyde Veneziano

O Teatro de Rodolfo Garcia Vasquez –
Quatro Textos e Um Roteiro
Rodolfo Garcia Vasquez

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –

O Fingidor – A Terra Prometida
Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri
Sérgio Roveri

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena
Ariane Porto

Vicente Pereira – Isto é besteirol: O Teatro de Vicente Pereira
Luiz Francisco Wasilewski

SÉRIE PERFIL

Antônio Petrin – Ser Ator
Orlando Margarido

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo
Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção
Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros
Rogério Menezes

Aurora Duarte – Faca de Ponta
Aurora Duarte

Berta Zemel – A Alma das Pedras
Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa
Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza
Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural
Carlos Alberto Mattos

Carmem Verônica – O Riso Com Glamour
Claudio Fragata

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício
Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras
Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta
Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão
Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão
Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua
Tuna Dwek

Dionísio Azevedo e Flora Geni – Dionísio e Flora: Uma Vida na Arte
Dionísio Jacob

Ednei Giovenazzi – Dono da Sua Emoção
Tania Carvalho

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas
Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida
Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua
Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética
Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério
Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta
Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira
Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar
Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema
Maria Angela de Jesus

Haydée Bittencourt – O Esplendor do Teatro
Gabriel Federicci

Ilka Soares – A Bela da Tela
Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções
Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia
Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada
Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão
Luis Sérgio Lima e Silva

Jece Valadão – Também Somos Irmãos
Apoenam Rodrigues

Joana Fomm – Momento de Decisão
Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida
Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão
Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil
Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas
Klecius Henrique

Laura Cardoso – Contadora de Histórias
Julia Laks

Leonardo Villar – Garra e Paixão
Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral
Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso
Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa
Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado
Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária
Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério
Luiz Carlos Lisboa

Marlene França – Do Sertão da Bahia ao Clã Matarazzo
Maria Do Rosário Caetano

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição
Renato Sérgio

Miguel Magno – O Pregador De Peças
Andréa Bassitt

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão
Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra
Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família
Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real
Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras
Sara Lopes

Norma Blum – Muitas Vidas: Vida e Carreira de Norma Blum
Norma Blum

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador
Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas
Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado
Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado
Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista
Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole
Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema
Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes
Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena
Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte
Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco
Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro
Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?
Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza
Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar
Alfredo Sternheim

Tania Alves – Tânia Maria Bonita Alves
Fernando Cardoso

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra
Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade
Theresa Amayo

Tonico Pereira – Um Ator Improvável,
Uma Autobiografia Não Autorizada
Eliana Bueno

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza
Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias
Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera
Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento
Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios
Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro
Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer
Rodrigo Murat

ESPECIAL

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso
Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta
Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências
Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos
Tania Carvalho

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais
Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores
Alfredo Sternheim

Dicionário de Astros e Estrelas Do Cinema Brasileiro
Antonio Leão

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira
Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida
Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida
Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior
Sucesso da Televisão Brasileira
Álvaro Moya

Gloria in Excelsior – TV Excelcior 2ª Edição
Álvaro de Moya

As Grandes Vedetes do Brasil
Neyde Veneziano

Ítalo Rossi – Isso É Tudo
Antonio Gilberto e Ester Jablonski

Lembranças de Hollywood
Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Lilian Lemmertz – Sem Rede de Proteção
Cleodon Coelho

Marcos Flaksman – Universos Paralelos
Wagner de Assis

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida
Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos
Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração
Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias Gomes – História de um personagem larapista e maquiavelento
José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor
Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História
Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte
Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão
Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor
Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces
Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado
Djalma Limongi Batista

Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Gilberto, Antônio

Ziembinski, mestre do palco / Antônio Gilberto. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo , 2010.

400p. – (Coleção aplauso. Série especial / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 978-85-7060-951-9

1. Atores - Brasil – Biografia 2. Teatro – Diretores e produtores - Biografia 3. Ziembinski, Zbigniew Marian, 1908-1978 I.Ewald Filho, Rubens. II.Título. III. Série.

CDD 791.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores : Brasil : Biografia: Representações públicas : Artes 791.092

impresso no brasil / 2010

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
[Lei no 10.994, de 14/12/2004]

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização dos editores.

Imprensa Oficial do Estado de Sao Paulo
Rua da Mooca, 1.921 Mooca
03103-902 Sao Paulo SP Brasil
sac 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br
livros@imprensaoficial.com.br
www.imprensaoficial.com.br

imprensaoficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

diretor industrial
Teiji Tomioka

diretor financeiro
Flávio Capello

diretora de gestão de negócios
Lucia Maria Dal Medico

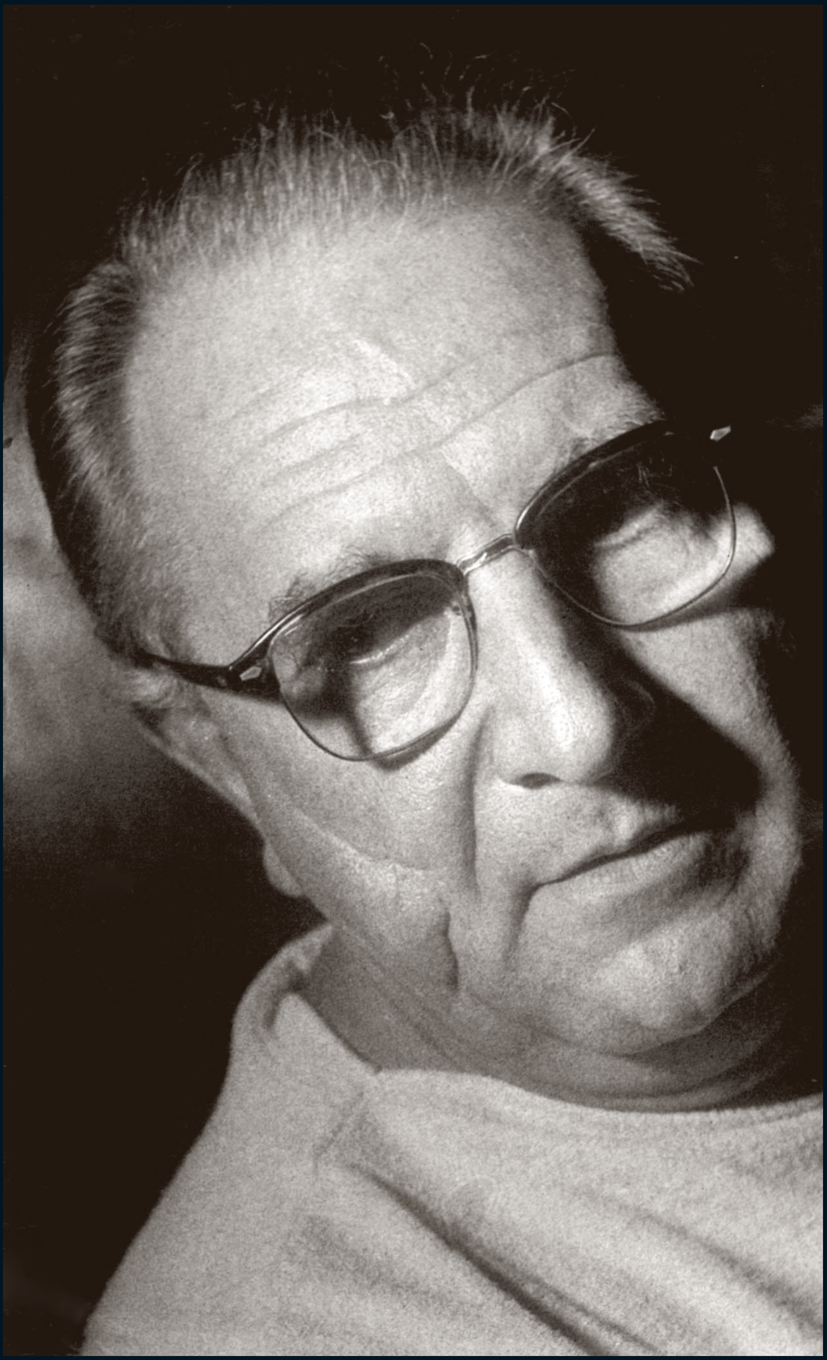
gerente de produtos editoriais e institucionais
Vera Lúcia Wey

Coleção Aplauso
Série Especial

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Igor Bandeira
Projeto Gráfico	Via Impressa Design Gráfico
Direção de Arte	Clayton Policarpo Paulo Otavio
Editoração	Douglas Germano Deiverson Rodrigues Emerson Brito
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

Formato	31x23cm
Papel Miolo	Couché fosco 150g/m^2
Papel Capa	Triplex 350g/m^2
Tipologia	ChaletComprime, Univers
Número de páginas	400
CTP, Impressão e Acabamento	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa



imprensaoficial

ISBN 978-85-7060-951-9
9 788570 609519